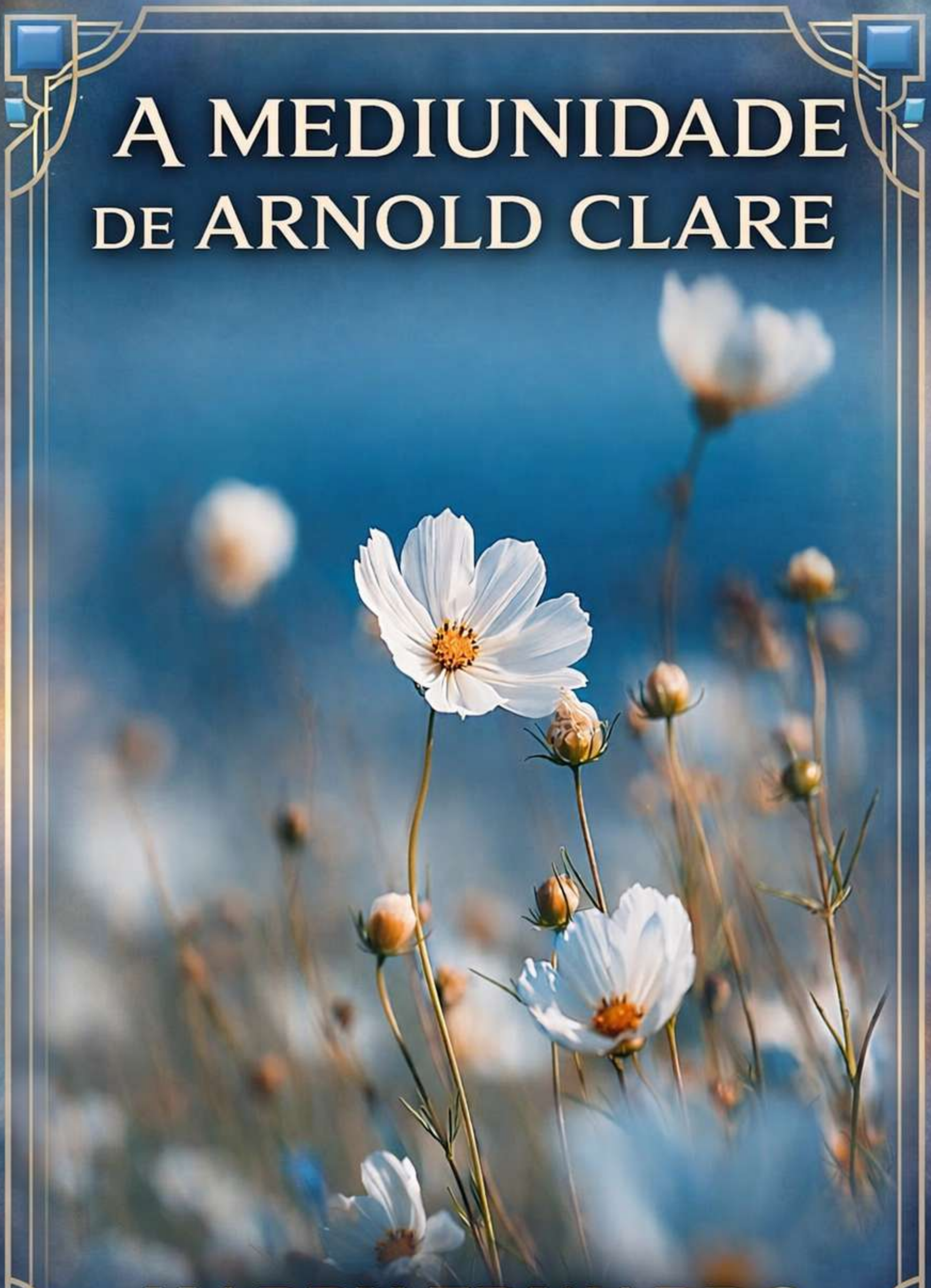
A MEDIUNIDADE DE ARNOLD CLARE



HARRY EDWARDS

Trádução: Amadeu António

A MEDIUNIDADE DE ARNOLD CLARE

Tradução de Amadeu Duarte

ÍNDICE

PREFÁCIO

Como o livro foi escrito – os seus propósitos – associação com Jack Webber e a sua profecia – encontro com o Sr. Clare – preparação do autor – crítica antecipada sobre testemunhos – posição do médium – os seus serviços – responsabilidade.

PARTE I

CAPÍTULO I
O MÉDIUM, ARNOLD CLARE

Primeiros anos, serviço naval – conhece John – sessões espíritas russas – médium curado de tuberculose – escrita automática – desenvolvimento inicial – ligação com o trabalho na igreja – desenvolvimento adicional – o médium junta-se a um círculo – primeira manifestação física – Sra. Clare – a nova igreja – homenagem do autor – desenho do Irmão Paul – cura da Sra. Clare.

CAPÍTULO II
OBSERVAÇÕES SOBRE AS RESTRIÇÕES AOS MÉDIUNS

Condições de teste ao médium – o médium profissional – Margery Crandon – o médium não profissional – necessidade de discernimento – desenvolvimento da mediunidade física – testes sem amarras – ectoplasma ganha vida – move placa – ectoplasma organiza-se – levanta trompete – testes com Jack Webber.

CAPÍTULO III
A MEDIUNIDADE FÍSICA DE ARNOLD T. CLARE
(por William E. Harrison)

Primeira visita ao círculo de desenvolvimento – transporte de um dedal a um quilómetro – transporte de uma pena – aportes – desenvolvimento adicional – fenómenos no círculo – Little Peter – grande quantidade de perfume chega num jarro aportado – desenvolvimento para voz independente – testes com livros – primeiras materializações – introdução de corda – fenómenos com corda – progresso com materializações – Abdul – primeiras sessões públicas – experiência com luz azul – movimento do trompete – círculos descontinuados – escrita espiritual –
Desenho de Peter – atividade de escrita mostrada com iluminação – lápis segurado por formação – Irmão Paul – Peter – John – Simba – Pedro – rapariga indígena – Little Peter.

CAPÍTULO IV
SÉANCE, 27 DE JULHO DE 1940
(por William E. Harrison)

Fenómenos preliminares – evidência por voz direta – aporte de uma curgete – mais perfume – aportes – materializações.

CAPÍTULO V
SÉANCE, 20 DE JULHO DE 1940
(pelo Autor)

Declaração de dez participantes – tamanho da placa – materialização de Peter – de Jack Webber – fenómenos com trompete – aporte de sete moedas – aporte de quatro garras de leão após conversa casual – aporte de ídolo de metal – procedimento do aporte – formações ectoplasmáticas – organização do ectoplasma – materializações – ectoplasma cria vida, garras – movimento da placa – mão materializa-se a partir do ectoplasma – levitação de móveis e do médium.

CAPÍTULO VI
SÉANCE, 17 DE NOVEMBRO DE 1940
(pelo Autor)

Sessão experimental – movimentos do trompete à distância – experiência com trompete, voz direta com trompete entupido – nós no lenço – observações sobre este incidente – aporte de dez moedas e método – observações – movimento incomum do trompete – materialização de Peter – outras formas – inspecção do ectoplasma – ectoplasma organizado levanta trompete, ação significativa da placa – ectoplasma sobre a placa mostra criação de vida, garras, dedos, mão, força da mão – rasgamento da placa – inspecção detalhada do material ectoplasmático – textura ao toque – testemunhos de Mr. M. Hart e Mrs. G. D. Layton.

CAPÍTULO VII
SÉANCE, 30 DE NOVEMBRO DE 1941
(por Colin Evans, B.A.)

Levitação do trompete – modo de falar de Peter – encontrar agulha de gramofone – precisão nos movimentos do trompete – perfume – voz direta – aporte, chuva de moedas – movimentos da placa – intensidade da luz da placa – formações ectoplasmáticas – materializações – segunda materialização – forma inteira retratada – materialização e médium mostrados em simultâneo – materialização de Jack Webber – materialização de Little Peter.

PARTE II

CAPÍTULO VIII
INTRODUÇÃO À PARTE II

Limitações dos membros do círculo – abrangência das revelações – atitude da ciência perante os fenómenos – Sir William Crookes – implicações dos fenómenos – presença do Guia – referências a materializações e espíritos da natureza – ligação entre registos anteriores e declarações de Peter – progresso na mediunidade – ambiguidade de termos – sua explicação.

CAPÍTULO IX
O REINO ETÉRICO

Constituição do átomo – Sir Oliver Lodge – forças atómicas – pesos atómicos – manipulação de éteres densos – éter vinculado – éter como substância básica – luz e calor – ponderabilidade – poder de interpenetração – perceção limitada da vibração etérica – perceção extra-sensorial dos espíritos – éter vinculado e processo de decomposição – analogia – fluidez da substância etérica – uso de frequências etéricas – Peter sobre o éter vinculado – os seus potenciais – pode ser influenciado – medir o éter – influência do pensamento no éter – estratos de pensamento etérico – sintonização – éter e saúde – origem das doenças – vitalidade a partir do éter associado – éter como material da alma – manipulação do éter – condutores etéricos e características das voltagens – método de propagação das vibrações nos bastões psíquicos – influência nos estratos de pensamento – repositórios de pensamento – ciclo de realizações naturais e catástrofes – o homem como espírito polarizado – comparação com o reino animal – éter e estruturas atómicas – explicação das forças eletrónicas e protónicas – propósito de cada átomo – pressões etéricas.

CAPÍTULO X
O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE FÍSICA

Observações sobre a mediunidade – fracasso de explicações anteriores – características semelhantes dos fenómenos – estados de transe – transe total para fenómenos – conselhos sobre desenvolvimento – preparação inicial – preliminares – dieta – respiração rítmica – caracterização do éter – o coador – filtragem do éter – valor e uso do éter influenciado – corpo etérico – corpo da alma – corpo astral – respiração rápida como obstáculo – controlo interno e externo – ligação – número de participantes – condições de estado de transe – discernimento dos controladores – quem deve controlar – psíquico versus espiritual – capacidade mental do médium – superação da mente subconsciente – controlo directo – tipos adequados para mediunidade, materialização, voz, aportes, levitação – mediunidade e sexo – dispersão do éter – clarividência, como é recebida – significado de controlo e guia.

CAPÍTULO XI
AS FUNÇÕES DOS GUIAS E CONTROLADORES

Presença de inteligências desencarnadas – a mente subconsciente – guias e lei natural – o Guia – o trabalho dos controladores – comparação com Jack Webber – Peter explica condições, sua criação e o que são – campo áurico – "bowsing" – contribuição dos participantes – condições etéricas dentro da área de operação – explicação do campo áurico – brisas psíquicas – função do Guia – corpo etérico – aura – forças comparativas utilizadas – respiração – Espíritos da Natureza – o seu trabalho, natureza, atividade na sessão, descrição, poderes e motivo, como são controlados – forças primitivas – religião primitiva – seus poderes de cura – presença de outros trabalhadores na sala de sessão – curadores – químicos.

CAPÍTULO XII

ECTOPLASMA

Definição de termos – sensibilidade – tentativas de o obter – questões fundamentais – relatório sobre Margery Crandon – variações entre Margery e Jack Webber – relatório de Jack Webber – fotografar ectoplasma num segundo após a luz – sua dispersão – nem todo o ectoplasma regressa ao médium – desaparecimento instantâneo – regurgitação – Dr. Dunlap – excerto da obra de Geley – registos de Von Schrenck Notzing – características semelhantes – explicações de Peter – classificação do ectoplasma:

Grau 1 – crescimento fúngico – emerge e regressa ao corpo – desorganizado – composição – forma primitiva de crescimento.

Grau 2 – refinamento – organização – usado como membros extra – bastões – instrumentos de força – diferente método de formação – mobilidade – controlo pelo sistema nervoso – formação de "raios" por fusão – reações no médium – força dos bastões – como se dá a força – voltagens enormes – alavancagem.

Grau 3 – não provém do médium – produto de frequências – significado de frequências – formação e construção – efeito de vapor – uso em materializações – mobilidade – analogia – combinação atómica – ação capilar – materialização viva – processo de atomização – transfusão de sangue – ausência de sistema circulatório – fala por amplificação etérica – ligação com o médium – a humidade que não molha – condição do Grau 3 – construção por vapor – criação de organismos vivos em ectoplasma – trabalho dos espíritos da natureza – grande força – espíritos da natureza reproduzidos no homem – descrição – evolução para o homem – explicações adicionais sobre a vida criada – constituintes do ectoplasma – estruturas atómicas – análise do ectoplasma – forças utilizadas – método de ação – condutores etéricos – uso humano das forças.

CAPÍTULO XIII

LEVITAÇÃO

Experiências do Professor Crawford – registos de Webber – fotografias de levitação – dois métodos de levitação – levitação do trompete – características – levitação com Arnold Clare – outros registos – controlo delicado – explicações de Peter: método de força bruta – consumo de energia – aplicação de pressão – reação subconsciente no médium – perda de peso do médium – base para resistência – controlo diretivo e levitação – controlo físico – segundo processo – fenómenos com Margery – controlo da placa – manipulação da gravidade dentro do campo áurico – não existe uma "lei da gravidade" – gravidade é um efeito – uma pressão para o centro, não uma atração – pressão etérica responsável pelo efeito gravítico – pressão atmosférica – atração entre matérias – polaridade da matéria – método de controlo de objetos levitados – brisas etéricas – objeto perde peso – trabalho dos espíritos da natureza – individualidade em ação – peso não é obstáculo – inércia da matéria.

CAPÍTULO XIV

APORTAÇÃO

O que é aportação – asportação – passagem através de paredes sólidas – aportes em luz branca e vermelha – aporte de objeto mencionado em conversa casual – espíritos da natureza – substâncias facilmente aportáveis – condições essenciais para a aportação – vácuo etérico – processo inverso da criação da vida – explicação do processo de aportação – controlo dos espíritos da natureza – método de transporte – controlo do processo e rematerialização – tamanho do objeto sem importância.

CAPÍTULO XV

MECÂNICA DA PRODUÇÃO DE VOZ

Voz direta – voz independente – registos de Valiantine – registos da S.P.R. nos EUA – relatório de Dennis Bradley – discos de gramofone de Valiantine – registos de Webber – caixas vocais – ambiguidade das explicações – observações sobre o aparelho de fala – registos de Margery Crandon – descrição da caixa vocal – formação teleplásmica – reflexões sobre teses anteriores – características da voz do médium – instrumento tonal – conversão de ondas etéricas em som audível – voz independente do médium – experiências com Margery Crandon – experiência com Arnold Clare – explicações de Peter – origem da voz – não vem da caixa vocal – cooperação entre corpo físico e etérico – ação muscular da garganta – ondas sonoras etéricas – como são transmitidas – caixa vocal como amplificador, refinador – estrutura interna do encaixe exterior – acústica etérica – conversão de som etérico em som físico, método, diafragma – luz criada – sons de respiração – simulação de som – geração de calor – forma da caixa vocal – força do diafragma – semelhança entre ondas sonoras

etéricas e físicas – isolamento para condutor etérico – seu propósito – como viajam as ondas etéricas – conhecimento dos comunicadores – construção dos encaixes – como o comunicador entra em comunicação – mensagem, resposta – controlo dos comunicadores – vozes infantis e femininas – voz independente – processo – escuridão essencial – voz com o médium consciente.

CAPÍTULO XVI

MATERIALIZAÇÃO

Significado – limitações de produção – registos fotográficos – Sir William Crookes – Katie King – observações sobre investigações – características do ectoplasma – condições de teste – experiência de Schrenck Notzing – confiança entre investigador, médium, guia e forma materializada – registos de Webber – tamanho das cabeças – processo de construção – cabeças tridimensionais – materialização de crianças – registos do Prof. Richet – experiência de Crookes – característica de deslizar – experiência de Webber – formas incompletas – conclusões de Geley – explicações de Peter – condições – pensamento ou entidade – tempo necessário – criação da matriz – potenciais etéricos – propósito do invólucro ectoplasmático – relação entre forma e médium – sistema capilar e nervoso – cordões nervosos etéricos – precauções necessárias – nascimento de uma entidade – materialização do pensamento, outro propósito – forma inanimada – ligação entre materialização do pensamento e o médium – trabalho dos controladores – conhecimento da entidade – possui peso – método de fala – invólucro astral – cooperação entre corpo do médium e a entidade – uma forma materializada pode viver? – estrutura atómica da materialização.

CAPÍTULO XVII

DISCUSSÃO SOBRE AS PLACAS N.º 2, 3, 4 E FIG. 3

Conclusões – condições fotográficas – tempo de exposição – explicações de Peter – Placa 2: mecanismo da voz – Placas 3 e 4: atividade não organizada – significado da esfera – tamanho das formações – como é registada atividade invisível – Placa 26: "A Abertura do Campo Áurico" (The Bowsing of the Auric Field).

PARTE III

CAPÍTULO XVIII

INTRODUÇÃO

Propósito dos fenómenos – questões comuns – implicações gerais – porque são realizados os fenómenos – poderes organizadores do espírito – relação do homem com o reino animal – homem e espírito – individualidade da alma – progresso terrestre e espiritual – implicações adicionais – o ideal comum – espiritualização da humanidade – a Igreja – o Estado – progresso do Espiritualismo – o futuro – procura universal – demonstração da verdade – escopo da Parte III.

CAPÍTULO XIX

O NASCIMENTO DA ALMA

A trindade – aliança do corpo da alma – significado de "alma" – sujeita à lei – sujeita a mudança – base da filosofia – explicação de Peter – relação da alma com o espírito – a ordem do nascimento – espírito e parentalidade – o espírito no nascimento – a alma no nascimento – as funções da alma nos primeiros dias – influência sobre os pais – progresso até aos sete anos – a mudança: dominação do espírito – espírito polarizado – espírito universal – reações da vida sobre a alma – espírito individualizado – analogia com o éter – a sabedoria da alma – sua progressão – carácter na transição –

a segunda morte – disseminação do corpo da alma – contato do espírito evoluído com o homem – o membro inferior – realidade e sombra.

CAPÍTULO XX

A TRANSIÇÃO

O fluxo vital – espírito individualizado – como o espírito deixa o corpo – como o espírito controla a vida – o cordão de prata – ação do espírito sobre o coração – influência sobre a corrente sanguínea – relação da alma com o corpo físico – atração instintiva – associação durante três dias – desintegração do corpo etérico – seus efeitos – cremação.

CAPÍTULO XXI

O PROPÓSITO

Influência dos fenómenos – Cristo e os fenómenos – o exemplo dado – perspetiva e valor dos fenómenos – missão das inteligências superiores – outro João Baptista – limitações da orientação – importância do salão de sessões (séance room) – paralelismo com o tempo de Cristo – instruções especiais aos discípulos – procedimento semelhante nos dias de hoje – ligação de esforços – crescimento futuro – reconstrução da igreja – regresso ao salão de sessões – espiritualizar a humanidade através do conhecimento – e da mente simples – mais implicações da sobrevivência – o Propósito – e a influência do Espírito – as leis – harmonia – a missão – o propósito universal.

PREFÁCIO

Além do relatório do Sr. W. Harrison sobre o desenvolvimento inicial da mediunidade do Sr. Arnold Clare, as descrições das sessões, as revelações de Pedro e o a escrita deste livro ocorreu durante os anos de guerra de 1940-41.

À medida que a ação inimiga em Londres se intensificava, as sessões de manifestações físicas cessaram e no Outono de 1940 foram substituídas por círculos de discussão. Os primeiros círculos tiveram lugar na casa do autor diante de um grupo de cerca de vinte pessoas. Logo foi avaliado que a inteligência (conhecida como Pedro), que falava através do médium em transe, era de um alta ordem e digno de nota. Assim, estes grandes grupos de discussão deram lugar a um pequeno círculo realizado na casa do médium, com a presença do Sr. e da Sra. Clare, do Sr. e da Sra. Hart, a da Sra. Edwards e do autor, um visitante ocasional, com a Sra. Cleveland como estenógrafa.

O procedimento nesses círculos seria que, à luz branca normal, o Sr. Clare entrava em estado de transe. O seu Guia, Pedro, assumindo o controlo, discursava sobre o tópico selecionado e respondia a todas as perguntas com fluência e sem hesitação.

Frequentemente, durante estas sessões, as sirenes antiaéreas eram ouvidas e as metralhadoras contra as aeronaves estravam em ação. Nessas ocasiões, perguntavam a Pedro se ele desejava retirar-se; e invariavelmente ele respondia: "Não, não é necessário, vocês não correm nenhum perigo." Em nenhuma ocasião houve interferência no trabalho; e Pedro continuava a conversar e a responder a perguntas sem preocupação, apesar do zumbido dos aviões inimigos, o barulho dos tiros, o rebentamento de granadas e a queda de estilhaços.

Pode-se dizer que nenhum outro trabalho que trate de um assunto complexo desta natureza já tenha sido compilado sob condições tão incomuns. É difícil conceber uma mente normal emitir um fluxo suave e ininterrupto de sabedoria sobre (às vezes) questões complexas e outras vezes questões técnicas, sem ser perturbado pela ameaça externa de perigo iminente.

O trabalho de Pedro será ainda mais apreciado quando se reconhecer a necessidade de calma e condições plácidas para o trabalho de transe. O fato de o Pedro ter continuado sob essas circunstâncias a explicado e de uma maneira que a nossa capacidade de compreensão abrangia muito do que até então tinha sido incompreensível, presta uma eloquente homenagem à mediunidade do Sr. Clare e à capacidade de Pedro de manter o controlo.

Os objetivoss deste livro são triplos e foi dividido em três partes. A primeira secção apresenta um breve histórico da mediunidade até à data, notas pessoais e os registos dos fenómenos produzidos pela mediunidade.

A segunda secção é dedicada às explicações de Pedro sobre a maneira por que os fenómenos são produzidos, a natureza das forças empregadas e a mecânica das operações. Foi feito um esforço por relacionar registos autenticados de fenómenos, através de mediunidades passadas e presentes, com as explicações.

A terceira secção indica um caminho de filosofia para o governo da conduta humana para uma visão mais esclarecida e espiritual da vida. A base dessa filosofia é a demonstração da verdade da sobrevivência individual do ego após o corpo físico ser descartado.

Esta última secção é a mais importante; pois sem ela as duas primeiras são inúteis. A espiritualização da humanidade sempre foi o objetivos do reino espiritual. Para aqueles que perguntam, "Que propósito terá uma levitação ou materialização?" aqui está a resposta. A mediunidade física e o controlo espiritual como o do Sr. Clare são muito raros. Durante os últimos cinquenta anos, o número de médiuns físicos notáveis em todo o mundo pode ser contado pelos dedos das duas mãos.

Eu considero que fui muito afortunado e privilegiado por ter estado tão próximo e intimamente associado a Jack Webber nos últimos dois anos de sua vida — ele passou para o nível superior vida no final de março de 1940. O livro que publiquei em comemoração da sua mediunidade com fotografias obtidas a luz infravermelha, foi publicado em Julho de 1940, sendo três edições publicado nos primeiros doze meses.*

** A mediunidade de Jack Webber. Rider & Co.*

Três dias após o falecimento deste talentoso médium, uma mensagem dele foi recebida por meio da voz direta através de outro médium. Este médium e os assistentes presentes não sabiam que Jack Webber havia falecido. A mensagem era: "Diga ao Sr. Edwards, que o vou encaminhar para outro médium." Possuindo uma mente um tanto cética, não depositei qualquer confiança nesta mensagem, embora em ocasiões passadas o meu o ceticismo tenha sofrido alguns choques através de outras mensagens proféticas que se tornaram realidade. Contudo, quatro semanas depois, por convite especial, sentei-me no círculo doméstico particular do Sr. Clare (referenciado pelo Sr. Harrison) quando uma vez mais recebi uma nova mensagem de Webber. As experiências posteriores que tive com o Sr. Clare são narradas nas páginas que se segue: este trabalho é o resultado dessas experiências.

Peço a indulgência do leitor para com estas observações pessoais, pois considero que fui afortunado além da expressão por estar associado quase continuamente a dois desses grandes médiuns. Posso acrescentar ainda que o Guia de Jack Webber me disse uma vez que a minha associação com ele já havia sido planeada há muito tempo e que as diversas experiências por que passei foram apenas uma preparo para a associação que tive com o trabalho do povo do espírito.

Ele falou-me sobre esse preparo e treino, e citou casos que foram muito pessoais e apenas do meu conhecimento. Na verdade, alguns deles eu havia esquecido temporariamente, mas eles revelaram possuir grande significado quando relacionados com toda a história.

Parte desse treino foi o meu direcionamento para uma grave controvérsia política. Tendo disputado duas eleições parlamentares e diversas eleições para o Conselho do Condado de Londres, com o propósito de desenvolver uma mente analítica e uma faculdade para lutar por causas. Na verdade, esses recursos foram utilizados diversas vezes quando os dons de Webber foram desafiados.

Pedro também se referiu a isso e, embora não seja uma evidência estrita, registo-o pelo que vale.

Uma das críticas que antecipo é os registos da Parte I não serem corroborados por um testemunho mais independente — por serem narrativas minhas e de amigos associados ao médium. Esse ponto fraco foi inicialmente antecipado e estavam em curso preparativos para pessoas importantes serem convidadas para sessões para registar as suas experiências. O relatório do Sr. Colin Evans foi o primeiro deles.

Infelizmente, as condições de guerra impediram a continuação do trabalho físico. Nesse sentido, posso dizer que o Sr. Clare está envolvido num trabalho altamente técnico para o Almirantado; e que os seus deveres muitas vezes o mantêm longe de casa por períodos de tempo variados. Essa tensão e a incerteza das suas horas livres também foram fatores que contribuíram para a cessação do trabalho de sessão física, porquanto será valorizado por todas as pessoas conhecedoras, quão essenciais para uma questão bem-sucedida são as sessões regulares.

Esta crítica, no entanto, será compensada por diversos fatores. O primeiro é que as características dos fenómenos descritos são semelhantes àquelas registadas no caso de cada um dos outros médiuns de manifestações físicas que tenha sido submetido a testes severos.

Que os participantes nas várias ocasiões tenham sido assistentes experientes, acostumados ao trabalho da sala de sessões, que rapidamente teria questionado qualquer ação que fosse inconsistente com a experiência. Além disso, as suas faculdades, treinadas para observar cada mudança, leve som ou movimento pouco ortodoxo, teriam notado imediatamente qualquer atividade suspeita.

Outras considerações de algum peso são a de que o Sr. Clare não é um médium profissional e até o momento em que este artigo foi escrito, nunca, que eu saiba, lucrou financeiramente com a sua mediunidade. Quando as sessões eram dadas ao público, a totalidade das receitas era revertida dedicado à igreja que organizava a sessão, e quando as sessões eram realizadas em minha casa e era feita uma pequena cobrança, todo o valor era doado aos fundos de outra igreja. Quando as sessões eram realizadas pelo médium ou os seus associados e uma pequena cobrança feita (geralmente não mais do que um euro e meio), todos os lucros eram destinados a alguma caridade, ou fundo associado ao movimento Espiritualista. Aqueles imediatamente associados ao médium gastavam a maior parte do seu tempo livre em serviço voluntário com igrejas Espiritualistas e no desenvolvimento dos seus próprios dons espirituais. Eles também auxiliam no desenvolvimento adicional do Sr. Clare.

Tanto o Sr. quanto a Sra. Clare dedicaram anos de serviço voluntário como diretores honorários para as igrejas Espiritualistas, prestando todos os seus serviços gratuitamente e, na verdade, têm sido consequentemente, consideravelmente sem tostão. Assim, não pode haver nenhuma motivação de lucro que prejudique os relatórios. Se for suposto para efeitos de argumento que os fenómenos não foram conforme o relatado, isso significaria que tivesse havido uma conspiração que envolvesse uma quantidade bastante grande de pessoas. Essa seria uma suposição que incriminaria não apenas o escritor e aqueles associados a ele, mas muitos mais que são líderes respeitados da atividade Espiritualista.

Existem outras considerações. A estrutura das revelações na segunda parte indicam uma inteligência que forneceu uma tese sustentável sobre os fenómenos psíquicos, desde a explicação do processo mais simples ao mais complexo, de uma maneira nunca antes tentada. Assim, quando o leitor visualiza toda a estrutura, desde os fenómenos até as explicações, como um quadro, espera-se que seja visto que traz a marca da verdade como um registo abrangente, consistente e sustentável, e isso de forma nenhuma está em desacordo com experiência ou razão anterior.

No entanto, a responsabilidade de aceitar os registos como uma verdadeira declaração de fato ou rotular todos os que estão ligados à mediunidade e a este livro como excessivamente simples ingénuos ou incautos sem escrúpulos, como queiram, é dos leitores.

Harry Edwards

Sociedade de Pesquisa Psíquica de Balham,
Childebert Road, Londres, SW17. Agosto de 1941

PARTE I
CAPÍTULO I

O MÉDIUM, ARNOLD CLARE

Arnold Clare nasceu de pais de Suffolk em Felixstowe, em 1901, onde o seu pai era dono de um negócio de cestas feitas à mão.

Arnold foi à escola até completar 12 anos, quando começou a trabalhar num estabelecimento de mercearia. Aos 15 anos foi para o mar numa embarcação à vela; e em logo depois, durante a Guerra Mundial e aos 15 anos e meio, ingressou na Marinha Real. O seu primeiro serviço de guerra foi passado em destróieres e cruzadores ligeiros em comboios oceânicos; e com a Patrulha de Dover.

Em 1917, as suas funções levaram-no através do Mediterrâneo até ao Monte Athos, onde foi contratado durante um tempo em tarefas em terra, na estação de comunicação sem fios. Foi aqui no Monte Athos que o Sr. Clare, ainda com menos de 17 anos, conheceu uma personalidade que lhe veio a influenciar a vida a partir daquela época.

Num dos mosteiros conheceu um padre Grego, chamado João, que falava Inglês bastante bem. Ele era um homem velho, e uma estranha amizade desenvolveu-se entre eles. Arnald passava grande parte do seu tempo livre no mosteiro, a escutar a sabedoria do velho monge. Talvez se possa imaginar o venerável monge de cabelos e barba brancos e o jovem marinheiro a discutir misticismo e filosofia em meio ao pano de fundo da aspereza da pedra do mosteiro. O Sr. Clare não se lembra muito em particular dos ensinamentos do velho, mas lembra que ele ficara bastante impressionado na época com a sua profundidade. Antes de deixar o Monte Athos, John disse: "Eu não lhe vou dizer adeus, meu filho; nós havemos de nos encontrar novamente."

O serviço do Sr. Clare no Médio Oriente não terminou aí. Ele foi por terra para Baku no Mar Cáspio, onde as suas funções o levaram a bordo de um navio Russo, o Emile Nobel. O serviço naval que desempenhou nesse navio durou nove meses.

O navio era navegado por um capitão Russo entre o qual e o Sr. Clare cresceu uma amizade íntima. Um dia o capitão levou-o para casa para tomar chá, e essa visita provou ser precursora de muitas mais. Uma noite, depois do chá, a família aproximou-se do fogo, o capitão de um lado, a esposa do outro, e as duas filhas e o Arnold a completar o círculo ao lado da lareira. A esposa tocava bandolim e depois começava a falar num tom estranho em Russo. Embora ele não soubesse disso na época, o Sr. Clare participava na sua primeira sessão, porquanto à época ele não tinha ideia da comunicação espiritual e não reconheceu o estado de transe da senhora.

Clare frequentemente juntava-se aos círculos que eles mantinham — pois, conforme ele diz, não tinha mais nada para fazer — mas ele não se interessava muito por nenhum deles já que a linguagem usada era ininteligível para ele. Uma noite, porém, a senhora parou de falar Russo e falou Inglês, na voz do John. Ali estava uma senhora camponesa, que conhecia apenas o patoá (dialeto) da população local a falar Inglês com a voz e entonação inconfundíveis do John e a reproduzir as suas inflexões naturais. Ainda assim, o Sr. Clare não soube apreciar o significado dos fenómenos que estava a testemunhar.

"Eu disse-te, meu filho, que nos deveríamos encontrar de novo," disse a voz, e todas as noites, enquanto o círculo foi realizado, John falaria e continuaria o seu ensino a partir do ponto em que ele

havia parado no Monte Athos. John disse ao seu ouvinte que ele tinha um trabalho a fazer e que ele estava a ser preparado para ele. Hoje, o Sr. Clare diz que não tendo noção do significado da sobrevivência, ele não percebeu o significado das palavras de John ou sequer que ele havia falecido desde que ele deixara o Monte Athos. A conversa foi tão natural que ele não achou que pudesse estar 'morto.'

Chegou a hora de partida do Sr. Clare, embora nem ele nem o capitão tivessem qualquer conhecimento disso ainda. No que acabou sendo a véspera da partida, John disse: "Eu agora devo dizer adeus por um momento." O Sr. Clare pensou que isso significasse que o John não iria falar de novo por algum tempo, mas na manhã seguinte ordens de surpresa levaram-no na sua jornada de volta para casa. Isso foi em 1919.

O Sr. Clare conta como, na excitação de voltar para casa, e durante a atividade do pós-guerra, ele perdeu de vista o significado íntimo dos ensinamentos de João. Ele deixou-se envolver no trabalho sem fio numa estação do governo; e nessa época conheceu a Srta. Vera Lawson, que mais tarde se tornou Sra. Clara.

Eles têm três filhos: Stanley, de 18 anos, que hoje serve no Exército; Tony, de 17 anos; e Pat, de 11 anos.

Um dia, o Sr. Clare pegou uma revista velha e leu um artigo de Conan Doyle. Esse artigo descrevia um vaso Egípcio de bronze com figuras inscritas nas bordas. Conan Doyle especulava sobre o seu uso e pensava que poderia ter sido usado antigamente para adivinhação, com um pêndulo. Este artigo impressionou tanto o Sr. Clare que ele se interrogou: "Por que ter um vaso de bronze, por que não passar sem ele?" Então, pegando numa folha de papel, escreveu as cartas do alfabeto nas bordas; e amarrando o botão do colarinho num pequeno pedaço de linha, segurou-o sobre o gráfico de cartas. O botão moveu-se como se fosse impulsionado por uma força persistente e soletrou a palavra 'João.'

O Sr. Clare tentou a escrita automática durante um tempo e descobriu que lhe eram fornecidas informações sobre assuntos sobre os quais ele nada sabia. Ele não lhes atribuiu grande importância; e elas não foram mantidas. Ao mesmo tempo, ele tinha muitos outros interesses e a escrita automática só era praticada esporadicamente como meio de passar uma hora de ócio. Aos 28 anos, o Sr. Clare procurou uma extensão do serviço governamental e foi ao médico para um exame. O médico disse-lhe que ele não o poderia dar como apto, por ele sofrer de tuberculose. Esse foi um grande choque; e foi pedido ao médico se ele concordaria em considerar o exame confidencial e em estudar a condição do Sr. condição numa data futura. Isso o médico concordou em fazer.

O Sr. Clare foi para casa e entregou à Sra. Clare o relatório do médico. Ele diz que então começou a orar como jamais havia orado antes e continuou a orar todas as noites. à medida que as noites passavam ele tomou consciência da presença e da personalidade de John. Ele recebeu a impressão de que não deveria ficar indevidamente alarmado, que iria ficar bem, e que ele tinha trabalho a fazer. Dois meses depois, o Sr. Clare foi novamente ao médico e recebeu um exame do atestado de saúde limpo. A partir desse momento, o Sr. Clare sentou-se na solidão todas as noites, sempre que possível, desde meia hora a uma hora, principalmente por volta da meia-noite. Foi dessa forma que ele principalmente desenvolveu aqueles poderes dos quais este livro trata.

Será visto que o padrão do 'John' está tão entrelaçado na vida do Sr. Clare, que o desenvolvimento dos seus dons espirituais ocorreu a despeito dele próprio, e que aqueles do espírito associados a ele gradualmente direcionaram a sua vida para o trabalho que tinham a realizar.

A associação do Sr. Clare com as Igrejas Espiritualistas começou com a igreja de Scarborough, onde foi vice-presidente; ele seguiu isso iniciando um círculo de cura numa igreja de Winchester, da qual mais tarde ele se tornou secretário honorário. Vindo para Londres em 1933, o Sr. Clare prosseguiu o seu desenvolvimento solitário. Deve-se notar que ele era avesso ao trabalho de transe; e quando ele empreendeu cultos para igrejas não se permitia tornar sujeito de transe. Durante a última parte de seu desenvolvimento solitário ele sentiu novamente a presença de John. Uma reação física específica que ele observou foi que ele se sentia incapaz de se mover por momentos.

Nessa época a Astrologia tornou-se no seu hobby e ele deu palestras sobre esse tema uma série de vezes em Londres.

Em 1937, a Sra. Clare e ele juntaram-se à Igreja Espiritualista de Balham; e ele tornou-se secretário honorário em 1939. Durante esses dois anos ele conduziu círculos de cura na igreja e esteve intimamente ligado a todos os seus ramos de atividade, e fez discursos de, clarividência, psicometria e cura.

Nessa época, um pequeno círculo familiar de membros da igreja reunia-se em particular para o desenvolvimento de um Sr. Edwin Twitchett, que apresentava sinais de mediunidade física. O guia desse círculo deu orientação no sentido de que o Sr. e a Sra. Clare fossem convidados a participar. Sabendo sobre a aversão do Sr. Clare ao trabalho de transe, eles disseram que não achavam que ele iria aderir. O guia respondeu: "Proponha-lo que ele virá." O Sr. e a Sra. Clare foram então abordados e eles consentiram. Esse círculo reunia-se semanalmente há dezoito meses e sinais de movimentos foram sendo observados. O Sr. Twitchett, no entanto, deixou o círculo, que prosseguiu na esperança de que ele voltasse.

Posteriormente, na véspera do Ano Novo de 1938, o Sr. Twitchett concordou em retornar, e uma sessão foi marcada para essa noite. Nessa época, os assistentes eram a Sra. Sheppard, a Sra. Shelston, o Sr. e a Sr.ª Clare e outros dois.

Naquela véspera de Ano Novo, o Sr. e a Sra. Harrison estavam a tomar chá com o Sr. Clare quando a campainha do telefone tocou e foi passada uma mensagem a informar que o Sr. Twitchett não ia poder comparecer. O Sr. Clare achou que não importava o que acontecesse, a sessão deveria ter lugar. Isso foi o que sucedeu, e naquela noite a mediunidade física do Sr. Clare funcionou pela primeira vez. Houve aportes e os Guias do Sr. Clare deram-se a conhecer.

O Sr. Harrison continua a história, mas este capítulo não deve terminar sem registar a gratidão do Sr. Clare e o agradecimento que manifestou à sua esposa pela sua ajuda infalível e coragem durante todos os dias de provação, pela paciência ilimitada que demonstrou nos círculos e pela energia com que contribuiu para o trabalho. Isto culminou em Fevereiro de 1941, quando o Sr. e a Sra. Clare abriram a sua própria igreja, 'A Trindade da Irmandade Espiritual.' Inaugurar um novo centro de atividade devocional durante as condições turbulentas desse ano de guerra denota coragem e confiança; e, até o momento, a nova igreja tem mostrado todos os sinais de progresso.

Finalmente, o autor deseja expressar o seu agradecimento pessoal ao Sr. Clare pela sua sempre pronta disposição para abrir mão de tantas horas do seu tempo limitado em casa pelo propósito deste livro. Nunca, em nenhuma ocasião foi essa cooperação recusada, nem qualquer esforço da sua parte pareceu grande demais para prestar qualquer serviço que pudesse.

Uma tarde, quando o segundo filho do Sr. Clare, Tony, estava com treze anos, estava no seu quarto e começou a desenhar numa folha de papel. O resultado foi o desenho do Irmão Paul.

Tony diz que embora o tempo em que ele pareceu levar para fazer o desenho parecesse muito reduzido, quando o terminou ficou surpreendido ao descobrir que a noite já havia começado. Não deu importância ao desenho e guardou-o, sem dizer nada aos pais.

Foi algum tempo depois, quando o Irmão Paul se deu a conhecer pela primeira vez através do seu médium ao círculo em desenvolvimento. Na sua primeira aparição ele deixou o Sr. e a Sra. Clare espantados com a afirmação de que tinham uma foto dele em casa. Eles disseram que não tinham conhecimento disso, mas Paul disse que tal imagem existia e eles deveriam perguntar ao filho por ela. Voltando para casa perguntaram ao Tony se ele tinha alguma foto e ele foi ao quarto e voltou com o desenho.

Uma característica peculiar é o carácter quadrangular do desenho; e uma técnica definida é mostrada pelo efeito de luz e sombra produzido imperceptivelmente pelo sombreamento do quadrados. Paul disse que impressionou o Tony a desenhá-lo e que poderia ser considerado como apresentando uma semelhança razoável. O autor viu outros desenhos feitos por Tony, e a sua técnica pouco desenvolvida não tem comparação com o desenho do Paul. Ele nunca produziu uma imagem semelhante antes nem depois.

Parece que a incerteza de Tony quanto ao modo ou maneira como ele desenhou a foto — ele diz não se lembrar de usar uma borracha — que se inspirou no seu esforço, estando num estado de semitranse natural, desconhecido dele à época. Isso é definitivamente declarado que a técnica empregada está muito além de sua realização normal e de fato, quando tentou copiar o desenho, não conseguiu fazê-lo com sucesso.

A CURA DA SRA. CLARE

Quando as conversas com o Pedro estavam a chegar ao fim, a Sra. Clare adoeceu e deu baixa ao hospital, onde foi submetida a uma operação cirúrgica. Instalou-se uma complicação inesperada, e as autoridades médicas decidiram que seria necessário colocar o corpo da Sra. Clare em gesso de Paris durante nove meses. Ela foi transferida para um hospital do interior para esse fim.

O assunto foi discutido com o Pedro na noite de Domingo, dia em que a Sra. Clare se mudou para o hospital do interior. Parecia que o Sr. Clare e os filhos estavam um pouco aborrecidos por os curadores do espírito não terem sido capazes de evitar o problema e recobrar a saúde da Sr.ª Clare. Na noite em questão, estando o Sr. Clare em transe, os seus filhos suscitaram a questão.

Pedro respondeu que até então nenhum esforço havia sido empreendido no sentido de pedir ajuda espiritual. A matéria foi considerada de forma despreocupada; e foi considerado óbvio que a cura do espírito iria ser ministrada. Pedro pareceu ressentido com isso, mas diante de uma solicitação dos filhos a pedir ajuda, o Pedro concordou que eles veriam o que poderia ser feito a respeito.

Naquela mesma noite, a Sr.ª Clare, no seu novo hospital, sentiu que ocorrera uma mudança dentro dela; e quando na manhã seguinte um especialista chegou de Londres para realizar o gesso de Paris, a Sra. Clare surpreendeu-o perguntando se poderia sentar-se. O especialista sabia que isso deveria ter sido impossível. A Sr.ª Clare, porém, não apenas se sentou, como se levantou e caminhou pela enfermaria. Em pouco tempo ela estava em casa e podia andar normalmente. Sem dúvida, denota evidência definitivo de outra cura 'milagrosa,' resultado directo da intervenção espiritual.*

* Um outro trabalho que trata da ciência da cura, espiritual e magnética, foi já iniciado pelo autor com a colaboração e explicações de Pedro.

CAPÍTULO II
OBSERVAÇÕES SOBRE A RESTRIÇÃO DE MÉDIUNS

Ao registar as manifestações psíquicas recebidas através da mediunidade do Sr. Arnold Clare, antecipam-se críticas por parte daqueles que consideram essencial o controlo mais rigoroso do corpo do médium antes de se poder provar a existência de fenómenos supranormais. Tal crítica seria justificada se os acontecimentos relatados se limitassem à proximidade imediata do corpo do médium; ou se não houvesse outros fatores como luz, tempo e outros dados evidenciais que permitissem determinar, para além de qualquer dúvida, que estavam presentes energia e atividade supranormais.

Na mediunidade física moderna, a técnica dos operadores espirituais (que são mestres de engenho) fornece 'testes' muito mais inteligentes que provam a supranormalidade do que o mais inquisitório dos controlos físicos do corpo do médium — com recurso a cordas, fios, linhas de algodão, adesivos, aparelhos elétricos, fitas colantes, jaulas, etc., tão apreciados por certos tipos de mentes ligadas à investigação psíquica.

É óbvio que a melhor forma de obter provas concretas da atividade espiritual é proporcionar ao médium e aos operadores espirituais condições confortáveis e favoráveis para trabalharem. Se as condições em que a sessão é realizada forem duras, artificiais e alheias às pessoas do mundo espiritual, ninguém deverá culpar o médium ou os operadores se os fenómenos forem escassos ou inexistentes. Um dos fatores mais importantes para o sucesso é que a mente do médium esteja confiante e segura de um resultado positivo, feliz e sem qualquer tensão ou ansiedade mental. Os médiuns, regra geral, são mais sensíveis do que as pessoas comuns, e por isso os preparativos anteriores a uma sessão devem ter em conta as reações psicológicas do médium às condições que, eventualmente, possam ser impostas.

Um médium profissional que demonstra os seus dons com o objetivos de obter o seu sustento está, de certo modo, obrigado a submeter-se a algum tipo de controlo restritivo. A maioria dos médiuns profissionais aceita e até convida à imposição de algum controlo 'razoável', embora por vezes haja divergência quanto à interpretação do que é razoável. Há também o médium profissional cuja perspetiva é egoisticamente limitada ao proveito financeiro e que não se interessa por qualquer abordagem científica, por mais amigável que seja a sua introdução.

Uma das razões para esta atitude é o conhecimento, por parte do médium, dos danos que foram causados a outros médiuns por grupos de investigação que impuseram condições geradoras de tensão física. Por isso, o médium vê os investigadores como inimigos e não como 'amigos compreensivos'. Esta atitude mental tem alguma justificação, pois vários médiuns físicos viram os seus dons ficarem comprometidos e outros sofreram fisicamente devido ao esforço exigido — conheço dois médiuns físicos, ainda vivos, que sofrem de hemorragias internas constantes como resultado de esforço excessivo.

Outro fator importante que contribui para o sucesso (ou fracasso) das sessões é a natureza dos próprios participantes. Há uma enorme diferença entre um círculo de pessoas mentalmente alertas mas cooperantes e um grupo de indivíduos obstrutivos e não cooperantes. Quando Jack Webber participou em sessões 'de teste' onde se impunha um controlo excessivamente restritivo, ou em sessões dominadas por mentalidades duras e não colaborantes, era praticamente certo que os operadores espirituais encontravam grande dificuldade em manifestar fenómenos. Quando ocorriam, estes eram esporádicos, bruscos, com intervalos de tempo entre cada ação — muito diferentes do fluxo contínuo e livre de atividade que se observa numa sessão normal.

Poucas palavras são tão ambíguas ou tão mal compreendidas como a palavra 'condições', quando aplicada a questões psíquicas; no entanto, é de importância máxima para se obterem resultados positivos que todos os presentes atinjam um estado de cooperação mental harmoniosa. A mente científica que encara o universo apenas como matéria precisa de aprender a importância da realidade da dimensão do pensamento antes de conseguir progredir na compreensão do domínio da atividade espiritual.

Existe um tipo de médium, do qual Margery (Sra. Crandon) será talvez o melhor exemplo, que não precisava de demonstrar os seus dons para benefício financeiro, mas que estava disposta a submeter-se a todo o tipo de controlo restritivo e humilhante — exceto a crucificação — tal como, por vezes, era concebido pelos investigadores. Tanto pensamento tem sido dedicado às várias formas de privar o corpo humano de ação muscular independente que parece que a ciência do controlo dos médiuns se tornou mais importante para os investigadores do que os próprios fenómenos. Margery conhecia a potência das forças utilizadas através da sua mediunidade, e sabia também que, ao submeter-se a essas exigentes condições, estava constantemente em risco de prejudicar a sua saúde, se não mesmo a sua vida, como o seguinte poderá indicar.

Dos Anais da S.P.R. dos EUA, página 357:

"Eu, Grace V. Reuter, certifico que assisti ao despir de Margery, e examinei minuciosamente o roupão com que a embrulhámos, após o que controlei as suas mãos até ela ser conduzida para dentro da cabine de vidro num andar dois pisos acima. Lá, ela foi ligada com fios na cabine de vidro, mãos e pés, de modo a que qualquer movimento dos membros fosse impossível. A sua cabeça foi presa ao teto da cabine com uma corda grossa atada ao pescoço, de tal forma que não podia mover a cabeça sem risco de sufocação."

(Página 372): "A médium está vestida com uma única peça de roupa (quimono), meias e sapatos. Ela e as suas roupas são examinadas por uma mulher, a pedido da Comissão, antes e depois da sessão. Em plena luz, são amarrados aos pulsos e tornozelos da médium longos pedaços de fio de arame n.º 3 para quadros. A parte que envolve o membro é protegida por tubos de borracha para evitar cortes na pele. Todos os nós são feitos, observados no momento da feitura ou testados pela Comissão. Um colar de couro é trancado ao pescoço da médium por um comissário, e a chave fica em sua posse. A médium é então conduzida por um comissário para a sala da sessão, iluminada por luz vermelha, onde se senta numa cadeira Windsor dentro da cabine de vidro 'Richardson'.

As extremidades dos fios dos pulsos e tornozelos são agora passadas através de argolas de metal fundido fixas no chão e nas laterais da cabine. São amarradas com segurança, sob observação ou inspecionadas pela Comissão, e as pontas são passadas por selos de chumbo da American Railway Express e seladas por um membro da Comissão. Um fio grosso é amarrado por um comissário ao colar de couro, com nós característicos desse comissário, e a outra extremidade é fixada de forma semelhante a uma argola fundida no teto da cabine. A amplitude de movimento dos pés não ultrapassa seis polegadas. A das mãos não ultrapassa duas polegadas; a da cabeça, não ultrapassa seis polegadas para a frente e nove para os lados."

De acordo com os Anais da American Society for Psychical Research, nos volumes que tratam da "Mediunidade de Margery", Margery (com o consentimento do seu marido, o falecido Dr. Crandon) permitiu ser utilizada sem quaisquer restrições.

O Barão von Schrenk Notzing idealizou um tipo especial de laboratório psíquico, equipado para todo o tipo de psicologia experimental e psicofísica. O registo deveria, naturalmente, ser feito de forma independente dos órgãos dos sentidos, que estão sujeitos ao engano, e deveria, tanto quanto possível, ser transferido para aparelhos físicos. Uma balança auto-registadora, o uso pleno de auxiliares fotográficos e elétricos (como fotografias com luz ultravioleta), a utilização de vários graus de intensidade luminosa e de cores do espectro, termómetros e outros instrumentos especialmente

construídos, poderiam ter lugar num instituto deste tipo. Outros aparelhos de natureza mais fisiológica seriam necessários para investigações sobre o organismo do médium.

Consegue-se imaginar facilmente a reação de um médium sensível a um ambiente deste tipo, e a sua relutância em se colocar a si próprio, num estado hipnótico ou de transe, à mercê de "vivissectores" psíquicos. Seria difícil imaginar condições mais prejudiciais a um resultado satisfatório do que estas.

Já foi justamente dito que os médiuns que se colocam voluntariamente à disposição dos investigadores entram num verdadeiro martírio, tão grande como o de qualquer outro dos nossos semelhantes que se tenham sacrificado em nome das gerações futuras.

Existe ainda outra classe de médium — na qual se pode incluir Arnold Clare — aquele grupo altruísta que não retira qualquer proveito material da sua mediunidade. Consideram o seu dom como de origem espiritual ou divina, a ser utilizado para o conforto dos aflitos e para o esclarecimento, através do ensinamento, da conduta materialista do homem moderno. Esses médiuns não demonstram os seus dons apenas para agradar à mente científica, não se interessam por ela; e são completamente indiferentes à aprovação de qualquer sociedade ou grupo. (O meu primeiro pedido ao Sr. Clare para que aceitasse participar numa sessão com fotografia por infravermelhos foi recusado, principalmente por esta razão; e porque ele apenas desejava servir aqueles que procuravam a sua ajuda num sentido espiritual.)

A posição deve, portanto, ser clara: não se pode esperar que todo e qualquer médium físico aceite sofrer indignidades apenas para alcançar a glória de um "halo" atribuído por determinada sociedade. O número de sociedades e grupos que desejam investigar os fenómenos é muito superior ao número de médiuns disponíveis, e poucas são as sociedades que aceitam como válidas as provas obtidas por outra sociedade, insistindo nas suas próprias investigações. As exigências feitas a um médium para participar numa "série de sessões de teste" tornam-se cada vez mais numerosas à medida que a sua mediunidade se estabelece. Assim, compreende-se melhor a atitude dos médiuns físicos quando, por vezes, recusam submeter-se a "testes" e preferem suportar o opróbrio de também recusarem ser "testados" por qualquer sociedade interessada em investigar os seus poderes.

Seria, no entanto, extremamente irracional rejeitar relatos autênticos de fenómenos apenas porque os médiuns não estiveram dispostos a sentar-se em quase total nudez e amarrados. Quando afirmam que não estão dispostos a ser tratados com tamanha suspeição, estão inteiramente no seu direito.

Cada caso de mediunidade deve ser tratado individualmente, e a prova de que ocorre ação supranormal deve ser considerada segundo a natureza das evidências que os operadores espirituais conseguem fornecer. Não hesito em enfatizar que estas observações devem ser entendidas como um apelo, em nome da mediunidade, por uma visão mais inteligente e discernida do que aquela que se limita a cordas e coletes de forças.

Antes de apresentar provas que ilustram como é possível demonstrar atividade supranormal sem restrições, algumas observações gerais sobre a mediunidade física não serão despropositadas.

Antes de qualquer pessoa ser capaz de demonstrar-se publicamente como médium físico, é necessário um imenso esforço e sacrifício. Regra geral, são precisos vários anos (no caso de Jack Webber, dez anos; no caso do Sr. Clare, vinte anos) para desenvolver as faculdades psíquicas. Isto significa que, pelo menos uma ou duas noites por semana, o médium em desenvolvimento e um grupo de amigos sentam-se durante uma hora, com a máxima regularidade. Pode acontecer que, durante anos, nada de extraordinário seja observado, e tanto o médium como os acompanhantes possam sentir que estão simplesmente a perder tempo.

Existem, no Reino Unido, milhares de círculos deste género a reunir-se semana após semana, ano após ano, mas apenas muito raramente um desses círculos dá origem a um médium capaz de

demonstrar-se em público. Para além das sessões semanais, o médium dedica parte do seu dia à preparação para o uso futuro das suas faculdades. Leva uma vida sóbria, evita excessos e estabelece para si mesmo um código de conduta tão espiritual quanto possível. (Sei que senhoras fazem o mesmo. *Nota do Editor.*)

Após anos de esforço, os fenómenos podem finalmente começar a surgir — talvez apenas pancadas ou o ligeiro movimento de uma corneta. Quando estes sinais são alcançados, o desenvolvimento assume um carácter mais sério e, normalmente, seguem-se vários anos adicionais de sessões semanais até que o médium esteja apto para demonstrar fora do seu círculo doméstico. Na realidade, o desenvolvimento nunca se conclui totalmente, e continua mesmo depois de a mediunidade ser reconhecida.

À medida que a mediunidade se torna conhecida, começam as verdadeiras provações do médium. É solicitado de todos os lados por pessoas que desejam participar em sessões e observar os fenómenos, ou receber ajuda e conforto do "regresso" de parentes e amigos. À medida que se disponibiliza, torna-se imediatamente o centro de suspeitas: "Será honesto?" "Será uma fraude?", etc. O médium pode sentir vontade de obter um "certificado de honestidade" e submete-se aos "testes" já descritos. Se for bem-sucedido, muitas outras sociedades solicitarão mais testes; e o autor conheceu uma sociedade de investigação estabelecida que pôs em causa uma mediunidade com o objetivos de forçar o médium a aceitar uma série de sessões para fins experimentais.

O médium tem ainda de enfrentar o perigo sempre presente de que alguma pessoa irresponsável acenda uma luz durante uma sessão ou interfira de alguma outra forma com a atividade em curso. À data em que este texto foi escrito, um médium conhecido do autor perdeu tanto o seu dom como a visão numa ocasião destas; outro médium físico bem conhecido faleceu recentemente após uma interferência deste tipo; e vários outros ficaram gravemente doentes devido a interferências ignorantes e mal concebidas.

Voltando às mediunidades em análise, seguem-se alguns exemplos do que se pretende significar com uma mediunidade que consegue provar-se a si própria, sem restrições físicas.

O Sr. Arnold Clare utiliza uma placa de tamanho considerável, medindo cerca de 64 cm por 36 cm. Esta placa é, regra geral, pintada de fresco antes de cada sessão com tinta luminosa, para garantir a máxima luminosidade. O grau de luz desta placa permite iluminar um objeto a mais de 1,20 m de distância, sendo possível ler texto em tipo 10 até uma distância de cerca de 90 cm, o que demonstra que qualquer objeto colocado sobre a superfície iluminada seria claramente visível. Por vezes, nas sessões com o Sr. Clare, esta placa é colocada no chão com o lado luminoso virado para cima. Sobre esta superfície brilhante é projetado material ectoplásmico.

Este tem a aparência de uma teia de aranha, muito frágil e quase transparente. A substância repousa perfeitamente estendida, sem qualquer vinco, sobre a placa. Os participantes podem assim observar a substância semelhante a uma teia animar-se apenas nas extremidades. Não há qualquer agitação do conjunto — só as bordas ganham vida, movem-se e formam projeções preensíveis, como pequenos dedos. Estas aparecem e desaparecem. À medida que se formam, deixam de ser transparentes e tornam-se escuras e opacas.

Essas protuberâncias agarram a borda da placa e puxam-na na direção do médium. A placa pára, as protuberâncias soltam a sua pega e agarram-se de novo aos lados da placa, a qual é então movida de forma controlada para os lados, para a frente e para trás. Todo o material é depois recolhido de imediato e, um segundo depois, novamente projetado sobre a placa, assentando-se perfeitamente. Mal repousa sobre a placa, esta é imediatamente agarrada e movida pelo chão. Aqui é claramente observável atividade supranormal, a julgar pela rapidez do movimento, a precisão da projeção, a animação de uma substância semelhante a teia transparente transformando-se em dedos ou garras sólidos, e o movimento controlado e ordenado da placa. O termo "supranormal" é aqui utilizado para descrever uma ação que não pode ser reproduzida, nas mesmas condições, por meios humanos. No

caso descrito, afirma-se que o ser humano não conseguiria produzir o mesmo efeito, mesmo com recurso a meios mecânicos, ou com a utilização de eletricidade, magnetismo ou qualquer outra força que conheçamos.

Outro desempenho supranormal é demonstrado quando a placa é mantida a cerca de 60 a 90 cm do chão, com a superfície iluminada virada para baixo, sobre um comprimento de material ectoplásmico que se estende do médium até uma corneta situada a cerca de 1,20 m de distância. Sendo o material de cor esbranquiçada, é muito claramente visível à luz emitida pela placa, contrastando com o tom escuro do linóleo do chão. A substância começa a animar-se, a extremidade mais distante estende-se até à extremidade mais pequena da corneta e agarra-a firmemente. Enquanto isto acontece, o material flácido e translúcido enrola-se firmemente sobre si próprio, mas apenas na secção entre a corneta e o ponto onde toca o chão em frente ao médium. Depois, usando a extremidade enrolada mais próxima do médium como ponto de apoio, o material agora rígido eleva-se nessa extremidade com a corneta perfeitamente alinhada. Tudo isto acontece em plena luz. Esta posição é mantida por um ou dois segundos antes de a corneta cair ao chão.

Estes e outros incidentes ainda mais notáveis são descritos nos registos que se seguem. Convém assinalar que as cornetas do Sr. Clare não são daquelas de alumínio leve, mas feitas de celulóide e fita isoladora. Medem cerca de 84 cm de comprimento e pesam aproximadamente 210 g. Para levantar este peso, a tensão aplicada na extremidade estreita da corneta equivale a cerca de 1,6 kg de força, considerando o ponto de apoio situado a cerca de 90 cm de distância.

A mediunidade de Jack Webber também foi comprovada através de demonstrações visíveis e audíveis, como por exemplo o fato de conseguir remover o seu casaco cosido enquanto as suas mãos estavam a ser seguradas; ou a ativação instantânea de luz branca imediatamente antes e depois dos fenómenos. Detalhes de tudo isto podem ser encontrados no volume *The Mediumship of Jack Webber*, assim como outros exemplos: o fator tempo em várias manifestações; o ato de acender a luz branca imediatamente após atividades como a fotografia de grandes quantidades de material ectoplásmico; o movimento de cornetas e objetos em luz vermelha visível; e uma série de outros fenómenos relatados e verificados.

Jack Webber era controlado por vários métodos — cordas, linhas, selos, etc. — mas não de forma tão restritiva como a imposta a Rudi Schneider ou a Margery, e ainda assim ninguém, com base nas provas, rejeitaria os relatórios por o médium não estar totalmente amarrado. Da mesma forma, nenhuma mente razoável, tendo em conta o testemunho que acompanha os relatos da mediunidade do Sr. Clare, deveria recusar aceitar a realidade dos fenómenos apenas porque o Sr. Clare não se encontrava fisicamente limitado.

Na apresentação de mais provas da atividade espiritual, o cético deve lembrar-se de que, se um determinado incidente parecer conter algo de "milagroso" por ser contrário ou alheio à experiência humana comum, tal incidente pode ser apenas uma extensão de experiências já observadas e registadas por observadores responsáveis e credíveis. Sugere-se que rejeitar um incidente por ser novo ou de carácter supranormal revela uma negação da atitude verdadeiramente científica por parte do crítico.

Pareceria, pois, razoável aceitar corajosamente todos os problemas apresentados de forma justa e não rejeitar as implicações deles decorrentes sem antes uma investigação cuidadosa das provas, tanto passadas como presentes. Neste mundo, regido pela Lei Cósmica da Evolução, encontram-se problemas imensuráveis em número e complexidade para investigação e análise; e estes só serão resolvidos de forma satisfatória se as suas implicações forem enfrentadas sem medo das consequências.

CAPÍTULO III
A MEDIUNIA FÍSICA DE ARNOLD T. CLARE

(Por William E. Harrison, Presidente da Balham Spiritualist Society)

Sobre a mesa, enquanto escrevo, está espalhada uma estranha coleção de vinte artigos diferentes: o martelo de um leiloeiro, peças de marfim, a garra de um leão, várias moedas, uma seta, uma pequena cruz entalhada, um medalhão, três pequenas figuras esculpidas e outros objetos difíceis de descrever. Todos estes itens vieram à minha posse na sala de sessões, através da mediunidade de Arnold Clare; e, ao revê-los, a minha mente regressa aos primeiros tempos deste círculo.

É frequente ouvirmos dizer que aqueles que desenvolvem o dom da mediunidade física passam muitos anos a sentar-se pacientemente à espera do primeiro movimento da corneta; mas, no caso deste médium, a história é bastante diferente, e a rapidez com que a gama de fenómenos físicos se desenvolveu foi quase surpreendente.

O meu primeiro contato com o círculo deu-se em Junho de 1939. Nessa altura, o Sr. e a Sra. Clare, juntamente com duas outras senhoras, reuniam-se há apenas alguns meses, uma vez por semana. Tinham-me falado do progresso alcançado: levitação de objetos, fortes brisas psíquicas e fenómenos de *apport*.

Numa dessas noites fui convidado a participar no círculo, e numa pequena divisão no sótão da casa, desprovida de mobiliário exceto por cinco cadeiras, testemunhei pela primeira vez os fenómenos de que me haviam falado. O médium estava seguro a uma pequena cadeira de braços por fitas bem apertadas em volta dos pulsos, e durante mais de uma hora ocorreram levitações de três cornetas, discos de gramofone a serem colocados e retirados por mãos invisíveis, e o aparecimento de dois pequenos *apports* (medalhões) para as duas senhoras. Mas, para mim, o acontecimento mais impressionante foi a deslocação de um objeto da minha casa, a cerca de um quilómetro de distância, para aquela pequena sala. Eis como aconteceu:

Na tarde desse mesmo dia, a minha esposa estava a coser. Usava um dedal, que depois foi guardado num cesto de costura. Mais tarde, quando precisou novamente do dedal, já não o conseguiu encontrar.

Na sessão dessa noite, Peter, falando através do Sr. Clare, mencionou a perda do dedal e disse: "Vamos agora devolvê-lo para o levares à tua esposa." E, de fato, através da corneta, o dedal veio diretamente parar às minhas mãos. Era o dedal da minha esposa, aquele que se "perdera" nessa tarde, facilmente identificável por mim devido a uma marca especial. A Sra. Harrison não estava presente e ficou espantada quando lhe devolvi o dedal vindo da sessão.

Talvez deva acrescentar que Arnold Clare não tinha estado em minha casa há mais de uma semana antes desta sessão.

Mais tarde, ao discutir o episódio com o Guia, ele explicou que tinham escolhido esta forma de me provar como eram capazes de transportar objetos à distância, sabendo que, se algo da minha casa fosse transferido para outro local, isso reforçaria a minha confiança nos fenómenos de *apport*.

Numa data muito posterior, ocorreu algo semelhante com outra visitante do círculo. Neste caso, uma pequena pena foi retirada de um chapéu guardado num roupeiro trancado em sua casa, e, para sua grande surpresa, foi-lhe apresentada no círculo, situado a quase um quilómetro de distância.

Nas seis semanas seguintes visitei o círculo em mais duas ocasiões e testemunhei os fenómenos da corneta. Esta encontrava-se sempre sob controlo perfeito, os movimentos eram "limpos" e rápidos.

Até então, ainda não tinha ouvido vozes, e embora tivessem sido feitas algumas tentativas para produzir estruturas ectoplásmicas, nada de definitivo ou reconhecível havia sido observado.

Contudo, os *apports* foram extremamente abundantes durante este período, e com frequência apareciam dez ou doze objetos e moedas, sendo normalmente colocados nas mãos dos participantes através da corneta.

Em cada caso, a corneta era elevada até ao teto, permanecendo ali parada por cerca de um minuto. O objeto ouvia-se a tilintar dentro da corneta. Esta deslocava-se então até a um dos participantes e o artigo era colocado na sua mão.

Não se realizaram sessões durante o mês de Agosto devido às férias, e, com o início da guerra, o Sr. Clare pôde dedicar apenas muito pouco tempo ao trabalho. De Setembro de 1939 a Janeiro de 1940, realizaram-se apenas quatro sessões. Duas delas tiveram lugar na minha casa, e ficou claro, logo no início da primeira, que o período de pausa não tinha tido qualquer efeito negativo sobre os fenómenos. Pelo contrário, essa primeira sessão foi uma das melhores demonstrações de fenómenos físicos que já presenciei.

Éramos apenas quatro: o Sr. e a Sra. Clare, a Sra. Harrison e eu. Sentámo-nos em semi-círculo em volta da lareira, quase encostados uns aos outros, e nesse pequeno espaço confinado ocorreram os seguintes fenómenos: levitação simultânea de três cornetas; uma máquina de costura num canto da sala foi movida até ao círculo, abriu-se sozinha, e o seu manípulo rodou continuamente durante vários minutos; laranjas foram retiradas do aparador e colocadas nos bolsos do meu casaco, uma de cada lado; um relógio e duas fotografias foram retirados da lareira e transferidos, sem qualquer ruído, para uma mesa do outro lado da sala.

Um Guia infantil, que se apresentou como "Pequeno" Peter, falou pela primeira vez através da corneta e divertiu-nos com as suas conversas. Parecia conseguir falar com clareza e facilidade, e a entoação infantil era particularmente evidente. Foi, de fato, a primeira vez que ouvi uma voz através da corneta naquele círculo.

Formações de substância ectoplásmica que assumiam várias formas foram-nos mostradas. Os "ventos impetuosos", semelhantes aos da sessão de Pentecostes descrita na Bíblia, estiveram muito presentes nessa noite, e houve vários *apports*.

Um deles, um pequeno objeto oriental em forma de jarro, foi-me oferecido. Segurei-o durante alguns minutos e fui instruído pelo Guia a colocá-lo de novo dentro da corneta. Assim fiz, e o objeto desapareceu. Pouco tempo depois foi-me devolvido, agora cheio de um perfume absolutamente encantador.

Perfume já tinha sido dispersado em pequenas quantidades em sessões anteriores, mas esta foi a primeira vez que presenciei uma quantidade considerável.

Estes ou semelhantes fenómenos repetiram-se nas três sessões seguintes, numa das quais o círculo era composto por catorze pessoas e foram distribuídos dezoito *apports* pelos vários participantes.

Nessa sessão, realizada a 6 de Janeiro de 1940, o Guia informou que não haveria mais visitantes, pois seria necessário mais um período de desenvolvimento. Como resultado, foi realizada uma sessão com Peter apenas para discutir o assunto, estando presentes apenas o Sr. e a Sra. Clare, a Sra. Harrison e eu.

Peter afirmou que não estavam satisfeitos apenas com a repetição das mesmas manifestações, e que procuravam desenvolver os fenómenos com o objetivos de obter voz direta e independente. Disse que pretendiam construir figuras que pudessem andar, conversar com os participantes e manter conversas prolongadas. A Sra. Harrison e eu fomos convidados a integrar o grupo, que se manteria como estava (com quatro membros) e reunir-se-ia semanalmente.

Foi-nos dado a entender que os fenómenos de *apport* cessariam, sendo apenas permitidos em ocasiões especiais e, de fato, durante algumas semanas não devíamos esperar qualquer fenómeno.

Durante essas semanas sentámo-nos calmamente, normalmente durante uma hora e meia, e a maior parte do tempo era passada em conversa com Peter e John sobre vários aspetos do trabalho e sobre questões espirituais. É meu único pesar que essas conversas não tenham sido transcritas por um estenógrafo, pois eram profundamente interessantes, embora muitos dos temas discutidos tenham sido posteriormente relatados pelo Sr. Edwards em círculos especiais.

Durante essas conversas, mencionei o tema dos *book tests* (testes de livros) e John prometeu tentar. Na semana seguinte, John disse que eu tinha na minha biblioteca um livro chamado *Sunwich Port*, um pequeno livro castanho. Eu não me lembrava de tal livro. No entanto, ele insistiu que o livro estava lá e que, na página 22, no topo, eu encontraria as palavras: "Why should you think my father wanted your bed?" (Porque havias de pensar que o meu pai queria a tua cama?)

Ao regressar a casa, procurei imediatamente o livro e, de fato, encontrei o livro de W. W. Jacobs, *At Sunwich Port*, um pequeno volume castanho que eu não consultava havia mais de vinte anos. Abri com entusiasmo na página 22, mas fiquei desapontado por não encontrar a frase indicada. Deixei o assunto de parte, mas dois ou três dias depois lembrei-me novamente e senti um forte impulso para consultar a página 122 — e ali encontrei a frase, exatamente como fora citada.

Sem nada dizer ao Sr. Clare, fui ao círculo na semana seguinte e John referiu-se ao seu erro quanto à página, dizendo estar contente por eu ter voltado a procurar e encontrado as palavras, e que o impulso forte que eu sentira para consultar a página 122 vinha deles. Pedi outro exemplo desse tipo de trabalho, e ele citou uma passagem que anotei palavra por palavra, retirada da página 39 da obra *A Vida de Jesus*, de Renan, que estava na minha posse — e a citação estava absolutamente correta.

Embora a maioria dessas sessões das oito semanas seguintes fosse passada em conversa, houve momentos em que se tentaram vozes independentes. Normalmente, ouvia-se a voz do Pequeno Peter dizer uma ou duas palavras com alguma clareza, vindas de diferentes partes da sala — por vezes por cima da cabeça do médium, outras vezes mesmo em frente dos nossos rostos, ou atrás de nós. Normalmente, os últimos dez ou quinze minutos de cada sessão eram dedicados à plena manifestação dos fenómenos: levitação rápida das cornetas e, por vezes, de móveis, Guias a falarem através das cornetas, aromas no ar e ligeiras tentativas de materialização.

A voz independente não parecia desenvolver-se muito bem, e embora outros tenham tentado comunicar dessa forma, o único que teve sucesso foi o Pequeno Peter. Como não houve progressos, os Guias decidiram concentrar-se, por um tempo, na produção de estruturas ectoplásmicas com o objetivos de formar figuras de tamanho completo.

As várias formações eram manipuladas pelos operadores com uma velocidade e habilidade impressionantes, e eram frequentemente mostradas ao lado iluminado da ardósia, o que permitia ver claramente a textura delicada da substância.

Neste período (por sugestão dos Guias), foi introduzida uma corda no círculo, e durante algumas semanas o médium era amarrado com firmeza à cadeira pelos próprios Guias. A amarração era feita rapidamente no escuro e, no final da sessão, também eram eles a desamarrá-lo.

Por vezes, no decorrer da sessão, o médium era desamarrado e a Sra. Harrison e eu éramos amarrados um ao outro por mãos invisíveis. Com frequência, as cordas eram deixadas atadas com nós muito elaborados, e tínhamos dificuldade em desfazê-los — um testemunho da força utilizada nesse processo. No entanto, essa prática foi interrompida por sugestão das senhoras, que consideraram poder ser perigosa.

Por esta altura, as figuras materializadas começaram a formar-se com bastante nitidez, e Peter estava muito ativo nessas manifestações, aparecendo três ou quatro vezes, mostrando-se de perfil para que víssemos a sua barba pontiaguda e afastando-se cada vez mais do médium a cada semana, falando frequentemente algumas palavras a cada um de nós.

Outro Guia que começou a surgir com frequência, e que até então não havíamos contactado, foi Abdul, um egípcio, e foi ele o principal responsável por esta parte do trabalho. É certo que, desde a chegada de Abdul, as materializações se tornaram mais claras, mais fortes, e capazes de se mover com muito maior liberdade.

Por esta altura, o Guia sugeriu que poderia ser aconselhável realizar algumas sessões públicas, convidando oito pessoas, para que pudessem avaliar os resultados do trabalho. Assim, realizaram-se vários desses círculos e, em cada um deles, os fenómenos começaram sem demora e continuaram durante cerca de uma hora e meia. Era evidente que essas poucas semanas de desenvolvimento tinham ajudado muito o trabalho. Como demonstram os registos dessas sessões, as comunicações vocais tornaram-se mais claras e as conversas mais longas. As figuras materializadas conseguiam afastar-se significativamente do médium — frequentemente entre 3,5 a 5,5 metros — e o controlo dos fenómenos pelos operadores espirituais era excelente.

Após estes progressos, sugeri ao Guia que talvez fosse possível produzir os fenómenos sob uma luz suave. Tivemos uma longa discussão sobre o tema, e finalmente Peter disse que, se estivéssemos dispostos a sentar-nos durante algum tempo sem resultados, isso poderia ser possível. Especificou que a luz necessária deveria ser "azul-gelo"; e, eventualmente, conseguimos obter o tom certo de luz e começámos as sessões com uma luminosidade suficiente para nos vermos claramente uns aos outros.

** Professor Ochorowicz utilizou com sucesso uma luz azul suave. Também o fez Paul Gibier, Director do Instituto Pasteur em Nova Iorque.*
– Von Schrenk Notzing: Materialisations

Estas sessões começaram em Junho de 1940 e, durante as primeiras quatro semanas, nada aconteceu, exceto o fato de podermos ver as cornetas a balançarem para trás e para a frente no chão, onde estavam colocadas. Depois, em duas semanas sucessivas, foram derrubadas e houve tentativas constantes de as levantar, mas apenas numa ocasião conseguiram mover uma corneta até cerca de 30 cm do chão.

Estávamos então a meio de Agosto, e Peter, nas suas conversas semanais, previu muitos dos perigos que nos ameaçavam como consequência da guerra, dizendo que achava que seria impossível continuarmos a reunir-nos regularmente nas semanas seguintes e que seria mais sensato abandonar temporariamente estas sessões com luz. Como sabemos, o bombardeamento de Londres começou na semana seguinte, e a partir daí apenas se realizaram algumas sessões esporádicas.

Estou certo de que, em condições normais e com tempo suficiente para desenvolvimento, muitos dos fenómenos actualmente obtidos no escuro poderiam ser observados sob luz suave, com total satisfação para todos os céticos quanto a sessões realizadas na escuridão.

ESCRITA ESPIRITUAL

Durante as sessões do círculo doméstico em Março e Abril de 1940, foi perguntado ao Guia se achava possível que, se fossem fornecidos lápis e papel no círculo, se poderiam receber mensagens escritas. Peter concordou que provavelmente seria possível e, no mínimo, valeria a pena tentar. Assim, colocou-se um pequeno bloco de notas no chão do círculo, juntamente com um lápis; e logo na primeira sessão ouvimos o lápis a riscar o papel, que depois foi rasgado do bloco. Aguardámos com expectativa o fim da sessão para ver o que fora escrito, e descobrimos que duas folhas tinham sido destacadas do bloco – numa lia-se: "John saúda-vos", e na outra: "Deus vos abençoe a todos. Peter." Uma estava escrita com traço forte (a de John), enquanto a de Peter tinha uma caligrafia mais leve e infantil.

Pareceu um excelente início, e durante várias semanas nunca deixámos de colocar lápis e papel no círculo, recebendo sempre duas ou três mensagens diferentes em cada sessão. Algumas eram mensagens de afeto dos nossos entes queridos; duas eram frases proféticas sobre o desenrolar da guerra, ambas confirmadas como corretas em relação a acontecimentos no Oriente. O "Pequeno Peter" parecia encantado com este método de comunicação e nunca deixava de escrever uma mensagem simples, por vezes acompanhada por um desenho. Um desses desenhos é particularmente bom, considerando todas as dificuldades em que foi realizado.

O desenho representava uma flor (pretendia ser um cravo) com um caule de cerca de 7,5 cm e folhas, junto à qual encostava uma pequena escada. Aos pés da escada foi desenhada uma pequena figura de duende. O mais notável no desenho é o fato de ter sido feito no escuro, sem que uma única linha cruzasse outra – está perfeitamente espaçado e bem centrado na página. Se tivesse sido desenhado com luz plena, não teria ficado mais bem composto.

Qualquer pessoa que já tenha tentado escrever no escuro compreenderá o resultado extraordinário alcançado pelo Pequeno Peter nestas condições. O desenho demorou pouco mais de cinco minutos a ser feito e foi o único da noite; durante o tempo em que era desenhado, ouvíamos o lápis a trabalhar a uma velocidade incrível. Naturalmente, ouvir o lápis a riscar o papel levou-nos a desejar: "Se ao menos pudéssemos ver o lápis a trabalhar", e esse desejo foi transmitido a Peter. Na sessão seguinte, ele prometeu tentar mostrar-nos esse fenómeno iluminado com a ardósia.

Na semana seguinte, cumpriu a promessa. A ardósia iluminada foi levantada o suficiente para permitir que a luz se espalhasse sobre o chão, imediatamente à sua frente, numa área de cerca de 30 cm. Neste espaço iluminado, os operadores espirituais colocaram o lápis e o bloco de notas, de modo que os pudéssemos ver perfeitamente. Lentamente, o lápis foi erguido por aquilo que pareciam ser duas pequenas pinças ou garras, que lentamente posicionaram a ponta do lápis sobre o papel em branco. O lápis começou então a mover-se rapidamente sobre o papel até que uma frase foi escrita, e depois a folha foi destacada do bloco. Foi fascinante observar o movimento do lápis sobre o papel. Depois disso, tivemos várias oportunidades de observar esta experiência, e em todos os casos o procedimento foi exatamente o mesmo.

Achámos este método de transmissão de mensagens muito útil e, nas sessões posteriores com visitantes, várias pessoas receberam mensagens dos seus amigos espirituais que podem ser verdadeiramente chamadas de "Cartas do Céu".

OS GUIAS E CONTROLADORES

O principal líder espiritual deste círculo é o Irmão Paulo, um monge, que certa noite relatou os muitos anos que passou, quando em vida, na Abadia de Beaulieu. Muitos dos pormenores foram posteriormente verificados numa visita a Beaulieu em 1939. Paulo encontra grande dificuldade em adaptar-se às condições da Terra e só fala durante mais tempo quando as condições são excecionalmente boas.

Por vezes, ele materializou-se e ocasionalmente deu uma bênção no final de um círculo, através da voz direta (usando a trombeta).

A maior parte das comunicações fica a cargo de Pedro que, como frequentemente refere, encontra facilidade em trabalhar através do médium, tornando-se assim o segundo no comando e o porta-voz de Paulo — algo que nunca deixa de nos recordar quando nos oferece um longo discurso sobre temas espirituais.

Pedro é uma personalidade extremamente interessante e nunca o vi evitar uma pergunta; as suas respostas são geralmente dadas sem qualquer hesitação e são sempre pertinentes. Já se materializou muitas vezes e costuma aparecer pelo menos uma vez num círculo físico, fazendo sempre questão de mostrar a sua pequena barba pontiaguda. Nunca o ouvi falar muito sobre a sua vida terrena, mas afirmou ter falecido há mais de cem anos.

Quando Pedro está ocupado com o trabalho físico, deixa o médium sob o controlo de João.

Sempre apreciei a personalidade de João — tem certa semelhança com a de Pedro, mas com uma diferença subtil. Tem um sentido de humor apurado e é rápido na resposta espirituosa; embora fale sobre temas gerais, raramente se envolve em discussões mais profundas.

Estes três Guias são os únicos que alguma vez vi a controlar o médium, e cada um parece funcionar como médium para os outros. De fato, esta é a ideia que Pedro frequentemente menciona quando falamos sobre o trabalho que ocorre do lado deles. Cada um é um elo nessa cadeia sempre ascendente do ministério angélico.

Mais abaixo na hierarquia, temos os ajudantes invisíveis; e neste círculo contamos com Simba, o africano. Quando Simba se manifestou pela primeira vez no círculo, os objetos moviam-se com grande força e velocidade. É ele o principal responsável pelos movimentos rápidos e giratórios das trombetas e outros objetos, bem como pela levitação. Pedro costuma dizer que Simba tem um coração de ouro, mas uma mente simples e infantil, e sente grande prazer em exibir força e poder no movimento destes objetos. Ele também está muito envolvido na produção de apports, que segundo Pedro, realiza em conjunto com os "pequeninos" (expressão favorita de Pedro para os espíritos da natureza e seres nos níveis inferiores da escala evolutiva).

Outro ajudante que era mais presente nos primeiros tempos, mas que agora surge menos, é Pedro, o marinheiro com uma perna só. Nunca há engano quando aparece, pois anda pela sala como um homem com coto de perna. Costuma trazer consigo "brisas do mar"; por vezes, o vento frio foi tão forte que fez ondular as cortinas. Ouvimos pouco sobre Pedro depois da chegada de Abdul, que aparentemente passou a ocupar o seu lugar à medida que o trabalho de materialização se intensificou. Sem dúvida, Abdul trouxe uma enorme diferença neste aspeto do trabalho. Abdul conseguia mostrar-se de forma muito clara; frequentemente, era visível a jóia no seu turbante e a cor escura da sua pele era bem evidente.

O perfume, que é sempre uma característica dos fenómenos, foi-nos dito ser produzido pelo poder de uma jovem indiana. Embora normalmente lembrasse violetas, outros perfumes distintos também foram manifestados. Numa ocasião, um pequeno frasco de carne enlatada foi enchido para nós e o seu conteúdo manteve-se perfumado durante muitos meses.

Outra personalidade que todos os participantes rapidamente conhecem é o "Pequeno Pedro", que faleceu ainda em criança. Por vezes, trazia consigo uma menina que dizia ser sua irmã. O Pequeno Pedro estava sempre cheio de alegria e travessuras, gostava de partidas. Uma noite, tirou um maço de cigarros do meu bolso e disse-me que os encontraria no meu sobretudo, que estava no corredor — e de fato foi lá que os encontrei após o círculo. Noutra ocasião, pediu-me que segurasse bem na bolsa da minha esposa, pois queria tirar algumas coisas. Em menos de um minuto, embora eu tivesse a bolsa bem fechada, um pente e uma pequena tesoura foram retirados de dentro e colocados nas mãos da minha esposa. Muitos episódios semelhantes poderiam ser citados, e bastava sugerir-lhe que algo estava além do seu poder, que ele tentava incansavelmente até conseguir.

Tentava frequentemente materializar-se; e embora a sua pequena figura fosse visível, o rosto nunca se apresentava com nitidez. Contudo, era o mais hábil a falar através da trombeta, mantendo frequentemente conversas prolongadas. O seu principal trabalho parecia ser manter o ambiente do círculo leve e animado; após um momento mais tenso de comunicação, costumava interpor algum comentário que aliviava de imediato a atmosfera. Também parecia ser ele quem encorajava os espíritos a usar a trombeta; muitas vezes ouvimo-lo a falar com eles, a dizer-lhes exatamente o que fazer. Se um espírito não conseguia transmitir a mensagem, o Pequeno Pedro fazia-o por ele; e esforçava-se por ser claro e dar provas satisfatórias.

Assim se completa a "família" de ajudantes a quem tanto devemos. O seu esforço incansável, paciência, lealdade e a sinceridade do desejo de manter um canal de comunicação claro, por onde a mensagem vital do destino espiritual do homem possa ser transmitida a este mundo aflito, deixam-nos com memórias felizes e uma dívida de gratidão pela sua companhia. Uma dívida que só podemos tentar retribuir transmitindo, àqueles que não tiveram este privilégio, o conhecimento e as experiências que vivemos; e dedicando-nos a esta causa da verdade, para benefício da humanidade.

CAPÍTULO IV
SESSÃO, 27 DE JULHO DE 1940

(Por William E. Harrison)

Os fenómenos começaram durante a reprodução do primeiro disco, quando quatro cornetas que estavam no chão caíram por terra. Duas cornetas foram então levitadas até ao teto e giraram a grande velocidade, descrevendo movimentos circulares, em forma de oito e outras evoluções. Também foram usadas como batutas para marcar o ritmo da música e bater no chão. Isto repetiu-se a intervalos frequentes ao longo da sessão.

Uma harmónica e um pequeno sino de mão, juntamente com duas cornetas, foram levitados e utilizados em conjunto.

A levitação de todos os objetos foi particularmente notável, chegando frequentemente à altura do teto, a cerca de três metros de distância do médium.

Vozes: Uma voz infantil, do espírito controlador conhecido como Pequeno Peter (que é o interlocutor na conversa seguinte), saúda-nos com:
— "Olá, a todos, estão todos felizes esta noite?"
Depois, para um jovem rapaz: "Olá, Johnny" (Johnny responde).
Mais tarde: "Quem comprou legumes hoje e os deixou na loja?"
Uma senhora responde:
— "Fui eu."

Peter: "Gostaria de uma curgete?"
— "Sim."
— "Sei onde há uma; vou tentar buscá-la."

Depois de alguma brincadeira com os restantes participantes, a curgete é trazida através da corneta e colocada nas mãos de W. E. H.

(Tinha cerca de 20 cm de comprimento e 7,5 cm de largura.)

Peter: "Quem gosta de perfume? Há muito aqui. Têm banheira?"
Todos os presentes são então generosamente salpicados com perfume e ouve-se o som do líquido a ser espalhado no centro da sala.
Peter: "Alguém ficou encharcado? Lamento se estão molhados, mas não conseguimos evitar."

Mais tarde, Peter diz: "Quero um homem com óculos."
Uma senhora responde: "Sim, ele está aqui ao meu lado."
Peter: "Ele já esteve no estrangeiro?"
— "Sim."
— "Então pode ser que reconheça isto."
Uma pequena imagem de bronze é passada através da corneta para as mãos do participante.

Peter, para outro participante: "Gostaria de uma colher de sal?"
— "Sim."
— "Muito bem, é grande. Vou ver se a consigo."
Passado pouco tempo, ouve-se algo a tilintar dentro da corneta, que é então colocada nas mãos da senhora. Trata-se de uma colher com cerca de 10 cm de comprimento.

Peter: "Onde está a senhora que toca órgão? Há alguém que quer falar consigo."
A corneta desloca-se até à Sra. A. e uma voz (que não é a do Pequeno Peter) diz:
— "Deus a abençoe. Envie o meu amor ao Harry e aos dois rapazes."

Esta voz afirma ser o irmão da Sra. A., chamado Harold.

Harold dá então uma mensagem pessoal, reconhecida pela Sra. A.

Peter transmite depois as seguintes mensagens, através da corneta:

Para a Sra. R.: "Conhece a Elizabeth Mary?"
— "Sim."
— "Dê-lhe o amor da mãe dela – ela não consegue comunicar."
— "Quem é o Emlyn?"
— "Sim, conheço."
— "Ele está aqui. Não era muito guloso por queijo? Ele diz isso de uma maneira engraçada."
(A Sra. R. repete a expressão em galês.)
— "Sim, é isso mesmo. A cabeça dele está melhor agora."

Peter, para outro participante: "Olá, Kirky" (reconhecido).

Para a Sra. Hayward: "A sua mãe está aqui e agradece-lhe pelas flores no aniversário dela" (hoje).

Peter: "Está aqui uma senhora que trabalha nos caminhos-de-ferro?"
— "Sim."

— "Há um cavalheiro idoso com uma grande barba — diz que é seu avô. Ainda não consegue falar, talvez mais tarde."

Outra voz fala à Sra. P., diz ser o seu filho Peter e dá uma mensagem pessoal à família (compreendida).

Mais uma voz surge, que pergunta: "Onde está a Nance?"
— "Aqui!"
A voz responde:
— "É o Arthur."
Dá uma mensagem à família e fala com a mãe e o irmão (compreendido).

O Guia, falando através do médium, pede que se acenda a luz e que se dê uma bebida ao médium, após o que continuarão, tentando proporcionar formas materializadas.
(O círculo decorria há 1 hora e 5 minutos.)

Ao recomeçar, uma figura começa a formar-se — reconhecida pelos participantes habituais como 'Peter' — o Guia Principal (não a criança). As suas feições e barba foram vistas por todos, e falou com voz clara:
— "Sede de bom ânimo, não vos preocupeis. Tudo correrá bem."

Outra figura (não muito nítida, mas com uma barba branca espessa) circula à volta do círculo, sem ser reconhecida com certeza. O Pequeno Peter diz que é o avô de quem falara anteriormente.

A figura seguinte é o jovem Arthur, que falara anteriormente. Dirige-se diretamente à sua mãe e irmã e é reconhecido.

A última figura é um guia do médium, que se mostra claramente a todos os presentes. Diz chamar-se Abdul, aparece com turbante, e parece ser um jovem de pele morena — um egípcio. Saúda todos os participantes.

Uma flor (um cravo), retirada de um vaso na estante, é iluminada pela ardósia e vemos a flor a atravessar a sala até ser colocada na mão da Sra. L.

Peter diz então (através da corneta) que isso é tudo por hoje, pronuncia algumas palavras sobre a importância de manter o ânimo elevado, e conclui com:
— "Boa noite, a todos."

Ouve-se um som de algo a ser arrastado na sala, seguido de uma bênção, dada pela corneta por uma voz conhecida como "Irmão Paul", encerrando o círculo após 1 hora e 40 minutos.

Quando a luz foi acesa, notou-se que um biombo pesado tinha sido movido para o centro da sala e que um vaso de flores fora colocado cuidadosamente de cada lado.

CAPÍTULO V
SESSÃO DE 20 DE JULHO DE 1940

(Por William E. Harrison)

Nós, abaixo assinados, declaramos positivamente ter reconhecido, de forma distinta e sem qualquer dúvida, a forma materializada de Jack Webber durante uma sessão no dia 20 de Julho de 1940 (com o Sr. Arnold Clare como médium). A iluminação era suficiente para permitir a observação detalhada das feições, que eram claras, precisas e inconfundíveis.

(Assinado)
W. E. Harrison, E. M. Harrison, Vera Clare, Harry Edwards, Phyllis Edwards, J. B. Webber (Sra.), Gladys Layton, Stanley Croft, M. C. Jackson, G. J. McCulloch.

A declaração anterior, assinada por dez pessoas que conheciam Jack Webber muito bem, constitui mais uma prova extraordinária da sobrevivência. Todos os signatários conheciam Jack Webber intimamente e incluíam a sua esposa, o Sr. e a Sra. Harry Edwards, seis membros do círculo de desenvolvimento do falecido médium, bem como três outros amigos da Balham Psychic Society.

A sessão foi organizada por esta sociedade, tendo como médium o Sr. Arnold Clare, no sábado, 20 de Julho de 1940.

A placa utilizada pelo Sr. Clare nas suas sessões é de grande dimensão e emite uma luz tão intensa que permite iluminar um objeto a cerca de 1,20 m de distância. Esta placa foi posicionada diretamente sob os queixos das entidades espirituais materializadas, permitindo, assim, ver claramente os seus rostos.

A primeira forma a materializar-se foi Peter, um dos Guias do médium. Tinha um rosto ocidental, com feições finamente esculpidas, nariz ligeiramente curvo e uma barba alourada — completamente diferente do rosto do médium. Peter manifestou-se com força; a placa foi movida para mostrar o rosto em vários ângulos, inclusive de perfil, provando que a cabeça era tridimensional. À luz da placa, o corpo e os ombros podiam ser claramente observados.

Jack Webber foi a segunda forma a surgir. Inicialmente mostrou-se apenas a um dos lados do círculo (ou seja, à Sra. Clare, ao Sr. Harrison — presidente da Balham Psychic Society —, à Sra. Layton e à Sra. Webber, por ordem de lugar). Esta primeira aparição durou apenas alguns segundos, e embora cada pessoa o tivesse reconhecido, ninguém disse uma palavra, pois todos sentiram-se "quase receosos de falar", como afirmou uma das participantes.

A placa caiu, e algum tempo foi necessário para que Jack pudesse materializar-se com maior força. Quando a placa se elevou para a segunda aparição, Jack mostrou-se ao outro lado do círculo (ou seja, à Sra. Harrison, a mim, à Sra. Edwards e ao Sr. Stanley Croft). Desta vez, a forma permaneceu visível durante cerca de dois minutos, e a cabeça ficou a apenas 15 cm dos nossos rostos. Importa lembrar que até então nada fora dito sobre quem era o "visitante".

Quando vi o rosto, reconheci Jack; não falei de imediato. Observei novamente, estudei bem as feições, e só depois de ter-me assegurado, de forma fria e calma, de que era de fato Jack, é que o identifiquei em voz alta:
— "É o Jack, sem dúvida."

Notei que a superfície iluminada era suficientemente forte para iluminar também os rostos dos participantes, o que demonstra a intensidade da luz — tão forte que a declaração acima pode ser feita com total certeza. Nesta segunda aparição, a cobertura ectoplásmica havia recuado para trás da cabeça, revelando o cabelo liso de Jack, bem penteado para trás. (O cabelo do Sr. Clare é mais curto e um tanto rebelde, com sobrancelhas escuras e marcantes, ao passo que o visitante tinha sobrancelhas muito claras, como em vida.)

Jack passou para o lado oposto do círculo e pronunciou algumas palavras, sendo claramente reconhecível o timbre da sua voz.

Mais uma vez, a placa foi baixada durante algum tempo para fortalecer a forma. Depois, numa terceira aparição, Jack surgiu com apenas um ligeiro vestígio da cobertura ectoplásmica, com a cabeça completamente nítida e definida. Circulou entre todos os presentes ao alcance, mostrando-se a poucos centímetros dos olhos dos participantes. Sugeri a um dos presentes que observasse atentamente o formato da testa, nariz e queixo; e, em resposta, a placa moveu-se na vertical para mostrar todo o rosto de perfil contra a superfície iluminada.

Um "cabo" ectoplásmico podia ser visto a ligar a manifestação ao médium.

Já vi muitas materializações, mas nunca nenhuma com tanta nitidez. Tanto assim que estou preparado para jurar por tudo o que me é sagrado que era o nosso amigo Jack quem estava diante de nós! Nenhuma prova mais clara ou absoluta da verdade da sobrevivência poderia ser-nos dada do que o regresso de Jack Webber à sua própria sala de sessões, à sua esposa, aos membros do seu círculo e aos amigos.

Um segundo controlo do médium, um egípcio chamado Abdul, materializou-se de seguida, com um rosto grande e quadrado, da cor de sépia. A cabeça era muito maior do que a do médium.

"Pequeno Peter", um dos controlos infantis do médium, também se mostrou, com não mais de 90 cm de altura; falou e riu connosco.

No início da sessão, três cornetas grandes, uma delas com cerca de 76 cm de altura, foram colocadas a cerca de 1,20 m do médium. Durante o hino inicial e as orações, as cornetas começaram a mover-se, sendo claramente visíveis pelas suas bases iluminadas.

Durante os 45 minutos seguintes, duas ou três cornetas estiveram em movimento simultâneo e contínuo. Sincronizavam-se com a música do gramofone ou realizavam movimentos independentes. Descreviam padrões complexos a uma velocidade impressionante; e embora o círculo fosse razoavelmente grande, não havia espaço suficiente para todas as suas evoluções. Por vezes, as cornetas movimentavam-se por cima das cabeças dos participantes mais afastados do médium — ou seja, até 2,5 metros de distância. Rodavam, invertem o sentido, uniam-se em fila e deslocavam-se a velocidades muito superiores às possíveis por manipulação humana — tudo isto na mais completa escuridão, sem tocar em ninguém.

Durante uma conversa conduzida por *voz direta* através da corneta, com Pequeno Peter, sete moedas foram *aportadas;* seis delas eram moedas muito grandes de cobre, do tamanho das antigas moedas de cinco xelins e pesando quase 30 gramas cada. Todas eram diferentes e tinham mais de cem anos.

Um dos controlos espirituais que auxilia no processo de *apport* é conhecido como Simba. Uma participante (Sra. Layton) viu-o por via clarividente e descreveu-o. Perguntou se a descrição estava correta, mencionando uma cicatriz na cabeça.

A resposta veio de imediato, confirmando a descrição e acrescentando que a cicatriz fora causada, em vida, pela garra de um leão. O espírito prometeu tentar mostrar uma.

Dentro de um minuto, foi *aportada* uma garra de leão, seguida de mais três. As garras não estavam limpas e ainda tinham pedaços de pele.

[É importante notar a produção, em tão curto espaço de tempo, de um objeto anunciado após um simples comentário casual. Não apenas uma, mas quatro garras foram apresentadas.]

Por fim, foi *aportada* uma figura metálica sólida, com cerca de 10 cm de altura e 110 gramas de peso, e entregue ao autor. Assim, nesta sessão, foi *aportado* quase meio quilo de metal, somando-se as moedas e a figura.

O procedimento durante o ato de *apport* era o seguinte: a corneta era primeiro elevada com a extremidade larga voltada para o teto, como se estivesse "à procura" do *apport*; depois começava a balançar e, por vezes, a rodar muito rapidamente; e nesse movimento ouvia-se gradualmente o *apport* a tomar forma, a julgar pela intensidade dos toques e pancadas no interior da corneta. Por vezes, os *apports* surgiam em rápida sucessão — eu estava sentado no segundo lugar a contar do médium e posso afirmar com certeza que nenhuma pessoa poderia ter-se movido o suficiente para manipular as cornetas e objetos de forma convencional. Além disso, o *apport* das garras de leão, logo após uma referência casual, deve ser aceite como evidência de grande importância.

Em seguida, vimos descer um comprimento de material ectoplásmico, com cerca de três a quatro metros de comprimento, diante do corpo do médium, alcançando o chão e estendendo-se até ao centro do círculo. A sua cor era de um branco turvo e, na aparência, assemelhava-se a um tecido de alta qualidade mas sem qualquer padrão ou tecelagem — semelhante a uma folha de borracha branca muito fina.

Com a placa a cerca de 60 cm do chão, iluminando para baixo, vimos essa formação descer diante do corpo do médium até ao chão, onde começou a enrolar-se fortemente, tomando a forma de uma corda. A extremidade mais afastada enrolou-se em torno da parte estreita de uma corneta. Depois, vimos a extremidade da "corda", mais próxima do médium, ser usada como ponto de apoio, elevando-se rigidamente e erguendo a corneta cerca de 30 cm, antes de colapsar e cair no chão.

Após breve intervalo, a placa foi colocada no chão, a cerca de um metro do médium, com o lado iluminado virado para cima, e **formas materializadas de corpo inteiro** aproximaram-se da área iluminada. Material ectoplásmico volumoso podia ser visto em torno das figuras, como saias largas, e o branco estendia-se para cima até onde a luz alcançava. As cabeças e rostos não eram visíveis. As figuras deslizavam lentamente em direção à luz, até ficarem a poucos centímetros da placa.

Mais uma vez, a placa foi colocada no chão, com o lado iluminado virado para cima. Primeiro, garras semelhantes a garras de ave, com cerca de 5 cm de comprimento, apareceram sobre a superfície iluminada. Em seguida, o material ectoplásmico espalhou-se por metade da placa numa só camada, quase transparente como uma teia de aranha — não se viam marcas de rede ou tecido. E então aconteceu algo espantoso.

A borda indefinida do material ectoplásmico começou a animar-se suavemente e a mover-se; pequenas protuberâncias em forma de garra emergiram, retraíram-se; e voltaram a emergir. Assim, pudemos constatar que o material possuía um grau de "vida" suficiente para executar ações distintas. As garras eram escuras, densas, e a sua utilidade ficou evidente com a ação seguinte.

O material foi lançado sobre toda a área da placa; e imediatamente a extremidade mais distante da placa foi agarrada e puxada pelo chão na direção do médium. Após arrastar a placa durante algum tempo, o ectoplasma soltava-se, deslizava sobre a superfície da placa (com a sua borda ainda indefinida), e depois agarrava novamente a placa, movendo-a para frente, para trás e para os lados. Estas ações repetiram-se várias vezes, e durante todo o processo via-se o restante ectoplasma a estender-se do médium e a subir ao longo do seu corpo. As operações aconteceram junto aos pés do autor e a intensidade da iluminação da placa era suficiente para mostrar que nenhum outro agente estava a mover a placa.

Com isto, aprendemos que o ectoplasma é sensível a controlo inteligente — tanto "nervoso" como "muscular". A precisão com que o material ectoplásmico era lançado numa única camada, tocando apenas a borda da placa, demonstra um controlo perfeito da substância.

Uma forma ainda mais clara de controlo da placa foi observada quando uma pequena mão perfeitamente formada, envolta em ectoplasma, segurou um dos lados da placa. Os dedos não eram garras nem ossudos, mas completamente formados como dedos humanos. O médium tem mãos grandes, com dedos pontiagudos, enquanto a mão observada era muito mais pequena, com dedos rechonchudos e pontas arredondadas — mais curtos e mais grossos que os dedos normais de uma mão humana.

A sessão terminou com o gramofone a ser levado à volta do círculo; por vezes, foi mesmo elevado ao ar enquanto tocava — a agulha nunca saltou. O aparelho foi enrolado de novo, a cabeça de leitura reposicionada no início do disco, e, no final, a mesa onde estava pousado elevou-se também, passou suavemente por entre os participantes, tocando-os levemente, até repousar no centro do círculo, com o gramofone sobre ela; o mecanismo foi desligado, a agulha colocada no descanso e a tampa fechada e trancada.

Quando a luz foi acesa, o médium, na sua cadeira, estava agora cerca de um metro mais à frente do canto onde começara, e estava junto à mesa. Durante todos estes movimentos, não se ouviu qualquer som na sala que pudesse ser atribuído ao deslocamento do gramofone, da mesa ou do médium.

CAPÍTULO VI
SESSÃO DE 17 DE NOVEMBRO DE 1940
(Por William E. Harrison)

Relato da sessão com o Sr. Arnold Clare, no domingo, 17 de Novembro de 1940, às 15h, na Balham Psychic Research Society.

Começando à direita do médium, os participantes foram: Sra. Hart, eu próprio, Sra. Edwards, Sra. Layton, Sr. Hart e Sra. Clare.

Esta sessão teve carácter experimental, pois o Sr. Clare não realizava sessões de trabalho físico desde Agosto, e não se sabia se a mediunidade teria sido afetada pela inatividade. O próprio Sr. Clare estava sereno, mas um pouco apreensivo.

No centro do círculo havia quatro cornetas feitas de celulóide e uma pequena de alumínio, duas placas grandes generosamente cobertas com tinta luminosa, uma harmónica e dois pequenos sinos. A

Sra. Clare estava junto de um gramofone portátil, colocado numa mesa entre ela e o médium. Embora estivessem presentes apenas sete pessoas, os lugares foram espaçados de tal forma que o diâmetro do círculo era entre 2,1 e 2,4 metros.

A luz foi apagada e a sessão iniciou-se com a entoação de uma estrofe do hino *"Nearer, My God, to Thee"* ("Mais perto de Ti, meu Deus"), seguida de uma oração da minha parte e depois do Pai Nosso.

Os receios quanto à mediunidade (devido à pausa anteriormente referida) dissiparam-se rapidamente; pois, logo após apagar a luz e cantar-se as duas primeiras linhas do hino, duas cornetas foram vistas a levitar bem alto na sala, perto do teto, balançando suavemente em movimento ondulante, ao ritmo do hino — e assim continuaram durante toda a introdução.

Depois do Pai Nosso, as cornetas percorreram o círculo, passando de pessoa em pessoa e subindo até ao teto, tocando num candeeiro suspenso. Importa referir que os participantes estavam a mais de dois metros do médium numa das extremidades do círculo; e, ainda assim, as cornetas deslocavam-se por cima das suas cabeças e além do perímetro do círculo — sendo que as extremidades estreitas (as mais próximas do médium) estavam, por vezes, a mais de dois metros dele.

Durante a primeira metade da sessão, os movimentos das cornetas foram muito vigorosos; por vezes, duas cornetas descreviam padrões complexos a uma velocidade espantosa, de modo que as faixas luminosas nas cornetas pareciam rastos contínuos de luz (as correntes de ar criadas por este movimento eram intensas); enquanto noutras alturas, as cornetas roçavam suavemente nos rostos e corpos dos participantes.

A pequena corneta de alumínio foi usada no primeiro incidente marcante da sessão. O bocal desta corneta tinha apenas cerca de 8 mm de diâmetro.

Durante a troca de discos do gramofone, entoámos uma estrofe de um hino, e enquanto o fazíamos, ouvimos a voz infantil e fina do espírito controlador, Pequeno Peter, a acompanhar-nos.

Notei com que clareza e distinção eram articuladas as sílabas de cada palavra, e a minha mente voltou a maravilhar-se, como tantas vezes antes, com o fato de uma voz espiritual poder ser produzida com tamanha perfeição. Para mim, isto demonstrava de forma conclusiva a improbabilidade de uma voz humana conseguir articular sílabas tão perfeitas através de um bocal com uma abertura tão pequena.

Foi como se em resposta direta ao meu pensamento* o Guia Peter pedisse ao Sr. Hart para pegar na corneta e inserir algo na extremidade pequena. O Sr. Hart assim fez, enrolando um lenço (de cerca de 12 cm) na abertura, deixando o resto pendurado. O lenço ficou tão apertado que a corneta podia ser suspensa por ele.

* *Tem-se observado repetidamente que os Guias ou Controlos espirituais respondem a questionamentos mentais dos participantes, e incidentes semelhantes são frequentemente relatados por outros observadores.*

A corneta foi depois passada sobre as superfícies iluminadas das outras cornetas no chão, para que todos os presentes pudessem ver claramente o que fora feito. O Guia Peter informou-nos que o Pequeno Peter tentaria falar através da corneta com o bocal tapado. Fiquei, portanto, extremamente atento, aguardando esse esforço.

A corneta elevou-se no ar e o Pequeno Peter, após um breve som de exclamação, falou uma frase completa de forma clara e distinta. Aos meus ouvidos, as palavras pareciam vir da extremidade aberta da corneta — ou seja, o som originava-se no interior da mesma.

É evidente, com base nesta experiência, que para se produzir uma voz audível de dentro de uma corneta com uma extremidade selada e a outra iluminada e virada para os participantes (visível o tempo todo), o mecanismo para gerar as ondas sonoras percetíveis ao ouvido humano teria de estar situado no interior da corneta.

Vale a pena refletir sobre esta ação: uma voz infantil emanou de um cone metálico suspenso no ar, com a extremidade selada voltada para o médium, a cerca de 1,2 a 1,5 metros de distância. A extremidade larga, virada para os participantes, estava iluminada — qualquer interferência seria visível de imediato.

A primeira observação geral é que, nas condições existentes durante a sessão, tal ação não poderia ser realizada por meios humanos sem ser notada. E, portanto, o simples fato de tal ato ter ocorrido prova a sua natureza supranormal. E mais importante ainda, prova que a sobrevivência pode ser demonstrada através de fenómenos deste tipo. Esta evidência assenta no fato de que, nas condições descritas, uma voz infantil pronunciou uma frase inteligível e com sentido, que só poderia ter sido produzida por um mecanismo vocal controlado por uma mente não-humana. O timbre fino da voz era totalmente diferente do tom masculino do médium.

Prosseguindo com o relato:

A corneta veio então até mim, suspensa no ar, e o Guia Peter pediu-me para retirar o lenço. Coloquei os dedos no ponto onde o lenço entrava na corneta e segurei-o. A corneta foi então puxada, libertando-se do lenço.

Sabia que uma parte considerável do lenço tinha sido inserida pelo Sr. Hart, por isso, ao segurá-lo no ponto de saída, dei um nó para marcar o comprimento inserido.

Peter então pediu-me que colocasse o lenço sobre a corneta para que fosse devolvido ao Sr. Hart, que estava sentado em frente a mim. Quando o fiz, o lenço escorregou. Imediatamente a corneta desceu em direção ao chão e, num movimento contínuo, apanhou o lenço e transportou-o até ao Sr. Hart. O tempo decorrido entre o lenço sair das minhas mãos e ser recebido pelo Sr. Hart não ultrapassou um segundo.

Enquanto o lenço era devolvido, mencionei que tinha dado um nó para indicar o comprimento inserido. Nesse momento, o Pequeno Peter interrompeu para dizer que também ele tinha dado um nó no lenço — o que se comprovou ser verdade.

Assim, no espaço de um segundo, com o lenço em movimento contínuo, incluindo a queda e o "resgate", um segundo nó foi dado. Deve recordar-se que a extremidade larga da corneta, onde o lenço estava pendurado, era luminescente e visível para todos os presentes o tempo todo. Nessas condições e em tão curto intervalo de tempo, nenhuma mão humana poderia ter atado um segundo nó sem ser notada.

Ainda que repetitivo, reafirmo: todos os presentes naquela ocasião tinham vasta experiência em sessões físicas — o "encanto" já se tinha desvanecido — e possuíam mentes ativas e treinadas para observar cada ação, cada nuance da luz, de forma crítica e analítica, procurando a razão de cada movimento; e era absolutamente impossível que quaisquer mãos humanas tivessem pegado no lenço e atado o nó à vista de todos, sem que fosse percebido.

Este incidente, embora pequeno em si mesmo, é típico da ingenuidade dos operadores espirituais, que realizam atos novos, não ensaiados — e assim mantêm constantemente variado o conteúdo das sessões deste tipo.

No final da sessão, examinámos o lenço e os nós. Tentei inserir o mesmo comprimento de lenço no bocal da corneta, mas tive dificuldades em fazê-lo, e o Sr. Hart teve de completar a operação até ao nó que eu tinha feito. Isto demonstra, portanto, que o bocal da corneta estava de fato bem obstruído e, além disso, que não era possível, nas circunstâncias descritas e com a luz disponível (com a extremidade do lenço visível o tempo todo), que qualquer agente humano tivesse retirado o lenço, falado pela corneta e voltado a colocá-lo no lugar.

Seguiu-se um novo fenómeno de *apport*, desta vez com uma variedade de moedas — dez no total — conforme habitual na mediunidade do Sr. Clare, utilizando a mesma corneta de alumínio.

Primeiro, a corneta girava a grande velocidade, em movimento circular sobre o centro do círculo; depois, disparava até uma posição cerca de 60 cm à frente e 90 cm acima da cabeça da Sra. Clare, onde permanecia por cerca de um segundo; ouvia-se então o tilintar de uma moeda a cair no interior da corneta, tornando-se fisicamente audível. A moeda era então dirigida para as mãos de um dos presentes ou lançada com força para um canto da sala. A corneta voltava ao mesmo ponto e o processo repetia-se, recebendo uma nova moeda e distribuindo-a. Em certo momento, a corneta veio diretamente até mim e deu-me duas moedas ao mesmo tempo. Desta forma, metade das moedas foi *aportada*.

Depois, a corneta voltou a rodopiar a grande velocidade. Desta vez, a área de receção das moedas era mais próxima do chão, e foi a partir desta posição que as restantes moedas foram recebidas e distribuídas da mesma forma.

Algumas observações são pertinentes…

Algumas observações são pertinentes:

(a) A forma como a corneta, na mais completa escuridão, encontra de forma certeira e sem hesitação as mãos dos participantes, que se encontram espaçados entre si, ou lança as moedas para os cantos da sala sem atingir ninguém. Seria uma tarefa extremamente difícil, senão impossível, de realizar por meios normais.

(b) As dez moedas surgiram em dois grupos, vindos de duas áreas distintas — uma bastante elevada na sala, e a outra próxima do chão.

(c) As moedas deveriam estar em estado de suspensão ordenada, enquanto a corneta as recolhia e distribuía uma a uma, ou aos pares.

(d) É provável que as moedas estivessem num estado não físico, à espera de serem reconvertidas para estado físico.

(e) As moedas foram, na sua maioria, recolhidas individualmente, embora numa ocasião, como referido, eu tenha recebido duas ao mesmo tempo.

(f) As inteligências espirituais capazes de produzir este fenómeno demonstram controlar o processo ordenado de rematerialização e, simultaneamente, a distribuição de vários objetos *aportados* em grupo.

(g) Essas inteligências conseguem regular o processo de conversão de objetos do estado não físico para o físico, mantê-los em suspensão e libertá-los conforme necessário.

(h) Como se utilizou uma corneta metálica, o som das moedas a cair (ou a serem reconvertidas para estado físico) pôde ser ouvido com nitidez, ajudando a confirmar que a recolha se fazia de forma metódica e inteligente.

Para intervir novamente e retomar o argumento daqueles que, embora admitindo a natureza supranormal dos fenómenos psíquicos, afirmam que isso não prova necessariamente a sobrevivência:

Seguramente, temos aqui evidência de um feito de transformação química controlada com inteligência, da maior complexidade (para nós). Se os nossos cientistas tentassem reproduzi-lo, seria fácil imaginar os laboratórios extensos e o complicado equipamento necessário. No entanto, estes espíritos são capazes de o realizar com simplicidade e, até onde sabemos, sem qualquer equipamento físico tal como o entendemos.

Aportar significa que a forma e estrutura de uma dada matéria, com uma determinada forma e design, são alteradas de modo a poderem ser transportadas instantaneamente de um lugar para outro — não importa quão distantes esses lugares estejam. A sua nova formação mostra-se imune a condições climáticas e perturbações, como prova o fato de que, se o objeto mantivesse qualquer traço de solidez durante o trajeto, teria de ser afetado pelo atrito ao atravessar a atmosfera a altíssima velocidade. Além disso, consegue atravessar barreiras sólidas, como paredes, com mais facilidade do que o som penetra — pois não existe limite para a espessura ou número de camadas que um *apport* pode atravessar.

O objeto é direcionado para um local predeterminado, onde é reformado no seu estado físico original, e mantido lá até que chegue o momento certo para ser novamente transformado.

** Estas observações foram escritas antes de termos recebido a explicação de Peter sobre o processo de apport. Os pontos aqui apresentados mantêm relevância no tema e não contradizem as declarações de Peter.*

Tudo isto, acontecendo sem qualquer mecanismo visível, é seguramente indicativo da ação ativa de mentes desencarnadas que possuem um conhecimento de física que o ser humano ainda desconhece por completo.

É evidente que não se trata de um "capricho da natureza". Trata-se de um ato planeado, realizado de forma regular e sistemática. Só pode ser o resultado da aplicação de forças regidas por leis definidas, direcionados por uma inteligência. Como o ser humano desconhece totalmente os processos envolvidos, não pode ser o produto da mente subconsciente do médium, pois não existe hoje — nem há qualquer indício de que alguma vez tenha existido — experiência humana que forneça conhecimento tão preciso como este.

É inútil rejeitar o *apport* como impossível apenas porque não compreendemos como é feito. Temos um paralelo na ciência da rádio. Com recurso a equipamento intricado, o ser humano é capaz de captar ondas sonoras físicas — sob a forma precisa de palavras ou notas musicais — transformá-las em energia elétrica, transmiti-las pelo mundo inteiro e, no ponto de receção, reconvertê-las em ondas sonoras físicas, mantendo a clareza, precisão e carácter do som original. Gerações de pensamento foram necessárias para alcançar este "milagre moderno". Uma infinidade de experiências, ensaios e erros forneceram os muitos passos que permitiram à humanidade alcançar esta conquista que hoje consideramos banal.

Hesito em repetir uma ideia tão gasta, mas que continua a ser verdadeira: esta mesma façanha (a rádio) teria sido considerada impossível e fruto da mais selvagem imaginação por muitos cientistas de há cem anos (ou menos). Assim, será legítimo condenar como "impossível" o ato de *aportar* — por

exemplo, uma garra de leão, do seu estado físico numa selva africana a milhares de quilómetros de distância, transferindo-a de imediato para uma sala de sessões em Londres, e aí restituindo-lhe a forma original? Será tal condenação mais razoável do que a dos antigos cientistas que negariam a possibilidade da rádio global?

A nossa dificuldade está no fato de estarmos perante um ato consumado, sem sabermos como é realizado. E só porque não conseguimos, por enquanto, ver o método — não existindo mecanismo visível para analisar —, seria tão míope e desconectado da realidade negar que tal ato é possível, como o seria negar a existência da transmissão rádio.

Um enorme investimento de pensamento e conhecimento foi necessário para desenvolver a rádio; e não será lógico assumir que também muito pensamento e experiência foram investidos por mentes desencarnadas para aperfeiçoarem o seu conhecimento do modus operandi, de modo a aplicarem o controlo necessário para realizar um ato de *apport*?

Deve ser o resultado de uma inteligência aplicada! Mas de quem? Não pode ser do ser humano, pois tal ainda escapa à sua compreensão — da mesma forma que a rádio escapava ao entendimento humano há apenas 20 anos. Se não é a mente do homem a realizar o ato, de quem poderá ser? Tem de ser uma inteligência que conhece as leis naturais melhor do que nós. Tem de ser uma entidade desencarnada.

A conclusão é evidente: sendo o ato de *aporting* executado, então ele prova que a sobrevivência da consciência humana, com oportunidades acrescidas de progresso, é uma realidade. Com base nesta hipótese, sugiro que um fenómeno físico desta natureza prova a sobrevivência — e que não há alternativa.

Retomando o relato da sessão:

Notei que os movimentos da corneta diante da minha esposa foram bastante característicos. Ela estava sentada ao meu lado, a cerca de 2,5 metros do médium. A corneta dirigiu-se a ela, com a extremidade larga em primeiro lugar, e depois inverteu-se, de modo a que o bocal ficasse voltado para ela, girando sobre si mesma como se estivesse montada num eixo central — uma ação impossível de realizar normalmente sem algum dispositivo mecânico. Deve lembrar-se que, nesse momento, o espaço do chão dentro do círculo estava ocupado por cornetas luminosas, e que os nossos olhos estavam acima delas, de modo que qualquer forma ou objeto que se sobrepusesse à superfície iluminada teria sido visto.

Os fenómenos com a mediunidade do Sr. Clare costumam dividir-se em duas partes: a primeira, com a atividade já descrita; e a segunda, com materializações e manifestações ectoplásmicas. Isto concluiu a primeira metade.

Na segunda parte da sessão aqui em análise, apenas uma materialização de rosto foi observada — a do Guia **Peter**, cujo rosto barbudo, nariz aquilino e feições marcantes são descritos noutra parte desta obra. O rosto foi iluminado de forma clara pela placa. Esta, em seguida, moveu-se da cabeça para baixo, revelando todo o comprimento do corpo, envolto em ectoplasma desde a cabeça até aos pés.

A placa foi então colocada com o lado iluminado virado para cima. Uma forma branca aproximou-se, movendo-se gradualmente até tocar na placa, mostrando claramente a ascensão do ectoplasma numa formação arredondada, semelhante à de uma veste comprida. Embora não seja possível calcular com precisão a área em metros quadrados da substância presente, posso afirmar, de forma conservadora, que tinha pelo menos 1,5 metros de altura e uma largura significativa (em pregas). Deve recordar-se que a placa usada pelo Sr. Clare ilumina claramente até uma distância de pelo menos 1,2 metros.

De seguida, uma camada única de ectoplasma foi lançada sobre a placa. Tão fina era a sua natureza que, contra a luz intensa da placa, parecia quase transparente; tornando-se mais visível apenas quando se enrugava ou se acumulava nas extremidades.

Uma corneta foi então empurrada para fora do círculo, entre as cadeiras da minha esposa e a minha, deixando o bocal a meio caminho entre nós: estava, pelo menos, a 2,5 metros do médium. A placa ergueu-se de lado e moveu-se até ao bocal da corneta, onde o material ectoplásmico entrou em contato. A placa voltou depois para o médium, revelando o comprimento contínuo do ectoplasma, cada vez mais largo à medida que se aproximava do médium.

Assim, pudemos ver um comprimento ininterrupto de ectoplasma estendido desde os pés do médium até à corneta. Este material não terminava nos pés do médium, mas ascendia até à sua origem — desconhecida.

A distância entre este fluxo de material e os meus pés era de apenas cerca de 45 cm — e essa é uma estimativa generosa (recorde-se que o bocal da corneta estava ao lado da minha cadeira). Este é um episódio digno de nota. A placa passou entre o ectoplasma, eu e a Sra. Hart, ou seja, num espaço de cerca de 45 cm. *(Ver desenho.)*

Uma breve reflexão demonstra que, considerando que víamos o ectoplasma a ascender até ao médium, e que o mesmo ectoplasma diante de nós estava claramente iluminado, é **óbvio** que nem o médium nem qualquer outra pessoa poderiam ter passado a placa entre nós e a estrutura iluminada sem serem detetados. Mais um pequeno incidente onde a mediunidade se prova de forma muito mais eloquente do que com cordas ou outros métodos restritivos.

À luz clara da placa, vimos o ectoplasma torcer-se firmemente, formando uma espécie de cabo. Estava rígido. Este processo de torção ocorreu no espaço de um segundo, como se o material fosse animado por pensamento — como se o material se estivesse a organizar conscientemente numa haste rígida. Então, a partir do ponto de apoio *(ver desenho)*, a "haste" ou "cabo" ectoplasmático rígido, com a corneta presa, elevou-se num ângulo de cerca de 60 graus. A corneta, com 210 g, foi mantida perfeitamente alinhada com o cabo. Permaneceu assim durante dois ou três segundos e, em seguida, toda a estrutura colapsou. A corneta caiu no chão, o ectoplasma desapareceu e a placa também caiu.

É necessário exercer uma pressão de, pelo menos, 1,6 kg para levantar a corneta desde um ponto de apoio situado a cerca de 90 cm de distância do bocal.

É manifestamente impossível recriar esta proeza, tal como descrita, por métodos normais.

Seguiu-se o incidente mais extraordinário da sessão. A placa foi colocada no chão com o lado luminoso virado para cima, e uma extensão de uma única peça de material ectoplasmático quase transparente foi lançada sobre ela, cobrindo cerca de dois terços da superfície da placa. *(Ver desenho.)*

Sobre e dentro desse material apareceu uma **massa escura**, com cerca de 5 cm de largura e forma irregular; de fato, a forma nunca era estática, pois encontrava-se em movimento constante. Pela minha observação atenta — estando a placa aos meus pés — esta massa opaca não estava visivelmente ligada a nada: parecia uma ilha isolada. Esse efeito de "ilha" foi confirmado pela minha esposa, mas não pelos outros participantes. Aqui sublinho que estava completamente alerta; e, notando esse efeito, chamei a atenção para ele, mas aparentemente a atividade da massa era tão fascinante que o meu comentário perdeu-se entre as descrições gerais feitas pelos outros. No entanto, **estou absolutamente certo** da veracidade do que observei.

O que se segue foi confirmado por todos os presentes.

Primeiro, emergiram da massa opaca duas garras em forma de pinça, bastante escuras e opacas, com cerca de 3 cm de comprimento. As extremidades eram pontiagudas e curvadas para dentro; eram móveis e moviam-se uma em direção à outra e para trás, num movimento de agarrar. As garras foram visíveis durante cerca de dez segundos. *(Num estado de observação intensa, perde-se a noção do tempo — pode ter sido dez ou vinte segundos —, mas procuro sempre apresentar uma estimativa conservadora. Não há necessidade de exageros.) (Fig. 4)*

As garras então retraíram-se e foram absorvidas pela massa.

A seguir, emergiram duas formações semelhantes a pontas de dedos, de aparência mais evoluída, seguidas de mais duas; formando assim quatro pontas de dedos juntas — parecidas com as primeiras articulações de quatro dedos achatados. No entanto, não eram progressivamente diferentes de tamanho, como os dedos humanos, mas estavam todas ao mesmo nível. Tentaram crescer, mas pareciam falhar na tentativa e retraíram-se de novo para a massa escura. *(Fig. 6)*

Depois surgiram duas formações articuladas, semelhantes a dedos de comprimento médio, que se afastaram uma da outra nas extremidades, como se estivessem unidas na base, tal como uma mão humana. Estas também se retraíram. *(Fig. 5)*

Importa notar que, embora descreva estes episódios como eventos separados, os movimentos foram contínuos; toda a massa estava ativa, raramente parada.

Por fim, vimos as quatro pontas de dedo reaparecerem, crescerem para fora e absorverem toda a massa escura, formando uma mão imatura, com o tamanho aproximado da de uma criança de oito anos, embora os dedos fossem mais espessos e as extremidades bastante largas. Vimos a mão, durante dois ou três segundos seguintes, crescer até atingir as proporções de uma mão normal, bastante opaca mas coberta por ectoplasma semelhante a uma teia. *(Fig. 7)* Tinha quatro dedos e um polegar. O polegar virou-se para a borda da placa, foi por trás dela e a mão agarrou-a, dobrando-a até a fechar, e depois voltou a abri-la. *(Esta placa era feita de cartão grosso.)* A seguir, a placa foi dobrada com violência para frente e para trás e acabou por ser rasgada ao meio.

Ver o Capítulo XII, sobre "Ectoplasma", para mais referências a este fenómeno.

O Sr. Austen, do *Psychic News*, e eu próprio, experimentámos rasgar a mesma placa alguns dias mais tarde; e só com grande esforço o Sr. Austen conseguiu rasgá-la de forma semelhante. Isto indica que a mão formada, conforme descrito, possuía força considerável.

Não posso afirmar nesta fase que a mão não estivesse ligada ao médium por uma haste ectoplasmática ou outro meio, pois parte da mão saiu da área iluminada da placa — embora nunca totalmente. O fato permanece: a mão foi formada a partir de ectoplasma, e quando completamente formada, teve força para agarrar, dobrar e rasgar a placa.

Reafirmo que tudo isto ocorreu aos meus pés, que estava curvado a observar o fenómeno tão de perto e intensamente quanto possível. Os meus olhos estavam a não mais de 75 cm da placa. A minha mente estava alerta ao máximo, e declaro que o registo acima é uma descrição fiel do que ocorreu. Os restantes participantes também observavam o fenómeno com atenção e descreviam em voz alta cada nova alteração e formação. Não fui o único a vê-lo, como os testemunhos que se seguem o demonstram.

A fase final da sessão consistiu na cobertura da placa com uma única camada de ectoplasma. O material apareceu pela primeira vez diante dos olhos da Sra. Hart e dos meus. Inicialmente, não

víamos o que nos era dado observar, pois parecia haver uma sombra no canto superior esquerdo da placa. O restante da placa parecia apenas "luz". Depois, ao olharmos diretamente para a luminosidade, conseguimos ver que toda a superfície da placa estava coberta por uma única camada de ectoplasma. Os leitores notarão que tão transparente era a sua natureza que, ao princípio, nem a víamos. Não havia qualquer marca de tecido ou entrelaçado — era como uma película ou um pedaço de celofane.

Compreendendo a dificuldade que estávamos a ter em observar o que nos era mostrado, o material foi espessado ou ondulado, de forma que, ao olhar obliquamente, se podiam ver essas ondulações, como *"seda adamascada"*, conforme descreveu a Sra. Layton. Este material foi passado em redor de todo o círculo, para que cada participante o pudesse observar.

Ver mais sobre isto no Capítulo XII sobre "Ectoplasma".

A placa, com o seu revestimento, voltou à Sra. Hart e a mim, e foi gentilmente passada pelo nosso rosto, tocando-nos à medida que o fazia. Assim, pudemos sentir o material. Na minha testa, sobre a qual o material passou, a sensação foi de algo seco, como um veludo muito macio. A Sra. Layton descreveu-o como sendo semelhante a chiffon. Cada participante teve a oportunidade de sentir esta experiência.

Comparado com as minhas experiências de toque e manipulação de ectoplasma com Jack Webber, este material era bastante diferente. Era seco e suave e, eu diria, de densidade leve, enquanto o ectoplasma com Jack Webber era sempre húmido ao toque e de alta densidade. Nesta fase, prefiro reservar mais comentários comparativos, pelas seguintes razões: o material que vimos naquela tarde era de textura muito fina, o que pode explicar a diferença na densidade; além disso, já existia há algum tempo, o que poderá justificar a secura. Em qualquer caso, há grande diferença entre sentir conscientemente uma substância com as pontas dos dedos — permitindo tempo para registar e analisar sensações — e um toque fugaz numa parte menos sensível como a testa.

Com isto, a sessão aproximou-se do seu fim. O gramofone, os discos e a mesa foram levitados para o centro do círculo, o disco foi retirado, o mecanismo desligado, o braço do som colocado na sua posição de descanso, a tampa fechada e o trinco preso — tudo por ação espiritual. Cantámos uma ou duas estrofes de um hino final e o médium regressou à consciência normal.

RELATÓRIO DA SESSÃO DE 17 DE NOVEMBRO DE 1940

(Por Matthew James Hart)

Entre outros fenómenos como voz independente, movimentos de corneta e apport de moedas antigas e estrangeiras, ocorreram dois incidentes marcantes que aqui descrevo.

Colocada no chão, dentro do círculo, estava uma corneta de alumínio com uma faixa luminosa na extremidade mais larga, com cerca de 6 cm de diâmetro. Uma voz tinha sido recebida através da corneta durante a levitação. Foi colocada diante de mim, e foi-me pedido pela voz para tapar a extremidade pequena. Esta extremidade tinha cerca de 1 cm de diâmetro, talvez um pouco mais, mas certamente menos de 1,5 cm.

Fi-lo de forma bastante eficaz, usando um lenço de mão: torci uma das pontas e inseri-a na extremidade pequena da corneta, girando a corneta e o lenço em sentidos opostos até ter introduzido cerca de um terço do lenço, deixando os outros dois terços pendurados.

Estendi a corneta de volta, e ela caiu no chão; mas foi logo novamente levitada, e a ponta solta do lenço foi mostrada aos restantes participantes, sendo passada diante das faixas luminosas das outras cornetas no chão.

A corneta ergueu-se então diante do Sr. Edwards, e foi recebida voz, apesar de a corneta estar obstruída. Como se isso não bastasse, a corneta foi-lhe entregue para que sentisse quão bem a extremidade estava bloqueada. Foi-lhe pedido que removesse o lenço, o que ele fez, dizendo, ao mesmo tempo, que tinha dado um nó para indicar o comprimento que tinha inserido.

O lenço foi-lhe retirado imediatamente e passado diretamente de volta para mim, sem qualquer pausa, sendo então dito pela voz: "Eu dei mais um." Quando o lenço me chegou, havia dois nós.

Uma placa luminosa estava no chão, com o lado luminoso virado para cima. Ouviram-se duas ou três pancadas no chão, como se feitas por um sapato; depois apareceu na borda da placa algo que à primeira vista parecia um sapato de senhora. O que quer que fosse, é impossível descrevê-lo eficazmente, pois definitivamente não era deste mundo. Nunca manteve a mesma forma durante dois segundos, mas estava constantemente a mudar. Num momento parecia um pequeno punho, de onde emergiam garras, dedos curtos ou pinças. Noutra altura, surgiam duas pinças, semelhantes às de um caranguejo. Depois, parecia uma mão de criança. Mas nunca teve forma definida.

Subitamente, como para demonstrar a força presente, a placa foi segurada com uma das bordas no chão, enquanto pressão na borda oposta a dobrava quase em semi-cilindro. Após essa pressão, a placa foi vigorosamente esfregada para a frente e para trás no chão e, por fim, rasgada ao meio e atirada ao chão.

Nota: A descrição do Sr. Hart sobre a formação da mão não é tão detalhada quanto a minha. A razão disto é que o Sr. Hart estava a vários metros de distância, no lado oposto do círculo, enquanto a placa e a formação estavam aos meus pés. — AUTOR

O RELATO DA SRA. GLADYS LAYTON

A pedido do Sr. Harry Edwards, registo aqui o meu testemunho de dois incidentes notáveis ocorridos durante a sessão.

No decorrer da sessão, surgiram vários fenómenos, durante os quais uma corneta foi até ao Sr. Hart. A criança Peter, um dos controladores espirituais, pediu-lhe que tapasse a extremidade pequena da corneta, o que ele fez com um lenço, torcendo-o na pequena abertura. Feito isto, cerca de metade do lenço ficou pendurada fora da corneta, visível sobre as superfícies iluminadas presentes.

A corneta foi então levitada e Little Peter falou connosco com uma voz notavelmente clara. A corneta foi em seguida até ao Sr. Edwards, que, sob orientação de Peter, pegou no lenço e a corneta foi puxada para longe do mesmo. Foi então pedido que colocasse o lenço sobre a corneta, mas este escorregou para o chão. Num movimento contínuo e fluido, a corneta recuperou o lenço e, no mesmo movimento, entregou-o de volta ao Sr. Hart. Durante este processo, o Sr. Edwards comentou que tinha dado um nó no lenço para indicar o comprimento inserido na corneta, ao que Little Peter interrompeu imediatamente, dizendo que ele também tinha dado um nó. Ao inspecioná-lo, verificou-se que era verdade, apesar de ter decorrido apenas um segundo entre o lenço sair das mãos do Sr. Edwards e chegar ao Sr. Hart. Tive o lenço sempre à vista durante todo o processo.

Mais tarde, ocorreu o segundo incidente. Sobre a placa brilhantemente iluminada, colocada no chão com o lado luminoso voltado para cima, surgiu numa película de ectoplasma lançada sobre a placa uma

massa escura, do tamanho de um ovo, em movimento constante e mudança contínua de forma. Dela protruiu uma série de formações distintas, como garras e dedos e, finalmente, formou-se uma mão perfeitamente definida, que se moveu até à borda da placa, agarrou-a, dobrou-a várias vezes rapidamente e acabou por a rasgar ao meio. Este feito exigiu considerável força.

CAPÍTULO VII
SESSÃO DE 30 DE NOVEMBRO DE 1940
(*Relato por Colin Evans, B.A.*)

Fui convidado a participar, no sábado, 30 de Novembro de 1940, numa sessão espiritual de grupo, com A. T. Clare como médium. Ele é secretário da Balham Spiritualist Society, onde por vezes dá palestras e demonstrações de clarividência durante os serviços dominicais, mas fui informado de que não exerce profissionalmente. Não contei os restantes participantes, mas creio que seriam cerca de dezoito. Não perguntei nem soube se algum dos outros participantes pagava a alguém ou à organização, ou se contribuía para qualquer sociedade ou fundo; a forma como fui convidado não levantava essa questão no meu caso.

A sessão durou cerca de duas horas. Realizou-se na maior parte do tempo em escuridão, mas em vários momentos foi ligada uma luz vermelha fraca e a luz da lareira, durante períodos relativamente longos, nos quais ocorreram fenómenos semelhantes aos da escuridão (detalhados abaixo). Não foram impostas quaisquer condições de teste, embora uma sugestão minha feita durante a sessão tenha sido prontamente aceite e cumprida com êxito. O médium não estava sujeito a qualquer restrição, controlo ou vigilância por parte dos participantes.

O efeito geral que me ficou na mente foi o de autenticidade completa em relação a todos os fenómenos; no entanto, apenas alguns desses fenómenos apresentaram provas tão claras que eliminavam qualquer possibilidade de dúvida — mesmo que o participante fosse predisposto ao ceticismo. No entanto, o fato de que alguns dos fenómenos mais raros e importantes — precisamente aqueles mais passíveis de suspeita — foram os que apresentaram provas irrefutáveis, dá um forte indício de genuinidade aos restantes fenómenos.

Com as luzes apagadas, a sessão começou com uma breve invocação e a oração do Pai Nosso. No centro da sala foram colocados: Três cornetas feitas de celuloide rígido transparente com bandas largas de tinta luminosa: duas com cerca de 60 cm de comprimento e uma com cerca de 45 cm; duas harmónicas (não luminosas) e um pequeno frasco de vidro, como os usados para patês de peixe, vazio e previamente examinado; uma caixa de música antiga e uma "ardósia" luminosa, composta por uma folha de contraplacado (maior do que as ardósias habitualmente usadas — estimei em cerca de 35 x 25 cm), com um dos lados coberto de tinta luminosa e um cabo fixo no lado oposto.

O médium estava sentado num dos cantos da sala e eu no canto oposto diagonalmente, com os restantes participantes sentados ao longo das paredes. A distância entre o meu lugar e o do médium era de cerca de 6 metros, com os objetos acima referidos colocados a meio caminho entre nós, a cerca de 3 metros do médium.

Durante a curta invocação ouviram-se sons altos, como se alguém remexesse, com pancadas e batidas nas cornetas no chão. Duas das cornetas foram vistas a tremer ligeiramente; caíram; uma foi endireitada, ergueu-se alguns centímetros no ar, balançando, caiu de novo e rebolou na direção oposta ao médium. A esta altura, a pequena lareira elétrica estava acesa, emitindo um brilho vermelho e

permitindo alguma visibilidade fraca. Não houve qualquer sinal de movimento por parte do médium, nem visível nem audível.

Um dos guias do médium falou então, fazendo um breve discurso. Este Guia chamava-se "Peter" e falava inglês perfeito, com um ligeiro mas notável sotaque de estrangeiro culto. Este pormenor é relevante porque possuo alguns conhecimentos de fonética e estou convencido de que a precisão da pronúncia do guia — com as suas vogais características e certas consoantes — seria impossível de imitar por alguém que não fosse foneticista treinado, linguista experiente ou um ator excecionalmente dotado com formação específica em sotaques. Mesmo este último, creio, não o conseguiria fazer sem também ser linguista ou foneticista.

Notei especialmente: o carácter não ditongado das vogais longas; a nuance dos "e" e "o" abertos e fechados, curtos e longos; a diferença entre os sons dentais do inglês e os verdadeiros sons dentais do guia (plosivas de contato com os dentes e não com as gengivas); a ausência de aspiração nas plosivas surdas; as nuances de acentuação silábica e entonação frásica.

O timbre da voz também era muito diferente da voz do próprio médium: natural, ressonante, sem esforço, e claramente distinta. O médium, por seu lado, falava com o sotaque típico de classe média londrina com educação secundária. A fala de Peter não era por voz direta, mas sim através de controlo em transe do médium — algo que o próprio Peter fez questão de esclarecer "para nossa informação".

Depois de apagada a lareira elétrica, primeiro uma e depois as duas cornetas maiores foram levitadas quase até ao teto — cerca de 2 metros de altura — e flutuaram por toda a sala com movimentos perfeitamente controlados e estáveis, apontando primeiro para um participante, depois para outro. Os movimentos das duas cornetas eram mutuamente independentes. As extremidades largas muitas vezes estavam a 3,5 ou 4,5 metros do médium, sempre apontando para longe dele, o que indica que as extremidades estreitas nunca estavam mais próximas do que 3 ou 4 metros.

Quando Peter terminou de falar, as cornetas baixaram até ao chão e, com alguma hesitação, ergueram a terceira corneta entre elas; depois disso, as três flutuaram no ar independentemente durante mais alguns instantes.

Durante grande parte da sessão, foram passados discos num gramofone elétrico, com amplificador, situado num canto da sala longe do médium. A senhora responsável pelo gramofone tentou mudar a agulha e comentou que a deixou cair no chão e não a conseguia encontrar no escuro. O guia infantil do médium (também chamado Peter, mas referido como "Pequeno Peter") falou em voz direta, vinda do local do gramofone, bem longe da cadeira do médium. Aparentemente, foi ele que encontrou a agulha, sem que a senhora tivesse de intervir. Depois, uma caixa de agulhas foi levitada e flutuou pela sala, fazendo ruído.

Após isto, "Pequeno Peter" pareceu assumir o controlo da sessão, falando quase todo o tempo em voz direta, geralmente através de uma das cornetas levitadas; por vezes com a extremidade larga bem junto ao meu rosto, outras vezes no ar, perto do teto, ou ao lado de outros participantes.

A sua voz e entoação sugeriam a de uma criança cockney, mas (possivelmente devido à imperfeição do "aparelho de voz" ectoplásmico ou à distorção provocada pelas cornetas) soava sempre um pouco artificial no timbre — algo que já notei noutros guias infantis a usar médiums adultos.

Notas desconexas foram tocadas, de forma pouco musical, através das harmónicas (ou de uma delas), aparentemente a cerca de altura do peito, no centro da sala, enquanto as cornetas giravam;

houve também uma tentativa (musicalmente pouco conseguida) de "acompanhar" o canto de uma canção.

Fui frequentemente tocado ou acariciado pelas cornetas, com movimentos que demonstravam controlo perfeito, sugerindo que a entidade responsável me via claramente, apesar da escuridão total reinante. Os movimentos com que era tocado eram demasiado rápidos, seguros e diretos para serem compatíveis com uma tentativa às cegas ou tátil de localização; nunca falharam o alvo, nem foram bruscos, mas pareciam feitos por alguém que via o que estava a fazer.

Sopros de vento fortes e muito frios surgiram em intervalos de cerca de um minuto cada, por volta de seis vezes durante a sessão. Este fenómeno foi muito mais pronunciado do que qualquer vento que pudesse ter sido gerado pelos movimentos das cornetas.

Cerca de três quartos de hora após o início da sessão, surgiu um forte aroma floral, que me pareceu semelhante a um perfume comercial comum, do tipo usado por mulheres; e uma quantidade considerável de perfume líquido foi aspergida em gotas sobre a minha cabeça e rosto, sentindo-se como uma chuva intensa. Outros participantes relataram ter sentido o mesmo, simultaneamente, em várias partes da sala.

Quatro participantes diferentes, todos a alguma distância de mim, mas também a uma distância considerável da cadeira do médium, foram pessoalmente abordados por "voz direta" através de uma das cornetas levitadas, em vozes que, apesar de não serem muito audíveis do meu lado, foram claramente aceites pelos visados como as vozes distintas e reconhecíveis de amigos ou familiares falecidos. As conversas que se seguiram foram, aparentemente, cheias de conteúdo evidencial e satisfatórias para os participantes. Uma dessas pessoas era uma jovem que, soube mais tarde ao conversar com ela e com outros após a sessão, estava a assistir à sua primeira sessão e era uma completa desconhecida do médium.

Depois de duas das cornetas caírem ao chão, a terceira continuou a flutuar pela sala; vi-a aproximar-se de uma participante e inclinar-se, e essa pessoa anunciou que uma moeda lhe caíra no colo. Um momento depois, a mesma corneta, claramente visível pelas bandas de tinta luminosa, veio até mim, sem nunca interromper o seu movimento fluido pela sala, com a extremidade larga sempre voltada para longe do médium. Tocou-me na mão; depois inclinou-se e algo caiu da sua extremidade larga, pousando junto ao meu pé. Baixei-me e apanhei o objeto — uma moeda muito grande e pesada, com o tamanho aproximado de uma moeda inglesa de cinco xelins. Ao ser examinada à luz após a sessão, verificou-se ser uma moeda russa.

O mesmo aconteceu com cinco outros participantes, e então a corneta flutuou até ao teto, permanecendo suspensa no centro da sala. A intervalos regulares, mais moedas — dezasseis no total — foram deixadas cair uma a uma, enquanto o Pequeno Peter contava em voz alta à medida que cada uma caía. Algumas das moedas maiores foram visíveis à passagem junto das bandas luminosas da corneta, e assim pude ver que saíam efetivamente da extremidade larga da corneta.

Em momento algum se ouviu o som de mais do que uma moeda a chocalhar na corneta, o que me levou a concluir que as moedas eram colocadas uma a uma, e confirmei depois da sessão que as moedas maiores não caberiam pela extremidade estreita da corneta. Uma dessas moedas adicionais, uma moeda alemã de 10 pfennig, foi deixada diretamente na minha mão. Outras moedas foram identificadas depois como moedas inglesas de reinados passados (George III, etc.) e moedas estrangeiras de vários países, incluindo da Índia. Uma senhora presente mencionou que, noutra sessão anterior com o mesmo médium, tinha recebido uma "spade guinea" (moeda inglesa de ouro do século XVIII).

Brother Peter pediu então que as luzes fossem acesas por alguns minutos, antes de tentarem produzir um tipo diferente de fenómeno. O que se seguiu foi, de fato, uma materialização, pois várias entidades materializaram-se durante o tempo restante da sessão, após a sala ser novamente mergulhada na escuridão.

Com as luzes acesas, o médium foi visto em transe profundo aparentemente ininterrupto, exatamente como no início da sessão e também como no final.

Após a pausa, com a sala novamente escura, a ardósia luminosa foi vista a elevar-se lentamente do chão, atingindo uma altura de cerca de 20 centímetros, com a face luminosa voltada para o chão e movendo-se verticalmente, de forma impossível de ser reproduzida por meios humanos, a menos que a pessoa estivesse no meio da sala e inclinada diretamente sobre ela — o que era impraticável. Este movimento começou imediatamente após as luzes se apagarem, não havendo tempo suficiente para o médium ou qualquer participante se deslocar da sua cadeira sem ser ouvido. O uso de um braço esticado, pé, haste ou qualquer outro acessório também não justificaria tal movimento, que foi estritamente vertical, sem inclinação lateral.

A ardósia era muito mais brilhante do que a maioria das ardósias com tinta luminosa que eu já vira em sessões, emitindo uma luz comparável à de uma lanterna de bolso coberta com duas folhas de papel de seda ou uma folha de jornal. A zona do chão sob a ardósia, fortemente iluminada, foi gradualmente obscurecida por aquilo que parecia ser um tecido muito fino, translúcido e de textura subtil, que se materializou "a partir do nada" até estar completamente formado e drapeado sobre a ardósia.

Não houve qualquer som ou fricção do tecido — tudo ocorreu em silêncio total.

A ardósia desceu então lentamente até assentar novamente no chão, depois subiu repentinamente e com rapidez até cerca de 1,80 metros de altura, assumindo uma posição horizontal, com a superfície luminosa voltada para cima, e depois ligeiramente inclinada para cima, até se ver que estava a ser segurada imediatamente sob o queixo de uma cabeça completamente materializada, cujas feições e cobertura da cabeça eram tão claramente visíveis como se estivessem iluminadas por uma lanterna de bolso colocada junto ao rosto.

O toucado parecia ser uma espécie de capuz de lã branca ou esbranquiçada, de textura espessa, sugerindo o capuz de um monge, aberto de modo a dar uma visão clara do rosto. Era visível um bigode encaracolado e um pequeno mas distinto pera no queixo, sendo claramente um rosto vivo e não uma máscara ou estrutura inanimada. As feições eram inconfundivelmente diferentes das do médium: o nariz mais cheio e carnudo; os lábios mais finos e de forma mais sensível; os olhos distintos, mais fundos, e as sobrancelhas mais espessas; a testa mais larga e alta, com curvas mais preenchidas nas têmporas; e o queixo e maxilar mais proeminentes. O resto da figura (além da cabeça e cobertura) não era visível.

A materialização deu uma volta completa à sala, passando junto de cada participante e (no meu caso com certeza – e, penso, também nos casos dos outros) aproximando o rosto a cerca de trinta centímetros dos olhos dos assistentes, com a ardósia luminosa imediatamente por baixo do queixo.

A pedido do Guia durante a primeira materialização, todos os presentes entrelaçaram as mãos. Para isso, tive de guardar o caderno onde vinha a tomar notas dos fenómenos à medida que ocorriam, e por isso o meu relato da sessão a partir deste ponto baseia-se em notas feitas de memória imediatamente após a sessão, e não em anotações feitas durante a mesma, como no caso da primeira parte.

Os participantes foram autorizados a soltar as mãos durante as materializações seguintes. Disseram-me que o médium não tinha as mãos dadas com ninguém.

Foi então produzida uma segunda materialização, apresentada de modo semelhante, sendo esta a de outro Guia, com feições bastante diferentes. Trazia um grande turbante, com uma jóia cintilante incrustada. Enquanto esta entidade mostrava o seu rosto, formulei mentalmente e com clareza um pedido para ver mais da figura do que apenas a cabeça. Assim que o pedido mental foi feito, a ardósia foi baixada, primeiro sem mostrar nada, depois, começando perto do chão, foi feita a iluminar e mostrar claramente as pernas desde os tornozelos até cima, e o corpo até à cintura, cobertos por um tecido branco, espesso e justo. Acima da cintura, porém, parecia haver um vazio enevoado, como se, à exceção de uma névoa translúcida, não houvesse nada de tangível.

A voz do Brother Peter falou através do médium em transe, claramente vinda da cadeira onde o médium permanecia, a uns oito metros da materialização visível. Fiz então outro pedido mental, que aparentemente foi ignorado; por isso repeti-o em voz alta: pedi que nos fosse mostrado o médium ao mesmo tempo que uma materialização, de modo a que eu pudesse afirmar perante céticos que um espírito materializado e o corpo do médium estavam visivelmente separados.

Inicialmente não houve resposta. A figura materializada desapareceu, mas a ardósia permaneceu levitada. Ouviu-se então o barulho forte do aquecedor elétrico portátil a ser levantado da lareira e colocado no centro da sala. Subitamente acendeu-se, aparentemente ligado de forma sobrenatural, sem qualquer intervenção humana. À luz avermelhada, mas clara, do aquecedor, vi materializar-se lentamente o que me pareceu ser a forma de um bebé, vestido de branco, movendo-se ligeiramente e sentado no chão, silhuetado contra o calor e a luz do aquecedor. As suas roupas, parcialmente translúcidas, permitiam ver o aquecedor através do tecido solto do corpo.

A ardósia luminosa foi usada para iluminar o rosto e o corpo do lado oposto à luz do aquecedor. Depois, a ardósia flutuou através da sala e foi carregada para cima e para baixo, mostrando claramente o rosto e corpo do médium na sua cadeira, num canto da sala. Enquanto o médium era mostrado dessa forma, a criança materializada começou lentamente a desmaterializar-se, até restar apenas um pequeno pedaço de tecido transparente a flutuar à frente do aquecedor. Este pedaço de tecido desapareceu completamente, não parecendo mover-se, mas sim dissolver-se no ar.

Imediatamente depois, o fio do aquecedor foi puxado da tomada, sem qualquer intervenção humana.

Seguiu-se uma demonstração de levitação de corneta, com uma estrutura semelhante a uma haste, visível à luz do aquecedor.

A última materialização claramente vista por mim foi a de Jack Webber, o médium falecido recentemente. Brother Peter perguntou se algum dos presentes conhecia Jack Webber; eu respondi que sim, tal como outros presentes. As suas feições características, tanto de frente como de perfil, foram claramente visíveis e inconfundíveis — o queixo ligeiramente recuado e a testa baixa seriam impossíveis de imitar sem alterar a estrutura do rosto do médium.

Eu conhecia Jack Webber muito bem de vista, e não havia qualquer possibilidade de dúvida de que as feições que vi na materialização eram as mesmas do Jack em vida.

O pequeno Peter materializou-se então, mostrando apenas o rosto, a uma altura de cerca de noventa centímetros do chão. O rosto era obviamente demasiado pequeno para pertencer a qualquer adulto. Era claramente um rosto completo, e não uma parte central de um rosto maior parcialmente rodeado por qualquer cobertura negra; e era, sem dúvida, um rosto vivo. No entanto, os traços não me foram claramente visíveis em detalhe, embora tenha percebido que o foram para outros membros do círculo.

Não consegui ver claramente nenhuma materialização de amigos ou familiares meus, embora tenha percebido que duas outras pessoas reconheceram entidades como sendo seus conhecidos.

No final da sessão, o pequeno frasco de vidro, ligeiramente húmido no interior, foi encontrado no chão, junto à parede mais distante do médium. Tinha o mesmo aroma do perfume com que todos nós tínhamos sido borrifados.

PARTE II
CAPÍTULO VIII
INTRODUÇÃO À PARTE II

Quando as discussões com Pedro começaram e a ideia de as publicar se formou inicialmente, eu tinha em vista uma série de palestras que se limitariam a explicar o simples mecânica de cada fase dos fenómenos. Logo percebi que para apresentar um raciocínio em cadeia coerente, as explicações iam muito além da minha própria compreensão moderada e da dos presentes.

É óbvio que o conhecimento limitado dos participantes dificultava o Guia nas suas explicações; pois a menos que fôssemos capazes de compreender as suas observações, não poderíamos prosseguir de forma inteligente.

Se os nossos participantes fossem compostos por membros que fossem autoridades em física, filosofia, radioatividade, biologia, química e assim por diante, Pedro teria sido capaz de dar uma sabedoria mais avançada, mais uma vez, na medida da sua capacidade de compreensão. Além disso, as questões colocadas por tais autoridades teriam suscitado respostas mais detalhadas aos aspetos em questão.

Essa posição é francamente entendida pelo autor e seus amigos, mas obter uma tarefa tão bem-versado estava, por uma série de razões, fora de questão, especialmente em tempo de guerra.

Em primeiro lugar, o escopo do trabalho nesta secção é o produto de uma média de uma sessão por semana durante nove meses; e é extremamente duvidoso que algum especialista tivesse estado disposto a dedicar tanto tempo ao assunto. A dificuldade não se ficou por aí: porque, devido ao serviço de guerra do Sr. Clare e à incerteza quanto aos tempos livres que teria, as reuniões não puderam ser realizadas regularmente, pelo que nenhuma data podia ser determinada antecipadamente. Também deve ser mantido em mente que as explicações de Pedro não podem ser divididas em compartimentos estanques, porquanto toda a história constitui uma estrutura relacionada; e o leitor não será capaz de obter uma verdadeira imagem até que ele tenha lido todos os capítulos, pois cada parte se enquadra no resto.

Contudo, esta apresentação prestar-se-á a um propósito útil, em primeiro lugar porque será compreendida pela maioria dos interessados na sobrevivência; e em segundo lugar por servir como uma base para a extensão do conhecimento por parte de mentes mais técnicas em data posterior. É-me permitido dizer que, caso fosse formada qualquer comissão de peritos no futuro, o Sr. Arnold Clare estaria mais que disposto a colaborar.

Estou ciente de uma tentativa de conseguir, através dos bons ofícios de Miss Mercy Phillimore, Secretário da Aliança Espiritualista de Londres, uma comissão representativa para observar os

fenómenos de Webber. Teve que ser abandonada porque não foi possível obter os serviços de comissários adequados nas condições existentes nos dias que correm.

Apesar da enorme importância óbvia deste trabalho e do benefício que adviria para a humanidade a partir de uma compreensão mais completa do reino espiritual, a ciência, conforme representado pelos seus líderes, geralmente reluta em dedicar algum tempo apreciável ao seu estudo.

Há setenta anos, Sir William Crookes citou: "Vi e ouvi, de uma maneira que tornaria impossível a incredulidade, coisas ditas espirituais, que não podem ser tomadas por um ser racional como capazes de explicação com base na impostura, na coincidência ou no erro. Até agora sinto o chão firme debaixo dos pés; mas quando se trata da causa destes fenómenos, acho que não posso adoptar nenhuma explicação que já tenha sido sugerida."

Desde essa época, uma série de mediunidades notáveis funcionaram e, em alguns casos, relatórios devidamente autenticados foram publicados. Via de regra, esses registos têm estado restringidos a uma exposição dos fatos — e com razão — sem qualquer tentativa de fornecer explicação das causas e do *modus operandi*.

Seria natural concluir, seguindo o peso da evidência publicada de atos e forças inexplicáveis que as faculdades científicas estariam muito interessadas em realizar pesquisas sobre as questões; mas a experiência mostrou que não é esse o caso. Mais uma vez refiro-me a Sir William Crookes que lamentou: "Confesso que estou surpreendido e magoado com a timidez ou apatia demonstrada pelos homens de ciência com respeito a este assunto. . . Convidei a cooperação de alguns amigos da ciência numa investigação sistemática. Mas logo descobri que obter um comité científico para a investigação dessa classe de fatos estava fora de questão."

Essa atitude de há setenta anos, infelizmente, continuou essencialmente até aos presentes dias. É verdade que tivemos o apoio de diversos indivíduos de renome no campo das ciências, tais como como Sir Oliver Lodge; mas não tivemos nenhuma investigação por parte de associações científicas, que invariavelmente ignoraram as descobertas dos investigadores individuais. Essas observações não se aplicam às Sociedades de Pesquisa Psíquica, cujas cuidadosas e meticulosas investigações provaram ser muito valiosas, mas para os cientistas em geral, que formaram a opinião, sem investigação, de que todos os fenómenos das salas de sessões são fraudulentos.

É uma posição baseada na premissa de que, como a atividade espiritual parece tão oposta aos fatores que regem a matéria e às leis naturais conhecidas, o caso Espiritualista deve estar errado. Eles ignoraram a visão de que se um fato novo parece opor-se ao que é denominado uma lei da natureza, não prova que o fato afirmado seja falso, mas apenas que não averiguamos ainda todas as leis da natureza e forças que são assim empregues, ou que não as aprendemos corretamente.

Os registos da parte final terão sido consideradas de carácter excecional; e tendo-nos assegurado da veracidade dos fatos, assim como que eles são confirmados por ocorrências semelhantes em momentos diferentes, em países diferentes através de diferentes mediunidades, seria covardia suprimir a verdade. Também seria covardia ignorar os fatos e os ensinamentos de Pedro simplesmente porque eles podem causar alterações, reajustar ou reescrever algumas das supostas conclusões estabelecidas da ciência psíquica.

É sem desculpas, pois, que na primeira parte deste livro uma contribuição é feita em desafio a uma compreensão mais cabal das leis e forças envolvidas. Ao longo de toda a história da investigação, uma coisa essencial foi vista como absolutamente necessária para a produção de fenómenos. Quer o

médium seja primitivo, letrado ou iletrado, a presença de um Guia sempre foi necessária para orientar através da voz do médium ou por outro meio a condução do trabalho.

Essa presença provou ser um dos maiores obstáculos que a mente científica tem de enfrentar e aceitar. O peso da evidência e da comunicação tornou a aceitação da realidade do Guia Espiritual mais fácil nestes dias; mas apresentou um problema difícil nos primeiros dias; pois embora achassem difícil aceitar a presença, eles tiveram que suportar isso, com ceticismo. Os sábios daquela época aceitaram a ingénua e sublime visão de que a teoria Espiritualista deveria ser descartada durante os experimentos, mas quando as manifestações se fizeram acompanhar de inteligência, eles precisaram da hipótese Espiritualista, mas apenas como hipótese de trabalho. Por outras palavras, o investigador deve, para obter resultados, adaptar-se à presença do operador espiritual sob o qual trabalham todos os médiuns em estado de transe.

Um dos guias de Arnold Clare, Pedro, é o principal responsável pelos fenómenos e ensinamentos aqui descritos, e é digno de nota que ele tem sido capaz de lidar fluentemente com uma vasta gama de questões. Ele falava tão rápido que se tornava difícil para o um estenógrafo experiente anotar as palavras e ele teve que retardar o discurso.

Foi um feito que teria levado qualquer expoente da arte da oratória a hesitar. As suas observações revelam um domínio de vasta atividade, e encerram potenciais da magnitude que ainda não podem ser nem vagamente compreendidos. Eles divulgam não apenas os métodos por meio do qual os chamados mortos podem, por um breve período, reabilitar a sua presença em trajes físicos, mas também lidar com formas de vida elementares e primitivas e as suas funções.

As referências que tratam dos "pequenas criaturas" lançam uma certa luz sobre uma conceção relativamente nova do estado de ser; e o detalhe com que isso é narrado fornece alimento abundante para especulação. Se alguém admitir a realidade da vida no mundo espiritual e que a vida é, por conseguinte progressiva, só pode ser gradual; e como nós nesta vida testemunhamos a evolução dos seres vivos desde a medusa até ao homem, não é absurdo supor que também existam graus de vida no espírito. É fácil a um crítico considerar o assunto absurdo; esse curso foi o refúgio de céticos tolos do passado que negaram com igual veemência que a Terra fosse esférica ou que uma máquina mais pesada que o ar algum dia pudesse voar.

Mais pertinente é este desafio. Aqui lhes apresentamos o fato registado e a explicação da sua realização dada pelo operador chefe. Não se pode negar o desafio, pois é a verdade, por mais estranha que possa parecer, e se o fato do seu desempenho é estranho, por que recusar categoricamente as explicações só por elas também deverem necessariamente parecer estranhas?

Que hipótese fundamentada alternativa poderá aquele que nega apresentar que explique os fenómenos?

Teria sido muito mais fácil ao Pedro contentar-se em repetir teorias que havíamos formado anteriormente, ou encobrir a execução do aporte de forma ambígua. Por que precisou ele ter introduzir uma explicação tão revolucionária da força da gravidade para fender as nossas teorias preconcebidas sobre as funções das "caixas de voz"?

Todo investigador deveria ser obrigado por uma lei de honra a enfrentar destemidamente todos os problemas e todas as hipóteses que lhe são apresentadas, e é com esse objetivos que as explicações são submetidas.

Estamos, como diz Pedro, "remar na orla" de um reino de atividade infinita; e como

tal, as explicações estão nos seus estágios iniciais. Temos primeiro que compreender uma ideia — o seu desenvolvimento é uma herança de dias vindouros.

Foi feito um esforço por resumir o conhecimento e a experiência anteriores, de modo que eles possam estar relacionados com as explicações. Ao apresentar tais resumos, foi experimentada dificuldade em escolher, a partir da massa acumulada de evidências, as mais relevantes e itens importantes. Salientei o fato de existir uma grande semelhança entre todos os diversos relatos de cada fase dos fenómenos e, por conseguinte, os resumos e as citações fornecidas foram escolhidas como sendo geralmente representativas do todo. Eles incluem extratos de incidentes nas mediunidades de Mina Crandon, Rudi Schnieder, da senhorita Goligher, de Valiantine, do conde Rossi, de Home, de Slade, de Eusapia Paladino, de Jack Webber e de outros. À excepção de Jack Webber, tive que confiar em registos impressos, mas com o J. W. escrevo a partir de uma associação íntima; por isso se as referências a esse médium são frequentes é porque prefiro falar do que sei e não sobre o que li.

À medida que estudamos a história da mediunidade de materialização física, torna-se claro que, com cada médium subsequente são conseguidos progressos no carácter e qualidade do fenómeno; tal progresso é ilustrado nos registos fotográficos. O mesmo sucedeu com o Arnold Clare, que hoje foi capaz de ter manifestado por intermédio da sua mediunidade fenómenos de elevada ordem.

No passado diversas frases foram utilizadas pelos Guias do Arnold Clare (o Pedro utiliza novas) para designar determinadas estruturas ou processos. Walter utilizava o termo "apetrecho de fala"; D'Angelo falava de "fluído magnético" e de "poder vital"; o Professor Castellani falava em "força X," "potências radioativas," e na força psíquica que mantém coesas as moléculas do corpo astral; Muldoon falava em "princípio magnético" etc. O Sir William Crookes, ao resumir algumas dessas referências, atribui o fenómeno a uma certa extensão no espaço da força nervosa do médium, tal como o poder de um magneto ou de uma corrente elétrica se estende para além de si própria e influencia e move certos corpos distantes que se encontram no campo magnético ou força elétrica.

Em si mesmas tais frases e deduções pouco significam, e na realidade, podem induzir em erro, e dar lugar à criação de teorias com base em referências abstratas por parte dos Guias que, quando confrontados com o pedido de uma explicação, simplesmente forneciam as melhores frases suscetíveis de se enquadrar no campo da compreensão do participante que a recebia. Porém, agora, em vista das explicações que o Pedro fornecia, tais termos aparentemente ambíguos assumem um novo significado; ganham vida e podemos começar a perceber inteligentemente e de forma mais pormenorizada a intenção existente por detrás das referências. Elas estabelecem um quadro composto que fornece uma hipótese sustentável que cobre todo o campo da manifestação.

As declarações de Pedro podem criar alguma controvérsia entre aqueles que subscrevem certas teorias elaboradas a partir da interpretação humana das evidências circunstanciais da sala de sessões. Além disso, a natureza e o trabalho dos "espíritos da natureza" podem não agradar àqueles que consideraram todos os fenómenos físicos como de carácter puramente espiritual; e eles podem ficar chocados se lerem que certas obras que possam ter testemunhado foram resultado de trabalhos de entidades sub-humanas.

Contudo, é considerado essencial, não importa quão adversamente as explicações possam afetar alguns leitores, que se publique fielmente as explicações dadas. Ao fazer isso, a pode ser dada expressão a uma nova ideia comprovada, ou provável linha de raciocínio capaz de ser provada subsequentemente. Se for possível demonstrar que uma parte está errada, então tudo pode estar errado, mas se se provar uma parte e o restante soar lógico como um todo coerente, então toda a estrutura será digna da nossa mais sincera consideração.

CAPÍTULO IX
O REINO ETÉREO

Tem sido algo difícil determinar a ordem exata em que as revelações de Peter deveriam ser apresentadas, de modo a que a sequência dos capítulos construa uma narrativa construtiva, passo a passo.
O que torna tudo ainda mais difícil é que nenhuma parte está completa por si só, sendo que cada capítulo tem relação direta com os restantes.

Preferir-se-ia que este capítulo introdutório viesse por último, devido à sua natureza complexa. No entanto, tem de vir primeiro, pois trata de um tema que é a base de toda a atividade espiritual e é essencial que o leitor tenha em mente os fundamentos sobre os quais cada explicação se apoia.

Torna-se, assim, necessário apresentar, antes de mais, uma explicação geral do que a ciência entende por reino etérico e pela constituição da matéria.

As declarações de Peter neste capítulo foram as últimas a serem recebidas. Ver-se-á que contêm referências a algumas das suas declarações anteriores (que aparecem em capítulos posteriores). Isso poderá dificultar a compreensão inicial deste capítulo por parte do leitor, que poderá não captar totalmente o seu significado e implicações logo à primeira leitura. Sugere-se, por isso, que este capítulo seja lido na íntegra para se obter uma visão geral do assunto, prosseguindo com o resto do livro e voltando a relê-lo mais tarde.

Até há pouco tempo, sabia-se que a matéria era composta por moléculas e átomos — pequenos aglomerados de matéria unidos entre si, em maior ou menor escala. A invenção dos raios X revelou posteriormente que os átomos são compostos por eletrões e protões a girar em torno de um conteúdo etérico. Talvez a melhor descrição seja a dada por Sir Oliver Lodge no seu livro *Ether and Reality*, como segue:

"Podemos agora resumir brevemente o que sabemos. As duas partículas de carga oposta, a negativa e a positiva, são chamadas, respetivamente, eletrão e protão. Ambas são extremamente minúsculas. São muito mais pequenas do que os átomos, incomparavelmente menores — as menores coisas conhecidas; mesmo que houvesse cem ou mil delas num átomo, não estariam minimamente apertadas — haveria imenso espaço vazio. Sabe-se hoje que átomos diferentes são compostos por diferentes quantidades de eletrões; e pela sua quantidade e disposição distintas, constituem os diferentes elementos químicos. Os átomos de todos os elementos químicos são compostos apenas de eletrões e protões — e de mais nada.

"A existência do eletrão pode ser compreendida razoavelmente. Mas a do protão? Aí já estamos em dificuldade. O protão é mais massivo do que se consegue explicar facilmente; e por que razão tem tanta massa, só podemos especular: na verdade, por agora mal conseguimos sequer formular uma hipótese, ou pelo menos as hipóteses existentes não são muito satisfatórias. Uma sugestão é que o eletrão é oco, como uma bolha, e que possui um campo elétrico que, por si só, causaria a expansão dessa bolha, mas que se mantém em equilíbrio e com determinado tamanho devido à pressão etérica. Nesta visão, o seu interior não contém substância: o eletrão em si não tem massa — a sua massa aparente deve-se apenas ao seu campo elétrico.

Enquanto que o interior de um protão, em vez de ser oco, pode estar completamente preenchido com éter extra: tudo aquilo que foi removido do eletrão seria comprimido no protão, justificando assim a sua enorme massa, ou aquilo a que chamamos o seu peso. Um protão é mais de mil vezes mais pesado do que um eletrão — cerca de 1840 vezes, por medições diretas; e aquilo a que se chama 'peso

atómico', o peso de um átomo, depende quase inteiramente do peso dos protões que contém. O átomo de hidrogénio contém apenas um, o de hélio contém quatro, o de lítio sete, o de oxigénio dezasseis, e assim sucessivamente — conforme a lista dos pesos atómicos há muito conhecida na química, sendo o mais pesado o de urânio, que contém 238. Os pesos atómicos são suficientemente precisos; o número de protões num átomo específico também é razoavelmente certo. Mas o que não se sabe é por que razão o protão tem tanto peso, nem porque é que o eletrão tem tão pouco. Em todos os outros aspetos, as duas cargas parecem ser iguais e opostas: eletricamente são iguais e opostas..."

"Podemos afirmar com segurança que o peso da matéria depende dos protões, ou seja, das unidades positivas que formam o núcleo do átomo, enquanto que as propriedades químicas do átomo dependem dos eletrões que circulam em torno do núcleo. Estes eletrões planetários são ativos e energéticos e produzem resultados visíveis; caracterizam o átomo pelo seu espectro; conferem-lhe as suas propriedades químicas; mas quase não contribuem para o seu peso..."

Assim, percebemos que a matéria não é, de todo, sólida: é composta por um número imenso de eletrões em rotação em torno de um núcleo. E por isso compreendemos claramente que toda a matéria está em estado de vibração; e que a manipulação dessas vibrações ou frequências é o método utilizado pelos operadores espirituais para produzirem certos fenómenos nas sessões mediúnicas.

Os eletrões e protões movem-se a grandes velocidades no interior do átomo, sendo tão pequenos que, nas palavras de Peter, podem ser comparados a bolas de futebol a girar dentro da Abadia de Westminster; o espaço dentro do átomo, onde se movimentam os eletrões e protões, é preenchido por éter. Este éter adquire assim as características do átomo em questão, tornando-se, nas palavras de Peter, "éter ligado".

Disto decorrem certas conclusões. Como a eletricidade é uma vibração do éter, e o átomo e os seus componentes são energia elétrica, então toda a matéria é éter numa condição particular.

A matéria, portanto, é uma combinação de cargas elétricas positivas e negativas, em movimento ordenado, associadas entre si pelo éter — que é, assim, a substância fundamental de todo o universo. (Ver o livro de Gregg Braden, *The Divine Matrix*. N. do Ed.)

Sabemos que o éter preenche todo o espaço e é o meio pelo qual a luz e o calor nos chegam. Calcula-se que as ondas etéricas se movem a cerca de 300.000 quilómetros por segundo. Apesar de não conseguirmos medir ou pesar o éter, sabemos que ele deve ocupar aquilo a que chamamos espaço, porque o calor, a luz, as ondas elétricas e sonoras se propagam através dele a velocidades determinadas — particularmente no caso das ondas de rádio — provando que deve haver um meio que permita essa transmissão regular.

A sua pressão, como Peter afirma, é imensa, tangível, e penetra todas as coisas. A sua intensidade pode ser tão grande que não conseguimos concebê-la em termos finitos e compreensíveis; pode chegar a milhões de toneladas por pé quadrado.

É difícil à mente humana conceber o éter tal como ele é, pois estamos dentro dele — como peixes nas profundezas do oceano: fazemos parte dele, pois é o poder que tudo permeia e interpenetra. Sem ele não poderíamos ver, pois não haveria meio de transportar a luz até aos nossos olhos; estaríamos completamente gelados, pois não haveria forma de conduzir o calor através do nosso mundo.

Peter diz-nos que a manipulação do éter denso é a matéria-prima dos espíritos, tal como a madeira, o ferro e o barro o são para nós; e que, portanto, o éter é um elo de ligação entre o mundo físico, o mundo da energia e o mundo espiritual.

No nosso mundo, os nossos sentidos apenas nos permitem perceber uma faixa muito limitada da vibração etérica. Sabemos que existem outras vibrações porque conseguimos medir o alcance limitado das ondas de luz visíveis aos nossos olhos, ou das ondas sonoras que os nossos ouvidos podem captar. Sabemos da existência dos raios ultravioletas, infravermelhos, desconhecidos e X, que os nossos olhos não conseguem detetar. Sabemos que há extensões de vibrações sonoras em ambas as extremidades do espectro que os nossos ouvidos não conseguem registar. Assim, a perceção humana é extremamente limitada em comparação com a gama de experiências que poderíamos ter, caso possuíssemos sentidos extra-percetivos.

A vida mais plena disponível para os espíritos pode ser visualizada com maior clareza se utilizarmos o argumento de que, à medida que a nossa alma, corpo e mente se libertam da prisão do corpo físico, segue-se naturalmente uma perceção sensorial etérica alargada. Este argumento é sustentado pelo nosso conhecimento do espectro [eletromagnético], que nos diz que, para além da nossa perceção extremamente limitada, existe um vasto campo de frequências ordenadas com potencialidades que permitem outra forma de existência, "sintonizada" para receber e utilizar essas mesmas potencialidades.

Este conhecimento moderno apresenta-nos uma imagem que teria sido uma fantasia inconcebível para os cientistas de há um século. Não será possível que esta visão que agora temos do reino etérico forneça uma base concreta para muito daquilo que os guias espirituais apenas puderam sugerir de forma obscura no passado?

Peter refere-se muitas vezes ao "éter ligado" — isto é, o éter associado a uma condição específica. Quando este perde essa ligação ou carácter, o processo de decomposição começa. Aqui temos um argumento firme. Compare-se um pedaço de carvalho robusto com outro em processo de apodrecimento. Algo mudou: a substância viva e resistente transformou-se num estado de pó quebradiço. Alguma qualidade deixou o carvalho original. O seu carácter, a sua personalidade, desapareceram; e não há mais organização interna.

Esta mudança está de acordo com a explicação de Peter. Se tivermos em mente o nosso conhecimento da constituição da matéria e da importância do éter como veículo do seu ser e movimento, chegamos à tese de que, à medida que as forças dentro do átomo se dispersam, o éter perde o seu carácter ou ligação — e assim, a massa vibrante e organizada que compunha o pedaço de carvalho perde também o seu carácter e organização. O éter individualizado, com o tempo, passa de uma condição de éter ligado para éter livre; e assim o carvalho perde o seu carácter e decompõe-se.

Outra analogia pode ajudar a visualizar o reino etérico. Sabemos que toda a matéria (incluindo os nossos corpos densos) está sujeita à penetração tangível do éter. A esponja viva no fundo do mar é uma boa ilustração: está sob pressão da água, igual em intensidade de todos os lados, e essa pressão penetra toda a sua estrutura. Assim, devemos imaginar os nossos tijolos e argamassa, as nossas cadeiras e mesas, os nossos corpos densos, como esponjas no mar etérico. Pode ser difícil para muitos aceitar ou conceber tal ideia, mas está perfeitamente alinhada com o nosso conhecimento e com as observações de Peter.

Sendo toda a matéria um estado de vibração formado a partir de potenciais etéricos — e cada componente material possuindo a sua própria vibração individual, permitindo ainda assim associação e cooperação com outros componentes —, não pode haver uma linha rígida de separação entre uma matéria e outra, entre sólido e líquido, líquido e gás, ou entre substância física e substâncias criadas pela ação espiritual, como o ectoplasma.

Estamos constantemente a descobrir vibrações mais lentas ou mais rápidas do que as anteriormente conhecidas. Estamos a aprender que, por diferentes combinações de eletrões, protões e as suas

formas associadas, conseguimos obter substâncias com novos potenciais. O que nos impede então de aceitar a probabilidade de que não existe uma fronteira definida entre a matéria tal como a conhecemos e o éter denso ou grosso? Se aceitarmos essa possibilidade, damos mais um passo em direção à compreensão de como inteligências desencarnadas conseguem manipular o éter denso para diversos tipos de manifestações — isto é, ectoplasma, materializações, instrumentos vocais, varas de força, e assim por diante.

Assim como o homem consegue, através do conhecimento da estrutura atómica, formar novos instrumentos e substâncias, também os espíritos, com a sua sabedoria mais avançada e a sua maior afinidade com o reino etérico, conseguem construir, durante algum tempo, uma forma materializada ou uma estrutura etérica para concretizar um propósito momentâneo.

Sendo a energia a base da matéria, e sendo o homem capaz de, ao direcionar essa energia, atingir o seu objetivos, torna-se aceitável que os espíritos possam direcionar energia semelhante — ou qualidades dessa energia — para o potencial etérico e, assim, criar substâncias ou instrumentos que cumpram a sua missão. Quando retiram essa energia, tal como o homem desliga uma corrente elétrica, é compreensível que a substância ou instrumento criado se desintegre novamente no éter de onde veio. Isto explica com facilidade as referências de Peter à dissolução do material ectoplásmico.

Os mundos ainda estão a formar-se no sistema solar; e como sabemos, também estão imersos num envolvimento etérico — caso contrário, não seríamos capazes de os ver —, a suposição é plausível de que estão sujeitos a uma atividade e influência etérica semelhantes.

Talvez seja permitido referir aqui que, como sabemos que cada sistema solar consiste na revolução ordenada de corpos em torno de um núcleo (o Sol, no nosso caso), temos, portanto, um exemplo amplamente ampliado do movimento atómico. Uma vez que o mesmo princípio de movimento ordenado se aplica tanto aos componentes de um átomo como aos componentes de um sistema solar, é certamente pertinente afirmar que o éter e os seus potenciais são o "pai e mãe" de ambos.

À medida que o leitor mantém esta ideia presente, mais facilmente compreenderá as explicações de Peter, que permitem levantar ligeiramente o véu e dar um vislumbre daquele que durante tanto tempo foi um mistério impenetrável, envolto na obscuridade dos termos vagos como "química astral" ou "química cósmica".

As observações de Peter seguiram-se a esta pergunta:

Pergunta*: "Falaste bastante sobre o éter e seria muito útil se nos pudesses dizer mais sobre ele. Reconhecemos a vastidão do tema, mas talvez se pudesse clarificar a questão se pudesses dar alguma definição das classificações de éter ligado e éter denso."

* Salvo indicação em contrário, todas as perguntas feitas ao Guia foram do autor.

* As discussões sobre este tema foram algumas das últimas realizadas.

Peter:
"Com exceção de um ou dois pontos, é uma tarefa verdadeiramente imensa. Ao referir-me a 'éter ligado' e 'éter denso', penso que esses termos são sinónimos — podem ser usados de forma intercambiável.

"Se estivéssemos a referir-nos ao Éter Ligado em relação à forma do médium, estaríamos a referir-nos àquela parte que constitui o corpo etérico. É aquilo a que se poderia chamar éter diferenciado. Tem carácter porque se encontra num estado de movimento ou vibração diferente do éter livre. O éter ligado pode ser considerado como o ar que se coloca dentro de uma garrafa — está confinado lá

dentro — enquanto o éter livre seria comparável à atmosfera exterior. Este não tem carácter próprio, à parte da sua constituição essencial, exceto em casos em que está relacionado com certas áreas, como zonas montanhosas, bairros densamente povoados ou locais que sejam belos ou repugnantes, caso em que o ar e o éter tornam-se afetados.

"O éter ligado mantém a vida do seu correspondente material enquanto essa vida servir um propósito útil; e a decomposição inicia-se quando o éter começa a soltar-se. Reduz a sua vibração e, à medida que abranda, é gradualmente absorvido pelo éter livre — muito parecido com a remoção lenta da rolha da nossa garrafa de ar. À medida que esse éter ligado se desintegra, o correspondente físico desmorona-se. Agora consegues perceber o seu propósito?

"Isto é o éter ligado — é éter com carácter — o carácter do objeto com o qual está associado. É o ovo do pudim — o que liga, percebes?

"O éter, como um todo, preenche todo o espaço. Se fosse possível 'preenchê-lo', no sentido em que usas esse termo. O espaço é ilimitado, como sabes, mas tenho de usar termos que sejam facilmente compreensíveis para ti. Não é exatamente o mesmo éter que conheces na Terra, porque a própria Terra carrega um éter com carácter. Para ti, como para todas as outras coisas na Terra, parece não ter carácter — tal como a polaridade negativa da tua eletricidade é da mesma polaridade da Terra.

"O éter, sendo desprovido de carácter, pode ser moldado pelas mentes humanas. Ele assume, quase permanentemente, as condições do seu ambiente; porque lembra-te: o éter é ponderável no sentido em que não se desloca. Podes compará-lo a uma gelatina. Se lhe deres uma pancada num dos lados, a vibração sente-se no outro — tudo estremece. Não consegues medir o éter neste momento. Os cientistas tentaram medir a deriva do éter — a deriva do mar de éter em relação à Terra; estavam no caminho certo, de certa forma, quando procuraram os pontos mais altos, mas não foram suficientemente alto.

Teriam de ascender pelo menos a uma altura de oitenta milhas (cerca de 130 km) acima da superfície da Terra, e mesmo assim talvez fosse impossível medir com os instrumentos atuais. A Terra carrega o seu próprio éter, mas rapidamente se isola do mar de éter. Esse é um bom termo — 'o mar de éter'. Ele preenche todo o espaço. Interpenetra tudo. É mais denso que a matéria, pois não tem buracos nem espaços no seu interior. Não tem composição química. É mais sólido do que a Terra — em relação ao seu próprio ambiente, e não ao teu. Sabes como é andar na água. Quando andas nela até à cintura, empurras a água para os lados. Bem, fazes quase o mesmo no éter; mas não deixas um espaço atrás de ti.

"A água e tu não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo — mas o éter pode e fá-lo. Mas percebes o que quero dizer. É tão sólido e real quanto os teus tijolos e pedras."

Pergunta: "Um copo de água está permeado por éter. Concluímos que o conteúdo de éter dentro do copo de água difere do de fora?"

Peter: "Sim, claro. É por isso que me referi a ele como éter ligado."

Pergunta: "Tem peso?"

Peter:
"O seu peso é tão grande que não o conseguis medir, porque todos os vossos padrões e medidas são feitos dentro da massa etérica. Vês, é tão vasto e preenche tanto todo o espaço que não o compreendeis nem podeis compreender. Não conseguimos sair dele para o pesar. O éter tem uma frequência, e quando ocorre uma alteração dentro do éter, formam-se corpos materiais. O que

acontece é uma mudança de frequência no ambiente imediato do corpo material, de tal forma que difere da sua fonte aparente.

É manipulado por uma mente inteligente, tratando-se de um uso dos processos naturais por uma mente mais evoluída. O homem atua sobre ele através dos seus pensamentos; e o nível desses pensamentos é determinado pela qualidade com que são emitidos. Assim, temos, por assim dizer, estratos de pensamento etérico — estratos ou camadas com diferentes combinações ou taxas de vibração. Se cortasses a superfície da Terra, verias uma espécie de estratificação, marcando os diferentes períodos da formação da Terra. Seria precisamente o mesmo se pudesses pegar numa grande faca e cortar os estratos inferiores do éter, ou seja, aqueles estratos associados e ligados à área de influência da Terra.

Podes sintonizar com esses estratos de acordo com os teus próprios processos mentais. São, por assim dizer, registos mentais onde estão armazenados os pensamentos das eras. São a própria fonte do conhecimento — memória, experiência — à qual contribuíram todos os processos evolutivos do homem e da natureza.

Se pensares na água e nas suas características naturais, tens algo da ideia do éter. Percebes? Mas não é exatamente o mesmo. Ele preenche tudo por onde flui, embora, claro, existam diferenças maiores. Considera-o como estando constantemente em movimento, sem que o todo se mova; o movimento dentro do todo é auxiliado, flutuando, por assim dizer, de acordo com as influências que recebe da força do pensamento que encontra o seu nível ou estrato conforme a sua intenção. O pensamento gravita para o estrato mais em harmonia consigo — seja para o bem ou para o mal."

Pergunta: "Relativamente ao éter e à saúde! Acredito que podemos fazer muito por nós mesmos ao aceder conscientemente à vitalidade etérica. Podes dar-nos alguma ideia sobre isso?"

Peter: "Sim, claro que podem. Isso está correto: mas primeiro de tudo tens de te convencer de que tal coisa é possível. Deves lembrar-te sempre da trindade que constitui o homem — o triângulo formado pelo seu corpo físico, o seu corpo anímico (da alma) e o seu espírito. Já vos falei do corpo da alma, que conduz certos processos de controlo mental e opera em relação a todas as coisas que dizem respeito ao reino natural, dentro do qual está o reino do éter.

Se houver entendimento completo entre a mente — que pertence à alma, neste caso — e o cérebro, é possível (referindo-me à alma) solicitar a saúde e a força necessárias, o que é, na prática, uma vibração simpática; e assim incorporá-la em si mesmo e, por fim, no corpo. Pois lembra-te disto: antes de qualquer molde se manifestar fisicamente, ele existe etericamente, ou seja, dentro da alma. Deus ama o homem que, mesmo quando o destino lhe é adverso, mantém a sua fortaleza interior intacta — isto é, que conserva todas as suas potencialidades físicas. Deus não abandonou esse homem. Uma falha física humana é uma desarmonia na alma ou falta de sabedoria da mesma. Parece um desvio do tema do éter, mas não é. Nem sequer está ao lado — partilham o mesmo espaço."

Pergunta: "Disseste que a saúde e a doença são primeiro construídas no corpo da alma. Podes explicar-nos como é que, por exemplo, um corpo físico saudável adquire uma condição como dor de cabeça ou problema nervoso?"

Peter: "É tão simples, e no entanto não posso dizer sim ou não. Provavelmente pensarás que estou, como dizeis, 'a dar muitas voltas'. Se conseguires fixar na tua mente a ideia de que a alma existia antes do corpo (e não irás discordar disso), aí tens a resposta à tua pergunta. A alma está longe de ser perfeita, no que diz respeito ao seu desejo de viver; e gosta de usufruir dos prazeres da carne, sejam eles quais forem. Se tens dores de cabeça, podem dever-se a várias razões. Uma poderá ser excesso — que é uma forma de falta de sabedoria — ou, se for mais profunda, trata-se de uma

deficiência nos poderes construtivos da alma para completar a construção, no plano físico, de um sensorium nervoso durável nessa parte específica. Agora queres saber qual a relação disto com a cura.

Primeiro de tudo, tens de ter fé no poder de cura. Tens de estar consciente da existência desse poder. Vês, tudo aquilo que contribui para a vida está tão intimamente interligado, que quando começas a falar de uma coisa, não demora muito até cruzares a fronteira para outro domínio. É difícil, a menos que consigas visualizar tudo como um todo."

Pergunta: "Isso implica que harmonias e desarmonias, saúde e doença, são primeiro construídas no corpo da alma; portanto, a alma domina o corpo físico?"

Peter: "Disseste-o na perfeição."

Pergunta: "Estou intrigado sobre como essas condições podem ser construídas no corpo da alma, logo à partida?"

Peter: "Voltamos às nossas primeiras palavras, ao que vos falei sobre a respiração — respiração rítmica — não apenas em relação ao equilíbrio do ar mas, principalmente, ao fornecimento do éter ligado associado a esse ar, para manutenção do corpo etérico através do qual a alma opera. Podes, com controlo mental, dirigir a temperatura do corpo; mas, na generalidade, devido à vossa forma de vida, o corpo é mais suscetível às mudanças de temperatura do que seria se vivessem de forma mais natural. Disse-vos que estavam a chapinhar na zona costeira que separa o conhecido do desconhecido. Dizeis que a Terra é real e concreta. É concreta, mas não é real. Só o que é permanente é real. Somos nós que estamos na margem da realidade a olhar para vós; e vós estais de frente para essa realidade, mas as distâncias são tão vastas que não a conseguis apreender num único olhar. Mas estamos a falar do éter — o denominador comum que separa o visível do invisível (invisível para vós), separando o percetível do impercetível."

Pergunta: "O éter é o veículo do mundo espiritual e essencial para a existência dos seres do espírito?"

Peter: "Não, não no sentido em que temos falado até agora. É o reino ou a matéria da alma. É aquilo a que chamei o material com o qual a alma trabalha. É o seu barro e pedra."

Pergunta: "Dizes que na manipulação do éter grosseiro estás no teu elemento. Se o éter grosseiro é o teu barro ou pedra, não estás tu então ligado a ele, ou aparentado com ele?"

Peter: "Relacionavas-te tu com um edifício de barro? Considerarias que fazes parte dos tijolos desta casa ou do carvão que queimas na tua lareira? O mesmo se aplica aqui; e, não te esqueças, é usada a palavra 'grosseiro', que dá um significado diferente. Muitas das belas pinturas que vês nas paredes são feitas de material semelhante ao barro dos teus tijolos. É a aplicação que faz toda a diferença. Usei a palavra 'éter' de forma geral para todas as coisas ao referir-me às várias substâncias com que trabalhamos e que usamos, embora talvez existam outros nomes que lhes darias; mas as minhas respostas tornar-se-iam demasiado complexas. Quando especifiquei, disse 'éter grosseiro' ou 'éter ligado', enquanto talvez outras pessoas usariam outras designações. O éter denso é uma graduação do grosseiro, mas semelhante."

Pergunta: "Referindo-nos aos bastões psíquicos e seus condutores etéricos, podes dizer-nos como é aplicada a voltagem de que falaste?"

Peter: "Bem, é o mesmo princípio que vós usais, com esta diferença: tem as mesmas qualidades, mas é de uma frequência tal que não a podeis registar. No vosso mundo, conhecem-se as correntes de

baixa e de alta frequência. A de baixa frequência percorre a massa do condutor, mas as de alta frequência viajam apenas na superfície. À medida que a frequência aumenta, afasta-se mais do centro do material em direção à superfície — o que, creio, chamais 'efeito de pele' (skin effect). Se te ligasses a uma corrente de alta frequência (não necessariamente de alta voltagem), verias que ela queima mas raramente mata, por causa do seu efeito de superfície, demonstrando uma tendência a circular mais na parte etérica do condutor do que no material. É uma via mais fácil para ela; e, portanto, se pudesses aumentar intencionalmente a sua frequência, ela afastar-se-ia ainda mais do condutor. Estás quase a atingir isso com aquilo que chamais 'frequência radiada'.

Através das bobinas que usais pelas suas qualidades indutivas, as frequências viajam quase sem contato com o condutor físico. E assim continuais; no caso da telegrafia sem fios (radio telegraphy), tens a sua radiação através do espaço via éter. A perturbação no terminal — ou aquilo a que chamais antena — agita o éter por toda a parte. Nós levamos isso mais além do estágio em que vós estais, trazendo-o para o alcance das voltagens de que falei em ligação com os condutores psíquicos, ou aquilo a que chamastes 'bastões'. Estás a ver? E não vês que, com o avanço do vosso conhecimento sobre a radioatividade, estás a aproximar-te cada vez mais da compreensão do princípio da energia etérica?"

Pergunta: "Posso referir-me à conversa que tivemos sobre o éter da última vez? Há um ou dois pontos que talvez possas esclarecer um pouco mais. Falaste sobre zonas de éter que transportam pensamento e experiência. A primeira pergunta é: os espíritos retiram dessas zonas e também contribuem para elas?"

Peter: "Por um lado, retiram delas; por outro, influenciam essas zonas que estão acessíveis à mente humana. A sua própria inteligência, no entanto, é retirada de zonas ou estratos muito mais elevados e além da recetividade da mente humana. Por exemplo, no caso de se fazer revelações à Terra — aquilo a que chamais novas invenções — elas são colocadas ao alcance da mente sintonizada para as receber. O uso que o homem faz delas depois é da sua responsabilidade."

Pergunta: "A sabedoria que tens... Existe uma espécie de estrato ou zona de sabedoria para fins de registo de onde podes retirar conhecimento? É a mesma que acabaste de referir?"

Peter: "É a mesma, mas claro que há uma inteligência residual — aquilo de que podemos dispor pela nossa própria força; mas, para além disso, temos de recorrer a essas zonas de fornecimento. Lembra-te: elas são limitadas. Não podemos alcançar tudo, tal como vós também não, mas apenas de acordo com a nossa iluminação. Deves considerar o reino de que estamos a falar como sendo sempre presente — não existe passado nem futuro — apenas experiência."

Pergunta: "As zonas contêm apenas as experiências do presente imediato e do passado?"

Peter: "Elas contêm, nos registos, tudo desde o início da evolução, no que diz respeito aos reinos materiais e físicos. Simplesmente, antes de haver matéria, a vida existia no éter; e esses registos são os mesmos hoje como eram então — e sempre serão. As outras zonas são progressivas — estão a ser constantemente alimentadas com as experiências do passado, de modo que, quando o molde estiver cheio e o padrão físico completo, terás o fim daquele ciclo evolutivo. Consegues perceber?"

Pergunta: "Poder-se-á alguma vez chegar ao fim de um ciclo dessa natureza?"

Peter: "Sim, claro. Não pensais assim porque isso não está ao alcance da compreensão das crianças de hoje. Contudo, os vossos geólogos dir-vos-ão que durante certos períodos da história da Terra ocorreu alguma catástrofe inexplicável com grande súbita rapidez. Aproximadamente 52.000 anos é o período de um desses ciclos."

Pergunta: "E essas catástrofes — são organizadas ou evoluem naturalmente?"

Peter: "São organizadas pela natureza. Há inteligência por detrás da natureza. Tenho vindo a instruir-vos sobre isso. Falei-vos de uma 'consciência universal que não é individualizada. Essa é a diferença entre o homem e os animais numa perspetiva mais ampla. No homem, tens uma inteligência espiritual individualizada ou polarizada. O uso destas duas palavras ajudará, sem dúvida, os teus leitores a compreenderem o meu significado. O egocêntrico compreenderá 'individualizada' e o cientista compreenderá 'polarizada'.

Sendo o homem um espírito individualizado ou polarizado, cada um é diferente do seu próximo; mas em toda a natureza, especialmente no caso dos animais, não existe essa diferença. Se estudares apenas um exemplar de um determinado tipo, digamos um leão ou um tigre, estudas a espécie. Eles não têm individualidade. Têm aquilo que é conhecido como a consciência universal, que os copia como espécie, mas não como indivíduos. Dizes: 'Tenho um gato ou um cão que tem claramente personalidade!' A minha resposta é 'sim', por causa da sua estreita associação com o ser humano. Quem poderá dizer que, num tempo futuro, esse gato ou cão que tanto acaricias não ganhará o direito de se tornar teu irmão e passará a caminhar em duas pernas em vez de quatro? Não está fora dos limites do possível, mas não me vou pronunciar sobre isso agora."

Pergunta: "Relativamente ao éter ligado. Consegues associá-lo à construção física dos átomos, ou podes explicar a relação do éter com o átomo e as suas partes componentes? Essa associação é o que cria a ligação do éter?"

Peter: "É fácil fazer a pergunta, mas difícil discutir algo que para ti não existe. É a aproximação mais próxima da realidade que consigo ver, mas pode haver outros mais qualificados do que eu para dar uma análise do aspeto de um átomo. Imagina uma manhã orvalhada com muitos fios de teia de aranha: pendurado na ponta de cada fio há um pequeno glóbulo cintilante de água e, se o observares de perto, verás que está constantemente em movimento. Consegues imaginar isso? É assim que os átomos se parecem, estendendo-se até ao infinito! Já viste um tromba de água? Pois bem, isso é semelhante ao átomo em ação dentro do éter. É um redemoinho de energia; e é a sua velocidade ou vibração ou frequência de movimento que lhe dá a sua peculiaridade. Tem um centro carregado positivamente, 'protão' (esse é o vosso termo). Agora tens um corpo carregado positivamente. Pois bem — ele não está satisfeito por si só, está desequilibrado; então atrai para si cargas negativas ou o que chamais de eletrões. Nomes muito adequados, concordo. Assim que se rodeia de eletrões suficientes para se neutralizar e se sentir satisfeito, perde o interesse em tudo o que está fora de si. Estás a ver?

Durante esse processo, continua a girar, e de acordo com a natureza do seu centro são governados os números de eletrões necessários para o tornar estático. Quase imediatamente a seguir, estabelece-se dentro de si um estado de tensão no seu éter. Isto deve-se a uma torção (torque) que caracteriza o éter ou meio etérico através do qual estas forças naturais podem operar. Esse éter torna-se individualizado por causa da tensão. Tem uma zona ou esfera de influência ao seu redor que o torna semelhante ao nosso glóbulo de água.

Em poucas palavras, acabaste de ver a criação do átomo conforme dirigida por alguma mente superior no princípio, e não foi senão quando essa ação teve lugar que surgiu algo fisicamente vivo. Esse foi o trabalho de Deus no primeiro dia da criação. O primeiro 'dia' teve a duração de aproximadamente 52.000 anos; e os seis dias que levou a criar a Terra foram na verdade seis vezes esse tempo. Uma história mais verdadeira nunca foi escrita — se ao menos tivéssemos a mente certa para a ler."

Pergunta: "Qual era a implicação dos fios de teia?"

Peter: "Eles estendem-se até ao infinito. Agora imagina um molho desses fios com os glóbulos que mencionei presos a eles; e faz com que girem em torno da tua cabeça de forma a que, por assim dizer, fiquem uniformemente espaçados. Terias esses fios a girar, com tu como o pivô ao centro. A ligação invisível entre esse poder e o átomo é a inteligência, que está concentrada no centro. É, se quiseres, uma radiação polarizada semelhante à que é irradiada pelo homem — pelo homem individual."

Pergunta: "Em relação à decomposição, disseste-nos que o éter perde as suas características. O movimento inicial para a decomposição provém do éter ou das forças dentro do átomo?"

Peter: "Deve-se ao fato de estardes dentro da esfera de influência do átomo maior, que é a Terra, e das forças que empurram para o seu centro. Existe, de fato, uma pressão. E essa pressão é grande. Ainda assim, tem de haver uma reação, caso contrário terias a destruição do tempo — na verdade, a Terra não existiria. Deves lembrar-te de que uma dada ação provoca sempre uma reação oposta; embora a reação oposta nem sempre seja observada noutras coisas, ela existe."

Pergunta (Sr. Hart): "A matéria e o éter ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo? Um objeto desenvolve ou possui consigo o seu éter característico, que permanece ligado ao objeto e o mantém íntegro. Segundo a nossa ciência, dois materiais não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo; mas agora descubro que matéria e energia ou força podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. Portanto, o éter e a matéria ocupam o mesmo espaço simultaneamente?"
Peter: "Sim, definitivamente."

Pergunta (Sr. Hart): "A ciência, penso eu, está a começar a perceber que a verdadeira vida é espírito. Estás a viver a verdadeira vida?…"

Peter: "Não, não estou. Ainda estou a viver uma vida tão especulativa quanto a tua; mas estamos um passo à vossa frente. Também recolhemos fatos que são parte da realidade e que mostram, por comparação, a enormidade das descobertas da grande jornada que ainda nos aguarda. Temos uma maior consciência da realidade; e temos uma melhor compreensão da unidade da vida. É por isso que estamos aqui — para vos trazer isso."

Pergunta (Sr. Hart): "A vida é espírito; e a vida na Terra é meramente a existência do espírito na matéria. Tu, como espírito, existes sem matéria. Essa é a parte difícil para nós compreendermos. A nossa existência na matéria é apenas para adquirir experiência, para melhorar a nossa vida, para progredirmos no nosso caminho?"

Peter: "Tal como as palas num cavalo, assim é o corpo físico para a vossa compreensão na Terra. Só consegue ver um pouco à frente. Tem de ser cegado para todo o resto, caso contrário tornar-se-ia receoso. Mas o cavalo deseja livrar-se das palas; e porque desejais saber, também vós sentis isso. É o sentimento que qualquer ser normal tem — o anseio de saber o que está para lá dessas 'palas'. O problema está em encontrar a chave que abrirá o caminho. E, no entanto, encontrar a chave é tão simples que é profundo. Tens a ideia certa, e vamos prosseguir a partir daí."

CAPÍTULO X
O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE FÍSICA

Qualquer abordagem que tenha por objetivos a compreensão da "mecânica" dos fenómenos psíquicos exige um estudo da mediunidade e do seu desenvolvimento. A ciência da mediunidade em todas as suas formas apresenta um assunto tão amplo que nenhuma tentativa é feita aqui para tratá-la no global ou extensivamente, mas sim limitar a investigação àquele ramo da mediunidade conhecido como "físico."

De um modo geral, a mediunidade pode ser dividida em duas secções; em primeiro lugar, por falta de palavra melhor, mediunidade "mental" e, em segundo lugar, mediunidade física. Enquanto a mediunidade mental pode mostrar-se dissociada da mediunidade física, esta última abrange ambas. A mediunidade física apresenta atos definidos, que devem ser executados por meio da operação de forças regidas por leis. Tais atos são hoje descritos como paranormais porque o homem ainda não possui o conhecimento do modo da sua realização. Pode-se denominar mediunidade física aquela que envolve o movimento ordenado da matéria, a produção de sons e vozes, a criação de estruturas ectoplásmicas e a materialização de espíritos na forma física, bem como outras atividades.

Muita teoria foi já avançada com relação à mediunidade, porém, hesito em acrescentar outras ideias sem provas substanciais que as apoiem. No passado, a dificuldade residia no fato de nos ter sido apresentados atos completos de carácter paranormal sem que tivéssemos qualquer conhecimento comprovado que nos ajudasse a entender a mecânica que envolviam. É como se um homem primitivo visse um recetor de rádio e televisão em operação e então, com o seu vocabulário e perspetiva mental limitados, tentasse descobrir, em poucos passos, os processos envolvidos na produção do resultado. Pode-se imaginar a dificuldade que um exponente do rádio experimentaria ao tentar tal explicação.

Estamos praticamente na mesma posição do homem primitivo nos esforços que envidamos por apreciar a ciência da atividade psíquica. Com o passar do tempo e o estudo de registos autenticados, pudemos determinar certos fatos prováveis por observação e comparação. As novas teses avançadas por Pedro estão de acordo com esses fatos, embora a explicação do modo da sua produção possa ser diferente das hipóteses anteriormente concebidas.

No passado, fomos demasiado livres para construir a nossa teoria sobre princípios gerais e declarações ambíguas das inteligências espirituais operacionais. Não devemos culpar os Guias pela sua ambiguidade, pois bem pode ser que, diante das nossas interrogações, eles estivessem na mesma posição do demonstrador do rádio que acabamos de referir, que poderia dizer ao seu homem primitivo que as imagens e os sons da rádio televisão eram "imagens e sons que se propagavam nos ventos" como sendo a fórmula compreensível mais próxima que o limitado equipamento mental do questionador poderia abarcar. Portanto, é provável que os Guias tenham tomado no passado a linha de menor resistência e nos tenham convencido, por enquanto, com referências abstratas a "caixas de voz," "bastões psíquicos" e coisas do gênero.

Estamos hoje praticamente na mesma posição, mas avançamos um pouco; e mesmo uma mente leiga pode compreender as explicações que Pedro deu. Algumas das suas afirmações que afetam a mecânica da ação supranormal ainda não são passíveis de ser provadas pelo homem, mas possuem o mérito de serem prováveis e lógicas — outras afirmações são definitivamente prováveis. É sugerido que quando as declarações prováveis, mas ainda não passíveis de comprovação, estão relacionadas com aquelas que são prováveis, há uma cadeia de ideias racionais interligadas que explica de maneira elementar muito do que tem sido um completo mistério. A nossa capacidade de compreender as explicações de Pedro foi facilitada pelo recente avanço do conhecimento humano afeto à atividade de rádio, que fornece paralelos de ideias que nos facilitam a compreensão.

A opinião é de que quando resultados comparáveis ocorrem com diferentes médiuns, e espaçados no tempo e no lugar, similares na estrutura ou efeito, então há razão para deduzir que tais resultados

sejam qualidades comuns de tal mediunidade. Por exemplo, com o Jack Webber, consegui fornecer evidências fotográficas de várias fases de fenómenos físicos. Por si só são únicos e interessantes; mas quando resultados fotográficos similares são obtidos através de vários outros médiuns (mesmo que apenas um ou dois até o momento), então será razoável aceitar essa evidência como sendo uma qualidade comum a essa mediunidade: e, portanto, o que pode ser considerado como "estranho" torna-se desempenho racional normal.

A prova de uma afirmação ou a probabilidade de uma afirmação ser verdadeira pode não ser imediatamente óbvia a partir do assunto imediatamente pertinente à afirmação, pois a prova, ou prova provável, só é discernível por comparação com a evidência relativa a outro aspeto da questão. Por exemplo, não seria fácil compreender a teoria avançada para o desenvolvimento da mediunidade física sem entender os poderes, funções e limitações do Guia no controlo do médium; ou porque uma representação feita ao Guia pode não ser permitida sem conhecer as funções dos controladores, isto é, os potenciais do éter de ligação, os graus do ectoplasma, etc. Portanto, o leitor é solicitado a tomar toda a teoria avançada como uma estrutura coerente; e a não isolar nenhuma visão de todo o texto.

Como preliminar para as gravações e explicações que se seguem, são dados conselhos do Guia de Arnold Clare para ajudar no desenvolvimento da mediunidade física, na esperança de que possa beneficiar aqueles que buscam tal desenvolvimento; e também como contribuição para o estudo da mediunidade, que, afinal, é o ponto de partida para o estudo dos fenómenos. De um modo geral, existem duas condições de transe: 'transe parcial' e 'transe profundo.' Para a mente leiga que não experimentou nenhum estado de transe, é difícil definir precisamente por palavras o que significa 'transe parcial.' É uma daquelas condições que tem que ser experimentada para ser compreendida. Basta dizer que num transe parcial o médium está consciente do que está a acontecer; está presente uma certa medida de normalidade, embora a atividade psíquica que ocorre seja paranormal.

Exemplos: Um médium que fale num transe parcial pode estar a emitir um fluxo livre de oratória e de ideias relativas a um assunto do qual o médium pouco ou nada saiba, e ainda estar consciente das palavras que está a proferir. Médiuns físicos (como o caso da Miss Goligher, ocasionalmente o do Jack Webber, o da Minie Crandon e outros) podem ter consciência do próprio ato do movimento dos objetos. Na verdade, eles podem realmente ver o movimento a ocorrer e também podem conversar com vozes produzidas por uma trompete suspensa no ar à sua frente. Pode-se dizer que a condição de transe parcial varia de um por cento a noventa e nove por cento.

O transe profundo é muito mais facilmente explicável, porquanto nesse caso o médium não tem conhecimento consciente de absolutamente nada, nem mesmo do pensamento — por outras palavras, o médium encontra-se num estado de inconsciência.

Conforme indicado antes, a mediunidade física é possível com o transe profundo ou parcial — médiuns de voz como Valiantine e a Sra. Perriman eram, em todo o caso, normais enquanto a sua mediunidade estava a operar. Um médium em desenvolvimento não deve, pois, ser desencorajado se não atingir a condição de transe completo ou profundo. Está registado que uma fotografia foi obtida com ectoplasma a cobrir a cabeça e o rosto de Jack Webber enquanto ele estava plenamente consciente do que estava a ocorrer. No entanto, para o trabalho físico, geralmente é necessária uma condição de transe profundo, especialmente nos estágios iniciais do desenvolvimento.

Pedro fez comentou isso nos seguintes termos:

Pedro: "É bastante incomum que a voz ou outras formas de fenómenos físicos se manifestem, exceto numa condição de transe absoluto. Quando isso ocorre, a mediunidade é uma mediunidade aberrante."

Pedro deu mais conselhos que agora seguem um método que ele defendia para o desenvolvimento da mediunidade física. Deve-se observar que esta informação, e de fato todas as informações relativas aos vários assuntos sobre os quais ele falou, foi obtida em resultado de inúmeras sessões e

discussões. Portanto, foi compilada e apresentada com a menor interferência possível nas palavras que empregou. Alguma redundância não pode ser evitada, pois muitas vezes uma ideia nova foi apresentada na repetição do mesmo assunto.

Preliminar de uma sessão, em que o Pedro aconselhou.

Pedro: "O médium deve esperar cada sessão do círculo em desenvolvimento com antecipação e ansiedade. É muito importante que o dia da sessão seja de total preparo, antecipação e de pensamentos felizes, roupa limpa e coisas assim. Isso, conforme será de ver, é simples de cultivar num tempo muito curto.

"É melhor que consuma carne com moderação. Vocês não devem fazer a sessão muito cedo depois de terem comido. Embora pelo menos três horas devam decorrer entre uma refeição e a sessão, vocês nunca devem fazer a sessão com fome. Um refresco muito leve pode ser tomado se for necessário de permeio. Não impomos nenhuma restrição mas aconselhamos que se coma menos carne. O mais sensato seria que não houvesse 'Nãos' nem 'Sins' porque, a haver, incorreriam no perigo de alguém pender demasiado para um lado ou para o outro.

"A parcimónia do homem ou da mulher sensata deve ser treinada para aceitar qualquer apelo da razão que lhe seja feito. A carne que vocês comem não é importante, é o método de comê-la e o motivo por que vocês a consomem. Seria sensato rejeitá-la a princípio, mas não há necessidade de ficarem aborrecidos por a comerem. Pelo menos, restrinjam-no no dia da sessão." *

** Na prática efetiva, os médiuns de manifestações físicas evitam as refeições durante um período antes de participarem na sessão, exceto talvez para uma xícara de chá. Invariavelmente são excelentes apreciadores de carne.*

O que se segue é um resumo de outras sugestões do Pedro:

Pedro: "Antes de participar no círculo em desenvolvimento, o médium deve sentar-se em silêncio durante um tempo no aposento das sessões e envolver-se em exercícios de respiração rítmica. Esse exercício deve ser realizado com a mente e o corpo do médium completamente relaxados.

"O ar deve ser inalado e exalado apenas pelas narinas e não pela boca. A respiração deve ser natural, a inalação excessiva é um impedimento; mas é importante que a expiração seja completa. A ênfase é colocada neste aspeto: todo esforço deve ser feito para expelir o máximo possível de ar dos pulmões.

"Além desse exercício imediatamente antes da sessão, seria benéfico para o médium dedicar-se a esse exercício diariamente sempre que a oportunidade se apresentasse. Ele deve então relaxar completamente o corpo e deve ter a mente desapegada da ocupação normal do pensamento."

Numa ocasião subsequente, depois que o acima exposto foi lido ao Pedro, ele acrescentou:

Pedro: "Isso mesmo. Talvez seja melhor eu dizer algo mais sobre isso, porque pela cooperação inteligente se poderá obter um valor muito maior.

"Quando vocês inspiram sempre pelas narinas, não estão apenas a inalar o ar, mas também o fluxo de éter — o éter livre. Bem, esse éter é descaracterizado, e não possui caráter próprio; mas quando passa pela peneira, por assim dizer — a 'peneira,' disse eu — recebe o seu carácter impresso pela mentalidade daquele que respira. Isto é importante. Tal como as narinas são os filtros para a atmosfera necessária ao bem-estar do corpo, também são os filtros para a rejeição por parte do éter de todas as coisas que sejam hostis ao indivíduo, enquanto transmite as coisas que são boas. Mas funciona nos dois sentidos, pois rejeita também aquelas coisas que não podem ser apreciadas pelo indivíduo — isto é, coisas espirituais.

"Portanto, nesta prática da inspiração e expiração, a mente deve focar-se suavemente na 'grandeza total' do espírito. Tem o efeito de criar aquelas condições que, individualmente, nós próprios temos de criar.

"A forma de obtenção por esse método, aplicado com inteligência, garante a permanência e a boa saúde, que, conforme vocês notarão, falta a muitos médiuns."

Pedro foi solicitado a fornecer mais informação sobre o que é recebido e o que é rejeitado quando o fluxo de éter é inalado.

Pedro: "A melhor maneira de responder é a seguinte: A corrente de éter que entra no sistema através da respiração não tem caráter em si mesma. Quando foi inspirada pelo ato normal da inalação, é impressa pelo pensamento e caráter do indivíduo. Isso é entendido. Portanto, ao tornarem esse conteúdo etérico mais potente, mais vital, por meio do controlo do pensamento na respiração, vocês podem transformar esse fluxo de éter numa verdadeira força dinâmica. Já falamos do corpo etérico e do corpo da alma — ambos dependem do éter inalado com a respiração comum na sua vitalidade e sustento.
Quanto mais ela for impregnada com pensamentos nobres dirigidos conscientemente, mais a mente subconsciente alinhará pelas coisas espirituais. Portanto, em vez de ter uma parte da vossa 'agregado,' por assim dizer, contra vós, vocês fazem da alma um forte aliado — todos os três (corpos físico, espiritual e da alma) a trabalhar em conjunto, como um todo. Pois deve ser lembrado que a alma é o repositório de todas as experiências relacionadas com o mundo natural e somente esse mundo. Por conseguinte, os seus desejos são primitivos; é egoísta. É controlada por duas leis estritas, a da atração e a da repulsão — que muitas vezes é a progenitora do ódio. Essa é uma parte.

"Ao respirar ritmicamente, o corpo físico tira proveito do ar que vocês respiram por ele ser inalado de forma constante; e, portanto, o movimento do coração é mais regular com o suprimento constante de oxigénio. O éter que é inalado com ele não vai para os pulmões. É retido por uma peneira. A peneira acha-se encerrada na raiz do nariz, e é de lá que se dispersa. Aí ele recebe a impressão da intenção do pensamento — no que diz respeito ao trabalho psíquico. Isso é da maior importância. Não só é importante para a saúde física, como também concede uma maior vitalidade etérica. Acho que isso responde à outra parte da questão.

"Quando vocês respiram, devem respirar com intenção e dizer, 'com cada inspiração eu inspiro o espírito da vida,' 'cada respiração liberta-me,' 'cada respiração fortalece-me espiritual e fisicamente.' Não é inteiramente o que vocês designariam por auto-sugestão, embora seja verdade que contenha um elemento disso; mas a ideia passa por impressionar o fôlego com o vosso carácter, a ideia que têm no momento. Vocês podem usá-lo para o bem ou para o mal."

Pedro tem falado de 'vós os três,' os corpos Físico, Espiritual e da Alma. Estes não devem ser confundidos com os corpos etérico ou astral. Pedro deu as seguintes definições dos corpos etérico e da alma — preciso observar que a conceção que tem do corpo da alma se mostra em desacordo com a conceção ortodoxa da alma.

Pedro: "O corpo etérico. O corpo etérico é visto somente a envolver o corpo físico como uma extensão prateada iridescente. É o reservatório do corpo físico — o seu depósito.

"O corpo de alma. O corpo da alma é aquela parte que diz respeito essencialmente à natureza. É primitivo. Por natureza, quero dizer o mundo natural, associado a todas as vastas experiências, desde o mineral até o reino vegetal e, finalmente, o animal, a ser associado ao homem. Tem todas as experiências acumuladas dessas fontes, pelo não possui em si nenhum caráter espiritual. É a força motriz do corpo com relação ao reino animal, e o 'homem' é o único inimigo que o homem tem enquanto indivíduo. Ele é aquele que os impulsiona apenas através do desejo. Ele é o repositório da memória."

Ao comentar que a explicação acima diferia das interpretações ortodoxas da Alma, Pedro acrescentou:

Pedro: "É nisso que o homem tropeça. O espírito não pode ser visto, exceto no que anima o corpo da alma com o qual esteve associado por tanto tempo. O corpo da alma é a réplica exata do físico, mas o espírito não está encerrado na forma. O espírito é livre. Vocês não podem ver o espírito; porquanto, se vocês pudessem ver o espírito visualmente, veriam o fim de todas as coisas; mas quando digo que os posso ver no sentido físico, vejo o vosso corpo da alma.

"O corpo astral. O corpo astral propriamente dito é o corpo da alma — aquele que vocês veem por via clarividente. É o espírito que a anima (a alma), tal como o astral anima o físico. Na verdade, o corpo astral é a réplica exata do físico em todos os detalhes, ao passo que o corpo etérico não.

Pergunta: "Será o éter um componente distinto da atmosfera? Pode-nos dar alguma fórmula aplicável ao éter?"

Pedro: "A cadeira em que você se senta permanecerá uma cadeira enquanto o éter que está associado ao material de que é feita não se desintegrar ou disseminar. O éter está associado e assume uma forma de individualidade daquele a que está associado. Vocês têm vários tipos de ar, não se esqueça. Vocês tem ar numa parte que é puro; e vocês têm outro que é menos puro; e em outras áreas onde há montanhas você têm-no rarefeito. Todos são inteiramente diferentes — mas ainda assim feitos da mesma substância. Sucede o mesmo com o éter.

O éter não pode ser melhor descrito do que como uma enorme substância gelatinosa — se uma mudança ocorrer num lado dele, essa mudança é transferida ao todo. O mesmo se aplica às formas de éter individuais: isto é, aquelas outras associadas a diferentes matérias e substâncias. No caso do ar, vocês têm o éter na sua forma mais elevada; é mais refinado por conter todas as potencialidades da vida. Contudo, não é impregnado com o carácter, nem para o bem nem para o mal, até atingir um certo ponto na poupança do homem: isto é, a peneira de que falei, situada na base do nariz. Eu uso o termo 'peneira' por dispensar explicações.

"Assim como o ar é necessário à manutenção do corpo físico, o éter é igualmente necessário à manutenção do corpo da alma; e tal como o ar torna necessário que o corpo físico trabalhe para circunscrever o corpo da alma, também o éter mantém o corpo da alma como um veículo adequado para o espírito. Compreenderá que estou a tentar explicar coisas infinitas numa linguagem finita."

Foi feita a pergunta se a respiração acelerada e ligeira, por vezes percebida com o desenvolvimento, era uma ajuda ou não. Pedro respondeu:

Pedro: "Errado. Isso é prejudicial ao médium que tem que ser estimulado artificialmente pelos controladores. Eu não sou o controlador [ver a seção que trata da função do Guia], mas depois, entende, isso tem que ser feito por eles para conseguir contatos para o trabalho em que estão envolvidos. Não devia fazer parte do desenvolvimento. É uma parte artificial e prejudicial ao médium. É melhor que ele pratique a respiração rítmica, o que seria uma ajuda definitiva para si próprio.

"O método que lhes dei é precioso; e praticamente, deverei dizer, essencial. Ao praticar, vocês entram em contato com fontes de sabedoria onde podemos conversar; não podemos aproximar-nos onde a respiração for acelerada. Há muito ruído nesse caso e devemos ter silêncio no médium. O desenvolvimento será rápido se vocês o fizerem dessa maneira."

Ajudará o leitor a entender as intenções do Pedro se a seção que trata das funções do Guia e dos Controladores for considerada em relação ao que foi dito acima assim como às observações que se seguem.

Existem duas formas de controlo: (a) o controlo de fora e (b) o controlo de dentro. O controlo de fora é o controlo pelo pensamento 'conectado' à condição etérica do médium. O controlo de dentro é a posse do corpo e das faculdades do médium por parte de um controlador. Pedro deu o exemplo de que o 'John,' outro dos guias ou operadores espirituais de Arnold Clare, poderia trocar com ele instantaneamente e com facilidade. Ao ser questionado sobre como isso era conseguido, ele disse:

Pedro: "É o seguinte sobre a presente questão: A ideia do sistema do qual tentei falar-lhe é que não assumimos o controlo do corpo físico do médium para obtermos controlo direto. O controlo não é do corpo. É um controlo como que à distância — ou seja, não controlamos a economia física do médium, mas fazemo-lo simplesmente por um método de 'conexão'. O estado de transe é induzido pelo médium. Para uma troca, tudo o que tenho a fazer é remover a minha concentração de pensamento e o John exercer a dele.

Pedro então apresentou a seguinte analogia. Precisamos ter presente as suas palavras ao considerá-la — que o estado de transe é induzido pelo médium, emitindo assim um convite para a entrada do Guia.

Pedro: "Por exemplo: eu vou a sua casa, gozo de liberdade de movimento, mas não tenho acesso ao seu quarto privado. Está além dos limites da minha liberdade. É, como deveria ser entre bons amigos; eu reconheço-o como o seu santuário e não entraria nele porque é um lugar privado para si. Mas se eu quiser falar consigo, eu bato à porta ou ligo para o seu telefone.

Foi feita uma pergunta sobre se é aconselhável prender a respiração por um curto período. Pedro respondeu que, embora essa prática fosse boa para exercícios respiratórios normais, não era aconselhável para exercícios de desenvolvimento psíquico e acrescentou:

Pedro: "Supondo que você estivesse aqui à espera de estabelecer contato comigo, você não prenderia a respiração. Mas, embora seja bom além do desenvolvimento na prática normal, deixe que lhe imprima o seguinte na ideia. Para o desenvolvimento, não inspire demais, pois isso é perigoso para si. Apenas o suficiente para encher os pulmões.

Pergunta: "Você aconselha alguma quantidade de participantes para o círculo em desenvolvimento?"

Pedro: "Quanto menos, melhor."

Pergunta: "O estado de transe é auxiliado pelos nossos guias ou controladores espirituais?"

Pedro: "Isso é verdade. É por isso que em alguns casos varia. Muitos são bastante temporários e insatisfatórios. Os movimentos do médium são desajeitados — há muita contorção — há muito barulho e não se dá uma transferência de pensamento e movimento facilmente rápida entre o médium, agora em transe, e o controlador. Já disse muitas vezes 'Somos mestres em originalidade.' Podemos descobrir maneiras alternativas de produzir o mesmo resultado.

Bem, no caso em que o transe de um médium é assistido e auxiliado pelo controlador, é porque o médium não sabe melhor e o controlador, muitas vezes, não tem paciência. Digo-lhes isto com toda a seriedade — não devem permitir o acesso ao santuário do vosso ser a ninguém do outro mundo; e o sábio não o permitirá. Vocês são um reino em vós próprios, cuja autocracia não deve ser partilhada com ninguém, não importa o quão querido ou próximo esse alguém possa ser."

Após esta observação, perguntou-se ao Pedro:

Pergunta: "A maioria dos médiuns em desenvolvimento tem esperança de alcançar um estado de transe profundo; caso ele o alcance, como poderá ele distinguir quem deve tomar posse ou determinar o grau ou qualidade dessa posse?"

Pedro: "Você precisa aceitar o controlador ou rejeitá-lo. A culpa não é daquele que tem ideais elevados. É um caso de buscar uma liderança sábia ou não: muitas vezes é o caso de obter resultados rapidamente sem aprender primeiro com a sabedoria dos outros."

Como essa resposta não se mostrasse muito clara, Pedro foi questionado mais a fundo.

Pergunta: "Suponha que estou a participar numa sessão para um estado de transe profundo — estou disposto a entregar-me ao trabalho por parte do controlador — eu devo acolhê-lo — mas como poderei manter essa individualidade quando estou em transe profundo? Como posso distinguir se um controlador é benéfico ou não se a minha consciência sofreu um lapso?"

Pedro: "Nós participamos aqui com o controlador que vocês permitem. Vocês não seriam capazes de avaliar, mas aqueles que estão convosco avaliam. Não deve haver dificuldade em reconhecer a natureza do controlador. Vocês veriam se os movimentos são desajeitados e se há falta de controlo correto. Nos moldes acertados, há uma coordenação completa; o movimento é natural e normal."

Pergunta: "Nesse caso a responsabilidade de distinguir se o controlador é desejável ou não recai sobre aqueles que estão em sessão com o médium em desenvolvimento?"

Pedro: "Sim. Por exemplo, veja bem, todo método de participar num círculo de desenvolvimento é oportuno para as 'névoas escondidas.' Aqueles que mais o desejam podem fracassar, embora possuam todo o equipamento; e aquele que menos espera recebê-lo, recebe-o, embora possa não estar mentalmente equipado para prover a um instrumento útil.

Pergunta: "Um estado de transe não permitirá a entrada de mais alguém?"

Pedro: "Esse é um aspeto que vai provocar muita discussão; pois precisa recordar que o desenvolvimento até o estágio atual é construído com base numa tradição (de desenvolvimento) que data dos primeiros dias, quando as coisas eram um pouco mais grosseiras. Bem, a mente do médium em desenvolvimento já testemunhou isso antes e muitas vezes ele passa pelas mesmas contorções, por a consciência de si dele ter sido impressionada.

O que quero dizer é isto — no desenvolvimento — um médium procura alguém que assuma o controlo. Essa não é a melhor maneira de participar na sessão. Não devia haver nenhum esforço para procurar o controlo do corpo: devia haver um 'sentar em silêncio' para sentir uma personalidade, que não se deve ao controlo direto, mas à infusão na sua própria mente de um pensamento impulsionador como aqueles que agora estão a chegar até si.

"Não nego que o controlo ou o sistema que tem sido usado para o desenvolvimento das faculdades psíquicas produz alguns efeitos bons, mas num caso estamos a falar de coisas psíquicas e, noutro, de coisas espirituais. Aqueles que beneficiam são pessoas robustas que podem suportar o controlo sem problemas: mas conquanto haja um que tira proveito com a associação, há muitos outros que não; assim, precisamos avaliar por nós próprios. Estou simplesmente a passar a minha opinião; e se ainda se sentir preparado para assumir a responsabilidade e levar por diante esses controlos, não há nada que obste. Alguém irá tirar proveito.

"Gostaria de lhe esclarecer a razão por que a respiração rápida desequilibra o organismo físico. Todo mundo conhece esse fenómeno; e cada um tem uma forma de ritmo própria, mesmo que não seja perfeita. Enquanto isso for mantido, o indivíduo completo continuará a trabalhar junto em estreita harmonia. Quando, entretanto, o controlador começa a abrir caminho ou a intrometer-se no domínio do indivíduo, ele tem que acelerar gradualmente a respiração, o que só pode ser feito por estímulo. Assim, mais facilmente ele será capaz de assumir o controlo total, descartando esse ritmo.

O que se faz, na verdade, é distorcer a concentração entre o corpo físico, etérico e o corpo da alma. Se esses três se concentrarem de maneira diferente, o controlador poderá assumir melhor o

comando completo. Essa é a única maneira por que lho posso explicar. O próprio fato da retirada gradual do controlador significa um retorno gradual da plena consciência do médium; embora, é claro, haja uma fase temporária em que pode haver um aumento na taxa de respiração. Eu digo-lhe o seguinte — que se você estivesse a conduzir um círculo físico, através do conhecimento disso você poderia ensinar os controladores e mostrar-lhes o contrário; você estaria em posição de os aconselhar a não ter muita pressa; e se você fosse persistente nisso, você havia de os ajudar a fazer melhor."

Pergunta: "Nesse caso, o equipamento mental do médium limita o poder do controlador de se expressar?"

Pedro: "Sim, no caso da forma de controlo que estamos a discutir — o método grosseiro (controlo a partir de dentro). O limite é estabelecido. Pelo outro método não é tão limitado; mas o médium bem equipado é naturalmente um instrumento melhor para nós; ele também lhe deixa a mente elástica, para saber os 'porquês' e deseja buscar mais. Aqueles que detêm uma mentalidade limitada estabeleceram para eles um limite que não podem ultrapassar."

(Aqui, Pedro está a referir-se à classe de médium que não tem desejo de entender o funcionamento da mediunidade.)

Pergunta: "Você consegue dominar a mente subconsciente do médium e as suas próprias ideias, teorias, etc., quando controla?"

Pedro: "O método de desenvolvimento que recomendo é a única maneira pela qual o conseguimos fazer *(controlo a partir de fora).* Você vê, estamos fora do médium e não o envolvemos. Portanto, você frequentemente descobrirá que onde o subconsciente do médium e o desejo do controlador se chocam, isso pode ser indicado por uma pausa no discurso ou uma confusão de palavras. Você deve ter notado como ainda agora que eu quis usar a palavra 'método' e disse 'medida': * isso é um indicador, mas nós corrigimo-lo por estarmos fora da influência do médium. Se o subconsciente se alçar, ele corta-nos."

** Esse incidente aconteceu, embora não se torne evidente no texto.*

Pergunta: "Com respeito à respiração acelerada, você disse 'É conseguido pelos controladores para conseguir estabelecer contato.' É nosso entendimento que você controla as condições que permitem os fenómenos — isto é, controla a partir de fora; mas deveremos entender que os controladores que trabalham independentemente precisam estabelecer contato com o médium a partir de dentro?

Pedro: "Sim, no caso comum. Nesse caso, o controlador entra inteiramente na aura do médium. Ou talvez eu devesse colocar desta forma: ele não está no controlo completo, mas torna-se no médium e o médium torna-se no controlador. Ele assume completamente o controlo do organismo físico — isto é, por controlo direto, controlo a partir de dentro. Para permitir a entrada desse controlador, é necessário que a respiração do corpo físico seja acelerada de modo a atingir a rutura completa, para tirar o organismo físico da harmonia natural, criar perturbação — e assim permitir que um intruso penetre.

É por isso que a respiração é desregulada. Se você estivesse mais perto de mim, descobriria que quase não há respiração. A respiração é lenta, e se você tivesse o médium sob observação, muitas vezes haveria de descobrir que nenhum sinal de movimento é observável." (Isso foi notado repetidamente — a falta de sinais de respiração.)

As perguntas e respostas subsidiárias que se seguem relacionadas com o anterior foram feitas posteriormente.

Pergunta: "Haverá algum atributo especial que uma pessoa deva possuir para ser um sujeito adequado para a mediunidade física?"

Pedro: "Bem, acho que será melhor limitar isso a tipos de indivíduos. Ao mesmo tempo, precisamos lembrar que, ao falar de tipos, sempre há exceções.

"Os tipos que melhor se prestam para a materialização serão encontrados entre aqueles de mentalidade plácida e de mentalidade de anta com a característica física de encorpados; mais especialmente onde o corpo mostrar uma aparência de humidade.

"Depois temos aqueles mais adequados à produção de voz. São de temperamento nervoso, geralmente rápidos na fala e na ação, não muito vastos nas suas proporções. Refiro-me ao homem pequeno, bastante elegante.

"Para aportes temos aquele que é lento na fala, não muito lido e geralmente gosta da vida ao ar livre, particularmente de jardins e o seu cultivo.

"No que diz respeito à levitação, aí você encontra os tipos que geralmente são bem constituídos, não necessariamente no sentido de serem altos, mas em relação à sua força e reflexo muscular; esses são em geral intelectualmente muito limitados. Nos casos em que se obtém os diferentes aspetos da mediunidade física exibidos por meio de um indivíduo, você encontrará uma combinação de todas essas características reunidas. Um pequeno aspetos que gostaria de acrescentar. Para a mediunidade física e o seu desenvolvimento, é a pessoa com humidade nas palmas das mãos que devem escolher para médium; e um que tenha cabelo na cabeça. Não existem médiuns físicos carecas; pois, à medida que os cabelos desaparecem, também o seu poder de mediunidade desaparece. A perda de cabelo é uma degeneração da parte nervosa do sistema e essa é a parte da qual não podemos prescindir."

Pergunta: "Será a mediunidade mais favorável a um sexo?"

Pedro: "É favorável a ambos os sexos."

Pergunta: "Você diz que o éter inalado é recebido no crivo (peneira) e aí disperso. Para onde é ele disperso?"

Pedro: "Não é, em definitivo, material para o sujeito, enquanto o médium em desenvolvimento realizar a ação. Dir-lhe-ei com franqueza que o melhor tipo de mediunidade física e a sua extensão e alcance dependem da conservação das forças sexuais. O centro a partir do qual é controlado é a base da coluna vertebral. Os éteres que você inala quando respira passam alternadamente pelo lado esquerdo ou direito da espinha; e de acordo com a impressão mental que esses éteres recebem, assim é o carácter daquele que é levado à base da espinha.* Mas não tem nada a ver com pesquisas mediúnicas por enquanto. Isto é a título de conversa privada.

** NT: Muita desta informação pode tem paralelo com a filosofia das Iogas Orientais, em que tratam esses aspetos por Ida e Pingala, residentes no Sushumna.*

Pergunta: "Quando um clarividente 'vê,' é necessário que aquela parte do cérebro que interpreta a visão normal esteja em ação para receber imagens espirituais?"

Pedro: "Bem, você quer dizer a parte do cérebro que regista as observações do corpo? Isso é estimulado, mas não usado. Essa parte é estimulada pela visão clarividente, de modo que a mente objetiva pode elaborar uma imagem que é mais ou menos uma produção perfeita conforme observada pela visão clarividente. Esse centro deve necessariamente ser usado antes que uma descrição verbal da cena possa ser feita. É estimulado de uma outra fonte."

Pergunta: "Se a receção da visão normal depende da operação entre os olhos e o cérebro do sistema nervoso que se aplica, será o mesmo sistema nervoso responsável por receber a visão espiritual?"

Pedro: "Essa é uma pergunta engraçada. Os mesmos sentidos são estimulados. Você entende o sistema de televisão que usam hoje. Vocês veem uma cena que lhes é trazida de longe e é refletida na tela fluorescente. Nela vocês refletem precisamente a mesma cena, embora possam encontrar-se a muitos quilómetros do local real da ocorrência. Você vê isso com os seus olhos, e para si é praticamente o mesmo que estar no ponto real de observação. Isso é muito semelhante à visão psíquica só que você também tem uma tela que opera através do mesmo meio, o éter, e estimula o mesmo nervo. Não opera da mesma forma em cada indivíduo. Há alguns, entende, que podem pensar que veem de forma objetiva, e outros por impressão, mas o processo é o mesmo."

Pergunta: "Citando as suas palavras 'pegamos emprestado um pouco da aura dos assistentes mais próximos e do médium que misturamos.' Muitas vezes notamos que certas pessoas têm consciência de serem usadas num círculo de manifestação física — uma sensação de esgotamento. Você acha que certas pessoas sejam sujeitos melhores do que outras para tal assistência, e não necessariamente as que se encontram mais próximo?"

Pedro: "Não gosto da palavra 'esgotamento.' O que eu quis dizer com 'o participante mais próximo' era onde a tensão era mais tênue — aquele mais próximo do ponto da escassez."

Pergunta: "Durante o trabalho com o seu médium, o John assume o controlo do médium enquanto as materializações são produzidas. Isso significa que o John se torna o Guia? Será, pois, correto que você se define como um controlador para o trabalho que empreende para fins de materialização?"

Pedro: "Não, não sou responsável pela materialização. Há uma certa imprecisão entre o que se entende por Controlador e Guia. Um Guia é-o essencialmente por causa das suas qualificações. Estou a usar a linguagem da terra. Essas qualificações abrangem um certo conhecimento que lhe confere autoridade para ensinar e instruir; o desejo de ser influenciado pelas velhas condições da terra perdeu-se por completo e o papel de Guia escolhido por causa da obtenção de pleno conhecimento do que esse serviço significa. Essa é a principal diferença entre Controlador e o Guia.

O Controlador é sempre um controlador; e refere-se sempre àqueles que assumem o controlo do organismo do médium pelo método direto. Por exemplo, na nossa classe de trabalho os controladores só funcionam dentro do campo áurico e manifestam-se apenas na voz direta ou nos bastidores a controlar os fenómenos. Paul, John, Abdul, Pedro, eu próprio, somos o que é chamado de 'bando de Guias.' Os controladores são Simba, Pequeno Pedro e um ou dois menos conhecidos que podem não nos dizem respeito.

Pergunta: "Quando um controlador está a operar a partir de dentro, ele torna-se no médium, por assim dizer, momentaneamente. Como então estará o Guia a operar sem ser capaz de usar o corpo do médium para falar?"

Pedro: "Ele não pode."

Pergunta: "Quando os fenómenos estão em ação, temos o Guia a falar através do médium para passar instruções. Não será assim?"

Pedro: "Não consigo ver como o controlador pode estar no controlo do médium e, ainda assim o Guia falar pela boca do médium. Isso é impossível ou praticamente impossível. Não devemos ignorar o fato de que o Controlador pode simular o Guia, ou, por exemplo, o Guia pode solicitar o Controlador; mas os dois não podem misturar-se. Se você tivesse dois sinais de entrada no recetor do seu rádio, que barulho horrível haveria de resultar."

Pergunta: "Como um Guia é capaz de falar através de um médium em transe parcial, será possível que o trabalho físico se manifeste no caso da mente do médium subconscientemente presente? Esse médium poderia direcionar a experimentação?"

Pedro: "Não, a mente subconsciente podia, mas não conscientemente."

Pergunta: "É possível que um médium produza fenómenos em transe parcial?"

Pedro: "É, mas é esquisito."

CAPÍTULO XI
A FUNÇÃO DOS GUIAS E DOS CONTROLADORES

Ao tratarmos das funções dos Guias e dos Controladores, é bom lembrar que qualquer ato de organização exige a presença de uma mente organizadora. O movimento propositado de um dedo, ou o erguer de um objeto de um lugar para outro, requer orientação da mente para realizar o ato. Portanto, quando qualquer ato deliberado ou planeado é realizado e realizado por agência não-humana, é óbvio que a ação de uma mente não-humana ou espiritual é empregue.

Os relatos de fenómenos através da mediunidade do Sr. Clare são suficientemente determinantes para a declaração certa de que eles excediam o normal em carácter e desempenho.

Aventou-se a teoria de que, admitindo que o médium esteja em estado de transe inconsciente, os atos ainda podem ser executados por meio do conhecimento contido na sua mente subconsciente. Não existe um pingo de evidência que apoie tal teoria. A mente subconsciente de um homem só pode reter o conhecimento adquirido com a experiência passada; e não existe nenhuma evidência de que o homem, em qualquer era, seja por meio do conhecimento ou por meio de outras mediunidades, tenha sido capaz de realizar atos como os aqui relatados com autenticidade.

A levitação de um objeto sólido no ar, sem qualquer forma de apetrecho construído pelo homem, requer a aplicação de uma força que neutralize a força da gravidade. Quando o objeto é de um material que não é recetivo a nenhuma das nossas forças conhecidas, como magnetismo ou eletricidade, parece que alguma força diferente dessas duas é empregue. Além disso, após o ato de o erguer, o movimento ordenado e controlado desse objeto denota um controlo que não é automático, mas inteligente. Quando o objeto se move de uma só vez, conforme desejado, a pedido audível de um assistente, em qualquer direção enunciada, para cima ou para baixo, para a esquerda ou direita, rápida ou lentamente, mais evidências são obtidas de que a inteligência que dirige responde às instruções do participante.

Essa inteligência deve possuir não apenas um conhecimento íntimo das leis naturais conhecidas pelo homem, mas também forças regidas por leis desconhecidas do homem. Além disso, essa inteligência deve possuir o conhecimento adicional de como combinar e coordenar essas forças com as que conhecemos.

Ainda mais evidências são fornecidas do poder maior possuído pela inteligência espiritual, pelo conhecimento que ela deve ter da anatomia humana e pela compreensão da mente humana. Isso deve ser óbvio para o leitor que pára para considerar o que está implícito na criação e nas potencialidades da atividade ectoplásmica. Assim, uma conclusão torna-se imediatamente evidente, ou seja, quando os fenómenos da mediunidade humana se manifestam, deve estar presente uma inteligência dirigente dotada de grande sabedoria.

Há outro fator comum a todos os médiuns; que é a 'personalidade' que se dá a conhecer através da fala, por via do médium ou por meio da 'voz independente.' Essa personalidade está no comando do médium e dos procedimentos de uma sessão. Temos Walter no caso da Margery, Black Cloud no do Jack Webber, Pedro e John no do Arnald Clare; e assim por diante, com cada médium.

Nota-se que duas personalidades foram citadas no caso do Sr. Clare. Isso não é incomum; com o Jack Webber, Black Cloud ocasionalmente deixava que um dos outros Guias assumisse o comando do médium.*

** Para fins de clareza, o termo Guia é usado neste livro para designar a personalidade responsável pelo médium e pelos procedimentos no ato; os outros operadores do espírito presentes são denominados controladores.*

O Guia durante uma sessão é um autocrata, e governa os procedimentos com mão de ferro.' Ele é o único árbitro do que poderá ser permitido ou não. Via de regra, tais Guias mostram ansia e disposição para cooperar com os assistentes quando os seus pedidos são razoáveis.

Esses Guias não são personalidades abstratas nem vagas, eles são conhecidos por nomes próprios, falam deles próprios, da nacionalidade que tiveram, do trabalho em que estiveram envolvidos aquando na terra; e por vezes forneceram evidências que provam as suas existências terrenas.

Contudo, não é de grande importância que o génio controlador tenha sido branco ou pele-vermelha durante a sua vida terrena. O fato saliente é que essas personalidades devem estar em condição de uma existência ativa. Para provar isso, eles realizam o seu trabalho entre nós.

Há outro aspeto que pode muito bem ficar registado. Quando alguém teve o privilégio de trabalhar consistentemente com um médium e entrar em contato frequente com o Guia, ele torna-se muito mais do que uma 'personalidade' ou a 'voz' através do médium. Aprendemos a conhecê-lo, e ele torna-se um amigo íntimo, quase como que 'da família'; e muito 'humano.' Ele entra na vida familiar dos participantes, é solícito e amável e é reverenciado como conselheiro, guia e amigo amado.

O Pedro disse-nos que o Guia tem a responsabilidade de criar as 'condições' nas quais os controladores podem apresentar os fenómenos. O Guia no controlo não produz um ato de levitação, aporte (transporte) nem nenhum outro dos atos realizados. É como se ele estivesse encarregado da energia e do interruptor de energia. Quando o Guia tiver criado as necessárias condições da sessão, são os controladores individuais que realizam os trabalhos.

Antes de tratar do *modus operandi* descrito por Pedro, de como as 'condições' adequadas são criadas, algumas evidências são dadas em apoio à afirmação anterior. Nas centenas de ocasiões em que participei com o Jack Webber, pude observar a variação da qualidade dos fenómenos, a facilidade ou dificuldade da sua produção de acordo com a natureza dos assistentes, a atmosfera geral; e a saúde ou disposição do médium. Quando as condições gerais de uma sessão eram cooperativas e fáceis, os fenómenos fluíam livremente de um ato para outro sem pausa.

Os movimentos eram fortes e sustentados e, por vezes, tão fortes que o Guia se expressava pelo médium a pedir cautela. O ato de encerramento da sessão era muitas vezes a levitação do médium no ar, preso à sua cadeira, quando ele pairava ao redor e por cima das cabeças dos participantes, e finalmente pousava do outro lado do círculo ou, às vezes, do lado de fora do círculo.

Os Controladores responsáveis por esse ato eram muitas vezes impacientes e não queriam esperar, de modo que ocasionalmente ouvia-se o Guia a advertir o Controlador, especialmente quando o médium tinha sido ligeiramente levitado a meio da sessão. Às vezes, quando após admoestação, o Controlador persistia em levitar o médium, o Guia pedia imperativamente que se acendesse a luz — rompendo assim as condições em que o Controlador poderia atuar. Noutras ocasiões, quando os participantes não cooperavam, ou alguma nova restrição era imposta ao médium, ou o próprio médium estava

perturbado, surgia dificuldade na produção de fenómenos; o movimento ou a atividade era curto, rápido e com longas pausas entre cada movimento. Então seria ouvida a voz do Guia a falar através do médium e a dizer, 'Faz o melhor que podes agora,' 'Faz isto' ou 'Faz aquilo,' indicando claramente que não cabia a ele realizar o ato.

Pedro descreve a maneira pela qual ele cria a condição certa para a ação como "estendendo o campo áurico do médium,' e as suas palavras sobre esse aspeto são interessantes.

Pedro: "Os fenómenos ocorrem na extensão da aura do médium. Isso é feito por meio de curvar-dobrar-refletir."

(Aqui, Pedro parece ter-nos dado uma nova palavra, "bowsing" para transmitir um significado, para o qual nosso vocabulário não tem tradução.)*

(NT: Traduzi livremente o termo por 'curvar' por inferência do sentido do exposto a seguir, mas não de forma categórica. Com efeito, a imagem que o livro mostra dá a ideia que a aura do médium se estende a cobrir o cenário do aposento e os participantes todos.)

"É não o tipo de dobra como é retratado quando você dobra uma chapa de metal, mas uma dobra sob uma tensão como a cobertura de um guarda-chuva. Conseguirá imaginar uma chama a ser curvada sem causa aparente, como se desviada por um vento direcional constante? É importante captar a ideia. É, por assim dizer, curvada por um poder invisível.

"Se, nessas circunstâncias, o círculo não estiver devidamente organizado, a aura do médium não pode ser 'curvada' ou estendida o suficiente para incluir todas as pessoas. Se a borda se tornar adelgaçada, devido a certas condições associadas aos participantes, pegamos emprestado um pouco da aura dos participantes mais próximos e misturamo-la.

"Com isso temos a 'tenda' ou 'guarda-chuva', sob tensão, a envolver todo o círculo. Essa 'tenda' ou 'guarda-chuva' cobre uma determinada área dentro da qual estão os participantes.

"As condições etéricas internas não são exatamente as mesmas que as externas.

"Dentro dessa área os Controladores podem exercer a sua vontade, até certo ponto.

"Se houver vazamentos no interior do 'guarda-chuva', as condições não serão tão boas para a produção de fenómenos.

"Temos uma atmosfera de liberdade na qual podemos operar sem limites; ou seja, sem a limitação que seria imposta fora da 'tenda'. Tem lugar dentro da pressão existentes dentro da 'tenda' onde os Controladores podem exercer a sua vontade."

Uma impressão retirada disso dá a ideia do autor sobre o que é pretendido. O médium tem visto isso e, através dele, o Guia disse que certamente dá uma impressão de o que acontece.

Um resumo de uma conversa anterior tida com o Pedro foi-lhe então lida da seguinte forma:

"O Guia no controlo cria as condições necessárias para que os fenómenos sejam manifestados.

"Essas condições são uma extensão do campo áurico do médium. Uma ajuda pode ser obtida da parte dos participantes para esse fim.

"O campo áurico é composto de (a) a aura correspondente ao corpo físico, que se estende por cerca de três polegadas ao redor da forma física, de cor prateada enevoada; e (b) a atmosfera áurica que é

ilimitada na extensão: um depósito de energia elétrica que pertence ao corpo da alma e está sujeito a ser retirado de cada condição.

"Para criar condições de sessão, o campo áurico é controlado e concentrado na área dentro da qual os fenómenos devem ser criados, como um 'guarda-chuva' ou 'tenda'.

"As brisas psíquicas são geradas quando as propriedades áuricas dos assistentes são empregues."

Pedro respondeu:

Pedro: "Não está muito bem. Eu não gosto da frase, 'Aura que se estende por três polegadas.' Deixe que eu lho diga mais uma vez.

"Em torno do ser humano normal e saudável existe uma extensão, uma extensão etérica.
Você disse correspondente — essa é um excelente termo. Significa 'perto de.' Essa extensão etérica é o reservatório de força física. Não possui caráter próprio, mas é simplesmente um depósito de energia etérica usado para o funcionamento completo e bem-sucedido do físico.

"Não é sensato da minha parte indicar medidas em relação a isso, uma vez que varia amplamente em extensão."

"Perto do corpo físico tem a propriedade de cores cintilantes. Isso se deve às mudanças mentais ou fluxo do indivíduo. A aura propriamente dita tem a sua própria cor básica. Todas as outras cores são adicionadas por estímulos mentais. Quero dizer, é claro, pela raiva, tristeza e coisas assim. Tem como cores básicas o laranja, o roxo e o cinza ardósia. Essas são sempre impressionadas primeiro. Essa é a aura ou atmosfera; e essa é a parte que é passível de ser estendida."

Perguntou-se ao Pedro se ele poderia dizer se as forças usadas poderiam ser comparadas a qualquer uma das forças de que tenhamos consciência. Ele respondeu:

Pedro: "A força mais próxima que conhecemos comparável àquela usada na produção da ação é uma magnética, mas essa força é de uma qualidade diferente e de carácter mais forte. A ponta de uma agulha magnética de bússola pode ser desviada da sua posição pelo poder direcional. Essa força magnética é superior à vossa força conhecida. É aliada da energia elétrica. Essa poder de força tem uma potência diferente daquela das forças conhecidas por vós: por exemplo, a madeira é um bom condutor da força superior, ao passo que é impermeável às vossas forças magnéticas e elétricas conhecidas. O estanho é um bom condutor, o alumínio não é tão bom; mas a diferença é ligeira e não impediria a ação.

"Você há de notar que enquanto estou a falar, a respiração do médium é praticamente inexistente. Você descobrirá que isso ocorre apenas durante a fala, e não por ele conseguir prender a respiração, mas por causa do relaxamento do corpo. Portanto, nenhum efeito nocivo é sentido pelo médium."

Pergunta: Com respeito ao trabalho dos Controladores e a referência que fez aos "pequenos seres", não quererá falar-nos sobre isso e revelar-nos algo mais acerca desses "seres" que operam nas salas de sessões?

Pedro: Com prazer, posso muito bem aceitá-lo. Já lhe falei sobre os Guias, segundo penso (sim).

Os Controladores são assim chamados por não se classificarem no padrão dos Guias e o seu trabalho ser completamente diferente.

Eles são chamados Controladores por causa do método de controlo que usam, que passa por entrar em completa posse do organismo físico do médium, ou seja, transmitir diretamente através desse organismo toda a sua personalidade. Isso constitui um erro, por não se verificar um desenvolvimento

espiritual perfeito do médium. Bom, isso não soa lá muito afortunado. A razão traz-nos de volta a essas questões muito (...) — desenvolvimento espiritual e desenvolvimento psíquico.

No caso de uma mediunidade controlada (emprego o termo por falta de um melhor) têm uma exibição de puros fenómenos psíquicos dotados de muito poucos espirituais. Os Controladores em si mesmo são muito bons mas estão um pouco afastados dos limites impostos ao homem na carne. O alcance da sua visão é muito restringido; e só podem atuar nos domínios adjacentes à Terra. Constitui o fenómeno natural do homem desde os alvores da história; poderá designá-lo simplesmente por religião primitiva — muito primitiva. Eles podem desempenhar o que seria designado como milagres, mas ficam-se por aí e não vão mais longe; e nessa escala de operação temos ao mesmo tempo todos os elementos que compreendiam a antiga magia*, tanto negra quanto branca, residindo a diferença na intenção e na vontade do médium e daqueles que compõem o grupo.

(NT: Tão característica do Egipto antigo, e mais recentemente, do Tibete, onde existiam escolas dedicadas à sua vertente negra, sem que o poder central se imiscuísse no seu exercício, normalmente reservado a locais menos acolhedores, conforme o relato de viajantes experimentados, e justamente através de estados espiritualistas de transe.)

Esses são os Controladores e a função que lhes compete.

Eu referi em diversas ocasiões as pequenas criaturas (por falta de um termo melhor). Esses pequenos seres são melhor conhecidos por "espíritos da natureza," ou, coletivamente como "elementais."* Eles assemelham-se muito à raça humana, possuem certas características acentuadas, ou seja, os seus corpos, se os pudessem ver, veriam que se apresentam ligeiramente desproporcionados dotados de características tipicamente idênticas independentemente da força particular que representem. São de temperamento animado. Carecem de todo de carácter moral, como sabe, e essencialmente não são bons nem maus. Estão sempre prontos a obedecer ao comando da mente humana onde houver uma estreita afinidade entre a mente do homem ou mulher e eles próprios. São capazes de manipular os éteres naturais com a maior facilidade, e de produzir coisas naturais como pedra, flores, e todas as coisas assim.

Na escala da evolução eles situam-se entre o animal e o próprio homem. O objetivos único que desejam atingir é a forma humana perfeita. Na sala de sessões, no que diz respeito aos fenómenos físicos, os seus serviços são muito necessários; de fato nenhum trabalho poderia ser conseguido sem a sua ajuda na produção de deslocamento de objetos sólidos trazidos de longe. Os seus serviços são utilizados em muitas outras formas de fenómeno; mas sempre sob a direção do Controlador, que se encontra em muito estreita aliança com eles próprios embora superior mentalmente. (No caso da mediunidade de Arnold Claro o Controlador que se incumbia disso era chamado Simba.)

Eles adoram divertir-se com simples palhaçadas como levar os objetos a mover-se; mas invariavelmente a sua presença é traída pelo movimento sem objetivos dos objetos presentes nas vizinhanças do médium, ou seja, movimentos mais ou menos desprovidos de um objetivos definido. Também são responsáveis pela manutenção das condições da sessão; mas os seus serviços são rapidamente revogados se alguma transgressão for cometida por algum dos presentes, a menos que o controlador tenha instituído alguma forma de disciplina. Estão sujeitos a disciplina; mas isso é somente em relação ao seu trabalho que vai desde o reino mineral a todas as atividades da natureza, incluindo flores e insetos; Chegam a estar associados com o ar que vocês respiram e a água que bebem.

Foi por isso que eu disse que o trabalho da sala de sessões constitui uma religião natural, uma religião primitiva da humanidade. É por isso que estamos ansiosos por o elevar mais do reino da alma e do lado natural do homem para que possa ser dirigida puramente para o espiritual, de que o homem, cada vez mais, está a tomar consciência. Essa é a nossa missão e o trabalho que temos a realizar. Lembrar-se-á igualmente que eu disse numa certa ocasião que os fenómenos prosseguiriam na presença do médium sem intervenção da parte da entidade desencarnada, mas que careceriam de

objetivos e seriam inteiramente esporádicos por causa da familiaridade que temos e o elo existente entre o médium e essas "criaturas pequeninas."

Pergunta: Isso explicará os movimentos que por vezes vemos na presença de um médium, quando ele se encontra em estado normal?

Pedro: Exato. Esses mesmos "pequenos seres" podem ser forçados ao serviço até mesmo de certos tipos de cura; mas os seus serviços não são muita vez usados - somente para a cura psíquica; e depois para os males que afetam principalmente a estrutura e as deformidades ósseas.

Resumindo, poder-se-á dizer que eles são a alma da natureza. Tal como o próprio homem possui muitas partes complexas, também a alma da natureza possui muitas partes que trabalham em conjunto a fim de realizarem algo demasiado imenso para que a mente comum compreenda. Não são deixados a vaguear sem rumo pelo espaço mas são orientados por inteligências superiores que as forçam ao serviço de acordo com as suas capacidades, e apenas com um propósito em vista, o desenvolvimento e o progresso ao longo do caminho de todo o domínio da natureza, para a manter em sintonia e harmonia com toda a vida e esquema da criação enquanto trabalham sempre para o plano perfeito ordenado por Deus.

Pergunta: Tem-nos sido habitualmente dito que há outros obreiros tais como os químicos espirituais na sala de sessões. Encontrar-se-ão eles aí por acréscimo?

Pedro: Não por meio de qualquer interesse direto na produção do trabalho nem da sessão, mas como testemunhas que são instruídas nas leis. Eles encontram-se aí para poderem transmitir as suas experiências ao homem caso ele esteja suficientemente em sintonia com a sua própria mente para se tornarem recetivos.

Pergunta: Também nos é dito que os curadores associados a um médium estão presentes para o proteger ou para olharem por ele.

Pedro: Não, essencialmente não se encontram presentes a fim de o proteger mais do que funcionar nessa qualidade em qualquer outra forma de trabalho. Não, encontram-se presentes por causa do conhecimento que têm dos raios cósmicos tão essenciais à cura da mente e do corpo de um sofredor. O benefício desses raios assemelha-se muito àquele obtido da vossa terapia de rádio. Eles fazem uso de certos cumprimentos de onda ou frequências que constituem uma forma grosseira dos raios cósmicos mais refinados. Está a entender a associação?

Interrogação: Ficamos com uma imagem de uma diversidade de personalidades cada qual ocupada de um trabalho diferente."

Se exigir uma resposta a um Controlador obtê-la-ão, mas ele poderá não ter suficiente compreensão para lhe responder corretamente, embora possa pensar que seja a verdade conforme a concebe. Eu não negaria que tais personalidades se acham presentes, mas encontram-se presentes apenas como observadores.

Pergunta: Disse que o método de controlo dependia do fato do médium não ter alcançado a perfeição espiritual em qualquer medida. Será possível o médium alcançá-la?

Como operarão os Controladores no caso de alguém que não tenha alcançado a perfeição espiritual? Nesse caso, os Controladores encontram-se ainda associados ao médium mas trabalham sem levar em conta a sua aura espiritual. Assemelham-se aos "pequenos seres" pelo fato de seguirem as orientações dos Guias. Desfrutam de um trabalho afortunado, por isso — são mais livres. No caso de um que opere espiritualmente, ele sempre precisará ter o ideal à sua frente; porque assim que perder a fé em si mesmo o contato é interrompido.

Pergunta: No caso do médium que seja unicamente psíquico, os fenómenos ainda se produzirão?

Correto, e geralmente são ainda mais vigorosos, também. Não há nada a aprender deles.

*(NT: Yada di Shiite, canalizado por Mark Probert, referia muita vez esses seres, que por vezes são análogos, em certos aspetos, a formas-pensamento geradas pelas pessoas — neste caso os elementais — e eram usados nos salões de sessões e nos reputados fenómenos de aportes. Também são usadas por pessoas dotadas de más intenções e por vezes de forma inadvertida, por quem nos quer mal.

O tradutor chegou a enfrentar uma dessas formas de pensamento no estado extrafísico, mas dispensa-se de se alongar no comentário, para além de referir que o leitor comum não estaria recetivo à magnitude do fenómeno, nem o entenderia tampouco, devendo classifica-lo na classe de demónios, segundo maior ou menor propensão que tivesse para a superstição. É qualquer coisa que jamais se esquece, quando experimentada em primeira-mão! Bastará referir que por norma os padres exorcistas lidam com tais 'criaturas' sem o saber.

Yada apresentou, certa vez, a analogia do sangramento na água, efeito criado pelos estados de espírito mais baixos como acessos de fúria súbitos, etc., e dos tubarões que representam tais seres, que se valem das forças nervosas da pessoa nessa condição e a depredam, e podem instaurar uma obsessão, após se encostarem à aura da pessoa, se esta apresentar brechas na sua integridade e falta de proteção decorrente. Dizia igualmente que muitos incêndios florestais eram acesos por seres elementais ígneos, ou salamandras, do elemento fogo. Os fenómenos de poltergeist também podem ser 'obra' deles.

Quanto a Lazaris, penso, se não me falha a memória, que os equipara na classe de devas e fadas, e dota-os das peculiares comuns traçados por outras fontes.
É caso para citar Shakespeare, e a famosa passagem do Hamlet: Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia.")

CAPÍTULO XII
ECTOPLASMA

Observação de fenómenos físicos, no caso de muitos médiuns, em diferentes períodos e em todas as partes do mundo, mostra que uma substância é produzida a partir ou adjacente ao corpo do médium, que é a 'matéria-prima' das manifestações, ação telecinética, etc. Vários termos têm sido usados para descrever esta substância: teleplasma, ectoplasma, ideoplasma, etc. Usamos a palavra ectoplasma por ter sido sancionada pelo costume neste país.

Foi estabelecido, sem sombra de dúvida, que o ectoplasma é a base para a construção de materializações, para a levitação pela força e para o mecanismo estrutural na voz direta. Com efeito, de uma forma ou de outra, visível ou invisível, é a matéria-prima dos espíritos em todo o seu trabalho na sala de sessões.

À medida que gradualmente formos capazes de entender mais sobre essa substância "desconhecida," também seremos capazes de compreender a forma de atuação da mecânica espiritual. Mas devido à grande sensibilidade que apresenta e à sua relação mais íntima que tem com o sistema nervoso do médium (se não a própria força vital), raramente pode ser manuseada ou estudada de perto por investigadores. Com efeito, para além de alguns resíduos, que podem ou não ter sido verdadeiros resíduos ectoplásmicos (ver as observações do Pedro sobre este aspeto), ainda nenhum savant foi capaz de reter uma quantidade da substância. Existem registos em que investigadores,

imbuídos de inescrupulosidade científica, ou por pura ignorância, têm tentado pegar um punhado da substância com a ideia de a reter para análise.

Em cada ocasião, embora tivessem tido a substância presa nas suas mãos, ela dispersou-se imediatamente. Infelizmente é o médium que é prejudicado por tal interferência grosseira. De fato, qualquer ação pouco ortodoxa de um investigador cometida sem o conhecimento ou permissão do Guia no controlo, invariavelmente provoca graves danos ao médium, e não traz o menor avanço no conhecimento ou crédito ao investigador.

Consideração das descrições da matéria ectoplásmica relatadas no caso da mediunidade do Sr. Clare na primeira parte deste livro e os relatos que se seguem sobre outros casos de mediunidade, levam à conclusão de que se trata de uma substância detentora dos potenciais da própria vida; e como tal, da natureza mais delicada.

A substância do cérebro vivo pode ser manuseada com sabedoria, mas ninguém, exceto um tolo, adota permissividade com isso. Da mesma forma, embora às vezes possamos ser autorizados a manipular ou observar essa substância, sob direção, apenas o tolo interferiria de modo grosseiro com isso.

A quantidade de médiuns que conseguiram produzir ectoplasma através da sua mediunidade, que pode ser visto em qualquer grau de luz, e permite ser fotografado, é extremamente mínima; embora agora se espere que os registos fotográficos possam ser aumentados pelo uso do raio infravermelho aplicado à fotografia psíquica.

Um estudo minucioso das principais obras do passado que lidam com esse fenómeno particular revela que o nosso conhecimento a respeito é realmente muito limitado; e além dos registos visuais e registos de toque, não conseguimos abordar a resposta para tais questões como "Como é produzido? De onde vem? Para onde isso se dispersa? Qual é a sua composição? Qual é o propósito e a maneira do seu uso?"

Pela primeira vez, Pedro fez-nos uma exposição detalhada que fornece respostas a essas perguntas primordiais, que podem muito bem fornecer a base sobre a qual o nosso conhecimento futuro se baseará. Naturalmente buscamos provas de cada afirmação feita e então talvez nessa conjuntura o melhor serviço que possa ser prestado seja pegar nas observações de investigações anteriores com as da mediunidade em análise; e ver como essas observações podem ser associadas às teses do Pedro.

Na opinião ponderada do autor, não há nenhum fato previamente registado que se mostre em desacordo com as explicações dadas. Não é prático incluir neste trabalho resumos de todas as principais investigações, pelo que algumas as investigações mais recentes terão de bastar. De fato existe uma notável semelhança entre os registos de todos os testemunhos publicados.

Nos volumes publicados pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas dos EUA, sobre a mediunidade de Margery, há muitos capítulos dedicados ao registo meticuloso de fenómenos ectoplásmicos. Elas são muito extensas para serem reproduzidas aqui, mas servirão para dar uma visão geral dos fenómenos da Margery, reimprimindo as generalizações do Auxiliar de Investigação da S.P.R. dos EUA, conforme segue:

". . . No entanto, do ponto de vista da experiência sensorial, a palavra teleplasma é bastante essencial e será usada sem mais desculpas. Parece que as qualidades físicas definitivas que essa substância exibe no desempenho dos seus múltiplos fenómenos dependem de uma densidade maior ou menor, ou visto de outro ângulo, uma maior ou menor finura. Assim, quando uma pequena cesta rola numa prateleira em frente ao psíquico e o observador passa os seus braços num aperto fechado por toda a zona entre o Médium e a cesta, acreditamos que a haste teleplasmática do corpo do Médium é, ou tão tênue que o braço do observador passa por ela sem a quebrar, ou que a vara por algum meio vem de uma quarta direção. Quando as escalas são levadas a um equilíbrio uma carga de quatro para

um à luz vermelha ou branca, temos evidências da presença de uma forma de teleplasma invisível ao olho e intangível ao dedo, não visto quando fotografado por uma lente de vidro, mas visível quando fotografado por uma lente de quartzo fundido.

Aqui está uma estrutura aparentemente psíquica, invisível e intangível, mas que ainda assim emite ou reflecte uma luz ultravioleta. Mais uma vez, quando em perfeitas condições de controlo, mas no escuro, os participantes recebem toques por um terminal teleplasmático, e temos este material numa forma tangível, mas presumivelmente invisível. Por fim observamos o teleplasma na densidade máxima vista nesta mediunidade, quando à boa luz vermelha vemos, sentimos, manuseamos, pesamos e medimos a temperatura da massa teleplasmática na mesa em frente a nós. Quando a substância apresenta essa densidade, os nossos sentidos não apenas a registam, mas também a lente de vidro da câmara, assim como a lente de quartzo, confirma o que vemos. . .

"A massa que vem do tronco, e por vezes das orelhas do psíquico, é uma cor cinza acastanhada clara, quando vista à luz vermelha. Existe uma variedade distinta, porém, que vem da orelha direita, que é de cor branca morta, como cera, ou ligeiramente amarela; a cor do macarrão. Ambas as formas são inteiramente opacas.

"A temperatura foi medida duas vezes, colocando a massa num termómetro químico. De uma vez acusou 40 graus Fahrenheit e de outra 42 graus. A temperatura ambiente na altura era de 70 graus.

"A massa é fria ao toque da mão do observador e tem uma sensação pegajosa. Depois que o contato é rompido, o participante declararia que a sua mão devia estar molhada, mas isso era apenas sensação. William Blake descreveu-o como 'molhado com a água que não molha.' A massa é mais ou menos como borracha nova na consistência e resiliência, mas a sensação de borracha é mais do que a mera ação e reação do aperto da borracha. A massa muitas vezes contorce-se e parece ter vida própria. Essa vivacidade é ainda confirmada pelo fato de que, se o assistente apertar a massa, ainda que suavemente, e bem no escuro, o psíquico gemerá como se fosse magoado. Por vezes a massa quase parece ser composta de fibras individuais de cordas longitudinais vivas com cerca de um sexto de polegada de diâmetro. Este é especialmente o caso com os cabos que o unem ao organismo do Psíquico.

"Se uma das mãos grosseiras for apalpada livremente, encontramos o que parecem ser ossos normais; na relação certa, mas raramente em quantidade suficiente. Assim, os dedos raramente apresentam mais que duas falanges: faltava então o terminal de um. As unhas podem ou não estar presentes. Ao mesmo tempo, um dedo apareceu como se fosse uma fusão de dois dedos com as falanges digitais divididas e com duas unhas. Todos os metacarpos podem estar em falta com os carpos presentes. O antebraço pode conter um osso ou dois, como normalmente. Geralmente não há aumento muscular na parte superior do antebraço. Parece ser apenas pele sobre o osso.

"As massas cinzentas que formam as mãos grosseiras estão presas ao corpo por algo semelhante a um cordão umbilical. Este cordão tem de meia a uma polegada e meia de diâmetro. Parece que está torcido, como frequentemente acontece com o cordão umbilical. Não há pulso iniciar. . . As massas brancas de teleplasma que cobrem o rosto do psíquico têm cordões de carácter um tanto diferente, saindo da orelha e do nariz. . .

". . . Esta massa viva pode então estender-se para baixo numa espécie de lençol branco até atingir a mesa ou mesmo o chão. Quando atinge este tamanho, forma-se, como que para melhor exposição, uma longa probóscide (tromba) que tem a sua base no nariz, dividida mais ou menos como as quatro pernas da Torre Eiffel. Ela cresce num longo bastão para a frente paralelo ao chão e sobre ela a folha teleplasmática paira como uma tenda sobre uma trave. A maior vimos era de cerca de 24 X 84 polegadas. Esta folha, que o Walter chama de " veste brilhante,' aparece às vezes como uma massa lisa e uniforme, ou como renda grosseira ou fina. No entanto o Walter afirma, e um exame minucioso confirma, que a renda é renda na aparência apenas."

As observações do Diretor de Pesquisa sobre a estrutura da caixa de voz teleplasmática será encontrado no capítulo que trata do "Mecanismo de Voz," mas como a última parte das suas observações relativas à dispersão da substância são pertinentes, eles são anexado da seguinte forma:

"O desaparecimento da massa pode ser observado. Parece voltar ao orifício de onde vem.
Foi-nos permitido ver por duas vezes o último instante do desaparecimento. A massa encolhe em volume, mas não continuamente. Da última vez mostrou massa considerável, e então de súbito não havia nada. É comparável à nuvem de vapor de água branca vista a sair de um tubo de escape de fábrica. A princípio, uma nuvem ou massa grande, branca, opaca e de aparência substancial — e a seguir, de repente, não havia nada. . .

"Os terminais foram vistos e sentidos e a maioria deles fotografados de várias formas. A massa pode ser amorfa, talvez mais ou menos como um pequeno pão Francês ou como um balão dirigível na forma. No segundo período de luz vermelha pode ser mostrado que esta massa assumia a forma de uma mão tosca com cinco dedos ou às vezes com dois dos cinco dedos fundidos. Por vezes, observava-se que a mão tinha um terminal com quatro dedos e o polegar, com todas as extremidades com um comprimento talvez de umas sete polegadas, que acabavam numa ponta aguda, com a região da palma encolhida; a mão inteira representava a caricatura de uma mão, ou a mão de uma figura de pesadelo. A mão, no entanto, podia mostrar-se em todos os detalhe de aperfeiçoamento até o que parece ser uma mão completa."

A última observação é interessante quando comparada com a construção de uma mão conforme relatado com o Sr. Clare (ver relatório) e com referência particular aos comentários do Pedro sobre o assunto.

Um privilégio e um dever dos observadores é confirmar as descobertas dos outros e comparar resultados. Tais comparações ao longo dos últimos cinquenta anos mostram uma progressão acentuada do carácter das formações ectoplásmicas; e de um modo geral, cada mediunidade sucessiva fornece um tipo de fenómeno mais refinado e avançado. Subentender-se-á, é claro, que, ao estabelecermos comparações, nenhuma depreciação é pretendida.

Com a Margery, as formações ectoplásmicas foram prolíficas, mas, pela sua descrição e fotografias, parecem mais toscas do que aquelas observadas e fotografadas com o Jack Webber e vistas com o Arnold Clare. Pode ser que o uso da fotografia de raios infravermelhos tenha permitido que um grau mais refinado de ectoplasma fosse fotografado com o J.W. do que o brilho do flash de magnésio permitido no caso da Margery.

O Pedro diz-nos que nenhuma condição de ectoplasma é estática; e é interessante observar que o desaparecimento da formação no caso da Margery é o inverso do observado no do J.W. Com este último, a formação da substância começava com a aparente emissão do vapor em forma de nuvem. No entanto, quer a consistência do vapor tivesse lugar no início ou fim dos fenómenos, a semelhança da descrição era acentuada; e é bastante razoável que tal característica pudesse igualmente marcar tanto o início ou encerramento da atividade.

Considerando todos esses relatos, é bom ter em mente que as formações ectoplásmicas podem ser de vários graus de refinamento ou desenvolvimento; pode ser uma massa bruta ou um mecanismo altamente organizado. A textura da substância também varia muito de acordo com a oportunidade e a harmonia das condições vigentes à época na sala de sessões.

Deve-se notar que as conclusões do oficial da S.P.R. dos EUA citadas na primeira parte das suas observações, referem-se às qualidades variadas da estrutura como devidas provavelmente em maior ou menor grau de finura ou densidade. Pode muito bem ser que, em vista das afirmações do Pedro, uma explicação mais sustentável resida nos diversos graus de ectoplasma usados e no grau correspondente de organização dentro dele.

No entanto, existem sem dúvida características na produção, formação, cor e sensação do ectoplasma a cada sessão de mediunidade. As descrições anteriores de ectoplasma no caso da Margery recebidas antes de 1930, e as registadas pelo Barão Von Schrenk Notzing e outros sábios do seu tempo, são muito parecidas com as gravadas no caso do J. Weber e do Arnold Clare; e como temos em mente a classificação que o Pedro fez dos vários tipos de estruturas, podemos obter uma perspetiva mais verídica desses fenómenos. Conquanto o Pedro tenha classificado de uma forma geral as formações ectoplásmicas em três categorias, é óbvio que pode haver nenhuma divisão rígida; e que um grau se funde no outro, pois todos possuem o potencialidades de cada um. É uma evolução gradual que se gera da forma mais grosseira para a do mais tipo refinado e altamente organizado.

Seguem alguns trechos da Mediunidade de Jack Webber:

"Em sessões no escuro, o processo de emissão de ectoplasma é frequentemente ilustrado por meio de placas luminosas ou à luz vermelha.

"O processo é o seguinte: O corpo do médium é inclinado para frente enquanto está preso pelas cordas, de modo que a cabeça está sobre os pés. Da boca começa a sair uma substância que parece à vista como um vapor denso. À medida que emerge, "desenrola-se" e derrama-se em frente do corpo do médium até o chão. Ao mesmo tempo, continua a jorrar da boca em cascata, até formar um volume considerável no chão que se espalha vários pés em cada direção. O derrame é rápido e o processo de emissão só ocupa alguns segundos. A garganta do médium não emite ruído durante esse tempo.

"Rapidamente, em apenas dois ou três segundos, a massa vaporosa condensa ou concentra-se, até que pende da boca um pedaço de substância semelhante a um material.

"A textura desse material varia de acordo com as condições da sessão e a condição do próprio médium. Quando as condições são boas, a textura é boa e cerrada. Quando as condições não são tão boas, o material é mais grosseiro e podem ser vistos rasgões na sua textura.

"Esse material foi muitas vezes manuseado de acordo com as instruções do Guia, pelo autor e outros participantes.

É húmido, embora não muito molhado e possui um odor peculiar. Numa quantidade de ocasiões o autor foi convidado a desvendar o material e a abri-lo. Contudo, extremo cuidado deve ser tomado para tal fim. A largura do material quando aberto é mais largo do que os braços estendidos de uma pessoa. Ao tentar decifrar o ectoplasma em uma sessão, o autor não conseguiu esticá-lo em toda a sua extensão; e o Guia permitiu a assistência do participante mais próximo. A extensão total deve ter sido de dois metros ou mais. . .

"O retorno do ectoplasma é instantâneo. O autor segurou o material suavemente por um momento; e no segundo que se seguiu, o material foi arrebatado com um som como o som de um pedaço de elástico e desapareceu. . .

"Diversas foram as descrições feitas desse material pelos participantes, tais como: 'seda de qualidade rica,' 'borracha de balão molhada,' 'um pedaço largo de alga fina.'

"Essa formação não tem padrão como uma 'rede.' É como uma pele em vez de um tecido. Esse tecido é mais parecido com que diáfana, e é tão leve que a sua textura é como a de uma teia de aranha. No entanto, a sua densidade é grande e apresenta peso na mão."

O incidente que é relatado a seguir conta como duas fotografias foram obtidas sob condições circunstâncias incomuns, e demonstra a rapidez com que as formações desaparecem.

"O autor ficou a cargo do aparato fotográfico e da luz branca e tudo foi pronto para tirar uma fotografia, caso surgisse uma oportunidade. A sessão prosseguia e ruídos de garganta foram ouvidos provenientes do médium, quando recebemos a invulgar instrução: 'Foto e luz.'

"Tendo antecipado uma fotografia pelo carácter da ação da garganta, o infravermelho piscou imediatamente ao pressionar o interruptor, e com a mão direita fechamos o obturador na frente da placa, voltando para o interruptor da luz branca. Ambos os interruptores eram do tipo de imprensa, pelo que nenhum atraso foi provocado. . . Os três movimentos foram por conseguinte rápidos e o único intervalo que ocorreu entre a exposição fotográfica e a luz branca foi o tempo de fechar o obturador da placa. Dois segundos seria um período generoso.

"A chapa (fotografia) nº 11 foi a primeira a ser tirada e perceber-se-á que a absorção de volta para o médium da formação ectoplásmica foi, pois, instantânea. . .

"Alguns minutos após a troca da chapa uma instrução semelhante foi recebida: 'Foto e luz.' Nesta ocasião, a chapa nº 12 foi conseguida. O autor estava pronto para essa instrução e o período entre o flash infravermelho e a luz branca não foi mais de um segundo. . ."

Existe uma variação entre o tempo de desaparecimento do ectoplasma nas descrições de Webber e Margery. As explicações de Pedro apresentam a razão disso. Reside nos diferentes graus de estrutura presentes em cada ocasião. No caso da Margery parece ter sido do tipo mais grosseiro e teve que ser devolvido (total ou parcialmente) ao corpo. No caso do Jack Webber a formação era provavelmente uma combinação, parte do corpo e parte do éter (pode ter sido que o todo viesse do éter), de modo que a sua disseminação foi imediata através do seu retorno instantâneo às partículas etéricas a partir do que foi construído.

Pode-se notar no meu relato do incidente do Jack Webber que escrevi "um grande volume de material passou de volta para o médium." Isso ilustra o quanto é fácil cair no erro e na forma uma conclusão errada, baseando-se apenas na observação e formando suposições a partir dela; e se as observações do Pedro forem aceites, como o conhecimento é adquirido lentamente e somos forçados a corrigir-nos. Até agora, todas as pesquisas no passado chegaram à conclusão de que todos os graus de ectoplasma retornam ao corpo físico do médium. Pedro diz que não é assim.

Segundo o Pedro, o ectoplasma de tipo refinado não é reabsorvido pelo organismo físico do psíquico, mas desintegra-se de volta ao éter de onde vem! Esse processo de disseminação é lógico e prático, pois quando se considera a ampla extensões de ectoplasma fisicamente construído, conforme demonstrado tanto pela descrição quanto pela fotografias, supor que esse volume de matéria física reentre pela garganta ou outros orifícios ou fontes de emergência, é muito mais improvável do que o raciocínio do Pedro.

Sabemos como as formas materializadas se disseminam no 'espaço' através da observação da forma do seu desaparecimento; e, portanto, a disseminação de certas formas de ectoplasma segue o mesmo processo.

As duas fotografias acima referidas demonstram inquestionavelmente que, na ocasião em que elas foram tiradas as volumosas extensões de ectoplasma num estado físico desapareceram num segundo. Isso significa que a inteligência no controlo teve que negociar a desintegração da massa dentro do período de tempo muito limitado entre o flash infravermelho que registrou o fenómeno e o acendimento da luz branca, implicando assim ação instantânea. Quão bem essa evidência apoia o processo recém-divulgado.

Aqui está uma evidência de que a mente científica tem que explicar e aceitar. No passado cientistas confrontados com um fenómeno que não conseguiam explicar pelo seu conhecimento anterior descartaram o ato ou refugiaram-se na construção de um argumento para justificar o ato por meio de fraude. Nos últimos dois anos, um eminente pesquisador, cujo nome é considerado em alguns setores

nacionais como sendo um das principais autoridades em fenómenos físicos, esforçou-se por explicar o processo de regurgitação.

Ou seja, o médium, antes de participar na sessão, engoliu muitos metros de gaze, que regurgitou durante a sessão, e exibiu para fins fraudulentos e depois engoliu-o de novo, processo esse que era repetido, conforme o médium exigia. Isso é típico da intencional ignorância grosseira que o movimento espírita tem de enfrentar; e o incrível é que algumas pessoas preferem aceitar tal absurdo em vez de uma simples e defensável explicação apoiada por abundantes testemunhos e provas fotográficas.

Aqui está outro exemplo de 'explicação' por alguém que não aceita a evidência dos seus próprios olhos e sentidos. Dr. Dunlap, o notável professor Americano de Psicologia Experimental, depois de ver as evidências fotográficas preliminares da existência e natureza dos bastões psíquicos no caso da Margery, foi capaz de estar presente nas sessões e 'ver' por ele próprio, mas descartou os fenómenos como sendo produzidos pelo uso do 'intestino de algum animal, que mostravam os troncos de alguns vasos sanguíneos e recheado com algum substância semelhante ao algodão, por onde passavam vários fios." Enquanto os homens de ciência se satisfizerem em ignorar o maravilhoso trabalho dos seus 'colaboradores do espírito,' também a verdadeira apreciação e compreensão desse reino de atividade será prejudicada por obstinada e brutal ignorância.

Uma outra ilustração da referência do Pedro aos diferentes graus de ectoplasma é fornecida pelas fotografias comparativas de energia ectoplásmica no caso da Margery e do J. W. No da primeira, a substância mostrada é de um tipo mais grosseiro, Grau 1; enquanto no deste último o carácter refinado da formação é óbvio. O tipo mais grosseiro ou 'fungóide' de substância também é visto nas fotografias de substâncias que emergem do nariz e das orelhas do Jack Webber.

Um estudo comparativo útil adicional é fornecido pelos seguintes extratos dos trabalhos e investigações de Geley, tratando do surgimento e ação de formações ectoplásmicas:

"O volume de substância da extrusão é variável, às vezes abundante, outras vezes escasso, e apresenta todos os graus intermediários. Em alguns casos, cobre o médium como um manto.

"A substância pode ser branca, cinza ou preta, sendo a primeira mais frequente, possivelmente por ser mais facilmente observada. Ocasionalmente, todas as três cores são visíveis ao mesmo tempo. A visibilidade da substância é variável; ocasionalmente é mais forte ou mais fraca. Ao toque também varia de acordo com a forma que assume no momento, parecendo mole e inelástica quando largamente espalhado, dura, nodosa e fibrosa quando forma cordões. Às vezes parece-se com uma teia de aranha, mas na forma de fio parece ao mesmo tempo rígida e elástica.

"A substância é móvel. Às vezes desenvolve-se lentamente, sobe e desce sobre os ombros, peito ou joelhos do médium em movimento rastejante; outras vezes o seu movimento é muito rápido, e surge e desaparece num piscar de olhos. É altamente sensível; e essa sensibilidade é comunicada ao médium, que sente dolorosamente qualquer toque na substância. Se o toque for áspero ou prolongado produz uma sensação no médium comparável a um toque na carne crua.

"É sensível até mesmo aos raios de luz. Uma luz brilhante e inesperada perturba o médium, mas esse efeito da luz também é variável; em certos casos suporta a luz do dia. O flash de magnésio faz com que o médium comece a evidenciar surtos de violência, mas a substância pode suportá-la. Isso permite a fotografia instantânea. . .

"Tem uma tendência constante e imediata para se organizar; e não permanece por muito tempo no seu estado primitivo. Frequentemente essa organização é tão rápida que o seu estado amorfo inicial raramente é visto; outras vezes a substância amorfa e as mais ou menos completas formas embutidas na massa podem ser vistas ao mesmo tempo; por exemplo, um dedo na orla, ou mesmo cabeças e rostos envoltos na substância."

No livro do Barão von Schrenk Notzing, 'Materializações,' há mais de trezentas páginas e mais de duzentas fotografias pertencentes aos fenómenos da formações e materializações ectoplásmicas, que fornecem detalhes adicionais evidências corroborativas que apoiam as já incluídas neste livro. Em nenhum caso se mostra a evidência em desacordo com qualquer um dos trechos acima mencionados.

O leitor poderá observar pelos relatos das diversas formas de mediunidade citados, que não há desvio notável na formação, emergência, desaparecimento e outras características, incluindo a criação organizada de garras, mãos, etc. As obras mencionadas não esgotam de forma alguma o leque de investigações publicadas: há são muitos, particularmente no continente, em que evidências de apoio semelhantes são fornecidas. Achamos que nenhum propósito útil seria servido reproduzindo aqui outros trechos, já que o resultado seria apenas reiterar os mesmos sintomas, as mesmas características, os mesmos métodos de atividade.

Entretanto, um propósito útil pode ser servido, sumariando as semelhanças de forma resumida antes de entrarmos nas explicações de Pedro; e será visto que em nenhum caso eles estão em divergência com os registos de muitas mediunidades, de muitas nacionalidades, em várias partes do mundo, que funcionaram durante diferentes períodos de tempo.

As semelhanças são:

(1) Os vários graus de refinamento.
(2) A primeira aparição, que é de tipo bruto.
(3) A sensibilidade da substância e a sua reação ao médium.
(4) A capacidade de organizar.
(5) A mobilidade da substância.
(6) A sensação da substância ao toque.
(7) A característica de "vapor denso" durante o seu desenvolvimento.
(8) A "humidade," maleabilidade, elasticidade, fragilidade, etc.
(9) A rapidez da desintegração.
(10) A presença de cabos ligados ao médium.
(11) As condições instáveis da substância.
(12) A formação de membros tais como dedos, mãos, rostos, a partir da substância.
(Especialmente digo de nota os relatos das manifestações do Clare).
(13) Semelhança na cor.
(14) Similaridade nas fontes de emergência.
(15) A estrutura em forma de folha das formações.
(16) A sua frieza.

Assim, tendo em mente o exposto, passamos agora às explicações do Pedro e ao relato das provas da tese.

Pedro introduziu o assunto dizendo:

Pedro: "Este é um assunto muito difícil de lhes explicar. Talvez isso esclareça a posição generalizada se eu disser pela primeira vez que a substância ectoplásmica existe em três formas. Existe o Grau 1, que é uma forma bruta e que parece e se sente como uma massa inerte de substância esponjosa. É de textura cerrada e raramente é vista em qualquer forma ou feitio particular. Poderia ser melhor descrito como um fungo, tanto no aspeto quanto no toque. Esta é a descrição mais aproximada que posso dar.

Pergunta: "Qual é o seu propósito?"

Pedro: "Não tem propósito. Vem diretamente do corpo físico. Lembre-se disso."

Pergunta: "É um desenvolvimento do tecido orgânico?"

Pedro: "Isso é difícil de responder diretamente. É orgânico, mas não o é, pois não permanece como parte do organismo físico. Não é uma parte do corpo físico. É produzido por um método de 'química astral.'"

Pergunta: "Ele conterá quaisquer outros elementos além daqueles dos quais o corpo físico é composto — como sal, calcário, etc.?"

Pedro: "É muito curioso. Não contém nada como sal, ou qualquer coisa do mundo mineral normal em absoluto. É uma substância muito primitiva; e se o considerássemos como um desenvolvimento fungóide, transmitiria mais claramente aquilo que é. É melhor descrito como um fungo, como no reino vegetal. É a forma mais baixa e primitiva de crescimento. Agora, isto é importante: esse grau de substância ectoplásmica é retirado novamente para o corpo físico do médium com a sua dispersão.

"Ajudá-los-á a entender isso considerando o Grau 2. Sendo este um refinamento do Grau 1 na medida em que é organizado e pode ser utilizado como membros adicionais (sob determinadas condições) comparáveis com as do corpo físico. Esta substância pode ser transformada em bastões e instrumentos psíquicos detentores de grande força. No aspeto é aparentemente opaco. Apresenta solidez, mas, num instante, pode tornar-se desorganizado e inerte — desprovido de vida.

"A sua formação é ligeiramente diferente da do Grau 1, na medida em que a partir de centros adequados do médium lá é projetado o que poderá ser chamado de 'raios' com qualidades semelhantes às do seu próprio aparelho de rádio sem fios. É de tal frequência que forma partículas ao seu redor, não do médium, mas do éter circundante, de modo que se torna tridimensional.

"Pode haver sob certas condições (isto é, quando as condições do círculo não são boas) elementos extraídos do médium, mas isso é mais exceção do que regra.

"A mobilidade do ectoplasma é controlada pela extensão do sistema nervoso do médium.

"Lembrem-se sempre disto, é difícil dar uma imagem verbal que transmita, por melhor que seja a descrição, qualquer coisa como uma imagem verdadeira daquilo que é. Eu vou-lhes dizer porém, que um dia o homem poderá formar ele próprio esta substância pela utilização desses mesmos raios."

Pergunta: "Esses raios. Você pode nos falar mais sobre eles?

Pedro: "Os relâmpagos são formados no espaço pela combinação, acidental é claro, de certas forças elétricas que fundem átomos de matéria e os une num todo, criando algo a partir de um vazio aparente. Bem, isso é muito parecido com o processo que tem lugar. Em vez de obter metal ou uma combinação de formas minerais, vocês obtêm uma substância que é física, mas não física. Tem propriedades físicas, contudo, dizer que é carne, ou dizer que é ar, ou dizer que é composto de três partes disto e uma parte daquilo não seria acertado."

Pergunta: "O segundo grau será, pois, um refinamento do primeiro?"

Pedro: "No primeiro grau não é animado. Não pode ser dirigido como no segundo caso. É uma substância primitiva por o médium não ser ideal, ou ser pouco desenvolvido."

Pergunta: "Lembra-se que ocasionalmente, com outros médiuns, os participantes tiveram permissão para tocar a forma bruta e, aparentemente, ela reagiu de forma adversa sobre o médium. A que se deverá isso?"

Pedro: "É como uma medusa e tem uma reação natural, não por você tocar na medusa, mas porque ela ser feita de partículas do corpo humano. Os raios não são capazes de extrair os elementos do éter livre, mas devem fazê-lo do éter num ato de conversão através do corpo físico; e é por conseguinte como uma mancha crua num dente.

Questão: "Em relação à resistência das hastes, criadas a partir do Grau 2, sabemos que esta é considerável. Você pode nos dizer qual é a fonte da força — de onde o poder da força deriva?"

Pedro: "Sim, posso dizer-lhe, mas o importante é tentar transmitir-lho corretamente. A força das alavancas ou hastes não é a dos músculos de um corpo físico. Não é a mesma forma de força que a força bruta. As hastes são tornadas tão rígidas que, se fosse permitido golpeá-las, elas emitiriam um som quase metálico através da sua própria força." (Veja o Capítulo XIII sobre "Levitação.")

(O autor sentiu essas hastes, quando elas o contactaram ao passar pelo seu corpo, e sentiu uma força irresistível como que de "barras de ferro.")

Pedro: "Agora, a aplicação dessa força é em parte por um intrincado sistema de alavancagem e equilíbrio, e em parte transmitindo ao longo do curso da haste uma voltagem terrível, mas não uma tensão que possa ser registada por quaisquer instrumentos de medição que vocês possuam. Se esse poder fosse o mesmo que o da vossa eletricidade, a enorme pressão usada levaria o condutor ou haste a brilhar. Eu não digo que os bastões psíquicos não brilhem, mas não são muitos os que são capazes de o ver. É o sistema indireto de alavancagem mais essa energia que alcança o efeito de enorme força."

Interjeição: "Vi os terminais de tais estruturas brilharem com uma luz azul." (Ver Mediunidade de Jack Webber.)

Pedro: "Isso é bem possível, mas nem sempre se faz presente.

"Vamos agora para o Grau 3. Aqui temos uma qualidade completamente diferente. Esta não procede nem retorna ao médium. Possui características comuns às dos outros dois graus, mas é criada por frequências de ordem superior."

Pergunta: "O que quer dizer com a palavra frequências?"

Pedro: "Frequências, harmonia; é tudo uma questão de ritmo, pulsação, frequência do tempo ou harmonia. É o mesmo instrumento, mas uma peça musical diferente. Isso permite um maior grau de variação em que a sua faixa de operação, ou seja, a distância do médium ou o ponto central, é limitado apenas pelo raio do círculo; e em condições favoráveis — condições muito favoráveis — podem ir além.

"Esta forma de ectoplasma é semelhante a uma teia em construção e seria vista como massas de nuvem ou vapor, mas não se espalham tanto assim. É usada principalmente na formação de contornos das figuras materializadas (o que vocês chamam de drapear). Mais uma vez, ele possui algo das qualidades dos Graus 1 e 2, mas nas suas formas mais subtis.

"O segredo da sua mobilidade é o 'raio' que emana do meio. Não é focado, foco concentrado, como no caso do Grau 2, mas é mais difuso. Pode ter um carácter variado; tem algo da natureza das hastes e algo da sua peculiaridade característica de finura. Conquanto possam variar o foco deste último grau, vocês não o podem no caso do Grau 2.

"Terá notado o foco de um cinematógrafo e o feixe emitido por ele. Viu igualmente as partículas de poeira a pairar por aquele raio. Imagine agora o feixe investido do poder e da inteligência de coletar essas partículas e segurá-los e moldá-los. Se conseguir visualizar isso, terá uma boa ideia de a formação das hastes ou bastonetes psíquicos e do ectoplasma em geral. Desligue o feixe e a coisa desintegra-se toda.

"Este raio é o ponto focal que recolhe sobre si próprio pela agência da inteligência do poder diretivo ou mente, através do médium, aquelas partículas reunidas do éter livre.

"Bem, acho que cobrimos muito bem esta forma. Toda a base disso reside na compreensão da atividade de rádio, uma coisa que agora está a tornar-se conhecida na Terra. Não só tem o poder de irradiar e transmitir, mas também de coletar e aglutinar átomos, átomos livres, do espaço. Podemos obter combinações de átomos que não são do vosso conhecimento, mas que têm as qualidades da matéria; e ainda assim não ser de nenhuma matéria que vocês conheçam. Por que, se formássemos barras de ferro, que trabalho não haveríamos de ter em dispersá-las de novo; mas eu não posso prosseguir com isso esta noite."

Mais duas noites foram dedicadas a este tópico em questão e as respostas são conforme se seguem. Suscitam muitas outras questões na mente, mas espera-se que o essencial abrangido dê uma visão ampla de tudo o que o Pedro nos poderia dizer.

Pergunta: "Numa discussão anterior, você mencionou que o ectoplasma era semelhante a uma célula; ao passo que, na sua última palestra, mencionou a ação nervosa, e não mencionou ação capilar. Gostaria de incluir isso na presente descrição?"

Pedro: "Ação capilar. Bem, de certo modo isso tenderia a causar confusão se supuserem que ele tenha um sistema semelhante ao vosso. Já referi a ação capilar anteriormente?"

Questionador "Já — embora não conste dos registos aqui."

Pedro: "Veja, a ação capilar nem sempre está presente, nem o sistema que ela envolve.
Depende inteiramente das condições e exigências do momento, e se quisermos construir uma forma que tenha vida real em si, em vez de uma estátua do ser que deseja apresentar-se, então este sistema estaria presente. É aí que a forma se torna viva, e possui calor e tudo o mais; mas envolve muita organização e expõe o médium a maiores riscos de dano. Isso é natural.

"Agora, para dar uma indicação do significado da ação capilar, ainda assim uma que não é inteiramente verídica. É parcialmente verdade, mas não inteiramente, dizer que é tão meticuloso como o sistema capilar do médium. A ligação entre os dois reside na atomização. O sangue é emprestado do médium e atomizado. Não há ação direta. É extraído por um determinado método de atomização; e funciona na forma, onde é mantida a mover-se pelas pulsações etéricas cardíacas. Precisa entender que, além do corpo físico existe igualmente um corpo etérico. Um dia destes vou falar consigo sobre onde e como o espírito funciona em relação aos contatos que tem com o corpo espiritual. Vou apenas dar-lhe uma pista. É diretamente através da corrente sanguínea." (Veja o Capítulo XIX.)

Pergunta: "De acordo com essa afirmação, será correto afirmar que o ectoplasma não carrega um sistema de circulação sanguínea, por meio de artérias e veias, como no corpo físico?"

Pedro: "Ele não carrega tudo isso como parte do seu sistema de artérias e veias."

Pergunta: "A transferência de sangue por atomização infere uma quantidade física real de sangue?"

Pedro: "Isso mesmo. Mas a sua circulação não depende das batidas cardíacas da forma materializada."

Pergunta: "Além disso, a transferência de sangue por atomização infere que uma quantidade física de sangue seja retirada do sistema sanguíneo do médium e transfundida na materialização numa forma física quente? Em caso afirmativo, de que modo é um fluido físico ativado pelas batidas etéricas do coração do médium; ou será incorreto afirmar que a forma materializada possua um sistema circulatório?"

Pedro: "É incorreto dizer que a forma materializada tenha um sistema circulatório. A circulação do sangue é mantida pelas batidas etéricas do coração do médium. Existe um elo de simpatia. É por isso que muitas vezes se considera que a forma materializada é uma parte do médium. Embora isso possa ser verdade em certo sentido, não é, na realidade, verdade. Terá porventura uma ação respiratória composta, mas é sempre por simpatia. Precisa lembre-se que a substância de que é feita é parcialmente física e parcialmente etérica; e quem poderá dizer onde começa um e termina o outro?"

Pergunta: "Quando uma forma materializada fala, ela usa a sua própria laringe fisicamente construída?"

Pedro: "Não. O mesmo princípio está incorporado na forma materializada de que já falamos. Você conhece-a. O amplificador etérico. (Veja o Capítulo XV.) Bem, isso é uma parte da forma materializada. Você vê, ter uma laringe e tudo quanto está relacionado com ela tornaria necessário que ela tivesse um completo sistema de pulmões e todo o resto. Bem, pergunte a si próprio, isso seria necessário?"

Interjeição: "No entanto, quando uma forma materializada fala, fala como se tivesse."

Pedro: "Sim, e talvez você consiga um certo calor da boca como no caso da respiração. Bem, isso é feito da mesma forma que a circulação. Digo-lhe que no caso de materialização, na medida em que a figura pode ser perfeita, o resto, como a respiração rítmica, e talvez até mesmo o calor da temperatura, pode não ser realização possível. A realização mais difícil é a voz que deve expressar a personalidade da figura mostrada. Nesse caso, será possível transmitir as vibrações ou acordes da garganta do médium e reproduzir a voz pelo som da boca da forma materializada. Não pode haver regra rígida e rápida. Isso, mais uma vez, depende da abrangência do trabalho."

Pergunta: "A qualidade mais subtil (Grau 3) está ligada por um cordão ou estrutura ectoplásmica ao médium?"

Pedro: "Não, é por um elo etérico invisível — invisível quase sempre. Depende de onde a substância começa a manifestar-se; por vezes próximo ao médium e outras vezes à distância, sem possibilidade de contato aparente. Onde parece estar perto do médium, há sempre aquele espaço de invisibilidade, mesmo que seja apenas de cerca de meia polegada. As melhores condições pertinentes são aquelas em que a distância entre a formação ectoplásmica e o médium é maior."

Pergunta: "Com relação à sensação da substância ectoplásmica, tivemos referência a uma 'humidade que não molha.' Você pode explicar isso?

Pedro: "É 'viscoso,' mas vou-lhe dizer o melhor paralelo que se pode obter — é comparável ao peixe chamado enguia, mas um que não foi pescado recentemente mas já tem alguns dias. É molhado ao toque e ainda assim não apresenta humidade aparente. Mais uma vez, porém, isso não se aplica sempre. Você pode acha-lo quebradiço para que crepite como pergaminho, ou pode achá-lo húmido e frio; e, mais uma vez, pode achá-lo seco e macio. Depende da condição, principalmente dietética, do médium. Ou seja, a maneira como o médium vive ou viveu alguns dias antes da sessão. Muito depende disso."

Pergunta: "Quando você obtém o efeito de 'folha,' isso será o Grau 2? Isso sempre parece molhado.

Pedro: "Não é comum. A melhor condição para isso é quando está no seu estado flexível e seco."

Pergunta: "Lembro-me que na ocasião em que você tocou os nossos rostos com ela, também se mostrou seco ao toque e sem padrão."

Pedro: "Você descobrirá que, via de regra, não apresenta um padrão definido. Você deve ter algo definido, mas dizer que tenha um padrão definido não seria verdade."

Pergunta: "Quando o ectoplasma estava sobre a placa, era tão transparente que mal podíamos vê-lo até que se tornou como que ondulado. Essa ondulação foi causada artificialmente?

Pedro: "Foi uma distorção do raio etérico em torno do qual é formado. Quando uma luz de uma densidade muito grande é exposta dentro da sala, a ondulação torna-se tão grande que dispersa o ectoplasma."

Interjeição: "A certa altura, parecia quase invisível."

Pedro: "Aí estávamos a aplicar uma pressão desigual."

Pergunta: "Como preliminar para a formação de um grau mais fino, possivelmente Grau 2, foi testemunhado o que parece ser o surgimento de um pesado vapor esbranquiçado da boca do médium ou outra fonte de emergência. Também foi notado que uma folha física de substância ectoplásmica, antes de desaparecer, transformou-se em vapor. Eu gostava de saber se você poderia dizer-nos se esse vapor procede, e retorna ao corpo?

Pedro: "Dizer que não vem do corpo não é verdade, dizer que não tem contato direto também seria falso. Seria muito semelhante à água a escorrer de uma mangueira sem pressão e, de repente, com uma pressão colocada por trás de modo a forçá-la a uma forma fixa — a forma do bocal. No caso do vapor, é um ectoplasma formado de modo frouxo que ainda não alcançou qualidades físicas. Está na sua forma mais comum."

Pergunta: "No caso do seu médium, observei protuberâncias semelhantes a garras a emergir da extremidade de uma camada ectoplásmica quase transparente. Elas agarraram a placa e moveram-na de um modo controlado. Poderás esclarecer-nos quanto à ideia que constrói as garras, etc.?"

Lembra-se de há algum tempo te ter dito que a maior parte das formações que testemunhaste na sala de sessões constituírem uma exibição da vida primitiva. Bem, não é muito difícil imaginares aquele estágio da formação das garras primitivas. É isso que é. Agora, de onde virá a parte motivadora? Vem da mesma fonte que forma as garras. Nessa circunstância não poderia produzir nada melhor. Essa força é dirigida pela mentalidade daquelas "entidades" que são comummente designadas como "elementais". A sua inteligência não vai além disso.

Por isso nas coisas primitivas usavam métodos primitivos, razão porque é tão necessário que os Guias responsáveis pelo médium e pelos presentes deva ter, não só a qualificação plena, mas que também devam estar, com a vossa permissão, investidos de autoridade a fim de governarem o poder. A força que é produzida com uma rapidez relampejante num rápido crescendo de energia é liberta igualmente de modo relampejante. É o culminar de um enorme esforço em que o desejo inato desses elementais de destruir obtém durante um período rédea solta.

Não lhe posso dizer em câmara lenta como isso é conseguido, mas a força liberta por um curto período de tempo é tremenda, e se não for controlada pode matar um cavalo. Essas garras, posso-lhes dizer, podiam ser coisas mortais. Utilizamos as diferentes qualificações desses pequenos seres no apoio do nosso trabalho, elevando-os gradualmente por sempre terem um objetivos e uma ideia principal em vista — quer dizer, a encarnação enquanto seres humanos a quem tanto copiam. Podia falar-lhes de uma raça deles em existência atual; eles não estão relacionados com laços de sangue, mas possuem, a esse respeito, uma similitude características, altura, forma, assim como outras semelhanças noutros sentidos. Mas se vós, inconscientemente vissem um teriam visto todos, e na Terra atualmente existem, pelo menos entre 500 a 1000 personalidades dessas. Eles são aquilo que vós designastes por imbecis. Não possuem mentalidade nem são violentos.

As suas características são olhos próximos, testas lisas e uma cabeça completamente pequena com lábios bem grossos de configuração como os de um bulldog. O lábio inferior pronunciado e a forma toda adota toda uma curva ascendente muito aguda. O nariz é pequeno, dotados de dois grandes orifícios como narinas. A face e o nariz denotam falta de carácter. Podem chamar-lhes aberrações, mas eles são normais nas suas características — não são diferentes de animais. Mas o seu carácter marca-os a todos — são um tipo que é produzido de um mesmo molde. A vida não é assim tão plácida e calma; e eu creio que se soubessem mais nos daríeis uma maior consideração quanto ao que deveria e não deveria ser. Nas suas esferas adequadas tudo funciona pelo bem, porém o homem encabeça toda ambição animal, embora alguns prefiram tomar atalhos.

O homem no sentido criativo constitui o auge de toda a evolução da vida sub-mundana: ou seja, dos domínios vegetal e animal. E existe por toda a vida sub-mundana um espírito de ninhada que não conhece individualidade. A inteligência que possui é colossal na sua própria esfera e na sua própria criação; controla as suas congéneres físicas num todo e não enquanto indivíduos. Essa inteligência esforça-se sempre por manter a sua criação no esquema do desenvolvimento evolutivo; e se por uma vez se apresentar uma hipótese desses elementais avançarem e de obterem acesso ao reino humano, não poderão mais voltar atrás. Daí a observação e o aviso que fiz — de que talvez nos deem uma maior consideração naquelas coisas que devem ou não devem ser. Verão agora o rumo da nossa conversa.

Pergunta: Numa sessão posterior, depois de ter visto algumas formas mais primitivas, observei uma mão perfeita, formada a partir de uma ilha de massa opaca de um quase transparente ectoplasma material lançado sobre a placa iluminada; e notei a perfeição que as falanges dos dedos apresentavam.

Mas observaste mais alguma coisa — observaste o seu gradual crescimento.

Pergunta: Observei, sim; mas na declaração que fizeste quanto às materializações referiste à entidade materializada que atrai a si partículas do éter. Estarei certo ao supor que haja alguma semelhança no processo entre a materialização de toda uma entidade e uma porção dessa entidade? Seria a mão parte de uma entidade desencarnada ou terá sido uma mão desenvolvida pelo pensamento ou terá pertencido a alguma excrescência primitiva produzida pelos elementais?

Foi um produto dos elementais. Foi um triunfo para eles. Esse progresso, conforme o presenciaste, levou porventura um período de 1000 anos a evoluir da garra primitiva para uma mão com dedos. Foi um triunfo para eles e quando o conseguiram reinou um imenso júbilo.

Observação: Essa demonstração constitui toda uma resposta completa à opinião daqueles que não concordam connosco de que a vida existe para além da nossa presente existência física. Essa demonstração revelou-se-nos muito esclarecedora.

Pedro: "Sim. Estamos aptos a considerar a nossa vida como do momento e não em qualquer extensão do que é passado e o que está por vir. A questão está toda nisso."

Pergunta: "O ectoplasma criado a partir de partículas etéricas possui propriedades físicas da densidade, peso, humidade, coesão. Poderemos entender que a matéria muda de formação de sólido para fluido ou para gás, mas ao fazê-lo retém os elementos de que é composta. Será possível nos dê uma ideia qualquer dos constituintes do ectoplasma? Eles serão conhecidos do homem pelo nome? Por exemplo, se a água for analisada, os seus componentes serão o oxigénio e o hidrogénio."

Pedro: "Bem, mais uma vez onde não se tem a constância da formação ectoplásmica não se pode ter a constância da fórmula. Existem, creio eu, trinta e dois átomos conhecidos e destes trinta e dois toda a substância que vocês conhecem na terra é formada, por diversas combinações. Agora isso você entende. Bem, não é uma resposta à sua pergunta dizer que é duas partes de água. Os átomos são compostos de coisas que conhecemos. Suponho que lhe pudesse chamar material, mas não é material no sentido em que, se for perturbado, é provável que se disperse. Podemos variar tão rapidamente que se torna numa nuvem de vapor. Isso acelera a decomposição; e se pudéssemos retirar o éter de ligação associado a qualquer artigo, como uma mesa, entraria em colapso em vez de se decompor.

É o éter de ligação que o faz reter o seu carácter. Na verdade o ectoplasma é, pois, uma substância neutra que é criada por melhor se adaptar ao propósito."

Pergunta: "Então, será correto concluir que o ectoplasma é construído a partir de átomos?"

Pedro: "De uma combinação de alguns deles, mas não de todos. O que decide a substância material particular é a taxa de movimento e combinação de átomos. Você vê, se retardarmos esse processo, podemos torná-lo parcialmente físico e parcialmente não-físico; e podemos terminar dizendo que o ectoplasma é as 'névoas das bordas' que ligam o físico ao reino não-físico. É o encontro dos dois. É uma substância física que possui uma existência não-física."

Declaração: "Há alguns anos atrás, foi feita uma análise de alguma substância ectoplásmica e disse-se que era em grande parte feita de albumina."

Pedro: "Isso é verdade; mas não esqueça que em todas essas coisas pode ter sido produzido para essa ação; e ao invés de ser uma verdadeira formação, pode ter sido especialmente formado. Se você pedir algo a estas 'criaturas pequenas,' elas o darão, mas isso não quer dizer que seja genuíno."

Pergunta: "Você falou da voltagem enviada através de bastões psíquicos usados para força. Existe uma fonte geradora dessa tensão?"

Pedro: "Você não pode gerá-la, mas apenas dirigi-la. Essa direção é natural. Ou seja, está sob a mesma influência de controlo que a produção de fenómenos reais. Isso é uma força natural. É uma força que é adaptada para um propósito particular da mesma maneira que a vossa própria eletricidade, só que é de um tipo mais refinado. É uma força que está presente o tempo todo. Nós simplesmente fazemos com que se mova numa determinada direção ao longo de um caminho mais fácil. Numa primeira instância você concordará que o magnetismo é um fenómeno natural; portanto é de uma combinação das forças magnéticas que se obtém energia elétrica. Você magnetiza e você cria um campo de magnetismo em que desenvolve outro campo que provoca muito atrito elétrico. Você simplesmente reúne-o num ponto e faz com que ele se mova ao longo do caminho. A eletricidade não percorre condutores. Eles passam-na. Dá-se a volta ao circuito. Você tem numa usina geradora de energia um quadro completo do médium e dos bastões ou hastes psíquicas. Fazemos o trabalho do outro lado de acordo com a sabedoria que tivermos."

Pergunta: "Chegamos ao 'raio' de que você falou. Pode dizer-me se existe algum afinidade entre o corpo humano e os raios e/ou entre a mente humana e os raios?"

Pedro: "Está sempre separado da mente humana, ou seja, da mente do próprio homem. Afinidade — há uma conexão com os raios. É através do corpo anímico do médium que os raios são direcionados e é aí que usamos a chave para desligar no momento de qualquer perigo se as condições não forem adequadas. O médium é o ponto focal, ele é sempre o gerador; mas ele não está equipado com 'fusíveis de segurança,' razão por que temos que ficar ao lado do interruptor. Eu digo-lhe, no estudo de qualquer coisa dessa natureza, a eletricidade e as suas leis operam bem em paralelo com aquelas das leis que estamos a tentar propor: a única diferença está em que você ainda não é hábil na criação de condutores etéricos e portanto precisa usar os físicos porque esse é o único material com o qual você pode trabalhar.

"Porém, ao criar o físico está presente a parte etérica em virtude da própria natureza dos materiais que você usa; portanto, você obtém a criação do campo etérico que não existe no objeto (ou condutor), mas no éter que o cerca. Vocês um dia serão capazes de controlar esses raios. O homem não terá permissão para usá-los até que esteja qualificado. Vocês não podem permaneça no vosso presente estado de espírito para sempre, caso contrário, não só vós estariam perdidos, mas nós também."

CAPÍTULO XIII
LEVITAÇÃO

A movimentação de objetos por outros meios que não o da ação humana é denominada "levitação."

Este fenómeno, em virtude de seu ato definido, tem sido objeto de considerável pesquisa, notadamente pelo Professor Crawford através da mediunidade de Miss Goligher. As conclusões do professor Crawford ilustram como um avanço no conhecimento pode ser alcançado quando há a combinação certa de investigador compreensivo e médiuns dispostos e operadores de espírito cooperativos.

A levitação é uma das formas elementares e primitivas de ação com médiuns de fenómenos físicos. Varia do movimento selvagem e aleatório, para o controlado, ordenado e a volição delicadamente ajustada. Movimento desta natureza é geralmente o primeiro sinal da capacidade que os operadores têm de se evidenciar através do seu médium.

O professor Crawford conseguiu obter fotografias do mecanismo empregue no erguer de objetos pesados; e estabeleceu, entre outras conclusões, que o movimento era controlado por um aparelho denominado "bastões psíquicos," construído com base nas faculdades psíquicas do médium. Ele também provou por meio de uma paciente e exaustiva pesquisa que de acordo com os princípios gerais de alavancagem, essas hastes eram usadas para mover um objeto de peso maior do que o permitido pela força de uma única haste emanada do médium.

Outras experiências com o médium sentado numa balança provaram que o peso levitado foi devolvido através do corpo do médium. Quando a alavancagem foi empregue com a haste a repousar num pivô, o peso que retornou através do médium correspondeu à pressão exata necessária para mover um objeto de um determinado peso por esse meio.

Provavelmente devido à natureza dos experimentos e ao uso de luz branca para fotografia, o carácter da levitação observado pelo professor Crawford foi restrito à agência primitiva ou de "força bruta" descrita por Pedro.

Com Jack Webber, evidências notáveis foram registadas dos diversos graus de levitação. Do tipo primitivo, formações físicas de grande força foram observadas a emanar do seu plexo solar. Assemelhavam-se a troncos de árvores jovens, com cerca de quinze centímetros de largura perto do corpo, que diminuíam até o ponto de contato com o objeto. Mesas pesadas de mogno que exigem duas pessoas para ser erguidas eram movidas da posição 'entalada' para o outro lado da sala de sessões por este mesmo método.

Pela mesma mediunidade foram tiradas as fotografias infravermelhas de mesas em levitação. Uma delas, como mostra a ilustração nº 5, retrata uma pesada mesa circular de 45 libras de peso em suspensão; essa mesa requer um esforço de ambas as mãos para a levantar, e um homem robusto para o fazer. A outra, a Placa nº 6, mostra uma mesa mais leve em movimento diante do Sr. Bernard Gray do Sunday Pictorial. Nenhum apetrecho psíquico é visível com qualquer dessas fotografias. Em outras ocasiões, o autor testemunhou ter visto apetrechos maciçamente construídos em associação com a levitação primitiva.

Antes de prosseguir com este fenómeno, é necessário ter em mente as revelações de Pedro, que divide as forças usadas para fins de levitação em duas categorias principais:

a) Movimentação de objetos pelos meios 'pesados e brutos,' isto é, bastões psíquicos fisicamente construídos.

b) Movimento pela regulação de peso e gravidade.

Estes são ainda subdivididos, como será mostrado mais tarde, mas de momento essa ampla divisão dupla permitirá ao leitor compreender os diferentes graus dos fenómenos e evitar confusão com a associação de um com o outro.

Os registos dos movimentos e o carácter da ação dos artigos levitados através da mediunidade do Sr. Clare, possuem as mesmas características relatadas noutros momentos e lugares com outros médiuns. As características da levitação são tão similares que o observador experiente imediatamente reconhecerá o verdadeiro movimento. No caso da levitação da trompete, o movimento é incrivelmente rápido; as trompetes tecem padrões intrincados, de modo que as suas faixas iluminadas de tinta aparecem como linhas fixas de luz.

Quando duas ou mais trompetes estão envolvidas em tal movimento, elas entrelaçam-se; de modo que se, por exemplo, figuras simples de movimentos em oito forem feitos, elas cruzam-se. As trompetes podem estar a mover-se em grande velocidade até o teto, com uma perto do teto e outro próximo ao chão, numa ação vertical próximo a uma parede, enquanto ao mesmo tempo, uma terceira pode estar perfeitamente imóvel no ar, no centro da atividade, sem um tremor de movimento sequer. O autor viu quatro trompetes em levitação simultaneamente. Testemunhar esse fenómeno elementar por si só é mais do que suficiente para provar a presença de forças e um controlo além do conhecimento do homem.

Deve ser lembrado que este fenómeno, conforme o que acabamos de descrever, ocorre no escuro. Para o crítico que lamenta que a escuridão seja um subterfúgio da sala de sessões, eis um ato incrivelmente mais difícil no escuro do que à presença da luz. Por vezes pode haver até vinte pessoas sentadas juntas na forma de um círculo, e nenhuma pessoa é atingida por uma trompete; nem algo como um pingente elétrico suspenso do teto até o centro da atividade da trompete alguma vez foi atingido. Jamais um quadro na parede, ou uma porta de vidro ou uma estante ou aparador terá sido danificado enquanto o fenómeno decorre. Apenas uma vez segundo o conhecimento do autor foi uma luz elétrica suspensa de quebrada nas centenas de sessões realizadas em casas estranhas através da mediunidade de Jack Webber, por ele usar longas trompetes de metal pesado. Esse acidente só ocorreu através do colapso das 'condições' devido a uma interferência.

No caso do Arnold Clare, o círculo deve ser ampliado para dar lugar ao movimento mais expansivo. Não há operação nas imediações do médium, mas o movimento ocorre tão longe quanto o círculo alargado o permitir; e até mesmo então as trompetes viajam por fora sobre as cabeças dos participantes mais distantes do médium.

A esse respeito, a mais notável das experiências do autor foi aquela que ilustrou o controlo perfeito do movimento num círculo escuro. Costumava ocorrer frequentemente no círculo de desenvolvimento de Webber, e envolveu um teste de nervos para os participantes.

Aí uma trompete de metal viajava num movimento de arco de luz, tão rápido que a luminosidade era apenas um clarão de luz; e um ruído alto era criado pela passagem da trompete pelo ar. A borda da trompete chegava à distância mínima de uma polegada do nariz do participante. Eu frequentemente experimentei isso. Enquanto me mantinha perfeitamente imóvel, a ponta do trompete quase me tocar a pele, mas sem nunca tocar —um décimo sexto de polegada a mais e a ponta do meu nariz deveria ter sido arrancada.

Num piscar a trompete passaria para outro participante no lado oposto do círculo e repetia a mesma operação ou acariciava suavemente o rosto, para retornar instantaneamente um movimento ruidoso para cima e para baixo bem na frente do meu nariz. (Para evitar qualquer mal-entendido da parte do leitor, pode-se afirmar que os responsáveis pela ação descrita apenas a praticaram depois de saberem que o participante era capaz de a suportar. Não seria tentado com nenhum estranho ou pessoa não habituada ao trabalho na sala de sessões.)

O mais delicado controlo de trompete, como atestam os registos, também é testemunhado com o Sr. Clare.

Outra forma de levitação é a do próprio médium, na sua cadeira. Esse fenómeno foi registado em várias ocasiões com diversos médiuns. Com Jack Webber há relatos no livro sobre a sua mediunidade, e tudo o que precisa ser citado aqui é que ele foi visto à luz vermelha e branca a levitar no ar: em grandes salões ele de quinze a vinte pés de altura sob o telhado. O Sr. Clare também é levitado na sua cadeira no final das sessões.

Assim, podemos chegar à conclusão de que o movimento de levitação de objetos é certo, definido, rigidamente e delicadamente controlado, e que tal movimento deve ser o resultado de pensamento com os operadores positivamente cientes das características físicas dentro da área de atuação.

Já dissemos que a levitação é classificada em diferentes categorias, e a explicação do método primitivo do Pedro é tratada primeiro, como sendo muito menos um desafio do que o outro.

Pedro disse: "Levitar objetos por meio de bastões é o que alguém, pelo uso da força bruta na perfeita ignorância, chamaria à operação. Não digo isso de forma depreciativa, mas é desajeitado e consome grande poder e energia, muitas vezes em detrimento do médium. Precisa entender que o uso de hastes é extremamente desajeitado e elas também estão sujeitas as limitações, porquanto ao se atenuarem perdem muitas das suas características e força.

"Portanto, se quisermos levantar algo pesado, temos que empurrar contra a pressão, ou atração; mas ao empurrar contra a pressão uma grande tensão é provocada sobre o médium à medida que a humidade contida no corpo do médium é absorvida a uma taxa fantástica. Isso é ruim, porque tende a engrossar o sangue." (A referência de Pedro a 'empurrando contra a pressão' será apreciado depois de ler a explicação dele sobre o método 'refinado' que se segue.) "Esse método também se presta a uma repetição do mesmo fenómeno por meio do subconsciente e da ação física do próprio médium, o que pode deixá-lo com odor nauseabundo, caso tais movimentos sejam observados.

"Para a condução dos fenómenos usando a mecânica psíquica, as condições precisam ser excelentes. Pois não só os bastões psíquicos são parte integrante dos fenómenos no momento, como também do médium. Com isso quero dizer que há uma ação condicionada subconsciente por parte do médium fisicamente, porque as hastes contêm o mais baixo impulso que haveria, em caso de normalidade, de lhe manipular os membros para os mesmos movimentos. Portanto, quando ele faz uma sessão para a produção de fenómenos e as condições não são absolutamente indicadas, ele não está em condições de discriminar. O impulso é transmitido através do seu organismo nervoso a fim de produzir reações, e se ele não for contido os fenómenos ainda ocorrerão, embora sejam igualmente genuínos."

Este aspeto do Pedro é esclarecedor quando passamos a nossa mente de volta por certas supostas 'exposições' de médiuns.

As descobertas do professor Crawford mencionadas no início deste capítulo foram referidas ao Pedro e ele foi questionado se concordava com as descobertas. Pedro respondeu:

Pedro: "É praticamente isso, mas também precisa lembrar-se que o peso de um médium também flutua através do consumo do conteúdo fluido do corpo. Essa é a causa direta. É uma forma de hidráulica. É verdade que é emprestado e que nós o devolvemos; talvez não quase tudo, mas a maior parte — mas esse trabalho não é bom para o médium."

Foi estabelecido diversas vezes, usando as mesmas escalas antes e depois de uma sessão, que J. W. chegou a perder até 3,5 quilos em peso durante uma sessão. Ao aferir-lhe o peso em vários momentos após a sessão, descobriu-se que o peso dele voltou ao normal cerca de dezasseis horas depois. Os

médiuns cujos poderes físicos são assim usados em sessões precisam lembre-se disso e, assim, conceder a si próprios tempo adequado para recuperação antes de participar de novo.

Perguntaram a Pedro: "Quando um objeto de peso é erguido, onde está a base da resistência?"

Pedro: "Bem, não pode determiná-lo; varia; mas o que é que vamos mover?"

Questionador: "Digamos um objeto leve — como uma trompete."

Pedro: "A base da resistência seria, pois, se estivesse perto do médium, de joelho ou ombro dele. Haveria de estar rígido. Se fosse a uma distância maior, o ponto mais conveniente; e daí para o médium (agindo como um 'cabo de força') estaria relaxado, mole."

Pergunta: "Alguém conseguiria o método mais rudimentar de levitar objetos quando o controlo do médium é a partir de 'dentro'?"

Pedro: "Você quer dizer no caso de controlo direto do organismo físico por uma entidade invasora?"

Questionador: "Quero."

Pedro: "Falamos da produção de fenómenos e do seu controlo, ou seja a criação de um ambiente por meio do qual os fenómenos possam ser dirigidos pelo pensamento (se preferir) e onde usamos um movimento de força bruta com hastes. Nesse caso, um controlo a partir de dentro e o controlo diretivo fornece praticamente um paralelo.

"O controlo diretivo é quando o instrumento alcança pelo pensamento e eleva a sua própria qualidade tonal na medida em que as suas aspirações se encontram e se fundem com o pensamento diretriz do Guia ou Inspirador. Aí temos duas forças uma em busca da outra, uma a prestar-se ao domínio pelo pensamento da outra. É o caso do controlo diretivo.

"Com respeito ao controlo físico você tem praticamente uma inversão. Em vez de ser controlado pelo pensamento, você é inteiramente controlado fisicamente, tanto que todas as ações de pensamento da entidade invasora se tornam, de momento, parte do organismo físico do instrumento. Quanto mais fundo a entidade invasora ficar imersa no éter mais denso que circunda a terra, mais ela perde a visão das esferas além."

Esta resposta enfatiza o aspeto suscitado pelo Pedro em outro lugar, que não é bom para um médium ou médium potencial encorajar essa forma de controlo.

Uma ilustração desse controlo físico é dada no caso de Jack Webber. J.W. era cerca de e 1,72 metros de altura, e ainda assim numa ocasião dessas investido por uma entidade de maior estatura, ele tornava-se fisicamente muito mais alto, maior e mais forte. Ao passo que, sob o efeito desse controlo ele chamava a nossa atenção para a mudança, e pedia a um dos presentes, o Sr. Croft, um polícia metropolitano, de 1,82 metros de altura e bem construído, para ficar de pé à frente dele e observar a expansão. (Isso ocorreu sob a luz vermelha.) J.W. então expandir e ficou mais alto até que atingir a mesma estatura do Sr. Croft. Numa dessas ocasiões, ele pegou no autor (de 1,72 metros de altura e 63 quilos de peso) pelos ombros e rodopiou-o como se fosse um saco de palha.

Chegamos agora às explicações do Pedro sobre os processos mais refinados de levitação que encerram algumas das observações mais desafiadoras.

Antes de prosseguir com elas, poderá valer a pena recordar certos atos definidos de levitação que ficaram registados que, como se verá, se enquadram nesta categoria.

Existem os registos da Margery, que mostram que os assistentes não só tinham permissão para rodear de mãos dadas um objeto levitado, mas passar os braços entrelaçados diretamente sobre e ao redor do objeto, provando desse modo que não houve conexão física responsável por a levitação. Há as fotografias das mesas, anteriormente referidas, em que nenhum mecanismo físico pode ser visto; e do ponto de vista do autor, à luz vermelha, ele testemunhou com outros assistentes trompetes a pairar ou a navegar dentro do círculo perfeitamente desimpedido sem qualquer ligamento visível. Esse movimento foi descrito por um cético como um lúcio a nadar e a mexer-se numa piscina.

A movimentação da chapa é relatado em um dos círculos do Sr. Clare, onde à época passou entre o ectoplasma iluminado e entre as minhas pernas e as dos outros participantes. Se houvesse algum controlo físico, por mais atenuado que fosse, ele *deveria* ter sido observado.

Nota-se aqui que, onde as varas físicas são empregues, elas são sempre retas e rígidas. (Ver a referência que o Pedro fez a essas varas no capítulo sobre "Ectoplasma.")

Pedro começou por dizer:

Pedro: "Você já está ciente do espaço limitado em que as inteligências que orientam podem trabalhar, isto é, dentro da esfera de ação circunscrita pelo campo áurico ou "tenda." Dentro desse espaço, a força da gravidade não se faz imprimir tanto. A gravidade fica em estado de suspensão, de modo que para levitar qualquer artigo, independentemente do peso que tenha, neutralizamos a já enfraquecida pressão ou gravidade.

"Para obter uma conceção clara disso, deve-se imaginar a força da gravidade, não como um poder de atração, mas como um poder de impulsão; não como uma atração em direção ao centro da terra, mas como um empurrão para o centro.

"A gravidade na sua operação é devida inteiramente à pressão etérica e nada mais.

"Você há de ver que, quando se trata de manipulação do éter grosseiro, estamos no nosso elemento, o mesmo em que vocês estão com a vossa madeira e pedra.

"A gravidade opera em direção ao centro da Terra. Parece-lhes que assim seja por terem os pés implantados na terra e os objetos se moverem em direção ao centro da terra. A pressão é exercida de todas as direções por igual, pelo que ela deve passar pelo centro. Vocês são puxados para o centro por estarem na esfera e a pressão ser (em termos etéricos) de tal modo igual em todas as direções, que chega, na medida do que vocês conseguem avaliar, a ser uma força de atração dirigida a partir do centro.

"Você vê, você não está envolvido, diretamente, com as 'leis' da gravidade — não é a lei que você está a perceber — é a força.

"A pressão do éter penetra todas as coisas, motivo porque a força da gravidade opera onde quer que seja.

"O magneto depende de vibrações etéricas para as suas manifestações. O conteúdo etérico em que você está imerso é a sala primitiva de toda a vida — cósmica, solar e todas as formas de vida animada."

Pergunta: "Você disse que a gravidade é o resultado da pressão etérica. Você pode explicar isso mais detalhadamente?"

Pedro: "Ajudá-lo-á se eu lhe disser o seguinte. Toda a matéria é permeada pelo éter!. . . Como é que isso acontece?

"Por ter uma pressão tão imensa e ponderável que abre caminho através de tudo, tanto assim que conquanto você considere a pedra e os tijolos como sólidos, na verdade eles estão cheios de grandes buracos devido à pressão etérica que é exercida sobre eles. Os espaços dentro e entre as partículas da matéria são tão grandes que em comparação, e sem exagero, a distância entre cada um é equivalente à que existe entre uma bola de futebol suspensa no centro da Abadia de Westminster e nas paredes, no piso e no teto. É, afinal, o elemento em que o poder magnético comum opera. Se você colocasse um ímã dentro de um vácuo etérico não funcionaria tal como uma chama num frasco fechado."

Pergunta: "Com respeito às outras pressões, como a pressão atmosférica, como é que isso está relacionado quer com a pressão etérica ou a força da gravidade?"

Pedro: "Você quer dizer a atmosfera, refere-se ao ar. Bem, o ar deixa de existir a alguns quilómetros mais acima, e a gravidade deixa de operar (no que te diz respeito a ti) porque mais cedo ou mais tarde devem chegar a uma área em que a atmosfera entra numa zona neutra. Para nós, a pressão atmosférica é incompreensível."

Pergunta: "Referindo-se à resposta que acabou de dar — você disse que a pressão atmosférica é incompreensível para vós. Por que razão é que isso acontece, dado que sabemos que a atmosfera tem peso e portanto, exerce pressão?"

Pedro: "Sim, claro, tem peso como tudo o resto. Isso só se deve a que seja necessário para o vosso bem-estar vocês serem capazes de avaliar as coisas, e a pressão atmosférica é uma coisa que diz respeito apenas a vós próprios. Não tem existência aparte de vós próprios. A sua profundidade é de apenas alguns quilómetros na vossa mensuração e, além disso, não existe de forma alguma. Por conseguinte, não tem relação com os problemas maiores com que estamos a lidar."

Pergunta: "Há igualmente a questão da atração entre matéria e matéria, quanto maior a massa, maior a atração. Como relaciona a sua declaração com o possibilidade de que o núcleo da terra, sendo de conteúdo mineral, possa ser o centro de atração para o centro da terra?"

Pedro: "Parece coo que a mente do homem sempre deva ter um núcleo, como uma maçã. Por que é que dizem que é o centro da terra que atrai?

"Devido à grande massa do centro mineral da Terra, e à consequente força de atração para o centro.

"Bem, suponha que você pegue em duas grandes massas de matéria, as polarize na mesma polaridade e veja o que acontece. Na verdade uma afastaria a outra e não a atrairia. Bem, não será possível que a mesma coisa se aplique no caso da gravidade?

"Não poderiam os conteúdos minerais da terra e os do espaço serem polarizados a tal grau refinado de equilíbrio que cada corpo dentro do sistema solar mantivesse a sua posição na perfeição? É a uniformidade da atração entre os corpos celestes e o pivô, o sol, que é responsável por manter a terra no seu lugar, assim como os demais corpos.

"Isso é conseguido por meio daquele elemento pouco conhecido, o éter, uma substância que pode ser levada a assumir um carácter de acordo com os seus arredores e o propósito que tem a servir.

"Estávamos a falar sobre as duas massas terem a mesma polaridade o que as leva a rejeitar-se mutuamente. O que realmente ocorre dentro do sistema solar é que o composição de cada corpo é tal que cada um repele ou atrai o outro para limites tão refinados que se acham indissoluvelmente ligados dentro da sua órbita particular. De tal forma que todas as coisas igualmente relativas a esse corpo devem normalmente permanecer prisioneiras. Agora escute-me.

Se você estudar isso, poderá estudar qualquer mineral. Você pode estudar o grande sistema solar que tem o seu pivô central e ao redor do qual giram nas suas órbitas precisas os ditos eletrões, que determinam o que átomo é. É independente, em si, de qualquer controlo externo. Isto mostra que tem uma inteligência central própria. No que lhe diz respeito, nada existe fora de si. Agora, consegue ver? É um mundo próprio. É o queijo e não o verme. É o motivo.

"Você fala da lei da gravidade. Não é a 'lei.' São os "efeitos" que o homem estuda, e eles chamam a esses efeitos 'lei'. O homem só se preocupa com os efeitos e diz que funciona porque ele sabe o efeito que a chamada lei possui.

"A atração da matéria pela matéria é algo separado da pressão etérica. Tem uma relação, mas ao mesmo tempo temos um estado de desequilíbrio porque se você colocasse um objeto entre dois de peso semelhante, o central permaneceria estacionário.

"Você tem corpos a puxar para fora e tem certos corpos estacionários, mais ou menos na franja de fora, a puxar para o outro lado. Bem, é claro que isso prova que eles poderiam facilmente ser empurrados conforme são puxados. Você tem o núcleo da terra que puxa, mas o que é o espaço quando você considera tais forças?

"Não há evidência plausível nenhuma da lei da gravidade — vocês apenas estudam os efeitos."

Pergunta: "Você pode nos dizer, quando um objeto é levitado e é submetido a um movimento direcional, por que meios isso é conseguido?"

Pedro: "Quando você navega num barco, você manipula a vela para navegar na direção necessária. direção. No caso do direcionamento do movimento dos artigos, não mudamos a vela, mas a direção da 'brisa.' Direcionamos a 'brisa' de modo a mover a trompete no direção desejada, ou em alternativa criamos uma desigualdade de 'brisas,' que é a mesma coisa."

Pergunta: Quando a trompete se move e rodopia com muita rapidez, será esse movimento produzido da mesma forma?

É produzido pelo mesmo método, mas o que nós fazemos, em vez de orientarmos uma leve "briza" é criar um redemoinho etérico que contenha um centro fixo e se espalhe como o ventilador; Carrega em si a trompete, que é apanhada no rodopio. A trompete perdeu as qualidades físicas de peso, e por conseguinte é, na prática, não existente em termos físicos, naquilo que diz respeito a tal característica.

Pergunta: O controlo do rodopio é conseguido pela orientação do pensamento?

Pedro. "A explicação que a esta altura isso merece acha-se sujeita a muita confusão. Nós não produzimos tudo isso, está a entender. Precisamos ir ainda mais fundo e falar de coisas como "elementais."

"Esta foi a primeira vez que Pedro mencionou os "elementais," as "criaturas pequeninas," "pré-humanas," que tinham sido anteriormente descritas neste livro. É repetido que, para os compreendermos, assim como a outras questões secundárias, precisamos rever a tese no seu todo e não isolar uma parte da explicação de outra. Cada aspeto do processo da produção de fenómenos encontra-se relacionada com o outro.

"É frequentemente observado com respeito aos fenómenos da trompete que eles possuem individualidade, indicando que uma personalidade particular tenha sido responsável pelos movimentos. Isso foi comentado ao Pedro, ao que ele retrucou:

"Tais características desenvolvem-se por esses elementais serem muito primitivos; eles gostam de se fazer notar e de ter características próprias, mas esta é uma questão que melhor deverá ser tratada noutra parte.

Pergunta: Poderá indicar a quantidade de força que pode ser exercitada? Será considerável?

"Não importa o peso que tenha desde que tenhamos conteúdo. Se pudermos ver o conteúdo, então por rarefação não haverá limite para o peso que pode ser usado. Quanto mais ajustarmos o peso mais inerte a matéria se tornará. Esse é o total final da matéria — inércia — a falta de desejo de que a coisa se mova. Mas uma vez iniciado requererá o mesmo poder para o parar. Se pudessem tornar o vácuo etérico ao redor do círculo perfeito, teríamos todos os participantes dotados de um peso considerável.

"Daí que o movimento seja a orientação das coisas pela regulação do seu conteúdo, dentro, conforme se poderá dizer, de uma forma de "atmosfera rarefeita." É como se estivéssemos a reter a pressão para manter um artigo estacionário. Exige-se apenas uma pequena operação para fazermos com que as coisas pairem — porque então poderão ser dirigidas como podemos dirigir uma pena ou uma folha de papel leve. O peso desaparece quando lhe removemos a pressão da gravidade. Quando a gravidade lhe é retirada deixa de ter peso.

CAPÍTULO XIV
APORTES

O 'aporte' (desmaterialização e subsequente materialização) é a produção num determinado lugar de um objeto à distância. O objeto pode ser composto de qualquer material e ter qualquer tamanho. A distância de onde é trazido pode variar de alguns metros a milhares de quilómetros.

Embora se afirme que os fenómenos e ensinamentos relatados neste livro provam o caso da sobrevivência, o transporte dá um forte apoio a essa conclusão.

A mediunidade de aporte é uma das formas mais raras de mediunidade. A quantidade de relatórios autenticados de aporte são muito limitados, alguns dos mais notáveis são aqueles associado a Charles Bailey da Austrália, Conde Rossi, Maria Silbert, Estelle Roberts, Jack Webber e Arnold Clare. É digno de nota que todas essas mediunidades sejam relativamente recentes; e isso pode indicar que a transferência antecipada possa não ter sido registada, ou que denota um avanço no conhecimento e adaptabilidade dos operadores espirituais no uso dos seus instrumentos humanos. No entanto, somos informados por Pedro que onde tal mediunidade pode funcionar, a transferência é uma performance relativamente simples.

Enquanto o ato de transportar, ou o seu oposto 'asporting' (isto é, quando um objeto é levado de uma sala de sessões), pode ser simples para os operadores espirituais, mas esses atos parecem incompreensíveis para a mente humana. Significa que um objeto, digamos uma pedra, um pedaço de vidro, metal ou produto vegetal, é retirado (teleportado) de um lugar distante e produzido num instante dentro das quatro paredes da sala de sessões. Para conseguir isso o estado físico do objeto é transformado em outro estado, permitindo assim o seu transporte instantâneo e passagem através de objetos sólidos como paredes, portas, etc., com maior facilidade do que o som ou a energia elétrica podem penetrar em tais obstáculos. Não é de admirar que os "cientistas" tenham até agora desaprovado essa forma de fenómeno, por parecer tão comprovadamente impossível. É essa aparente "impossibilidade" que deve argumentar a presença e ação de mentes desencarnadas para que o realizem; o fato do seu desempenho fortalecer o caso da sobrevivência, caso contrário, como se pode explicar a presença dos operadores?

Por regra, uma condição de escuridão é necessária para o transporte, embora haja casos relatados do ato que ser executado à luz. Assisti à chegada de dois aportes (com o J.W.) sob uma luz vermelha suficientemente forte para mostrar claramente o médium preso e todos os assistentes; e, mais digno de nota, um aporte recente foi recebido através do Sr. Clare a uma luz branca e brilhante. Nesta ocasião as quatro pessoas presentes (incluindo o médium, em transe) ficaram na vertical com todas as mãos unidas. O transporte que caiu no meio deles era uma moeda de cobre grande e pesada. A luz nessa ocasião era uma lâmpada elétrica de luz branca de 100 watts.

Embora outras formas de fenómenos tenham sido provisoriamente aceites por algumas faculdades, a transferência ainda não foi aceite. No reino da atividade espiritual, a mente científica sempre ficou atrás do conhecimento adquirido na sala de sessões, mas sem dúvida chegará o tempo em que o aparente 'milagre' do transporte será aceite. Pode-se dizer que não há forma de mediunidade física tão exposta ao engano e à fraude como o da aportação.

Na falta da busca mais íntima do médium — e de fato todos os participantes — provavelmente por raios-X, é difícil conceber precauções que satisfariam uma comissão de investigação. Aliás, não é fácil obter os serviços de uma comissão de investigação composta por pessoas de autoridade inquestionável. Mesmo que fosse, poderia muito bem ser que as severas invulgarmente condições impostas fossem tão restritivas e artificiais que, aliadas à atitude de tensão mental dos participantes focada num resultado definido, a sessão fosse abortada. É verdade, conseguimos obter uma fotografia infravermelha do ato de um aporte a ser materializado de novo em ectoplasma (através do J.W.), mas mesmo disso se pode dizer que tenha sido 'tramado,' apesar dos vinte participantes independentes presentes na ocasião.

Da mesma forma, fazer com que um objeto seja colocado numa caixa trancada e lacrada na escuridão de um sala de sessões teria que enfrentar a acusação de representar um truque de magia. Sem dúvida que chegará tempo em que os operadores de espírito serão capazes de conceber um teste que será indiscutível; mas, até que isso ocorra, teremos que nos contentar com os relatórios dos assistentes e investigadores. Basta acrescentar, mais uma vez, que nos últimos anos os nossos cientistas foram capazes de produzir resultados que teriam sido inteiramente rejeitados uma década atrás.

Há um outro aspeto desta questão que pode ter algum peso, que é o processo de transporte ser apenas uma parte dos fenómenos generalizados associados à mediunidade física. É ilógico acreditar que um médium no estado de transe, necessário aos fenómenos, fosse capaz de retornar à normalidade conscientemente para cometer um ação fraudulenta. No entanto, para que o aporte seja fraudulento, essa alegação absurda de disputa precisaria ser mantida.

Nenhum médium de renome colocaria em risco a sua mediunidade por meio de tais meios. Ele ou ela saberia que seria um convite à exposição e destruiria o confiança de amigos e outras pessoas na sua mediunidade. Por fim, é extremamente duvidoso que os Guias continuassem a trabalhar com tal médium. Por conseguinte, o aporte deve ser considerado com o resto da atividade aceite.

As ocorrências detalhadas a respeito do transporte através da mediunidade do Sr. Clare relatados na primeira parte são eloquentes do ato; e os relatórios de forma independente subscritos por vários escritores testemunham a semelhança de procedimento e resultado. O meu relatório da sessão de 20 de Julho de 1940, relata não apenas a transferência de quase uma libra de metal em formas variadas, mas também do transporte de quatro garras de leão que surgiram de uma conversa não ensaiada. A hipótese da conversa ter sido antecipada está além da credulidade; ou que o médium ou os seus amigos tenham escondido os objetos e os tenham produzido pelos métodos relatados, teriam sido necessários movimento e ações, e estes deveriam ter sido discernidos por mim e pelos outros participantes experientes presentes.

De passagem, pode-se enfatizar que aqueles acostumados ao trabalho na obscuridade física

os círculos desenvolvem um sentido percetivo extra. Isso resulta de estarem tão familiarizados com atividade no escuro que olhos, ouvidos e mente ficam tensos e alertas. Mesmo o mais insignificante farfalhar de roupas em movimento é notado, e seria muito difícil, senão impossível que alguém se levantasse de uma cadeira sem ser observado.

Pedro, no seu jeito tranquilo, deu-nos a explicação que segue o procedimento adotado, na medida do nosso entendimento. Ele conduz-nos ainda mais à contemplação de uma forma de vida que encontra um paralelo mais próximo nas fadas da nossa infância. Essa forma de vida (que ele chama de 'criaturas pequenas') é como um elo na cadeia de evolução e progressão da vida. Na falta de evidências mais definitivas da sua existência, só podemos aceitar as 'criaturas pequenas' como uma das 'maravilhas' das revelações de Pedro. Algumas dessas revelações são prováveis, muitas mais quando relacionadas com evidências autenticadas são mais que prováveis; e pode servir, por ora, para acolher a sua história das 'criaturas pequenas' como conhecimento 'reservado' na nossa busca pela verdade e sabedoria.

Pedro começou por dizer:

Pedro: "Não há melhor ponto de partida do que considerar um artigo que se destina a ser usado como um aporte. No transporte normal de artigos simples, como pedra, metal, ervas secas, madeira e solo, estes são mais facilmente transportados, e a gama adequada seria composta por coisas de materiais desses. Artigos novos como bijuterias, lenços e vida animal devem ser considerados como aportes bizarros, e só podem ser produzidos sob circunstâncias muito especiais. Veja bem, não estou muito satisfeito com o procedimento que estamos a adotar — não estamos a ir direto aos fatos, à natureza da intelectualidade que lida com essa atividade. Agora, um artigo destinado a ser transportado deve normalmente ter repousado no seu refúgio secreto (não quero dizer que esteja escondido) por um período considerável de tempo antes de poder ser usado.

Esse não é um requisito normal, mas um de impregnação no seu ambiente local.
A razão é que ele não deve, por si só, criar radiação individual, caso contrário, haverá uma perturbação dentro do éter nesse ponto. Isso impediria a construção bem-sucedida do vácuo etérico ao redor do objeto a ser transportado. Para explicarmos esse vácuo etérico, pode-se dizer que se compara — que é o mais próximo que se pode chegar — a um ovo, com todas as possibilidades de vida que ele encerra, e até mesmo a sua 'forma.' Talvez agora você possa ver como recuamos ao início da vida e como a vida chegou à terra pela primeira vez através de um vácuo etérico.

Pergunta: "O que é um vácuo etérico? Estaremos certos em entender que um vácuo etérico descreva uma condição na qual não exista éter?"

Pedro: "No vosso vácuo, ainda existe éter. No nosso vácuo também existe éter quando o ar dele tiver sido excluído. Com o vosso vácuo vocês alteram o carácter do éter por removerem o éter de ligação associado a esse ar. Um vácuo etérico é precisamente o mesmo. O éter interior é diferente do exterior. O carácter foi retirado do éter dentro do vácuo."

Pergunta: "A vida teve origem nesse vácuo?"

Pedro: "Veja, estamos a realizar a ação inversa, ao colocarmos o objeto num estado etérico, e que nos impedirá de o levar para um estado espiritual ainda mais avançado, pelo mesmo método de trabalharmos pelo sentido inverso? Agora você pode ver como podem existir peixes numa piscina que tem nunca houve qualquer desova. Eu adverti-o de que, ao lidarmos com este assunto, estávamos a lidar com poderes primordiais que foram responsáveis pelo início da vida."

Pergunta: "Posso chamá-lo, ou você o consideraria como um nascimento original?"

Pedro: "Falaremos sobre essa questão mais tarde, e compará-lo-emos com o nascimento e crescimento das coisas. Lembre-se, falamos dessas coisas como sendo primitivas.

"Aqui está uma ideia peregrina. O nosso glóbulo, ou ovo. Não será notável como a natureza se manifesta? — sempre a formar novas vidas e possibilidades dentro de esferas e ovais; quero dizer, na forma.

"Agora estudar o vácuo etérico em relação a um ovo simplifica o processo de explicação. Dentro do ovo você tem todas as potencialidades da vida a aguardar apenas a oportunidade que as transformará de energia potencial em vida ativa pulsante. O mesmo ocorre dentro do vácuo etérico, só que de maneira inversa. Temos algo que possui vida, no que diz respeito à forma e à qualidade, que está apenas à espera da oportunidade para que ocorra a mudança.

Agora chegamos aos caminhos onde começamos a deixá-lo para trás. Tal como o ovo, as condições dentro da casca etérica do vácuo não são iguais àquelas de fora; e através do jogo diretivo de forças etéricas atrativas (correspondentes ao calor, como no caso do ovo) a vida (no caso do objeto a ser transportado) é acelerada, de modo que as estruturas atómicas mudam. Quando isso ocorre a velocidade torna-se tão grande que toda aparência física desaparece. Isso é apenas o inverso do que ocorre no ovo, onde os fluidos se solidificam e assumem a sua forma de acordo com o germe nele implantado."

Pergunta: "Será a ação de mudança automática assim que a condição necessária é criada em torno do objeto?"

Pedro: "É automática. Agora, este é um aspeto que lhe vai interessar. A simpatia entre o objeto que se encontra a uma distância remota e o médium não é pertinente, como é geralmente suposto, mas onde a simpatia ou harmonia existe é entre os operadores e o médium. Tem lugar aí e não no objeto distante. É um entendimento natural simpático entre a alma na forma humana e, por falta de uma designação melhor, os 'espíritos da natureza' que servem."*

**(NT: Esta passagem sugere os famosos Livros de Próspero, de Shakespeare.)*

Pergunta: "Você afirma que é a simpatia existente entre a alma e os 'espíritos da natureza.' Como é que isso funciona?"

Pedro: "Eles, os 'espíritos da natureza,' são inconscientes da ideia diretiva do médium. Eles estão diretamente associados apenas à alma de um ser humano encarnado. Toda orientação que é passada a essas criaturinhas é pelo próprio médium ou pela sua aura. Estou a falar principalmente de aportes aqui. Veja — vocês têm uma linda fábula, a das Viagens de Gulliver, onde vocês têm um gigante entre uma multidão de criaturas diminutas. É muito semelhante a isso, só que elas agrupam-se em torno do ser humano que tem um corpo físico. Isso é uma verdade absoluta."

Pergunta: "Isso aplica-se a qualquer ser humano?"

Pedro: "Aplica. A harmonia pode não ser tão completa, mas não posso entrar nisso agora. Já ouviu falar da expressão 'Green Fingers'?* Eles conseguem ressuscitar plantas. Bem, é a mesma simpatia ou harmonia que existe entre essas criaturas pequenas.

**(NT: 'Polegares Verdes', ou jeito para as plantas.)*

Pergunta: "O aspeto intrigante é a orientação que os pequenos tomam numa sessão para obter aportes."

Pedro: "O fato de o médium estar em sessão mostra que ele está a conceder o seu consentimento para que os outros — isto é os controladores — estabeleçam a orientação. Agora é necessário para este trabalho que deva ser um Controlador que seja o mais próximo possível deles em simpatia. Daí, neste caso, o emprego do nosso amigo Simba. Veja bem, o Controlador funciona dentro da aura do

médium e está, por ora, a usar a autoridade do médium para essa orientação. Se o médium empregasse os mesmos poderes conscientemente, então ele seria capaz de 'receber alimento dos corvos no deserto,' mas como isso não é possível, ele precisa ter um assistente, que é a mesma coisa."

Pergunta: "As criaturas pequenas criam o vácuo etérico?"

Pedro: "Criam; mas note bem, é sempre restringido a coisas simples. Elas não podem ir além disso."

Pergunta: "Isso não requer uma grande quantidade de conhecimento por parte das criaturas pequenas?"

Pedro: "Não, esse é o Hod *(NT: Balde de carvão ou de pedreiro)* em que eles carregam as pedras. Eles estão a usar os seus meios quotidianos para a produção do que você consideraria o milagre, mas para eles é mais simples do que você tomar a sua refeição. A dificuldade surge não na construção do ovo etérico e na desmaterialização do objeto dentro dele, mas em devolvê-lo ao seu estado físico normal dentro do círculo. Essa é a verdadeira dificuldade. Observe, no primeiro exemplo, afirmei que as condições ideais são aquelas em que o objeto deve ter repousado na sua posição enquanto absorvia o seu ambiente. Ao trazê-lo para o círculo, eles criaram de modo deliberado exatamente aquelas condições que normalmente evitariam. Essa é a dificuldade. É por isso que muitas vezes um objeto virá até vós com condensação sobre ele, ou em temperaturas extremas."

Pergunta: "Você pode falar-nos do método de transporte?"

Pedro: "O transporte é muito simples uma vez que o artigo é transformado nos seus componentes etéricos (tente lá entender isso) — não é mais do que movê-lo na sua forma material uma pequena fração de polegada, porque, veja, o espaço não existe. É difícil você imaginar, eu sei.

Pergunta: "Posso imaginar a sua passagem por obstáculos, mas não consigo conceber a método pelo qual é direcionado de um lugar para outro."

Pedro: "Bem, não há necessidade. Por exemplo, para você a África fica a uma longa distância, e a garra de leão que a sua senhora usa foi trazida de lá para a sua própria residência em menos de um instante do tempo. Bem, o espaço é apenas um sinal da vossa limitação. A África não está mais longe para nós, de fato, não está tão longe quanto a sua mão do seu rosto, caso contrário, se não fosse assim o impulso de rádio levaria tempo a percorrer a Terra. É do mesmo domínio, só que é mais célere. Há um lapso de tempo apreciável no que diz respeito ao rádio, mas não nos éteres mais subtis em que eles e nós operamos."

Pergunta: "Você é capaz de recompor a forma do objeto?"

Pedro: "É muito simples. Uma vez alcançada a desmaterialização inicial e, claro, mediante uma equalização das condições dentro do próprio círculo, não importa quanto tempo demore antes que ele esteja recomposto. Quase poderíamos trazer um grande suprimento, embora dependendo sempre de circunstâncias relativas ao seu estado físico. Depende disso."

Pergunta: "Os elementos naturais fazem alguma diferença — o trovão, etc.?"

Pedro: "Não diretamente — apenas na medida em que afetam o médium. Se ele for afetado por isso, então, é claro, isso passará igualmente por todo o sistema, físico, etérico e mental."

Pergunta: "Será o aporte possível quando o médium não está em sessão?"

Pedro: "É. Mas talvez você vá rir disso. Não é necessário que a alma esteja a ocupar o mesmo sítio, nem nenhuma posição em que o corpo esteja a qualquer momento durante o dia em que você está a trabalhar, muito menos quando está a dormir, porque a distância não constitui problema. É por isso

que vocês de vez em quando ouvem falar de casos em que alguém pensou profundamente noutro e esse outro foi visto perto de si. Assim, você pode entender que, quando você se torna etericamente inconsciente, você pode pensar sem as limitações de distância, tempo e espaço. Aquele que mantém a mente aberta o tempo todo provavelmente encontrará mais maravilhas do que aquele que mantém a morada fechada."

Pergunta: "Transportar uma lança, por exemplo. Isso envolveria alguma dificuldade especial?"

Pedro: "Não. Poderíamos trazer alguns elefantes, se você quisesse. Isso é bastante apropriado para o 'cardápio.' Tamanho não é dificuldade.

Foi feita referência à fotografia recebida da materialização de um aporte no caso do Jack W. na pergunta seguinte.

Questão: "Será possível, de acordo com a nossa linha de raciocínio, que um aporte seja produzido através do corpo do médium?"

Pedro: "Não é impossível, mas não é normal. Você pode ver alguma razão por que devesse ser?"

Comentário: "Foi dito que foi produzido através do corpo."

Pedro: "Bem, pode ter sido o lugar onde foi reconstruído. Eu dificilmente deveria dizer que tenha sido trazido pelo corpo. Não é normal mas eu não diria que é impossível; Mas é desnecessário. Pode ter sido necessário voltar a materializar próximo ao médium, mais especialmente se não tiver sido um ramo ao qual esse médium tenha estado associado. O guia não sabe nada sobre isso. Ele é impotente para produzir uma pequena coisa. Ele é responsável pelo bem-estar do médium e, em menor medida, dos participantes inerentes ao ambiente.

"À semelhança de muitos outros, no entanto, os Guias precisam qualificar-se para o trabalho — para saber como é feito. É como um homem que tem o controlo de uma vasto negócio. Ele pode não ser capaz de realizar cada operação necessária para a produção de um artigo, mas ele sabe como se faz e deve a sua posição à capacidade que tem de organização e ao poder de visão que tem para o futuro. Isso, em relação ao trabalho de desenvolvimento, é muito necessário. Um homem pode ser capaz de projetar aeronaves, e nunca ser capaz de pilotar uma.

Pergunta: "Em vista do que foi dito sobre a construção da matéria, você poderá dar-nos alguma ideia da condição em que um artigo é alterado para fins de transporte? Ainda retém a sua forma atómica?"

Pedro: "Retém, só que acelerou, ou, por outras palavras, teve a sua frequência aumentada; deixa temporariamente de ser matéria, embora não seja propriamente desintegrada; porquanto retém a sua forma num estado invisível. Na vossa ciência, acho que vocês descobrirão que alguns materiais emitem prontamente, sob condensação, forças ou correntes eletrónicas. O que acontece, pois, é o que seria designado por 'ionização.' Vocês empregam-no nas vossas válvulas de rádio.

"Vocês estimulam esse fluxo eletrónico introduzindo na construção do filamento da válvula um revestimento de material ou substância (creio que vocês o designam por tório) que, sob o calor de uma bateria local de qualquer tipo cria uma cascata; isso sobe do filamento e cai de novo — como bolas numa fonte de água. Mas assim que vocês introduzirem um potencial positivo, o fluxo deixa de ser uma cascata desorganizada, e passa a ser um caminho direto do filamento até o condutor positivamente carregado. Um tipo semelhante de processo é empregue em relação ao artigo. Esta é a melhor analogia que posso fornecer. Além disso, e isto é importante, antes que vocês possam obter essas condições em relação a essa válvula de rádio, você precisam criar para ela o seu próprio vácuo semelhante ao vácuo etérico."

CAPÍTULO XV
A MECÂNICA DA PRODUÇÃO DE VOZ

Talvez o mais intrigante de todos os fenómenos do ponto de vista dos investigadores seja aquele denominado 'voz direta.' Este é o fenómeno das vozes produzidas através mediunidade por outros meios que não os órgãos vocais humanos.

Associada à 'voz direta' está a chamada 'voz independente.' A diferença entre ambas está em que a primeira se manifesta através de um cone ou trompete, enquanto o este se manifesta independentemente de qualquer mecanismo construído pelo homem.

As vozes pretendem vir de agentes espirituais, e há evidências contundentes a apoiar essa visão. As palavras e a linguagem devem ser de origem espiritual, pela sua própria natureza, caracterização e informação das comunicações.

Dois exemplos são suficientes para dar força a essa afirmação. O primeiro através do mediunidade de Valiantine (ver mais adiante) e, em segundo lugar, através de Jack Webber, um carvoeiro iletrado, por meio de quem as conversas eram realizadas entre assistentes e espíritos que comunicavam em Francês, Português, Sueco e Latim, sem qualquer hesitação na fala e sem traço de sotaque estranho a essas línguas.

Tantos volumes de registos autenticados de comunicações de voz direta foram publicados que a realidade dessa forma de comunicação agora é geralmente aceite. O que ainda não foi estabelecido é o método e os meios pelos quais essas vozes falam. O objetivos deste capítulo é fornecer uma tese para a mecânica desse fenómeno.

O que se segue são exemplos de evidências atestadas de fenómenos de voz direta; eloquente na sua prova de que a orientação da mente para tal evidência deve ter vindo de uma entidade desencarnada.

O professor J. Hysop investigou o fenómeno da voz da Sra. Eliz. Blake e relatório que elaborou abrange mais de 200 páginas das Anais da Sociedade de Pesquisas Psíquicas da América. Nela ele diz:

"O volume do som em alguns casos exclui a suposição de que as vozes são transmitidas das cordas vocais para o trompete. Eu ouvi-as a 20 pés de distância e os lábios da Sra. Blake não se moveram.

Dennis Bradley, no seu livro (1928) intitulado The Reality of Physical Phenomena:

"Dr. Whynant é um grande linguista que fala trinta idiomas e uma quantidade considerável de dialetos. Ele foi durante muitos anos professor de Chinês na Universidade de Oxford. Ele não é Espiritualista. . . . Em uma série de sessões realizadas em Nova Iorque na residência do Juiz W.M. Cannon, um famoso e rico advogado das mais altas credenciais, sob a mediunidade de George Valiantine, uma voz foi ouvida falar em Chinês, etc. Na minha opinião, essas conversas em Chinês Arcaico representam porventura um dos maiores testes já feitos em pesquisa psíquica e comunicação de voz espiritual.

"Deve-se dar todo o significado às diversas línguas faladas e à entonação e acentos das 'vozes.' Eu ouvi 'vozes' faladas em Alemão, Francês, Italiano, Russo, Espanhol, Chinês, Japonês e Galês idiomático; e ouvi durante a mesma conversa a linguagem mudar de repente para Francês, e as respostas das 'vozes' dos espíritos chegaram com fluência e sem hesitação.

"Durante as sessões do Dr. Whynant em Nova Iorque com Valiantine, falou-se em Português, Basco, Árabe, Sânscrito e Hindustâni." Em 1927, Valiantine veio a este país para uma série de experimentos com Lord Charles Hope e o Sr. Dennis Bradley, que foram totalmente descritos nos livros deste último, Rumo às Estrelas e a Sabedoria dos Deuses. Há dois incidentes relatados que são pertinentes aos aspetos dos fenómenos vocais que mais nos interessam aqui.

O primeiro é que Valiantine se mostrava bastante normal enquanto as vozes falavam, e que ele próprio se envolvia em conversas com alguns dos presentes, enquanto as vozes espirituais estavam a conversar com outros participantes. A segunda foi a gravação dessas vozes em discos de gramofone. A gravação foi realizada pela Columbia Company, por uma linha telefónica que foi estabelecida do escritório de Lord Charles Hope, onde a sessão foi realizada, para o estúdio de gravação.

Registro nº 412-4. Confúcio a falar em Chinês antigo.
Registro nº 412-5. Chung Wei a falar e a cantar em Chinês.
Registro nº 412-6. Maharajah de Manobe falou na língua Indiana antiga do Sânscrito.

Na Mediunidade de Jack Webber relatei a fala de comunicadores do espírito em Sueco, Português, Latim, Francês e Espanhol — e deve ser lembrado que este médium era um mineiro iletrado. Também é feita referência ao canto do controlador, Rueben, em voz muito alta, na capacidade máxima de um alto-falante e penetrar nas casas da rua do lado, apesar das portas da sala de sessões estarem fechadas. O canto de Rueben por vezes era mantido por mais de uma hora continuamente. As palavras eram enunciados de forma clara e perfeita — a abertura na extremidade menor do trompete usado na época tinha menos de meia polegada e geralmente estava fechada. *

** Numa sessão realizada nos estúdios da Decca Record Co., Ltd., foi obtida uma gravação da voz espiritual de Rueben a cantar 'Lead, kindly Light' e 'There's a Land'. O registo frente e verso de dez polegadas pode ser fornecido por 5s. 6d. por Harry Edwards, Balham Psychic Research Society, 11 Childebert Road, Balham, Londres, SW17. Todas as receitas da venda dos discos são destinadas ao 'Jack Webber Memorial Fund'.*

Esses extratos não levam em conta a grande massa de evidências pessoais íntimas que só poderia ser obtida de um espírito comunicador. Exemplos notáveis de tais comunicações podem ser encontradas no 'Towards the Stars' de Dennis Bradley, e no 'Modern Psychic Mysteries' de Gwendoline Hack, para citar apenas dois de uma grande quantidade de registos.

Ao longo da história da mediunidade de voz tem havido muitas referências a 'caixas de voz'. Este termo (invariavelmente usado pelos operadores espirituais associados a cada médium de voz) foi camuflado em mais ambiguidade, quando questões de natureza foram postas pelos participantes. Por exemplo, quando um operador espiritual foi solicitado a 'nos dizer como as vozes são produzidas,' a resposta tem sido geralmente dada assim: "nós construímos uma caixa de voz, através da qual podemos falar," ou, "construímos um armário com uma caixa de voz nele, como uma das vossas cabines telefónicas," ou "encaixamos um molde ectoplásmico sobre a face do espírito," etc.

A falta de dados substantivos em tais respostas é óbvia, mas devemos ser profundamente sensatos das grandes dificuldades que os Guias tiveram de enfrentar, quando solicitados a explicar isto ou aquilo. No capítulo sobre o 'Desenvolvimento da Mediunidade' é feita referência à dificuldade que os Guias devem experimentar em dar explicações fundamentadas, através do limitado equipamento mental dos seus médiuns. Fornecer antecipadamente teses que somos incapazes de compreender deve apresentar uma dificuldade adicional.

Além disso, nem todos os médiuns e guias estão dispostos a participar repetidamente para nos dar instruções como o Sr. Clare e Pedro fizeram. As explicações de Pedro sobre os fenómenos de voz por si só ocuparam pelo menos seis noites para produzir uma declaração racional.

Para ser justo com os Guias dos médiuns físicos do passado, deve ser enfatizado de novo que não possuíamos então o conhecimento da acústica, da ciência do rádio e da ciência de aplicar e relacionar a energia elétrica com o som como fazemos agora. Nós só podemos apreciar aquilo que podemos compreender. O nosso conhecimento das forças regidas por leis e efeitos limitam-nos a compreensão. Explicar qualquer tese além desses limites é embarcar numa dissertação que não faria sentido — mesmo supondo que o nosso vocabulário permitisse a tentativa. Para ilustrar este aspeto — ter usado há uma geração atrás termos como os do dia-a-dia como um 'alto-falante de bobina móvel' ou 'oscilações de rádio' teria significado exatamente zero e tais termos teriam sido descartados com sem sentido.

Deve-se, pois, enfatizar que nenhum Guia de tempos passados deve ser reprovado por fracassar na transmissão de informações ou em satisfazer gentilmente os seus ouvintes daqueles tempos com obscuras referências. É óbvio que até que estejamos em condições de entender, ou abordar compreender de forma inteligente, uma concepção inteiramente nova, seria uma perda de tempo qualquer guia discorrer sobre ele. Além disso, ainda devemos reconhecer as nossas limitações actuais, e ficar satisfeitos, por enquanto, se formos apenas vagamente capazes de perceber um pouco de luz.

Por meio de fotografia infravermelha e outros métodos mais rudimentares de fotografia (como com a Margery), foram obtidas imagens de uma massa ectoplásmica, intimamente associada e conectada à médium por conexões ectoplásmicas. Os Guias desses médiuns informaram-nos de que essas formações eram 'caixas de voz' ou apetrechos de 'fala'.

Quando esses Guias foram questionados sobre essas fotografias (e isso aplica-se também aos Guias de outros médiuns de voz em que as fotografias não foram obtidas) eles disseram-nos que essas caixas de voz contêm uma "réplica dos órgãos vocais do médium," através da agência de que falam as pessoas espirituais.

Refiro-me novamente às atas dos Anais da Soc. de Pesquisa Psíquica Americana, vol. II, 1926-27. À Mediunidade da Margery, no qual o mecanismo de fala de Walter é descrito da seguinte forma:

"Há uma massa que pode ser cinza ou branca, com cerca de 4 x 2 x 2 polegadas, semelhante ao tamanho e forma de uma batata. O seu contorno é irregular. Por vezes, ao olharmos para ela, parece simular um rosto pequeno muito parecido com as cabeças secas dos caçadores de cabeças (canibais) dos mares do Sul, cabeças das quais os ossos foram removidos. Perto do topo dessa estrutura desde a orelha direita há um cordão branco de um sexto a um quarto de polegada de diâmetro liso. Da pequena boca, por assim dizer, do cara de batata surge uma estrutura muito parecida com o cordão umbilical humano, com um quarto a meia polegada de diâmetro, torcido, e de oito a doze polegadas de comprimento. Isso entra pela narina direita do psíquico. O cordão auricular branco e o cordão torcido no nariz são longos o suficiente para permitir que a massa central repouse no ombro direito do psíquico, ou no peito, no rosto ou no ombro esquerdo. Nós temos muitas fotografias dessa estrutura e as fotografias confirmam o que os nossos olhos vêem. . .

Manuseamos a massa e achámo-la muito parecida como as outras massas teleplásmicas, fria e ainda assim vibrante com vida. O fato dessa estrutura estar presa ao nariz provavelmente explica por que todo e qualquer assistente não tem permissão para colocar a mão sobre a boca do psíquico sempre que ele quiser, como teste da voz independente.

"Ao final dos fenómenos a massa da orelha leva de dois a quatro minutos a desaparecer. Na exposição à luz vermelha das massas de todas as origens é imediatamente visto uma espécie de encolhimento como se a luz lhe fosse hostil, ou semelhante à da carne repentinamente exposta a um fogo muito quente ou ferro de soldar.

A tese de Pedro vai contra a visão de que a massa ectoplásmica contém qualquer tipo de cordas vocais; e aqui mais uma vez é feita a sugestão de que, à luz das explicações do Pedro, essas declarações foram apenas o refúgio dos Guias dos fatos mais intrincados e mais verídicos do caso.

No meu livro sobre a mediunidade de Jack Webber, adoptei o curso seguro de evitar teorizar, exceto numa ocasião em que fiz algumas observações sobre o método de produção de voz; e eu fi-lo por aparecerem circunstâncias evidenciais a apoias as minhas afirmações. Apoiei a opinião de que a caixa de voz deve conter um mecanismo de som, por ouvir em várias ocasiões três vozes em simultâneo.

(1) O Guia a falar pelos órgãos vocais do médium;
(2) Uma voz em 'miniatura' próxima ao médium; e
(3) A voz em miniatura a ser simultaneamente reproduzida em volume, através de um trompete levitado no ar cerca de seis a oito pés de distância do médium. Em vista das explicações de Pedro, sou forçado a concluir que a estrutura ectoplásmica não contém mecanismo de produção de som, como fomos anteriormente levados a acreditar.

Algumas das improbabilidades da afirmação original são dignas de consideração, ainda que tão só para ilustrar o erro humano de construir uma tese sem fundamento na razão ou fato. Em minha própria defesa, já declarei essas improbabilidades antes e agora faço-o novamente para que a posição possa ser melhor apreciada.

Para uma caixa de voz, como as que fotografamos, conter um aparelho de voz, seria necessário ter não só uma 'réplica de uma garganta humana, mas igualmente uma réplica do formato da boca, do palato, da língua, dos lábios, dos dentes e foles de ar (pulmões) para produzir os sons silábicos perfeitos. Além disso, tudo isso — acordes, garganta, palato, língua, lábios, pressão do ar — teria que ser controlado por alguma ação muscular, controlado pela mente. Não é viável que todos esses elementos essenciais se achem contidos na massa ectoplásmica; e que um espírito comunicante, seja Guia, parente ou amigo, na sua condição de espírito pudesse operar todos esses fundamentos físicos, também não é viável.

Um outro aspeto relacionado. Por vezes, a voz 'direta' possui características de fala do médium — nem sempre, mas com frequência — e isso tem sido explicado pelo raciocinando de que, se a caixa de voz é uma réplica dos órgãos vocais do médium, é razoável supor que a voz produzida tivesse alguma semelhança. Tal raciocínio reforçou naturalmente o apoio à afirmação anterior, mas aqui mais uma vez a tese de Pedro fornece uma razão mais forte pela qual tal semelhança pode, por vezes, existir.

Nenhum tom jamais foi criado exceto por meio de um instrumento, o que significa que nenhum o som foi alguma vez gerado pelo espaço ou pelo éter livre. Além disso, o instrumento utilizado deve corresponder à natureza do tom a ser produzido, ou seja, o instrumento deve ser construído de materiais adequados, como madeira, fios, metais, diafragmas, para receber e transmitir ondas sonoras de voz física através de um telefone, altifalante ou outro instrumento de voz. Portanto, um instrumento etérico é necessário para receber e transmissão de tons etéricos.

O que é mais difícil de compreender é a maneira pela qual as ondas sonoras etéricas são transformadas em ondas sonoras físicas. Vale lembrar mais uma vez que através da ciência do rádio o homem realizou uma transformação semelhante. A mente que considera impossível que as ondas sonoras etéricas sejam transmitidas por um mecanismo etérico e subsequentemente transformadas em sons físicos através de um delicado aparelho recetor humano — como o que médium representa — é o mesmo tipo de mente que julgava impossível há trinta anos enviar uma voz através do éter e ouvi-la em milhões de lares praticamente em simultâneo.

Outro bom paralelo é fornecido pelo telefone, onde o locutor está a falar à distância; as ondas sonoras assim criadas viajam em uma nova formação ao longo dos fios para serem traduzidas de volta por sons físicos.

Foi provado em termos conclusivos além de qualquer dúvida possível, em especial através dos experimentos da Margery que os sons da voz do espírito comunicante são bastante independentes do

médium. Isso foi provado quer enchendo a boca do médium com água ou colocando um balão inflado na boca do médium que apitava se o ar fosse extraído dele. Sob tais testes, o controlador, Walter, falava e assobiava melodias a alguma distância da médium. No caso do Jack Webber foi comprovado pela audição de duas, e por vezes três, conversas a ocorrer ao mesmo tempo. No do Valiantine, da Sra. Perryman e outros, vozes que mantinham conversação saiam de partes da sala distantes do médium e continuavam enquanto o médium, tanto em estado normal quanto em transe, também falava.

O relatório da sessão de 17 de Novembro de 1940, quando um dos controladores do Sr. Clare falou com clareza através de um trompete com a boca efetivamente bloqueada, fornece evidência adicional em apoio. A suposição foi a de que, como foi provado que o real som físico era ouvido como exterior ao médium, a origem das ondas sonoras também era externo. Isso sucedeu como uma suposição natural e razoável — ainda que de acordo com o Pedro, não seja assim.

Pedro diz que a produção da fala tem a sua origem no corpo etérico do médium e não em qualquer mecanismo externo. Aqui estão as palavras textuais do Pedro:

Pedro: "Regra geral, não há mecanismo externo para a criação de som. Os sons são produzidos através dos corpos físico e etérico do médium. Isso, em si, é um trabalho de empreendimento considerável. Há um esforço de cooperação entre os órgãos físicos produtores de som e a contraparte etérica, que usa os princípios de força elétrica." (A ênfase deve ser colocada na palavra 'princípios' para evitar a conclusão de que é apenas a força da eletricidade que é o agente responsável.) "Os músculos da garganta podem ser sentidos em ação quando uma voz espiritual é escutada, mas da parte do médium não é evidenciado o menor som. As ondas sonoras são criadas etericamente através dos órgãos vocais do médium e do sistema respiratório.

"Essas ondas sonoras etéricas são transmitidas através de uma conexão tubular ectoplásmica isolada."

Embora esta declaração não explique como duas ou mais vozes podem ser ouvidas ao mesmo tempo (estas podem muito bem estar sob um processo variado ou diferente aplicável a voz "independente"), fornece uma base razoável sobre a qual uma explicação de voz pode ser construída. Os referidos experimentos da Margery enquadram-se como sendo práticos sob esta tese: eles também explicam a presença essencial de todos aqueles fatores que devem contribuir para a criação de palavras silábicas e dialéticas.

Após uma série de perguntas relacionadas com a declaração anterior, Pedro ampliou as suas observações na declaração que se segue. Nesta segunda declaração é dada uma explicação do termo 'ondas sonoras etéricas.' Isto é um abrir de novos caminhos, entrar num novo campo de aprendizagem. Deve-se permitir aqui a aparente dificuldade do Pedro em dar uma explicação detalhada que deve, necessariamente, comandar o emprego de novas palavras e significados. Não estou a tentar desculpar-me pelo Pedro, mas fornecer o que certamente é uma explicação razoável para as dificuldades do Pedro.

A sua segunda declaração foi:

Pedro: "A voz emana dos corpos etérico e físico do médium. Isso não pode ser contestado. Eu enfatizo-o. . . Os acessórios externos (a 'caixa de voz'), etc., são arranjos pelos quais a vibração do som etérico ao contrário da vibração do som físico passa por um sistema de condutores, por vezes para um amplificador etérico externo que você chamou anteriormente de 'caixa de voz'; embora esse termo seja adequado, tende a estabelecer confusão. Não contém cordas, nem nada do tipo. Deve a sua peculiaridade de amplificador, à sua forma.

Dentro desse amplificador, que é a 'caixa de voz', existem redemoinhos etéricos para a amplificação ou refinamento da acústica etérica. Isto de que estamos a falar não é diferente do som, apenas não cabe na sua capacidade compreender isso exatamente agora; não existem palavras no seu

vocabulário que possam descrevê-lo, e ainda assim ter cabimento na sua capacidade de compreensão. É um amplificador — assim como um trompete para o som físico — mas aqui, veja bem, estamos a lidar com sons inaudíveis, isto é, sons etéricos. A caixa de voz, para usar outras palavras, é u amplificador de sons etéricos. Você vê, eu tenho que usar palavras que você aplica aos seus termos vocais físicos para explicar substâncias e ações não-físicas.

"Depois que as ondas sonoras etéricas tiverem passado pelo amplificador e refinador, é necessários convertê-las em som — som audível. Elas descem por um tubo etérico — após terem obtido poder ou amplificação, etericamente, e chegam à trompete.

"Quando as ondas sonoras etéricas entram no trompete, elas saem do tubo condutor, que até agora foi enviado para o éter livre, como é geral dentro do círculo. A mudança é efetuada por uma série de explosões; na verdade, elas são pequenos flashes de luz que você não pode ver. A sua transformação em audibilidade depende das vibrações, que são pequenas explosões que atingem o ar na atmosfera ao redor do diafragma. A qualidade da fala ou da música depende exclusivamente do diafragma através do qual, n caso do trompete, a atmosfera e o éter emprestam um efeito de almofada, justamente onde a onda etérica se funde e entra na trompete. Trata-se de uma série de explosões como você obtém no diafragma de um alto-falante."

Aqui temos o motivo de apoio referido acima. Como a voz é criada a partir dos organismos da voz física e etérica do médium, é natural que às vezes as características de sua voz sejam transmitidas através desse processo de produção da voz do espírito.

Em outra ocasião, Pedro enfatizou novamente, como na declaração seguinte, que a caixa de voz não é um agente produtor de som e definiu a sua função.

Pedro: "Quando você ler as suas anotações, verá que referi o amplificador ou Caixa de voz. O que eu lhe queria dar era o fato de que não haver criação de som no caixa de voz nem nenhum som físico das cordas vocais ou da garganta. A caixa de som não tem característica de cordas vocais, mas a sua finalidade é a de amplificação. É um meio artificial de estimulação em que a voz pode ser fraca. O seu uso nem sempre é necessário. No caso de uma voz forte, você obteria distorção, a menos que fosse refinada dentro deste aparelho. Não se torna necessário onde a voz se mostra correta. Os sons da voz vêm das cordas vocais — mas não no sentido físico."

Pergunta: "Os sons respiratórios são produzidos pelas cordas vocais do médium?"

Pedro: "Não, não são. Muitas vezes, isso é produzido para transmitir algo importante. Você pode simular qualquer coisa pelo método de que falei, mas na maioria dos casos é puramente o resultado dessas explosões que mencionei. Observe igualmente que esses as explosões geram calor, e calor você sentirá no ar que sai do trompete. Embora nem sempre se faça presente, o calor, como a respiração, será por vezes evidente."

Pergunta: "Você disse, 'a caixa de voz deve a sua peculiaridade à sua forma'?"

Pedro: "Particularmente verdadeiro. Sendo a sua substância adaptável à forma, pode ser modificada. Isto depende das condições prevalecentes no momento particular, sendo a sua forma adaptada a esse fim. Ela pode ser modificada de modo a produzir o volume de som adequado para a ocasião certa. Não há uma forma fixa para isso. Você pode tê-la como uma trompete, ou como uma concha do mar, toda a ideia gira em torno de se tratar, mais ou menos, de vibrações para as condições externas. A forma determina as espirais estabelecidas para dar o volume ou pressão corretos à voz resultante."

Pergunta: "Você fala da necessidade de um diafragma para converter as ondas do som etérico em som audível. Que diafragma é esse?"

Pedro: "É uma substância extremamente refinada, semelhante a uma teia, conectada muito delicadamente a partir da ponta do tubo — o tubo etérico — até a boca do trompete. É de grande força e a sua tensão é enorme; tanto que pode provocar altos estalos sonoros, mas tem uma forma de existência física parecida com a pele, muito parecida com a do ordinário ectoplasma."

Pergunta: "Será razoavelmente possível deixar um diafragma num trompete?"

Pedro: "Não. Dificilmente será possível, a menos que você abandone tudo.

Pergunta: "Será possível simular um som não associado à voz, o rangido de uma porta, etc.?"

Pedro: "Não é impossível fazer um suspiro profundo ou algo assim, e, claro, o ranger de uma porta também não é uma impossibilidade; pode ser até o canto de um pássaro se o operador for suficientemente habilidoso."

Perguntou-se a Pedro: "A construção das ondas sonoras físicas apresenta alguma semelhança com as ondas sonoras etéricas?"

Pedro: "Sim, é muito parecido. Há uma coisa que vocês não compreendem, que é que o som físico que se propaga ao longo do condutor não está realmente dentro do condutor em si, mas dentro do éter circundante. Você vê, ele viaja ao longo do éter devido às condições etéricas existentes dentro do condutor não serem exatamente as mesmas das de fora; na verdade, por estarmos a energizar essa área com a passagem de uma corrente elétrica. Agora, as mesmas condições dizem respeito ao nosso tubo etérico — éter ligado — que nos permite criar dentro desse isolamento condições similares à dos vossos condutores de cobre. O isolamento que criamos pode variar no diâmetro, por se de dicar puramente a fins de criação de condições de potencialidade inerentes ao éter.

"Quando o éter livre fora do isolamento é muito denso, é absorvido em demasia: o som propaga-se ao longo desse condutor. Se usássemos uma gama de frequências semelhantes às usadas pelo vosso rádio, que é uma forma de força bruta, deveríamos reduzi-la para condições do etérico mais denso mais próximas da terra; os princípios que utilizamos vão muito além das vossas leis conhecidas das frequências. Quando usamos o termo 'isolante' neste caso, referimo-nos ao isolamento das condições inerentes à construção tubular etérica daquelas fora do tubo. Uma explicação disso é que a condição etérica dentro do tubo é da nossa autoria, e difere do éter livre no exterior na medida em que responde à orientação do nosso pensamento, ou à orientação do pensamento de qualquer pessoa que esteja a manifestar-se. Não é nem mais nem menos que um condutor etérico, da mesma forma que vocês têm os vossos fios de cobre cercados de borracha para o isolar das superfícies condutoras que possam ser trazidas para a sua proximidade."

Perguntaram ao Pedro "se uma personalidade espiritual comunicante que não seja um Guia geralmente possuía o conhecimento de como usar o mecanismo criado?"

Pedro: "Muito depende das condições que são criadas para ele e da sua capacidade de o usar. É muito semelhante ao uso de um telefone; você pode ser muito bem entendido no extremo distante, mas outra pessoa que não sabe usar um telefone — e há muitas — pode ser, senão inaudível, pelo menos pode fazer-se passar com menor clareza. É o mesmo princípio. Esses são os únicos limites existentes. Talvez você gostasse que fosse assim. . . Certa vez descobriram meio de carregar grandes pesos por distâncias maiores usando peças circulares cortadas de troncos de árvores que eram colocados em baixo do objeto a ser movido, mas olhe a distância que dista desses dias até aos de hoje. Não será possível que o mesmo se aplique às nossas pesquisas psíquicas? Mas aqui, você entende, estamos a empregar forças puramente naturais, com as quais há uma paralelo estreito entre as vossas leis de atividade de rádio conhecidas e aquelas que estamos a tentar propor aqui. Vocês utilizam as vossas leis conhecidas, através da sua manifestação, a partir do material que têm em mãos. Esta é a única diferença."

Pergunta: "Você e os outros operadores espirituais associados a si precisam criar alguma 'maquinaria' efetiva de um tipo definido para fenómenos de voz?"

Pedro: "Precisamos, claro, isso é verdade, mas você não deve imaginar rodas. O princípio é o mesmo, exceto que etericamente não temos que empregar coisas, porque, você entende, estamos a trabalhar com uma substância comum — o éter. E isso é tudo. Éter livre e éter empregue — esse é o segredo da coisa. Isso é muito semelhante ao represamento de um riacho para fazer com que flua em outra direção e vire uma roda de moinho."

Pergunta: "Você pode falar-nos mais sobre como a personalidade espiritual é capaz de entrar em comunicação?"

Pedro: "Posso, claro — temos as condições criadas para a manifestação da voz. Temos o médium em estado de preparação para essa voz. O médium tem uma qualidade — uma qualidade tonal — que foi construída em parte por ele próprio e em parte pela assistência dos Guias. Precisa haver harmonia entre os Guias e o médium, e isso é refletido na extensão etérica. Essa extensão etérica tem uma qualidade peculiar própria que em si não é apenas uma proteção, mas é igualmente a passagem. Qualquer comunicante que tente abordá-lo por ela deve ter uma qualidade tonal praticamente idêntica.

Aí tem a harmonia novamente. Quando alguém vem comunicar e não possui as qualificações tonais necessárias, nós ajudamo-lo a aumentámo-lo ou baixámo-lo, conforme necessário. No extremo oposto, se nenhum dos dois for bem-sucedido, podemos transmitir, ou permitir que sejam transmitidas, todas as suas características de qualidade vocal. Além disso, somos capazes de passar por todas as coisas que são características do comunicante, que, para vocês, é uma e a mesma coisa.

Pergunta: "O vosso comunicador está a falar com um amigo. O amigo faz uma pergunta e você obtém a resposta. Pode nos dizer os meios pelos quais o comunicante é capaz de receber o pensamento expresso pelo assistente?"

Pedro: "Apenas pelo pensamento. A sua expressão ajuda-o a fazer isso porque a maioria das pessoas na terra não pode expressar pensamento apenas pensando, mas apenas por um pedido em voz alta. Na verdade, não é a voz que transmite a pergunta, mas o pensamento que a acompanha."

Pergunta: "Existirá algum método de controlar quem deve falar assim? Tem algum mestre de cerimónias?"

Pedro: "Não. Eu respondi parcialmente a essa pergunta. Quem quiser falar deve ter as qualificações necessárias para fazer com que o seu pensamento (o pensamento do comunicante) seja registado na extensão etérica do médium. Sempre que possível, nós ajudamo-lo a comunicar, mas sempre tendo em conta o que lhe disse na penúltima resposta. Esse é o fator preponderante."

Pergunta: "Será um espírito comunicante capaz de falar por contato direto com o médium?"

Pedro: "O comunicante contacta parte da extensão áurica do médium — qualquer parte do campo etérico — e assim é capaz de usar as condições criadas, para comunicar."

Pergunta: "Como é que uma voz infantil ou feminina é ouvida quando se usa uma voz instrumento etérico vocal masculino?"

Pedro: "Os sons físicos necessários são primeiro produzidos etericamente através das cordas humanas. As qualidades dos sons etéricos não são limitadas no tom, como são pelas cordas físicas."

Pergunta: "Existirá algum outro método de controlar quem deve falar assim?"

Pedro: "Essa é responsabilidade nossa. Não somos responsáveis pelos fenómenos, mas são responsáveis pelo médium e, indiretamente, por todos os demais. Não podemos fazer mais do que fornecer os meios — por isso ser nossa responsabilidade. Qualquer outra coisa deve vir em resultado da paciência e, infelizmente, de condições sobre as quais não temos controlo. Existe este fato e apenas este — enquanto formos investidos por vós da autoridade para controlar, tudo irá bem. Detemos a alavanca que corta a energia, mas quando somos usurpados da nossa posição não podemos controlar."

Pergunta: "Para a voz independente — você precisa criar um mecanismo semelhante?"

Pedro: "Sim. Não é 'vocal.' Embora os termos que somos obrigados a usar sejam muito elementares, o princípio da amplificação reside no som. As vozes são criadas por uma forma de trompete etérica dentro da esfera cujas condições são controláveis. As vozes são produzidos dessa maneira."

Pergunta: "Escutamos a voz independente à luz branca. Portanto a luz branca não impede que o mecanismo seja construído, não é?"

Pedro: "Você descobrirá que a luz é permitida em lugares escuros. É claro que é quando as condições são boas. Recordo que tivemos a voz à luz no nosso círculo sob circunstâncias semelhantes."

Pergunta: "Foram registadas evidências autênticas de que vozes espirituais foram ouvidas em várias partes de uma sala, com e sem trompete, através da mediunidade de Valiantine. O médium nesse momento encontrava-se no estado normal e envolvido em conversa com um participante — consequentemente a sua laringe física estava em uso quando as vozes espirituais também eram audíveis. O mesmo mecanismo de produção de voz opera neste caso como aquele que você descreveu como produzido através da laringe física e etérica do médium?"

Pedro: "Não, não é assim. Em casos como esse, é uma forma que não é da natureza da mediunidade física em absoluto. É uma forma de mediunidade em que as condições se combinam de tal modo que as entidades, em associação com o médium, podem produzir diretamente a sua própria voz a partir do éter rarefeito, sem usar diretamente o próprio médium nem nenhuma parte da sua economia (organismo). Mas isso é muito raro."

Pergunta: "A produção de voz! Seria possível tirar um lado de uma dessas "caixas de voz" ou amplificadores — isto é, tirar o ectoplasma?"

Pedro: "É, mas você não aprenderia nada, porque a sua forma seria constantemente alterada. Não apresentaria nenhuma construção que você pudesse entender. Não estaria relacionada com a verdade nem a permanência."

CAPÍTULO XVI
MATERIALIZAÇÃO

Um dos maiores desenvolvimentos da atividade do espírito através da mediunidade humana é a materialização de uma pessoa que foi conhecida pelos participantes durante a sua vida terrena, pelo que essa pessoa é capaz, por um breve período, de se reabilitar fisicamente, ser claramente reconhecido e conversar com os amigos e parentes. não pode haver evidência mais forte que demonstre a verdade da sobrevivência.

A história da mediunidade física apresenta uma massa acumulada de evidências relativa a esse fenómeno; e a principal conclusão do estudo das evidências é a de que esse fenómeno só é produzido em associação com a mediunidade física. Não pode ser produzido em laboratório nem por meio químicos ou instrumentais. Esta conclusão aplica-se não só às materializações de tamanho inteiro, mas também aos fenómenos associados. As materializações não são alucinações nem o resultado de hipnotismo em massa; pois não só todos os assistentes presentes testemunham os fenómenos, como de tempos a tempos eles foram registado pela câmara.

Como as estruturas ectoplásmicas e o seu desenvolvimento em formações vivas possuem características, também existem semelhanças que regem a construção de materializações, as suas funções e dissolução.

Estudo dos registos associados aos nomes de investigadores como Sir William Crookes, o Barão von Schrenk Notzing, o Professor Charles Richet, os Anais da Sociedade de Pesquisa Psíquica da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e o Institut Général Psychologique da França, bem como muitos outros registos acreditados publicados, apresentam a confirmação completa de que os princípios que regem esse fenómeno são os mesmos. Em nenhum registro foi mostrado qualquer desvio fundamental do método geral da sua criação, movimento, atividade e dissolução.

Ao estudar os registos, é digno de nota lembrar que, quando foi descoberto que um médium possuía a faculdade para esse fenómeno e foi relatado por um observador credenciado, investigações adicionais têm-se invariavelmente seguido por outros investigadores competentes ou sociedades nacionais de pesquisa psíquica.

Na maioria dos casos, o fenómeno mais as suas características foi confirmado pelas diversas comissões, não importa em que país tenha ocorrido. A importância disso é óbvia, quando os críticos presumem que uma pessoa pode produzir efeitos de modo fraudulento na sua própria casa por meios artificiais. Está além da credulidade que qualquer engano fosse possível nas salas de sessão escolhidas pelos investigadores. Além disso, o médium está sob escrutínio contínuo durante a sua estada com a comissão de investigação e o seu corpo está sujeito a uma busca particular imediatamente antes de qualquer sessão.

Uma das condições necessárias para esse fenómeno é que o processo de construção da materialização deve ocorrer na escuridão. Quando criado, pode ser visto a uma certa luz e por vezes foi fotografado à luz elétrica e de magnésio. Outra característica é que a forma construída é geralmente envolta em ectoplasma, que aparece aos olhos como uma volumosa cortina branca ou brilhante.

Essas duas características levaram os céticos a afirmar que deve haver trapaça. Elas dão o exemplo da escuridão, e sugerem que algum tecido deve estar escondido parte da sala mergulhada na escuridão onde o médium se senta. Eles presumem conluio por parte de um cúmplice, ou que o médium esconde material nele ou ao redor da sua pessoa.

As rigorosas restrições e buscas que sempre acompanham os relatórios de investigações refutam as afirmações dos céticos. Deveria ser óbvio que as mentes aguçadas dos investigadores, que conhecem

os métodos da prática fraudulenta, tomariam todas as precauções contra tais tentativas grosseiras de enganar. Com efeito, a história das evidências mostra que as precauções tomadas foram extremas.

Médiuns após revista externa dos seus corpos, e mantidos sob escrutínio de um assistente durante algumas horas antes da sessão, são então envoltos numa única roupa fornecidos pela comissão, ou sentaram-se nus. Na obra de Schrenk Notzing há centenas de fotografias de estruturas e formas materializadas e mais se relatou como, ocasionalmente, o médium era hipnotizado, levado para outra sala, despido, e enquanto em estado nu, a emanação do ectoplasma e a sua evolução seria observada — emanação essa que procedia de várias partes do corpo.

Felizmente, essas condições drásticas impostas aos médiuns há cinquenta anos estão agora a ser substituídas por métodos de controlo mais esclarecidos e compreensivos. É afirmado aqui, se os investigadores abandonarem os seus métodos grosseiros de restrição e busca e cooperarem com a inteligência controladora de forma amigável, os operadores produzirão fenómenos de tal forma que a mente mais crítica será convencida da paranormalidade.

Sir William Crookes conseguiu obter fotografias da Katie King materializada, mostrando o médium em transe na mesma foto. O seu testemunho vai provar a afirmação anterior; pois ele obteve não apenas a confiança do médium, mas também a dos operadores e da própria Katie: ele também foi autorizado a andar de braço dado com ela, tomar-lhe o pulso e a temperatura; e a estar com ela na sua edificação e dissolução.

Schrenk Notzing conseguiu uma série de fotografias de formas materializadas de corpo inteiro de pé ao lado do médium nu.

No caso do Jack Webber, o narrador "com testemunhas" viu um razoável grau de luz vermelha — que foi gradualmente aumentada por um reostato, até que houvesse brilho suficiente ver claramente cada participante e o médium amarrado — a materialização de seu Controlador, Rueben. De uma névoa ectoplásmica associada ao médium, por um processo de contração ou solidificação, surgiu Rueben; e os registos indicam como ele pegou na mão do autor com a dele e passou a primeira sobre o rosto dele para que a sua textura, suave e limpa, pudesse ser sentida; como ele repetiu isso com outros presentes, e falou durante alguns minutos numa voz profunda e ressonante. Mais se relatou como ele elevou toda a sua forma ao globo elétrico vermelho de cerca de nove pés de altura para iluminar o rosto ainda de forma mais clara, depois desceu, encolheu-se para baixo em direção ao chão, como um homem de neve se desintegraria num forte calor e finalmente desapareceria — o processo de desaparecimento levou apenas dois segundos.

Muitas vezes, as materializações de cabeças são consideravelmente mais pequenas do que o normal, mas são cabeças tridimensionais perfeitas sujeitas a controlo muscular, com movimento de olhos e lábios através dos quais sai a fala articulada.

Por vezes pode-se assistir à formação dessas cabeças. A princípio aparece, ao longo do placa iluminada, uma névoa de forma indeterminada mas de aspeto geral oval, que, quando vista de lado, parece um disco de luz fraca azulada. Segundo a segundo a forma da cabeça aparece dentro da névoa, formando primeiro o contorno, depois os traços, e torna-se gradualmente mais fortes até ficarem perfeitos e muitas vezes reconhecíveis. Uma boa comparação é a de focalizar uma câmara ou uma imagem em uma tela. De uma névoa de luz aparece primeiro a imagem borrada e indefinida, que leva às feições precisas quando a imagem é colocada no foco correto.

Ocasionalmente o autor observou que se a entidade visitante possuísse bigode ou barba, estes seriam os últimos a formar-se e por vezes notou em certos momentos que eram brancos, como se houvesse ausência de pigmento corante. Em outras ocasiões o cabelo seria de cores completas, marrom, preto ou vermelho.'

Que as cabeças são tridimensionais é provado pela exibição da cabeça de perfil; e se forem utilizadas placas para iluminar a manifestação, o Guia terá a placa afastada para ilustrar isso. As cabeças são formadas de modo mais comum, por exigirem menos energia e preparo do que as formas completas.

Os registos das materializações do caso da mediunidade do Sr. Clare neste livro são eloquentes desse tipo de fenómeno, particularmente da ocasião em que Jack Webber conseguiu retornar durante um curto período de tempo. Ele materializou-se em duas outras sessões (não relatadas) por volta dessa altura.

O aparecimento das formas menores de crianças de um metro ou um metro e vinte de altura, ou de formas maiores e mais altas que o normal, certamente menores ou maiores que o médium, são frequentemente vistas. Às vezes, vemos duas ou três formas em simultâneo. Pedro explicou o razão por que algumas formas parecem tão grandes.

Pedro nos diz-nos que a criação de mãos, garras ou formações similares pode ser produzida por um processo diferente daquele de materializar uma entidade desencarnada; e tais fenómenos nem sempre devem estar associados a materializações.

Conforme já foi dito, a construção de materializações invariavelmente ocorre nas trevas. Quando o médium se senta no círculo — isto é, fora de um gabinete — como acontece com o Sr. Clare, a escuridão total é essencial. A prática mais generalizada é o médium sentar-se num gabinete com cortinas na frente da abertura ou num recesso cortinado para uma sala que permita a vedação de toda a luz. Em qualquer dos casos o sala pode ser iluminada por uma luz suave, embora a prática usual seja a iluminação das materializações por meio de uma placa.

Nenhuma lei estrita governa o trabalho físico de natureza psíquica; e houve ocasiões em que as testemunhas puderam ver a construção da forma, como no caso de Jack Webber, ou a presença de uma forma, conforme descrita por Colin Evans, à luz de um fogo eléctrico. Devido a essa condição necessária da escuridão, os registos de materializações geralmente começam com o surgimento da forma construída a emergir através das cortinas ou pelo afastamento das cortinas.

O fisiologista Francês, professor Charles Richet, descreveu a formação de uma forma materializada da seguinte forma:

"Vejo algo como uma bola luminosa branca de contornos indeterminados suspensa acima do chão. Então, de repente, aparece a emergir dessa orbe branca de luz, como que de um alçapão, o fantasma 'Bien Boa.' É de estatura moderada. Ele mostra-se impedido e coxo no seu caminhar. Não se pod dizer se ele anda ou desliza. . . Sem abrir a cortina ele de repente colapsa e desaparece no chão. . . Três ou quatro minutos depois o mesmo orbe branco aparece na abertura da cortina, acima do chão, depois um corpo é visto a subir rapidamente e a atingir a altura de um adulto, e então colapsa no chão."

Richet acrescenta:

"Diante dos meus olhos, fora da cortina, formou-se um corpo vivo, que emergiu do chão e desapareceu no chão."

Fenómenos semelhantes foram testemunhados através da mediunidade de Eusapia Paladino, assim como de vários outros médiuns do seu tempo, como Home, Slade e Eglington. Em tempos mais recentes tivemos os registos de materializações com Estelle Roberts, Jack Webber e Arnold Clare. Em nenhum caso em que as observações foram possíveis, houve qualquer variação nos princípios gerais do método de construção, a criação de cortinas ectoplásmicas, os movimentos de deslizamento ou flutuação e a dissolução. Foi registado pelo Sir William Crookes como numa ocasião a materialização de Katie King cortou partes de sua 'vestes' ectoplásmicas e deu porções àqueles que se encontravam

presente. De seguida ela passou outra parte da cortina sobre as aberturas e elas foram imediatamente consertadas. Apesar da investigação muito minuciosa, Crookes não conseguiu encontrar o local de onde as peças foram cortadas (não havia costura).

Pela primeira vez acredita-se, o Pedro explica a fonte de onde a qualidade especial do ectoplasma para materializações vem, e o propósito das 'veste feitas de ectoplasma. Ver-se-á que a tese que ele apresenta está em harmonia com as experiências registadas.

O movimento deslizante ou flutuante das formas é outra característica geral. Enquanto elas se movem através de uma sala, o movimento é invariavelmente descrito como pairar ou deslizar. Isso pode significar que as pernas e os pés não foram fisicamente formados e crê-se que as extremidades são as últimas a serem construídas. É bastante positivo que o as formas não tocam o chão.

O Guia de Jack Webber certa vez pediu que o espaço dentro do círculo fosse coberto com pó branco. Isso foi feito, e várias formas foram vistas a erguer-se e ao longo do espaço à luz vermelha — o espaço do piso branco a destacar-se com toda a clareza. Não havia marcas de pegadas nem qualquer perturbação do pó.

Isso não quer dizer que em nenhuma ocasião as pernas e os pés se não materializem: deve ser tão fácil eles consolidar-se quanto uma mão ou uma cabeça. Com efeito, se a evidência de personalidade pode ser dada é feita desta forma. Um exemplo disso é . . . quando Pedro, um dos controladores associados ao grupo de seres espirituais do Sr. Clare, deu a conhecer a sua presença. Ele manifesta-se com uma 'perna de pau' de madeira, e ouve-se o som de um pé e o toco, enquanto ele desloca ao redor do círculo.

A fim de poupar o médium à tensão e conservar energia, apenas o suficiente de um o corpo espiritual é materializado para satisfazer o propósito imediato. Se o visitante for estrangeiro que volta em busca dos seus parentes e fala com eles na sua própria voz, dialeto e língua, então os órgãos respiratórios e vocais serão construídos. Outro exemplo pode ser aquele cuja identidade é absoluta, e mostra uma cicatriz no rosto ou uma mão deformada. Então o esforço está concentrado nesse propósito e, conforme diz o Pedro, a voz pode ser produzida por outros meios. O autor presenciou o movimentos dos lábios de pessoas do espírito materializadas em consonância com as palavras que eram enunciadas e que saiam da boca do visitante (isso foi confirmado por uma quantidade de testemunhas independentes, incluindo jornalistas críticos).

Geley disse: "Construir em poucos segundos um órgão ou organismo biologicamente completo — criar vida — é uma façanha metapsíquica que raramente pode produzir um resultado perfeito. É por isso que o grande maioria das materializações são incompletas, fragmentárias, defeituosas e mostram lacunas na sua estrutura."

Um aviso sobre esse trabalho também foi dado pelo Pedro, que diz que o Guia deve exercer atenção, na medida em que o visitante tem permissão opara reassumir a vida física. Pedro abriu as suas observações sobre esse fenómeno dizendo:

Pedro: "A primeira condição essencial para a materialização é a completa escuridão nas imediações da sua formação.

"Depois que a materialização é formada de acordo com as condições vigentes, pode, em dadas as circunstâncias, ser exposta a raios de luz indiretos. Essa condição constitui exceção ao invés de regra geral. Isso fornece um resumo com que começar.

"Essa é uma condição que não pode ser violada. Agora, que coisa é uma materialização?"

"Pode ser o surgimento de um pensamento, assim como pode ser o surgimento completo de uma entidade, exceto que o seu surgimento não foi levado à sua completude material ou física.

"Uma materialização perfeita, em condições normais, leva cerca de nove minutos do vosso tempo.

"Antes de mais, forma-se para ela um ovóide, matriz ou molde. Isso é muito parecido com o envoltório etérico do qual falamos na nossa palestra sobre aportes. Dentro dessa matriz etérica estanque, a entidade manifestante começa a atrair sobre si partículas do éter, do éter especial, isto é, dentro do molde. Eles só podem formar a sua personalidade e nenhuma outra. À medida que ela ganha maior proficiência, também a sua densidade se tornar mais pronunciada.

"Dentro dos limites do ovóide, a forma é revestida com um material de diferentes carácter que é o que vocês chamam de ectoplasma. Essa é a parte que você referiu como 'vestes espirituais,' mas não é primordialmente para propósitos de vestir a entidade, mas de a proteger do bombardeio etérico externo. É, concordo, muitas vezes drapeado em torno da forma como uma espécie de manto, mas é mais para completar a imagem que é muitas vezes, em si, muito imperfeita.

"Agora, que relação existe entre a forma agora materializada e o médium? É a seguinte. Tomemos, por exemplo, a materialização completa — por completa quero dizer aquela que tem todos os membros associados ao corpo: coração, pulmões, mãos e pés, que foram construídos pelos mesmos meios. Dar a formas dessa natureza uma ação completa há uma ligação correspondente com o organismo físico do médium; todas as funções do seu corpo são projetadas na forma materializada.

"Essa transferência é realizada através de uma rede de cordões nervosos etéricos que passa do plexo solar do médium ao da entidade que se manifesta. Vou levar esse caso de perfeição um passo adiante e dizer que se essa entidade fosse tão poderosa a ponto de poder extrair das partículas atómicas do éter para construir a sua forma, poderia tornar-se um ser tridimensional tão sólido quanto você; a única dificuldade nesse caso é que ela e o médium não poderiam viver ambos ao mesmo tempo. Isso mostra o quão vital é a existência de um controlo perfeito entre os operadores de espíritos associados ao médium e este fenómeno particular.

"Trata-se, com efeito, de um processo acelerado de dar à luz uma entidade que se acha apenas um estágio afastada do físico, na verdade está intimamente ligada aos estágios anteriores do período natural de conceção, mas que é muito acelerado. No parto normal de uma criança, a alma que chega deve passar pelas diversas formas do nascimento, e passar, por assim dizer, um bloqueio de cada vez antes de passar para o estrato seguinte, cada qual mais profundo e mais denso que o anterior."

Pergunta: "Isso é de estrato para estrato ou de plano para plano, mas proveniente de onde?"

Pedro: "Isso não importa, porque se importasse, teríamos que mergulhar em coisas muito profundas. Deixe a questão de lado que talvez venha a servir de base para outra coisa. É muito bonito dizer 'de onde,' mas você ainda teria que justificar isso explicando 'porquê' e eu receio que isso esteja além de mim de momento.

"Agora no começo eu disse que a materialização pode ser de uma ideia ou da pessoa de uma entidade.

"No caso da materialização de uma ideia, isso não é uma verdadeira materialização. Por exemplo, uma pessoa que passou para o outro lado da vida pode não ser capaz, por diversas razões, de realizar uma materialização completa, mas ser apenas capaz de construir em torno da ideia algo que expresse o suficiente de seu carácter e personalidade que a torne reconhecível. Nesse caso, seria apenas uma cabeça e uma feição; e você pode sempre reconhecer esse fenómeno pelo fato de não ter vida nem animação. Seria como uma cabeça esculpida, muitas vezes dimensional, outras vezes enevoada com apenas um leve sugestão dos olhos e nariz e boca. Agora, essas poderão ou não ser verdadeiras expressões e não constituir a prova de sobrevivência que você vê, mas é interessante na medida em que não é do seu mundo. Ora bem, até onde poderei prosseguir a partir daí?"

Pergunta: "A formação da ideia terá uma ligação semelhante ao plexo solar do médium?"

Pedro: "Não necessariamente."

Pergunta: "Pode ser formada a partir de ectoplasma que emerge de outra parte do corpo?"

Pedro: "Pode."

Pergunta: "Você pode-nos dizer como a formação da ideia é capaz de se materializar? Você disse que a entidade visitante reúne em si qualidades que lhe permitem materializar-se. Será a materialização da ideia criada por um processo diferente?"

Pedro: "É, um pouco diferente, pois a formação não ter qualidades realistas. É moldada a partir de substâncias ectoplásmicas comuns de uma qualidade ligeiramente diferente. É formada a partir disso; mas, é claro, pode variar consideravelmente de tamanho, e ser menor ou maior de acordo com os fatores regentes à época."

Pergunta: "Os controladores terão algum trabalho a fazer em relação às materializações?"

Pedro: "Têm, mas não na formação da figura. Eles mantêm as condições etéricas corretas e ajudam nos processos associados ao médium — sempre diretamente com o médium — o que lhe permite resistir a choques etéricos. Você pode denominar esses últimos de voltagens. Sem a nossa ajuda, eles haveriam de o reduzir a um naufrago. Nós direcionamos as forças e correntes através dele para fornecer as condições necessárias para a construção da forma materializada. É aí que a nossa operação começa e cessa. Temos as mãos nas torneiras que controlam o fluxo."

Pergunta: "Foi-nos dito por outras fontes que as materializações são criadas pelos controladores que moldam o ectoplasma ao redor do corpo astral da entidade. Pela explicação que nos dá isso é incorreto?"

Pedro: "Não. Veja, não posso dizer que isso seja impossível, mas normalmente não é feito assim."

Pergunta: "Você afirmou que a entidade visitante reúne para si partículas do éter. Isso pressupõe força de vontade suficiente por parte da entidade para lhe permitir materializar-se. Será só disso que ela necessita, ou ela terá que possuir conhecimento técnico também?"

Pedro: "Ela tem que ter conhecimento. . . ela precisa ter conhecimento. Eu prefiro não pegar nesse assunto por se tratar de uma forma qualificadora do desenvolvimento das entidades.

"Dir-lhe-ei o seguinte, que pode estimular-lhe o interesse. Pessoas que viveram na terra e nasceram com um defeito físico muitas vezes têm a oportunidade, quando as condições são propícias, de se materializar. Você está a pensar 'porquê' — é claro, o eterno 'porquê.'

Pela seguinte razão! Eles nascem muitas vezes — nem sempre — imperfeitos no corpo, como indicação de uma imperfeição na alma. Essa imperfeição é uma falta de sabedoria, e assim é-lhes dada oportunidade de construir de modo perfeito, até o estágio em que o próximo passo seria o físico. Não podemos escapar disso, mais cedo ou mais tarde chegamos a isso porque elas precisarem vir novamente."

Nota: Esta declaração implica reencarnação.

Pergunta: "Você disse que a materialização era tridimensional. Nós sentimos-lhes as mãos. . . elas devem apresentar peso. Poderia alguma ser pesada?

Pedro: "Podia, mas você precisa lembrar-se que elas não são inteiramente sólidas. Muitas vezes não passam de uma incrustação, um verniz."

Pergunta: "No entanto, os pulmões precisam funcionar?"

Pedro: "Sim, mas eles podem trabalhar da mesma forma que os lábios se movem quando 'uma pessoa manipula os cordelinhos.'"

Pergunta: "Você poderia dar-nos a relação que a forma materializada tem com a própria entidade espiritual?"

Pedro: "A entidade espiritual está sempre, e para sempre, em busca de conhecimento, e pode obtê-lo dessa maneira; mas é a alma daquele que se manifesta que é responsável pelo trabalho. O espírito é o observador, por assim dizer, da alma. A finalidade é atendida pelas experiências adquiridas no manejo dos diversos potenciais do reino em que ela se encontra. Ela deseja construir um corpo apenas de natureza etérica. Desse jeito há aquisição de sabedoria, por ser o trabalho mais difícil que existe."

Pergunta: "Será a forma materializada o corpo da alma da pessoa ou uma concha astral?"

Pedro: "É aquele que voltou na realidade. Você falou de uma concha astral, mas isso é um termo de que não gostamos e você precisa encontrar um melhor que o substitua. Mas existem coisas assim, da mesma forma que quando você não tem mais uso para as cascas físicas que são colocadas no subsolo. Assim, a casca astral, quando a alma não tem mais uso para ela, apenas permanece uma casca inanimada. Elas são muitas vezes percebidas pelo clarividente subdesenvolvido, mas é um cemitério de 'ossos astrais' e sempre aparecem aos vossos olhos da mente cinza e sem vida. É uma condição desolada e desprovida de atrativos."

Pergunta: "Você falou da transferência de funções do médium para o forma materializada. Isso implicará que para uma forma materializada andar ou falar o pensamento orientador emane do médium e não da entidade?"

Pedro: "O movimento e a fala são da entidade, mas os meios por que são alcançados é retirado do médium e através do seu tronco de nervos."

Pergunta: "Então, o tronco de nervos fornece o poder para a animação?"

Pedro: "Sim, e embora os órgãos estejam completos na materialização, eles não são exatamente do mesmo caráter que o do corpo físico normal, mas são mais ou menos cópias. Eles cumprem as funções, embora note bem, eles não são inteiramente necessários à forma que está a materializar-se; mas para lhe dar uma vitalidade própria, precisam ser mais ou menos completos."

Pergunta: "Se essa entidade tivesse o poder, poderia retirar do meio vida suficiente de modo a tornar-se física novamente? Seria possível, se o controlador não estivesse de guarda, a forma assumir uma vida física renovada de novo?"

Pedro: "Seria, mas os órgãos não estão completos. Os Guias têm as mãos nas torneiras e há, pois, limites aos quais a forma pode ser construída. É por isso que vocês raramente veem uma materialização completa."

Pergunta: "Você falou das qualidades etéricas que são usadas para materializações. Existe alguma característica especial que denote isso? Serão diferentes de outras estruturas atómicas que conheçamos? Terão alguma particularidade que permita a sua utilização para o propósito especial?"

Pedro: "Nenhuma diferença que eu possa mencionar digna de nota. É apenas a frouxidão, a agência polarizadora que faz a diferença — a agência da natureza que materializa coisas concretas. A maior estrela do vosso sistema ainda está meio formada, e deve o seu tamanho a elas, mas existe materialmente. É mensurável; consequentemente, é tridimensional, mas é não tão sólida quanto a vossa terra. À medida que se solidifica, torna-se menor. Isso é um paralelo à reposta à sua materialização, e é por isso que a maioria das formas materializadas parecem tão altas. Eles chegam a precisar curvar-se para que as vejam. É por isso que muitas vezes lhes é solicitado que se levantem.

CAPÍTULO XVII
DISCUSSÃO SOBRE AS CHAPAS N.°s 3, 4, 5 E FIG. 3

Estas três fotografias são exemplos típicos de "formações de luz" obtidas através de fotografia psíquica. Até agora, não foi dada nenhuma explicação que justifique ou esclareça o seu significado. No entanto, algumas conclusões podem ser afirmadas com confiança, como segue:

Fotografias desta natureza, embora não abundantes, não são raras. Apresentam características semelhantes quanto à formação, convolução e construção. Em duas delas, aparece uma esfera central, bem definida e perfeitamente formada, em plena atividade. Só são obtidas quando forças espirituais estão presentes, e na presença de um médium. Não podem ser obtidas por processos fotográficos normais.

Fotógrafos profissionais não conseguem explicá-las, e no entanto, são resultados concretos obtidos sob determinadas condições. Essas "condições determinadas" consistem numa chapa exposta numa câmara, na presença de uma pessoa (ou pessoas) com poderes mediúnicos.
Portanto, tais fotografias só podem ser o resultado de forças psíquicas expressas através da mediunidade.

As câmaras e chapas utilizadas eram do tipo normal. Foram feitas exposições com tempos variáveis em cada caso, pelo que não existe um tempo fixo de exposição que determine o resultado. É provável que as formações tenham existido apenas momentaneamente (do ponto de vista fotográfico).

Segue-se uma breve descrição da forma como foram obtidas pelas pessoas envolvidas.

Chapa n.° 2 foi obtida pelo Sr. R. F. Bounsall, de Worthing. O Sr. Bounsall (pai) afirma que a fotografia foi obtida pelo seu filho de dezasseis anos, num círculo doméstico composto por ele, a esposa e o filho. A chapa foi parcialmente exposta à luz normal antes do início da sessão, de modo a registar primeiro a imagem da sala. A trombeta na mesa aparece translúcida; isto deve-se ao fato de ter sido colocada na mesa durante essa primeira exposição. A objetiva foi então fechada. Os participantes sentaram-se, a luz foi apagada e a objetiva reaberta. A médium, Sra. Bounsall, sentou-se na cadeira à direita, onde a formação começa. Há um "cabo" bem definido que se estende desde o local onde a médium estava sentada, ao longo de toda a formação, passando por uma "isolação" até chegar à trombeta. Esta parece ter outros efeitos (de luz ou ectoplasma) sobre ela.

Graças à dupla exposição, conseguimos ver a ação diretiva do fenómeno. Deve ainda referir-se um outro ponto: atrás do biombo havia uma taça com água; embora não se saiba se tem algum significado.

O Pedro diz-nos o que é esta formação; e é relevante notar que a Sra. Bounsall estava a desenvolver mediunidade de voz.

Chapa n.° 3 foi obtida pelo Sr. S. J. Spiller, da Sociedade Espírita de Ewell (Surrey). Foi tirada durante uma sessão de desenvolvimento mediúnico doméstico. A exposição foi de aproximadamente dez minutos com luz elétrica branca — uma lâmpada elétrica de 100 watts, com abajur.

Chapa n.º 4 foi tirada pelo Sr. O. MacKinnon Charles, B.Sc., líder da Igreja Espírita de Merton Park. Exposição de aproximadamente oito minutos no escuro.

As observações de Pedro sobre estas três fotografias seguiram-se à seguinte pergunta:

Pergunta: "Relativamente às fotografias que mostrei ao teu médium esta noite, podes dizer-nos se existe alguma ligação entre elas e o que nos disseste sobre a produção da voz, ou se mostram algum tipo de energia etérica de que falaste?"

Pedro: (Chapa n.º 2.) "A estrutura dirige-se para aquilo que parece ser uma trombeta. Ora, isso é um bom exemplo do condutor sonoro etérico, embora não esteja completamente organizado, claro. Vê-se que tem um nó. Se o conseguires desfazer, terias a voz imediatamente. Isto não ilustra, evidentemente, o poder de levitação. Refere-se apenas à voz, e só seria responsável pela produção de voz. Não tem poder de levitar."

Pergunta: "Compreendemos que existem dois processos distintos?"

Pedro: "Sim, têm de existir, mas para que funcione perfeitamente, a formação mostrada nessa imagem teria de ser muito mais concentrada. Ou seja, não tão larga. Pode ser que, para fins demonstrativos, tenham alargado para dar uma ideia mais clara da sua formação."

Pergunta: "A parte sombreada é o que chamaste de isolação?"

Pedro: "Sim, e a linha central é o condutor ou transmissor."

Pergunta: "A isolação parece começar onde sairia do corpo do médium?"

Pedro: "Está certo. Embora essa não seja uma imagem verdadeira, é útil como exemplo ou ilustração. Tinha de começar em algum lado e, neste caso, começa à direita da fotografia: depois é gradualmente construída e desenvolvida à medida que se dirige para a trombeta. Aí tens o plano mais completo possível do princípio de produção da voz. Mas repara bem: algures ao longo do transmissor, consoante as condições, formar-se-ia uma protuberância, uma câmara de mistura, poderíamos dizer, ou a tua querida 'caixa de voz'. Esta pode estar próxima do médium, do ponto de origem; ou mais perto da trombeta. No caso de voz independente, quando não se usa trombeta, a 'caixa de voz' seria quase sólida — isto é, ectoplasma denso."

Pergunta: "Podes dar-me alguma razão para a chapa ter captado essa formação no escuro?"

Pedro: "Não há evidência de que tenham exposto a chapa no escuro. Estás a confiar na boa fé das pessoas."

Pergunta: "Eles dizem que a exposição foi feita na escuridão."

Pedro: "Se assim foi, não posso dizer. Não há razão para que não o tenham feito, mas não posso dizer que sim neste caso, porque não sei.

(Nota: Aqui Pedro – um Espírito – exprime o mesmo pensamento que a maioria das pessoas teria: 'Não estive lá, por isso não sei'. Por mais fiáveis que sejam as testemunhas, nada substitui ter estado presente; ter visto com os próprios olhos – no escuro – e ter o conhecimento, pela experiência, de que é real. – Ed.)

Pergunta: "A fotografia [Chapa 3] foi tirada com luz elétrica normal?"

Pedro: "Porque não? Aí tens uma imagem de energia etérica, mas completamente desorganizada. Pode dever-se a várias razões. Estavam presentes pessoas prestes a formar um círculo, ou seja, estavam a criar-se condições preparatórias para a sessão; e trata-se, mais ou menos, de uma radiação

dos participantes. Se conseguisses uma boa fotografia de um círculo completo, não verias essa fita de luz a vaguear sem rumo como um pedaço de seda ao vento; verias a luz a ligar-se perfeitamente a cada participante."

Pergunta: "Aquele aspeto rendilhado dentro da fita de luz [Chapa n.º 3], indica alguma característica em particular?"

Pedro: "Isso são apenas ondulações etéricas na substância; embora não seja substância (é difícil encontrar palavras com significado exato). É uma ligeira luminosidade além do alcance da visão humana. Poderia tornar-se tangível com um pouco mais de organização. Estás a seguir?"

Resposta: "Sim, exceto que não sei qual é o seu propósito."

Pedro: "Não tem nenhum propósito. Na fotografia está desorganizada: devia estar ligada a cada participante."

Pergunta: "Isso implica que seria tarefa dos Guias ou Controladores orientar a formação?"

Pedro: "Está certo. É a borda da taça que liga cada participante; e a partir daí, para cima, erguer-se-iam as nervuras ou os pontos de contato. Não consigo explicar muito bem isso na vossa linguagem."

Pergunta: "Em duas fotografias vemos o que parece ser uma bola ou esfera de luz. Isso tem algum significado especial?" *(Chapas n.ºs 3 e 4)*

Pedro: "É a bola ou esfera tão comum na natureza e na ciência, que contém a possibilidade de qualquer forma de fenómeno."

Pergunta: "Queres dizer como o ovo etérico que transporta um apport?"

Pedro: "Sim, claro; mas está exagerado em relação ao tamanho da exposição. Parece muito grande, mas isso deve-se à falta de organização."

Pergunta: "Então o tamanho real de tal formação seria muito pequeno?"

Pedro: "Exatamente; na verdade, quanto mais perfeita for, menor parecerá."

Pergunta: "Esse desenho que fiz — [Chapa n.º 26]. Dá alguma indicação do aspeto do 'arredondamento' do campo áurico?"

Pedro: "Está muito bom, mas não consegues transmitir-lhe a tensão. Não creio que seja possível consegui-lo. Ainda assim, eu usaria o desenho, pois transmite uma impressão. A borda da força de atração estaria na base da linha que liga cada participante. Os participantes não estariam necessariamente a contribuir ativamente para ela, mas seria o ponto de contato."

Pergunta: "Referes-te à fita de luz?" *(Chapas 3 e 4)*

Pedro: "Sim. Quando se organiza, liga cada participante. É um anel protetor que os coloca sob a influência da tenda. É a borda do guarda-chuva."

Pergunta: "Podes dar-nos alguma explicação técnica que permita que estas formações, invisíveis aos nossos olhos, sejam captadas pela objetiva da câmara?"

Pedro: "A obtenção dessas imagens não depende de nenhuma chapa em particular, mas sim das propriedades peculiares da objetiva; e das condições que regem o objetivos, permitindo que a imagem seja captada pela lente naquele momento. É puramente uma questão de..." *(aqui Pedro hesita)* "… não há nenhuma palavra que eu possa usar para descrever a propriedade peculiar da lente que lhe permite

captar esta atividade, nesta formação de que estamos a falar. Ela recolhe, sob certas condições peculiares, luz. A luz é uma radiação etérica; e existe luz mesmo onde para vocês parece haver escuridão. Essa luz é percetível por uma perceção extra-sensorial com alguma capacidade de registo. A lente, por acaso, pode estar posicionada num determinado ângulo e com um foco tal em relação à atividade, que reúne um conjunto de circunstâncias que permitem que se registe com a quantidade de luz existente no momento. Na verdade, é uma combinação de circunstâncias, uma combinação entre lente e chapa. Portanto, não se pode estabelecer nenhuma regra fixa, exceto esta: onde as pessoas conseguiram obter tais resultados fotográficos, devem sempre posicionar a câmara com o mesmo ângulo usado na primeira vez, e assim terão mais probabilidades de sucesso."

Pergunta: "Sabes se a luminosidade da actividade se insere no campo de um raio de luz desconhecido, distinto do ultra-violeta ou do infra-vermelho?"

Pedro: "Não necessariamente. Não conhecem ainda as características dessa luz porque ela não tem ainda nenhum uso prático que vos sirva."

Pergunta: "Mesmo que um quarto nos pareça escuro, ele ainda retém alguma luz?"

Pedro: "Sim, embora seja escuridão para vocês, provavelmente não está escuro de todo. Tudo depende da capacidade da lente em captar as propriedades existentes."

PARTE III
CAPÍTULO XVIII
INTRODUÇÃO

Os fenómenos registados na Parte I e as explicações da Parte II seriam desprovidos de sentido se não existisse um motivo por trás de tudo isto. Nesta secção, é feito um esforço para mostrar o propósito por detrás da atividade espiritual.

É frequente perguntarem aos espiritualistas: *Qual é o propósito dos fenómenos? Porque será necessário levantar uma mesa ou tocar um tamborim? O que há de espiritual numa atividade tão elementar? Como é que essas ações implicam sobrevivência?*

Embora se possa traçar uma distinção, como Peter salienta, entre a atividade psíquica de força bruta levada a cabo por entidades espirituais primitivas e os fenómenos intencionais de inteligências muito mais esclarecidas, tanto as atividades 'psíquico-brutas' como as 'psíquico-espirituais' implicam a operação de mentes desencarnadas.

Aqui, estamos interessados no ponto de vista avançado por Peter. Podemos certamente reconhecer que o simples ato de levitar um objeto é apenas um método de comunicação, uma forma de chamar a nossa atenção por meios invulgares. É um ato planeado, executado de forma deliberada para intrigar o ser humano através do seu carácter sobrenatural. O ato de levantar um objeto, por si só, não tem importância; mas a maneira como é realizado deve levar o homem a pensar e, ao pensar, a chegar à única conclusão possível: trata-se do resultado de forças aplicadas por uma inteligência desencarnada viva. Esta inteligência é capaz de provocar um resultado organizado por métodos desconhecidos do homem. Portanto, a inteligência operante deve pertencer a um estado de ser diferente daquele do homem preso à matéria. As comunicações por voz direta e as materializações reforçam esta conclusão, pois aqui existe a evidência de individualidade.

Uma das razões fundamentais que distingue o homem do reino animal é que ele é consciente do desassossego e da insatisfação. Ele possui um impulso irresistível para ultrapassar dificuldades, proporcionar prazer aos sentidos e ver progresso rumo a um estado mais perfeito – tanto física como eticamente.

O homem é um ser espiritual animado por espírito. Desde os tempos mais remotos, quando se tornou uma personalidade consciente, tem sempre procurado um ideal – a perfeição – como continua a fazê-lo hoje. À medida que a consciência se despertava e a perceção se desenvolvia, também a sua ideologia evoluía.

É demonstrado que, ao entrarmos numa nova esfera de atividade após a transição (a morte), levamos connosco as experiências da vida terrena... o vício e a virtude... o carácter, bom e mau, desenvolvido ou por desenvolver.

Com esta progressão intencional da vida de fase em fase, vemos como o interesse e a atividade do mundo espiritual estão intimamente entrelaçados num tecido do qual a nossa vida terrena forma uma parte importante.

Segue-se, então, que, sendo o progresso terreno e o progresso espiritual interdependentes, as inteligências espirituais que conseguem comunicar de alguma forma através de um médium humano fá-lo-ão com o propósito de nos influenciar para o bem. Assim, temos Guias, como Peter, que servem como missionários para o progresso do espírito através do esclarecimento da humanidade.

A sua atividade, no final, reunirá toda a humanidade e proporcionará a cada indivíduo uma apreciação mais verdadeira do seu lugar e função no propósito da vida, acelerando a sua evolução da materialidade para a espiritualidade.

Convencer o homem da sobrevivência é garantir-lhe a sua própria espiritualidade. Convencê-lo do propósito da vida, da qual ele faz parte, e também do papel que ainda tem por desempenhar no tempo eterno; e, sem qualquer dúvida, ele organizará a sua vida na Terra de forma mais elevada e influenciará a dos seus semelhantes. A sua existência tornar-se-á uma preparação para a vida maior e, por conseguinte, a negação da sua existência animalista atual, que é motivada pela ganância e pelo lucro egoísta.

Nestes tempos de guerra (Segunda Guerra Mundial), quando milhões de homens se empenham em destruir-se mutuamente e o poder das nações é organizado para a destruição em massa, a grande esperança da humanidade é que do Armagedão surja uma nova ordem em que a paz e a fraternidade perdurem.

De que depende isso? Não de tratados, convenções, divisões territoriais ou armamentos, mas da edificação de uma grande força moral e espiritual no próprio coração do homem.

Podemos ganhar coragem com as lições do passado. Noutros tempos, o homem sofreu por ideais que então pareciam tão distantes, mas que agora fazem parte da nossa vida aceite. Esses ideais não surgiram por via legislativa, mas através do esclarecimento da consciência humana e da mudança no coração da humanidade.

É a velha história do progresso humano, e se nós, na nossa geração, quisermos fazer uma contribuição digna para o futuro, devemos voltar os nossos pensamentos para o método através do qual isso pode ser alcançado. Devemos perguntar a nós próprios por que meios pode a paz duradoura ser assegurada e sobre que alicerces pode ser estabelecido um código de conduta iluminada.

Poderão as igrejas de hoje proporcionar o impulso e entusiasmo por uma grande e duradoura elevação espiritual? O seu ritual perdeu o seu apelo. As suas filosofias doutrinárias ficaram muito aquém dos tempos. As suas sofisticações lendárias já não são aceites como verdades. A juventude vigorosa, tão bruscamente sacudida da complacência pelas exigências da guerra e pela educação, já não aceita o ensino apenas porque este é pregado por uma pseudoautoridade ou porque os seus pais a ele aderiram. O declínio do número de fiéis nas igrejas indica que existe pouca confiança na igreja tal como ela se apresenta hoje.

Por outro lado, já não podemos depositar a nossa confiança nos esforços dos estadistas. Depois das experiências destes tempos, não podemos colocar a nossa fé em tratados, convenções e protocolos: também não temos qualquer razão para acreditar que a paz possa ser assegurada por legislação, nacional ou internacional, tão frequentemente baseada em interesses sectoriais e instalados.

Antes de respondermos a esta pergunta, vejamos o que aconteceu no espaço de uma geração. Assistimos ao nascimento e crescimento do Espiritualismo moderno, que conseguiu vingar contra as maiores adversidades. Fundado nas circunstâncias mais humildes, na pobreza e sem liderança, teve de enfrentar a oposição da Igreja, da lei e o ridículo da imprensa. Todos estavam contra ele. A opinião pública foi prejudicada por acusações de fraude por parte de médiuns, e por dizer-se que as práticas espiritualistas eram impuras e obras do demónio. No entanto, apesar de tudo isso, cresceu até que hoje as suas igrejas se contam aos milhares e os seus círculos caseiros por dezenas de milhares. Recebeu o apoio de alguns dos nossos maiores cientistas e pensadores.

A investigação levada a cabo oficialmente pela Igreja de Inglaterra por uma comissão escolhida pelo Arcebispo da Cantuária não levou à publicação de qualquer relatório. O Arcebispo proibiu a sua publicação. Porquê? Porque a maioria da comissão, após dois anos de investigação, concluiu que o caso da sobrevivência, tal como expressado pelo Espiritualismo, estava provado. *(Não foi publicado porque não dizia aquilo que queriam que dissesse. Nota do editor.)*

A literatura espiritualista é prolífica. Sociedades imparciais de investigação psíquica, apoiadas por homens da mais elevada integridade, foram estabelecidas em todos os grandes países. Têm investigado os fenómenos com o máximo rigor; e os seus relatórios contribuíram com testemunhos de peso para a massa crescente de evidência.

O Espiritualismo penetrou na maioria dos países, especialmente neste país (Inglaterra), América, Suécia, França e Alemanha (onde está atualmente proibido pelo governo alemão). A vida nacional da Grã-Bretanha e da América, em particular, reflete os seus ensinamentos; e as suas implicações estão presentes na literatura geral, no teatro, no cinema, nos sermões, na rádio, etc.

Um dos nossos jornais nacionais de domingo estimou o número de espiritualistas na Grã-Bretanha em 3.000.000; e, pouco antes do início da guerra, o melhor tónico para a circulação de um jornal era uma investigação sobre Espiritualismo. Estas investigações foram conduzidas com honestidade e franqueza por jornalistas experientes e céticos, que invariavelmente acabaram por testemunhar a verdade da sobrevivência.

Em tempo de paz, todos os grandes espaços para eventos no centro de Londres estavam reservados para os serviços de domingo.

Tudo isto foi conseguido em oitenta anos, e a maior parte desde 1920.

Será que é irrazoável supor que, nestes tempos de guerra — e particularmente nos tempos que hão de vir, quando a paz estiver connosco novamente — os povos de todas as nações irão exigir um novo conceito de filosofia esclarecida? O progresso no despertar das pessoas para as implicações da

sobrevivência será tão grande que a espiritualização da humanidade se tornará uma possibilidade concreta.

A verdade da sobrevivência, com responsabilidade individual, não é algo efémero; é algo que pode ser provado repetidamente. A grande maioria dos espiritualistas de hoje só o são porque receberam provas pessoais da continuação da existência dos seus entes queridos.

Eis, então, o alicerce do futuro. Aqui está um movimento que será sempre novo e que não pode envelhecer. Aqui está um campo para a ciência, cujas possibilidades transcendem todas as outras áreas de investigação. Aqui está uma verdade viva e dinâmica que pode influenciar toda a conduta dos assuntos humanos.

Esta é a resposta para aqueles que perguntam: "Qual é o propósito da atividade espiritual?"

Nesta secção, Peter vai além destas generalizações — ele fala-nos da relação do espírito connosco; e dá-nos uma nova tese sobre a vida.

Neste ano de 1942, a esperança fervorosa do autor é que o movimento espiritualista em geral consiga fazer face às exigências que o futuro lhe irá colocar. Que a humanidade aprenda com as amargas experiências destes dias, de forma a proporcionar às crianças de amanhã uma herança melhor do que aquela pela qual agora estamos a passar.

CAPÍTULO XIX
O NASCIMENTO DA ALMA

> *"O Corpo Astral. O corpo astral propriamente dito é o corpo da alma – aquilo que vocês veem por via clarividente. É o Espírito que o anima, tal como o Astral anima o físico. Na verdade o corpo Astral é a réplica exata do físico em todos os detalhes, enquanto o corpo Etérico não." Pedro.*

"O homem possui o seu corpo físico, o seu corpo da alma e o seu espírito. Na transição do físico dispensa o corpo físico, enquanto o corpo da alma motivado pelo espírito prossegue.

O corpo da alma acha-se mais intimamente ligado ao nosso estado atual de existência. Pedro explicou várias vezes as suas funções e a relação que tem com o corpo físico. No passado surgiu muita confusão entre o significado da alma e do espírito, mas se aceitamos a definição de Pedro, ela certamente colocará a relação que um tem com os outros em ordem. As denominações religiosas de todos os tipos falharam ao não fornecerem uma explicação razoável do que o corpo da alma realmente seja. Referem-se a ele no mais ambíguo dos termos e nunca foram capazes de o definir.

De acordo com o raciocínio Espiritualista em geral, e do Pedro em particular, o corpo da alma é um organismo funcional, o repositório da experiência, o propulsor do físico. Que todas as pessoas possuem um corpo da alma é provado pelo ato da comunicação com o espírito — não pode haver outra, não existe outra alternativa.

Sabemos como todas as coisas no universo estão sujeitas a determinadas leis; e claro que isso se aplica igualmente ao corpo da alma. Não pode ser uma força intangível, incompreensível, forma ou coisa abstrata, mas definitivamente positiva. Todas as lições que temos aprendido da natureza nos falam de um processo de evolução; e o corpo da alma também está sujeito à ordem governada pela lei da mudança.

Esta perspetiva não é uma conceção, mas uma conclusão desafeiçoada, concreta, materialista. A infinita maravilha da evolução da alma individual proporciona uma visão muito mais espiritual do que as visões cegas, irracionais e supersticiosas do passado.

Considerando assim o nosso próprio corpo da alma, também devemos atribuir-lhe o seu devido lugar no nosso esquema individual. O seu cultivo e desenvolvimento deviam tornar-se no nosso principal incentivo. É imensamente mais importante do que adquirir bens, riqueza ou poder.

Uma filosofia duradoura para o governo correto da conduta humana, individual e comunitária, precisa assentar sobre verdades estabelecidas e demonstráveis. As implicações que seguem o fato comprovado da sobrevivência fornecem isso. Nos capítulos que se seguem, Pedro não só convence a mente racional quanto às funções do corpo da alma, como se envolve num esforço por nos legar uma maior compreensão das leis que o governam.

Sabemos que o corpo da alma deixa o físico durante a transição — Pedro diz-nos como. Ele também descreve a relação que o corpo da alma tem com o espírito e a maneira como ele entra em contato com a sua parte correspondente.

As explicações de Pedro surgiram na sequência da nossa pergunta sobre o modo como o espírito entra em contato com o corpo físico. Disse ele:

Pedro: "Acho que vamos começar por chamar a isso o nascimento da alma, por não podermos tratar da alma e omitir o espírito, nem podemos omitir o espírito e tratar inteiramente da alma.

"Eu não pretendo entrar nos estágios iniciais em que são criadas as condições para a formação da parte física. Pode ser pouco compreendido que a ordem de nascimento no domínio físico do espírito de um indivíduo é estritamente controlada. Além disso, pode não ser do conhecimento geral que, embora o espírito tenha uma escolha com relação ao parentesco, não tem escolha quanto ao momento desse nascimento. Isso é fixo e irrevogável.

"Irá perguntar por que gozará o espírito escolha quanto ao parentesco. A resposta é que desse modo fica capacitado a escolher o ambiente correto para funcionar que lhe forneça a experiência necessária para o seu próprio desenvolvimento.

"Não estamos aqui a considerar o percurso terrestre que o espírito fez através dos diversos planos da sua existência anterior, mas apenas a sua última fase, a do nascimento físico.

"O espírito em si distingue-se do desenvolvimento atual da forma que subsequentemente passará a ativar. A alma tem controlo completo na formação e no desenvolvimento da criança dentro do ventre da sua mãe. . . a construção feita a partir dos materiais fornecidos pelo primeiro ato. . . ao moldar e formar de acordo com a sua própria sabedoria, produzida por uma longa experiência.

"Quando tiver atingido um certo grau de desenvolvimento, tem início uma associação mais positiva entre a alma e o corpo. Esse é o período chamado de "aceleração." Um período subsequente de desenvolvimento a partir de uma estreita associação com o corpo dá-se antes da criança nascer.

"Por altura do período inicial, a alma da criança encontra-se intimamente ligada à da mãe. É por isso que mudanças da sua perspetiva, gostos e, muitas vezes de temperamento se evidenciam tanto; por ser através do corpo da alma da mãe que a alma trabalha até que decorra um período de quatro meses e meio. Então possui uma pequena alma. Acha-se repleta de sabedoria, como é hoje. A alma acha-se

intimamente associada ao desenvolvimento e crescimento da criança durante o período pós-natal até aproximadamente aos sete anos de idade.

"Durante esse período pouca ou nenhuma estreita associação tem com o seu espírito. É por isso que uma criança até essa idade nada mais é do que um animal saudável, orientada apenas pelos seu desejos primitivos.

"Tendo atingido a idade aproximada dos sete, ocorre uma mudança. O espírito, em vez de meditar, poder-se-á dizer, na forma jovem, agora liga-se positiva e definitiva e positivamente por meio da alma ao corpo.

"E quando a criança muda do querer do "mim" (nós) para a fase "Eu quero." Terá percebido intuitivamente a sua própria individualidade conforme expressa na palavra "Eu." Não é resultado da educação, por suceder naturalmente e como coisa natural. Esse período é às vezes acelerado — pode durar cinco anos — ou pode ser retardado de acordo com a condição do indivíduo.

"Bom; acho que esta descrição resumida será suficiente para criar uma certa controvérsia; contudo, se considerada com razoabilidade, não podem existir espíritos jovens, porquanto o espírito não pode ser criado; e a bigorna universal da qual as centelhas foram dispersas originalmente não pode ser golpeada senão uma vez, apenas.

"O espírito, por sinal, detém um controlo dominante sobre o corpo através do contato direto que tem com a corrente sanguínea. Requer sabedoria para controlar o batimento rítmico do coração para que o espírito que o anima se sintonize com ele. Agora vê os processos pelos quais o conhecimento do mérito espiritual e do valor são transferidos quase sem impedimento ou obstáculo. Agora pode entender por que enfatizamos a importância do sistema rítmico da respiração, de modo a levar o coração do indivíduo ao ritmo e pulsação do seu universo.

"Todo o espírito é o mesmo, seja polarizado, que é no caso do ser humano, ou contido na vastidão que preenche a eternidade — se for capaz de dar valor à expressão.

"O espírito do homem é parte desse universo, perfeito, cheio de beleza, cheio de poder ilimitado; mas é a alma que se encontra entre o homem enquanto espírito e o homem enquanto contrapartida física.

"A alma carrega consigo as características apresentadas pela jovem vida no período que vai dos seus quatro anos iniciais aos sete anos de vida terrena. Esse período é ativado por três coisas — comer, viver e possuir todas as coisas que ela vê, às custas de qualquer coisa que se lhe oponha.

"Não posso dizer mais nada nos vossos escassos termos, mas é assim que resumidamente sucede. A alma é a tela que repercute ou transmite os raios profundos do eterno sol do espírito."

Pergunta: "Nesse caso, o espírito ligado a uma pessoa não é individualizado?"

Pedro: "É, sim. Através da sua associação com a alma e o corpo, ele possui naturalmente uma individualidade, cuja totalidade provém das reações entre os três.

"É o mesmo que acontece com o éter (energia), o éter livre, e o éter que é ligado ou individualizado. A sua natureza é essencialmente a mesma. É o seu desempenho (função) que faz a diferença. Tem os mesmos potenciais, mais a sua individualidade.

"É capaz de se aperceber que, se todas as coisas forem perfeitas, não poderá atingir-se uma perfeição maior; e a perfeição num certo sentido, pode não ser perfeição noutro. Nós estamos a falar no sentido do espírito universal; precisas lembrar-se de que você, que é parte do universo propriamente dito, ainda está confinado a uma órbita espiritual no âmbito de um sistema solar que também possui a sua própria individualidade."

Pergunta: "Se a alma que chega a um novo ser se encontra cheia de sabedoria, devemos entender que já existe há muito tempo?

Pedro: "Correto. Eu disse que a alma estava cheia de sabedoria, tomando como certo que aquele que ler essas palavras também se lembre que eu disse que a alma pertence ao mundo natural, tendo, assim, apenas instintos primitivos. A sabedoria que possui, só pode ser em relação apenas às experiências que tenha tido através do seu próprio desenvolvimento a partir do reino mineral, do reino vegetal e do reino animal.

"Todas as formas e processos de crescimento e de desenvolvimento tê-la-ão equipado para o seu desenvolvimento e evolução até à condição de ser humano.

"Quando chegar a ponderar nesse aspeto poder-me-á dizer — que isso diga respeito ao nascimento de uma alma, mas que acontece quando ela deixa de animar o corpo por altura da sua separação física, chamada morte? Sem o corpo, poderá essa alma permanecer individualizada? A resposta é que pode, sim.' Enquanto o espírito animar a alma para colher experiências tidas durante a sua permanência na terra; assim como para a contínua resolução dos múltiplos problemas que não pôde completar durante as horas da escola da vida terrena.

"Está a pensar, o que acontece quando os problemas são resolvidos? A morte — assim chamada — ocorre de novo. . . há uma separação, ou uma rutura, dos pontos de contato entre o que é chamado corpo da alma e aquilo que é espírito. À semelhança do corpo físico, também o corpo da alma, gradualmente se decompõem. É reabsorvido no fluxo da substância de que é feito, da mesma forma que o seu corpo físico se decompõe nas vossas condições terrenas.

"Um interpelante interrogar-se-ia: 'Como é que a alma de um homem que passou desta vida há um imenso número de anos atrás ainda se manifesta?

"O espírito, se desejar dar a conhecer a sua presença a uma pessoa ainda na terra, pode, com facilidade, reunir em torno de si partículas dos diversos reinos através dos quais ela pode ter que passar para voltar às condições de terra, até que finalmente se reveste, temporariamente, de um éter. Ela se materializará até o reino etéreo e se dissolverá quando o pensamento que lhe tenha dado origem, ou o espírito que a anima, não tiver mais uso a dar-lhe.

"Lembre-se de que toda a consciência do espírito é focada e se acha encerrada no seu membro inferior (o corpo da alma). É preciso morrer, permanentemente ou de forma temporária, assim como o homem morre agora antes do conhecido superior (mais uma vez o corpo da alma). Nenhum dos dois pode ter um pleno domínio.

"É como acontece com o seu próprio corpo, a totalidade da sua consciência concentra-se num membro dolorido, seja um dente ou um pé; por ser onde a ação mais importante está a ter lugar. O corpo físico é apenas um membro do espírito. Não é porventura mais do que um pequeno dedo ou um dedo do pé, mas é infinitamente importante.

"Pode dizer que faz parte da unidade universal a que chamam Deus. A dificuldade está em que, aquilo que vocês consideram agora ser a realidade é apenas a sombra. O que vocês consideram ser a causa é tão só o efeito. Nisso está a dificuldade. É ao contrário. Isso explica-se por si próprio no que eu disse. O plano inferior é sempre a sede da consciência e atividade, e é por isso que o reino em que vivem tem a aparência de ser único que existe.

"Não existe passado, nem presente nem futuro. A vida é um desdobramento lento do plano.

"É o estabelecer dos detalhes, que crescem e se expandem o tempo todo, apenas para você retornar ao espírito, não acha? Não. Durante um tempo sim, enquanto houver trabalho a fazer; mas não trabalho que o encha de pavor por causa da existência monótona da vida terrena. Um certo Indivíduo certa vez forneceu-lhes a seguinte resposta: 'Eu preciso tratar das questões do meu Pai,'" e essa é uma resposta tão boa quanto qualquer um pode dar."

CAPÍTULO XX
A TRANSIÇÃO

Na ocasião seguinte em que nos reunimos, pedimos a Pedro que prosseguisse, com o "O Nascimento da Alma" para o estágio seguinte. Pedro começou dizendo:

Pedro: "Um dos vossos dramaturgos disse: 'Todo o mundo é um palco,' e é através do palco que vocês representam a vossa parte e depois saem de cena e são aplaudidos ou vaiados conforme a vontade do público. A vida é muito semelhante a isso.

"As minhas palavras de abertura nesta fase da relação são as seguintes: A vida não começa onde vocês da terra a apreendem, nem pode cessar quando ela passa além alcance da vossa vista. A vida é como um fluxo misterioso que sempre flui em frente, e carrega toda a criação com ela. A vida, conforme manifestada no homem, representa o avanço da evolução. É, em termos gerais, a experiência cósmica em que o espírito é polarizado e tem permissão para funcionar, ao possuir, em certa medida, a qualidade do livre-arbítrio.

"É somente no homem que você vê o espírito segregado e individualizado relativamente ao resto da vida que é espírito. Quando o homem começa a sua vida terrena, é como se o homem, que significa espírito (esse é o significado do termo), comece a descida de uma escada, cujos degraus representam uma fase diferente da existência; até finalmente ele emergir no reino físico — neste caso — a vossa terra.

"Depois de completar esta vida, o espírito do homem sai pela mesma escada à qual terá sido adicionado um outro patamar. Esta é uma ilustração grosseira que apelará a qualquer leitor comum. Com a morte do físico, o primeiro a deixar a associação do corpo é o espírito; é como a extinção de uma chama. A alma, porém, tem muito a fazer e não se dissocia por completo do corpo até de um lapso posterior de dois a três dias, raramente mais. O espírito exerce controlo direto apenas na questão e da vida e da morte. Note isso, por ser importante. Em nenhuma outra função corporal exerce o espírito qualquer autoridade, mas o nascimento e o segundo preciso da morte física são fatores diretamente controlados pelo espírito.

"Agora você dir-me-á: 'Mas, como será isso realizado?'

"Foi-lhes ensinado que o espírito, através da alma, se encontra ligado ao corpo físico por um cordão de prata. Isso é verdade. Temos tentado separar ou distinguir (embora erradamente no sentido da palavra "separação") o espírito da alma. Existe, porém, uma diferença distinta; mas depois, vocês não podem entender a diferença sem pressupor uma separação, por isso lembre-se que de momento estou a referir-me ao espírito.

"O controlo que o espírito exerce sobre a vida e a morte está ligado ao coração. A associação que o sangue tem com o espírito pode ser facilmente vista como algo que tem em comum; porquanto, conforme a corrente sanguínea está para o corpo, assim também o espírito (a corrente da vida) está para o corpo universal. Para permitir que o espírito escape facilmente, só é necessário elevar a temperatura corporal, por meio da ação do coração, para encontrar um meio fácil de saída. Um homem é designado como tendo "sangue na guelra" quando ele não é controlado pelo espírito da razão. É por isso que a criança é tão irracional, pois a criança vive do sangue emprestado até que atinja entre os cinco e os sete anos de idade. O espírito entra na corrente sanguínea da criança quando ela percebe a sua própria individualidade e usa a palavra "Eu" em vez de "mim" (nós).

"Já falei sobre o espírito e a alma da criança. Agora temos que o ver pela ordem inversa por estarmos a falar da saída. Quando o espírito retira o seu controlo da corrente sanguínea, a alma não pode por muito mais tempo manter-se no corpo físico. É como um motor sem o condutor, que acelera e abranda, e se dilacera por fim em pedaços. Exato. O corpo da alma encontra-se acima de todas as coisas instintivas; o desejo que tem de se manifestar no mundo dos fatos — o mundo físico — é de tal modo forte, que aderirá ao corpo durante dois ou três dias. É esse poder, ou falta de poder, de controlo da ação do sangue, a ação do coração, que posteriormente o derrota. Então vocês têm a separação do cordão de prata que é o ponto de contato entre o físico e o corpo da alma.

"Agora uma palavra sobre o corpo etérico! Vou recordar-lhe que o corpo etérico não possui características próprias — isto é, personalidade ou temperamento. Não apresenta reações semelhantes às da alma. É um éter puramente delimitado que pode ser comparado a um saco em expansão (O Pequeno Pedro chama-lhe "balão de borracha") e que adota os contornos do corpo físico. Parece ser o mesmo visto de qualquer ângulo, nunca se estendendo além de cerca de três polegadas do corpo, quando a pessoa goza de saúde e é bem alimentada e desfruta de repouso. Varia de acordo com a vitalidade do indivíduo; a aura vai além disso. O corpo etérico não sofre qualquer mudança de cor. É sempre o mesmo — e apresenta uma névoa de cor mais ou menos prateada. Nós vamos falar sobre a aura aos poucos.

"O corpo etérico gradualmente perde a sua forma, que é a única característica que tem (os contornos do físico), à medida que a decomposição se instala, e sempre permanece associado ao corpo até que a decomposição esteja concluída. É por isso que a ideia moderna de destruição pelo fogo é excelente, desde que tenham decorrido três dias. Se vocês pudessem testemunhar o lugar onde enterram esses corpos, vocês veriam aí uma névoa etérica composta pelos odores etéreos dos corpos em decomposição. É tão perigoso quanto se vocês deixassem os corpos ficar onde tivessem caído. Um dia falarei sobre a destruição pelo fogo. Bem, esse é resumidamente o procedimento da saída."

CAPÍTULO XXI
O PROPÓSITO

Pergunta: "Conforme muitas pessoas nos dizem, 'Que propósito terão estes fenómenos?' Dê-nos uma pista acerca das razões deste vosso trabalho."

Pedro: "Esse é o único aspeto lógico em relação ao qual podemos influenciar alguma coisa. Voltem a vossa mente para os primeiros dias do Cristianismo, ou talvez deva dizer os primeiros dias pré-cristãos. Cristo revelou maravilhas e prodígios por meio da operação dos chamados milagres. Nessa medida, vocês assistiram a todas as fases dos fenómenos de que foram testemunhados nas salas de sessão atuais.

"Também assistiram ao milagre da cura e à materialização da forma em comparação com a de Cristo.

"Se colocarem a vós próprios a questão do que Terá vivido mais tempo na mente do homem e do que terá sido responsável pela influência do pensamento ao longo de linhas espirituais desde os dias d'Ele. . . Terá sido o registro dos Seus milagres ou a bela filosofia que Ele pregou?

"Encontramo-nos hoje praticamente na mesma posição. Temos de produzir algo de extraordinário para indicar de uma forma objetiva operações que se encontram além do alcance normal da compreensão do homem.

"Talvez seja uma esperança vã a de que o homem, por sua própria iniciativa, se esforce por seguir a liderança que lhe é mostrada em todas estas manifestações até que o orientem cada vez mais para longe do reino material. Mas, infelizmente, na grande maioria dos casos, ele enveredou pelo caminho justamente oposto ao reduzi-las aos limites puramente fisiológicos. Nós entendemos que o homem deve seguir o outro caminho, para encontrar o elo existente entre si e o reino do espírito.

"No nosso esquema não pretendíamos que os fenómenos das salas de sessões fossem alvo da importância que foram; mas vemo-nos impotentes, conforme Cristo se viu. Não podemos ir além da compreensão que o homem tem, nem prestar-lhe um esclarecimento maior do que aquele que pode ser recebido pela mente das pessoas que se reúnem no âmbito da nossa voz e operações. Em si mesmo, o trabalho das salas de sessões não é importante, na medida em que aqueles que o testemunham não conseguem entender ou perceber as imensas possibilidades que engloba.

"É, de fato, o aproveitamento das forças naturais sob a orientação de uma mente ou inteligência que controla. Essas mesmas forças poderiam ser utilizadas pela mente dos homens no estabelecimento de condições de grande valor para a família humana; mas no sentido inverso também, é claro.

"Hoje, é missão e plano das inteligências espirituais superiores instaurar mais uma vez oportunidades na Terra, à semelhança do que fizeram anos atrás, quando o homem pela primeira vez alcançou a liberdade espiritual. Vou dizer-lhes, pela primeira vez, que irá surgir um outro João Batista — quero dizer, no mesmo sentido. Na verdade, existe no mundo de hoje um homem como ele; Mas ele clama no deserto.

"Este movimento de forças espirituais que encontram nas manifestações representa uma neutralização das forças do mal que está agora desenfreado por toda a Terra e pelas esferas adjacentes.

"É somente através do poder do espírito, por mais fraco que possa parecer, que um antídoto poderá ser fornecido que salve a rápida dissolução do tecido moral da humanidade.

"Temos de encontrar muitas maneiras de nos manifestarmos a vós; e muitas vezes não temos que ser muito meticulosos com relação aos canais a usar.

"Logo virá dia, quero dizer, mesmo daqui a pouco, em que a nossa voz será ouvida sem qualquer incerteza; e no momento exato em que a liderança espiritual se fizer necessária.

"Tudo isso teve e terá o seu início dentro dos salões de sessões. Já obteve sucesso na concentração da mente do homem que conseguiu para além do domínio do que é puramente físico e em torná-lo mais consciente de alguma força exterior a ele próprio; isso é tudo o que podemos esperar alcançar de momento.

"Naquele aposento superior de há 2000 anos, manifestou-se o homem Jesus, à porta fechada. A Sua presença era quase requerida em termos físicos de modo a convencer os membros fundadores do Cristianismo quanto à realidade da vida para além da morte: e uma vez que isso lhes foi provado viram-se mais do que dispostos a cumprir as instruções que receberam do seu Líder ressuscitado. No entanto, instruções de que nenhum homem hoje tem conhecimento. Ele incrementou-lhes de tal forma a consciência espiritual que eles passaram a representar reflexos menores do seu Mestre e Líder. Entende?"

Pergunta: "Eles não nos legaram nenhuma comunicação dessas?"

Pedro: "Não, eles não poderiam fazê-lo da mesma forma que eu não lhes posso passar instruções com respeito a determinadas coisas. Mas se eu conseguisse reunir à minha volta homens do mesmo calibre, dotados da mesma prontidão para prezar o desenvolvimento espiritual, como Cristo fez, então eu poderia conceder (por meio do contato) os mesmos poderes de consciência Espiritual que ao longo de anos de trabalho paciente conseguimos conceder ao médium; só que, é claro, num grau muito menor que aquele desfrutado ou suportado pelo Mestre Jesus. Você entende isso.

"Vocês empregam os mesmos métodos hoje. O médium reúne amigos ao seu redor e, por meio da paciência, desenvolve dons similares. É pelo emprego do médium como um ponto de convergência, que esses poderes são acelerados. É semelhante à magnetização de uma peça de aço colocando-a em contato com um imã permanente. É a mesma lei. Por meio de sinais e de maravilhas tentamos atrair e reter o interesse daqueles que testemunham tais coisas; de modo que alguns, que agora são impressionados no sentido de o prosseguir, possam gradualmente ser conduzidos à compreensão do nosso caminho; E para que possamos enviá-los para as vias rápidas e atalhos, e agir e viver o modo de vida que sempre procuramos inculcar.

"É muito importante: porque consciente ou inconscientemente, encontram-se todos ligados hoje; e disseminam as sementes da espiritualidade pelas almas e mentes daqueles que contactam, tanto subjetiva quanto objetivamente. Assim é o caminho preparado; e um dia irão ver o crescimento que o pequeno rebento apresenta. Então quase antes de vocês perceberem essa planta florescerá e possuirá uma enorme força e uma beleza esplendorosa.

"Não viemos derrubar a antiga estrutura de vosso Cristianismo, mas preencher o vazio enquanto a Igreja atual se encontra ofegante por causa da antiguidade de que padece no sentido espiritual. Viemos impregná-la de uma nova vida e de um novo poder; um poder que é ditado pelos padrões comuns de apreciação espiritual, que é dirigido para a vida de todos e não para a vida de uns quantos. Viemos substituir dogmas e credos antiquados, conceder poder de interpretação espiritual aos que

estão preparados para dispensar esses dogmas e credos antiquados; afastar a Igreja da rotina tão profundamente gasta e atribuir-lhe um lugar de novo nas vidas e lares de todos os filhos: para torná-la numa estrutura e não numa instituição.

Um Lugar onde todos possam vir a obter sustento espiritual, ao invés de receber o frio conforto da interpretação literal da vida de um homem; um homem que só pode ter vida no espírito e que só pode ser interpretado no âmbito da alma. De nenhum outro modo poderá o poder da Sua influência ser sentido nas vossas vidas, exceto através do serviço de uma maneira similar. Esse será o próximo passo que será atingido nos salões de sessões. Esse será o nosso ponto de partida."

Pergunta: "Concorda com a perspetiva que temos de que hoje temos grande necessidade de espiritualizar a humanidade, pelo conhecimento e compreensão das coisas sobre as quais nos tem falado?"

Pedro: "Sim, isso é verdade; mas o conhecimento e a compreensão não podem vir senão com a realização de tudo o que implicam. Vocês precisam considerá-lo como um poder de fermentação, e não como uma ciência formada de ângulos e pontos de vista; e é apenas por estímulo disso que o propósito poderá ser alcançado. Se for pela via do conhecimento, então por essa via deverá ser realizado. Mas será um trabalho lento e doloroso por as mentes de certos indivíduos se acharem de tal modo cegas pela tradição do conhecimento científico que se encontram espiritualmente surdas. Ao passo que, um indivíduo mais humilde, que nada saiba sobre a lei nem as matemáticas da ciência, pode alcançar de uma só vez o segredo do conhecimento que tentamos ensinar. Essa é a nossa dificuldade.

Pergunta: "Mantem-se a ideia de que o desenvolvimento espiritual surgirá da demonstração da sobrevivência à morte."

Pedro: "A dificuldade reside nisso. A demonstração de sobrevivência é a parte menos significativa da dificuldade com que nos deparamos. São as suas implicações que têm importância. Que diferença não poderá fazer, saber de fato que a vida continua ininterrupta; que efeito, igualmente, o acúmulo que a experiência aqui e depois da vida não terá sobre a vossa própria vida e as vidas daqueles por quem são responsáveis. Se pudessem ao menos ver o propósito que existe por trás de todas as coisas. Por exemplo, a produção deste livro. . . Ele virá a será produzido. Você encontrou o canal para o lançar, embora possa pensar que você próprio o tenha feito; mas alguma vez terá pensado se terá sido uma ideia sua ou se estaria a ser usado como um instrumento de forças sem o seu conhecimento? A mesma ilustração pode ser usada em relação à maioria das coisas na vida do indivíduo comum. Por que deveria alguém dar um passo em frente ou um passo atrás num momento exato aparentemente sem razão nenhuma? No entanto, no instante seguinte a sua vida foi salva ou fisicamente destruída por tal ação. Essas são pequenos questões, pequenos indicadores dignos de consideração."

Pergunta: "Será difícil distinguir entre as leis mentais e as leis espirituais?"

Pedro: "Está um pouco confuso com isso tudo. Agora, a questão é: "O que é o espiritual e o que é o mental? Eu não quero lançar-me esta noite numa discussão sobre os processos mentais do homem por isso nos levar de novo para o domínio dos estratos; e a própria mente tem camadas e determinadas frequências que podem responder apenas a certos estímulos.

"Os processos mentais são realizados por outras forças — pelas espirituais, por um lado e pelas etéricas, por outro; ambos irradiam de outras mentes e da própria morada da própria alma. E você também precisa entender que a dor e o sofrimento espirituais nada significam. Dor e sofrimento são apenas coisas experimentadas pela alma. Você não consegue avaliar isso. É um fator muito importante por ser parte da vida natural, não da espiritual; e é onde são confundidos ao dizerem que a lei natural

seja a lei espiritual. Não é. Uma é reflexo da outra. Ambas operam em harmonia, Embora por vezes aparentem desarmonia. E é por isso que o homem hoje constitui um tal enigma para si próprio; porque enquanto o processo evolutivo se acha em andamento está a ocorrer um processo de enxertia — o espírito do homem está a tentar transplantar-se da carne da besta.

"Lembram-se de uma imagem da figura do 'Centauro,' em que veem uma parte homem e outra parte animal? Há mais nessa figura, a ser interpretado espiritualmente, do que à primeira vista lhes poderá parecer. Há um outro símbolo representado pela antiga pintura de duas crianças a que chamam "Os Gémeos." Creio que está marcado nos Céus como Gémeos. Vocês podem considerar isso como uma superstição, mas também isso tem a sua história. Essas imagens são símbolos que encerram no âmbito dos seus contos a história e evolução do homem; e ilustra o emergir do estágio animalista e o ingresso no estágio espiritual. Tudo tem um significado e um propósito, e o vosso desejo íntimo é o de alcançar a harmonia com o espírito. E se a vossa mente o exige, também o espírito o poderá satisfazer; mas nós não podemos progredir um passo no nosso ensinamento até que vocês sejam capazes de receber."

Pedro prosseguiu:

"Por que nos damos ao trabalho de falar convosco? Por que o tornamos preocupação nossa, e padecemos de dor e ardor por ajudar? Por entendermos o verdadeiro significado da 'Fraternidade.' Muitas vezes vocês me ouviram dizer que "A vida toda constitui uma unidade," portanto sou parte da vossa vida. A vossa vida é a minha vida; e enquanto houver um membro de todo este corpo que sofra, todo o corpo sofrerá com ele."

"Bom, para uma preliminar, penso que cobrimos um bom terreno."

APÊNDICE

UMA SESSÃO MÉDICA

AS PRESCRIÇÕES DO DR. BARNETT PARA A TUBERCULOSE, O CANCRO, E A SÍFILIS

O DR. BARNETT É QUESTIONADO PELOS MÉDICOS QUANTO ÀS SUAS FÓRMULAS.

O AUTOR DISCORRE SOBRE OS PRÓS E CONTRAS DOS TRATAMENTOS SUGERIDOS

IN: *THE WISDOM OF THE GODS*

O DOUTOR BARNETT ERA UM GUIA CONTROLADOR DO MÉDIUM GEORGE VALIANTINE

Terça-feira, 24 de março de 1925

Os registos dos eventos supranormais contidos neste livro são estabelecidos na ordem precisa e na data em que ocorreram. A sequência dessas sessões médicas, que se estendeu de 24 de março a 17 de abril, é, no entanto, mantida no capítulo seguinte. Enquanto isso, outras sessões foram intercaladas, e o capítulo que acompanhe isso continuará o registo pessoal de 25 de março.

Aqueles que leram "Rumo às Estrelas" lembrar-se-ão do que o Dr. Barnett disse (Capítulos XVIII e XIX desse livro) que ele nos transmitiria numa data posterior os tratamentos para certas doenças humanas.

Ele nos disse que devíamos ter cuidado na seleção dos médicos qualificados que deviam estar presentes para anotar as fórmulas.

Tínhamos discutido esse assunto com o Dr. Barnett em várias ocasiões e tínhamos feito arranjos para realizar a primeira sessão com esse propósito na data acima referida.

Os dois médicos que foram convidados a estar presentes foram o Dr. Abraham Wallace de Park Crescent, Portland Place, e o Dr. T. Moore O'Donnell, de Oxted.

Estavam presentes Valiantine, a minha esposa, o Sr. Hannen Swaffer, o Dr. Abraham Wallace, o Dr. Moore O'Donnell e eu (Hernert Bradley).

Todos nos sentamos com almofadas de escrever sobre os joelhos para gravar o que foi dito, e, além disso, Anthony ficou sentado à porta a uma mesa na qual havia uma lâmpada vermelha, para que ele pudesse também registar e verificar todas as declarações.

Apenas o disco de gramofone tinha sido posto a tocar, quando a voz do Dr. Barnett nos cumprimentou com um "Boa noite, almas."

Dr. Abraham Wallace colheu uma considerável experiência de fenómenos psíquicos. Ele foi durante algum tempo no Conselho da SPR, (Reserva Estratégica do Petróleo) mas tinha-se demitido.

O Dr. O'Donnell estudou psíquicos por mais de trinta anos, mas nunca antes participara numa sessão de voz direta.

Eu apresentei os dois médicos ao Dr. Barnett.

TUBERCULOSE

DR. BARNETT (para os dois médicos): Vocês dois estão qualificados para receber esta grande Verdade pelo bem da humanidade?

Tendo sido dada uma resposta afirmativa, o Dr. Barnett prosseguiu.

DR. BARNETT: Nós ficamos bastante desapontados com algumas das almas da terra. Vou agora dar-lhes um tratamento para a tuberculose.

Após as duas fórmulas, desejo dar a conhecer as proporções, o que usar e o que não usar.

A primeira é **Squill,** (Ou Scilla, mais conhecida por Drimia marítima, planta originário do Mediterrâneo) para fortalecer os brônquios e estimular a mucosa brônquica.

Em seguida, para os pulmões:

Datura Stramonium (Figueira-do-Diabo) que, em forma de fumo deve ser dada ao paciente. Coloque o paciente numa sala onde ele possa inalar o fumo.

Se o paciente não estiver muito aflito, a primeira aplicação deverá ser usada.

Devem dar ao paciente um copo de Chá de Malva muito forte para libertar os intestinos. Quando os intestinos estiverem lavados, dar uma xícara de Chá de Raiz de Sangue. O Chá da Raiz do Sangue estimula as artérias e assim ajuda a circulação do sangue do sistema.

Então devem dar um banho com Folhas medicinadas da Goiaba, e adicionar ao banho uma meio-quartilho de Flores do Enxofre. Coloquem o vosso paciente no banho tão quente quanto consiga suportá-lo, deixando a água quente fluir gradualmente. Não manter o paciente nele muito tempo. Cinco minutos serão suficientes.

Em seguida, o paciente deve receber bastante ar fresco e luz solar. Se puderem conseguir luz solar artificial será melhor.

Agora preciso descansar um pouco."

A voz do doutor Barnett eclodia muito alta e distinta pelo que será, naturalmente, difícil a um espírito materializar a voz e continuar a falar por algum tempo sem fazer pausa. Foi colocado um disco no gramofone e logo o Dr. Barnett retomou.

Dr. BARNETT: Devem tentar eliminar alimentos gordurosos ou carnes gordas. Deem ao paciente caldo de carne ou de frango.

O paciente não deve fumar; Fumar vai prejudicar. E álcool nenhum, de qualquer espécie - só quando o paciente se animar poderá tomar um pouco.

O exercício físico é muito importante, mas não exagerem.

Prestem atenção ao vosso paciente com muito cuidado enquanto lhe estiverem a ministrar o tratamento. Menciono isso porque é muito importante que o paciente esteja sob observação. O paciente deve receber cuidados por parte de uma enfermeira, pois muitas vezes ele vai tentar conseguir tabaco, drogas ou bebidas alcoólicas, o que o afetaria. Seria benéfico que o paciente pratique respiração profunda.

(Uma ligeira pausa.)

Tomem isto com muito cuidado. É aqui que introduzimos o Antimônio enquanto parte do tratamento. Uma injeção de Antimônio deve ser administrada uma vez por dia.

(Outra pausa.)

Massagear o peito e as costas diariamente com a seguinte aplicação: Um dracma de **terebintina,** um dracma de **álcool,** uma onça de **azeite de oliva,** e um dracma de **cânfora líquido.**

Esse é o tratamento.

O Dr. Barnett prosseguiu dizendo que não poderia continuar a falar mais nessa noite, mas que continuaria as instruções na sessão seguinte.

Ele perguntou se gostaríamos que um ou dois dos outros guias viessem falar com a gente, e, naturalmente, concordamos.

Bert Everett veio e falou connosco durante um bocado no seu tom agudo.

Kokum, no seu maravilhoso tom potente, falou connosco e nos contou o prazer que Pat (meu filho) tinha sido em conversar com ele na sessão do sábado anterior.

Pat O'Brien falou durante um bom bocado, ficando mais tempo do que o costume. Conversou com o Dr. Wallace, e por algum tempo com o seu compatriota, o Dr. O'Donnell.

Enquanto Kokum esteve lá ele levantou uma das trompetes luminosas, e a fez esvoaçar em volta da sala, indo até o teto e batendo nele.

Feda conversou com vários de nós. A sessão foi encerrada.

Sábado, 28 de março de 1925

Esta sessão foi realizada especialmente com o propósito de transmitir as fórmulas para o tratamento de doenças. Tinha sido providenciado que o Dr. T. Moore O'Donnell deveria participar para anotar as fórmulas, e que ele deveria posteriormente consultar o Dr. Abraham Wallace.

Estavam presentes Valiantine, a minha esposa, a senhorita Madeleine Cohen, o Sr. Hannen Swaffer, o Dr. T. Moore O'Donnell, e eu.

Como antes, Anthony encontrava-se sentado a uma mesa do lado de fora da sala, a tirar as notas verbais do processo à luz de uma lâmpada vermelha.

Depois de alguns minutos, a voz do Dr. Barnett apareceu e, ao cumprimentar-nos, disse: "Quero dar algumas palavras ao médico." No que diz respeito ao tratamento da tuberculose que foi dado no início da semana, ouvi os médicos dizer que alguns dos remédios eram antiquados. . . Vocês melhoraram a maneira que a natureza tem de produzir os vossos bebês terrenos? Eu estou a dar os remédios da natureza - o que a natureza forneceu para o vosso corpo físico.

CANCRO

DR. BARNETT: O tratamento do cancro é muito simples e fácil. O que eu estou a dar-lhes agora é uma preparação que nunca foi investigada pelos médicos humanos; é xarope de Wild Cactus Fruit, (Opuntia) que é chamado de "Prickly Pear" (Pera Espinhosa). Claro que vocês já ouviram falar de Wild Cherry (Cereja Selvagem). Estes dois devem ser misturados juntos numa forma de xarope e ser ministrados três onças diariamente ao paciente que estiver aflito com cancro.

Para o outro remédio, uma colher de chá de açúcar - ou seja, açúcar de beterraba - com quatro gotas de Espírito de Terebintina. Tomar pela manhã, e pela noite, ao se retirar.

O seguinte é um Enacular* de Fosfato, Estricnina e fosfatos de cálcio, e Hipofosfato de ferro.

Desejo afirmar que Antimônio e Óleo de Chaulmoogra Este deve ser injetado.

(Pausa)

O doente deve ser tratado com Raios Vermelhos. As entranhas do paciente devem ser cuidadosamente mantidas abertas. O vosso paciente precisa de um banho de sal de Epsom; Uma meia libra de sais de Epsom no banho. O paciente deve permanecer ali por dez a doze minutos. O corpo não deve ser enxaguado ou seco completamente. O quarto deve ter uma boa temperatura.

Vocês precisam entender que o Xarope de Cactus irá eliminar o cancro em pessoas que sofram de um ligeiro ataque. Xarope de cato é um purificador de sangue que irá restringir a doença.

Se vocês tiverem casos como úlceras cancerosas você devem usar Brometo de Potássio e Sulfato de Zinco e Petróleo. Misturem esses ingredientes junto com as flores do Enxofre e do Alumínio pulverizado, e apliquem-nos à parte afligida com um ferro muito quente (coloquem alguma peça de lã de algodão sobre a parte superior antes de colocar o ferro sobre ela). Isso deve ser feito duas vezes por dia, e se for possível, manipular (massagem) a coluna vertebral do cerebelo até as extremidades inferiores com uma fricção dada com as mãos.

Agora vou-lhes prescrever a dieta. A carne de todo tipo deve ser eliminada. Legumes, ovos e leite são ótimos. O leite deve ser fervido e resfriado antes de o dar ao paciente, e a água potável também. Deem ao paciente abundância de água.

(Em resposta a uma pergunta que lhe fora dirigida)

No caso de cancro avançado, como cancro na mama, o remédio deve ser aplicado localmente, entre o algodão medicado, por meio de um ferro quente.

Durante o tempo em que o Dr. Barnett esteve a prescrever o tratamento para o cancro, em diversas ocasiões ele respondeu a estranhas perguntas colocadas por meu filho, de fora da porta.

Depois que o Dr. Barnett foi embora, Bert Everett falou -nos por algum tempo; Kokum também. A pedido do Sr. Swaffer, pegou nas duas trompetes e fê-las girar pela sala. Swaffer pediu a Kokum que fizesse isso por causa da observação do Dr. O'Donnell, que ficou muito impressionado com essa manifestação física.

Pat O'Brien apareceu e falou-nos, e conversou com o dr. O'Donnell.

Annie (minha falecida irmã) falou-nos na sua voz independente, a mim e à minha esposa, dizendo que gostaria de fazer uma sessão particular, pois havia certas coisas que ela queria discutir comigo.

Ao me retirar para descansar na noite anterior a esta sessão, o travesseiro na minha cama foi mexido e colocado numa posição mais confortável para a minha cabeça, por mãos invisíveis. Antes disso eu tinha tido uma ou duas experiências semelhantes, mas não tão impressionantes quanto essa. Nessa ocasião, levantei a minha cabeça bem longe do travesseiro e levantei-me da cama - coloquei a cabeça a poucos centímetros do travesseiro. O meu travesseiro foi então erguido e colocado sobre a minha cabeça.

Quando minha irmã estava a falar comigo nessa noite, perguntei-lhe se ela estivera comigo na noite anterior, quando eu tinha ido descansar, e ela disse que estava comigo, e que me tinha deixado o travesseiro mais confortável.

Warren falou durante um bocado.

Segunda-feira, 30 de março de 1925

Esta sessão foi realizada às oito e meia da noite, com o propósito de receber as fórmulas para o tratamento de doenças dadas pelo Dr. Barnett.

Estavam presentes Valiantine, a minha esposa, o Dr. O'Donnell, a Srta. Madeleine Cohen, o Sr. Swaffer e eu. Anthony sentou-se, como antes, a uma mesa na qual estava colocada uma lâmpada vermelha, anotando um relato completo do processo.

Depois que um disco foi tocado no gramofone, o Dr. Barnett apareceu e deu-nos a sua saudação habitual.

SÍFILIS

DR. BARNETT: Vocês entendem que esse remédio é para fins sifilíticos. Agora, doutor, prescrevo o chá de Squill (Cila) para fazer o paciente vomitar. Em seguida, devem usar a casca da **Raiz de Areca**. Esse é o tônico a usar depois de ter levado o paciente a ponto de vomitar.

O tratamento seguinte que devem dar ao paciente é um grão de Mercúrio. Em seguida, outro é Anchita - que é o purgativo, também para a doença da pele. O próximo é Glicerofosfato de Estricnina e Cal.

O remédio seguinte a tomar internamente é Charcoal Magnésio (Carvão Ativado) e **Enxofre.** Pulverizem-nos muito bem, e deem uma colher de chá três vezes ao dia, entre os seus outros remédios.

Nas seguintes. Devem dar um tratamento com Óleo, Enxofre e Petróleo. Misturem-nos e esfreguem-nos sobre o corpo. Se o corpo não apresentar chagas, use Enxofre e Bórax em pó. Usem um pouco de Zinco Sulfurado. Aplicar em forma seca sobre as feridas. O paciente também deve ser banhado.

Agora em cada um destes tratamentos o paciente deve ter vontade de vomitar, e devem usar um purgativo que mexa livremente com os intestinos; Vocês devem usar esses remédios de acordo com as instruções que eu lhes dou. Esses remédios são muito simples, o tratamento reside na aplicação das diferentes fórmulas na ordem prescrita.

Os médicos deste lado da vida devem orientá-los e ajudá-los no vosso trabalho. Estou muito satisfeito por ter sido capaz de lhes dar estas fórmulas tão facilmente e de forma tão pronta, e falarei convosco mais tarde.

Depois de o Dr. Barnett ter ido, veio o espírito guia, Bert Everett, que conversou com a gente durante um tempo considerável. A sua voz soou muito potente nessa ocasião, e ele mostrou-se extremamente bem-humorado. Ele referiu-se a ter visto Valiantine na primeira noite de "Tarnish" no Vaudeville Theatre. Bert Everett e Valiantine, o médium, mantiveram uma conversa em conjunto sobre acontecimentos da noite anterior.

Kokum também veio, e falou com dois ou três de nós.

Em função dos humores pessoais, a trompete luminosa foi erguida, e Miss Cohen foi abordada por sua mãe, e elas conversaram uma com a outra durante um curto período de tempo. A trompete luminosa foi novamente erguida, e uma voz de espírito falou com o Dr. O'Donnell. O Dr. O'Donnell disse-nos que era o espírito da sua irmã Mary.

Uma voz de espírito usando a trompete luminosa, falando do alto da sala, anunciou que era "George Kates," e disse que ele tinha sido o secretário da NSA - presumivelmente a Sociedade Espírita Americana. Este espírito tinha uma voz muito alta, e também anunciou que George Warne - o presidente se encontrava com ele. George Kates, ao falar com o Sr. Swaffer e comigo, disse que estávamos a fazer um trabalho esplêndido neste país.

Warren falou com a minha esposa, com o Sr. Swaffer e comigo.

No final, o Dr. Barnett disse que estaria preparado para responder a qualquer pergunta que os médicos lhe fizessem na sessão seguinte, depois de terem considerado as fórmulas que lhes tinham sido dadas.

Segunda-feira, 6 de abril de 1925

Esta noite foi dedicada às comunicações médicas. Dr. Abraham Wallace e Dr. T. Moore O'Donnell estudaram a fórmula prescrita para a tuberculose, o cancro e a sífilis, e tinham formulado as perguntas que queriam colocar ao Dr. Barnett sobre diversos aspetos.

Estavam presentes Valiantine, a minha esposa, o Dr. T. Moore O'Donnell, a Srta. Madeleine Cohen, o Sr. Swaffer e eu. Deve-se notar que o círculo não variou durante as duas últimas sessões dedicadas a estas comunicações médicas. Anthony, como de costume, estava fora da porta a tomar apontamentos.

Um disco de gramofone foi posto a tocar, e desde o momento da saudação a conversa do Dr. Barnett prosseguiu sem cessar por uma hora e meia. Ele falou consideravelmente sobre os vários aspetos, mas apenas os principais pontos que podem ser de valor foram registados. Deve ser entendido que as perguntas do Dr. Wallace e do Dr. O'Donnell foram colocadas pelo meu filho que se encontrava sentado fora da sala, e que registou as respostas conforme elas foram enunciadas diretamente pela voz alta impressionante e distinta do espírito do Dr Barnett. As perguntas foram catalogadas de antemão, pois essa foi a maneira mais clara de as colocar.

TUBERCULOSE

DR. O'DONNELL: Por que eliminar gordura e carne da dieta?

DR. BARNETT: Quando digo gordura quero dizer carnes gordas, não leite, manteiga, azeite, etc. O vosso leite e água devem ser fervidos e resfriados antes de o darem ao paciente.

DR. O'DONNELL: Que efeito tem o Antimônio nos bacilos da tuberculose, e como é que limita os efeitos letais que apresenta - se for o caso - apenas aos tecidos doentes?

DR. BARNETT: É de acordo com a forma como vocês o ministram. A doença no tecido pulmonar causa ao paciente um enorme sofrimento, levando-se a ficar entupido. O Antimônio vai limpar os tecidos e construir as células. Depois do antimônio vocês devem dar o chá que prescrevi; que irá eliminar qualquer perturbação das partes saudáveis dos pulmões.

DR. O'DONNELL: Que quantidade de antimônio e de óleo de Chaulmoogra devem ser injectados?

DR. BARNETT: Meio grão de antimônio e um dracma de óleo de Chaulmoogra uma vez por dia.

CANCRO

DR. WALLACE: O cato selvagem da Pera Espinhosa ou Opuntia Vulgaris, ou que gênero do cato?

DR. BARNETT: É um cato de espinhos; As peras têm espinhos muito pequenos, que apresentam uma flor roxa. Vocês podem obtê-los na França, na Itália e na América.

DR. WALLACE: Será a Cereja Selvagem (Wild Cherry) a serotina Primus?

DR. BARNETT: É a Cereja Selvagem comum.

DR. WALLACE: Espírito de terebintina. Para que os sintomas e em que estágio da doença?

DR. BARNETT: Terebintina é para a limpeza do sangue, e para eliminar as secreções em que as irritações têm origem. Pode ser usada em qualquer fase.

DR. WALLACE: O que significa o termo "enacular"?

DR. BARNETT: *Significa fosfato de ferro e estricnina.

DR. WALLACE: Em que fase devem ser usados os raios vermelhos?

DR. BARNETT: No começo. Raios elétricos vermelhos. Os raios vermelhos são algo completamente diferente dos raios violeta. Devem ser usados uma vez por dia, e, se possível, devem ser usados na presença de luz solar ou de luz solar artificial. Numa exposição de dez a quinze minutos.

DR. WALLACE: Porquê os banhos de sais de Epsom?

DR. BARNETT: O banho de sais de Epsom é para purificar os poros da pele, e para penetrar nos tecidos delicados; e também para remover do corpo dores ou aflições.

DR. WALLACE: O que significa um ligeiro ataque?

DR. BARNETT: Um ligeiro ataque representa os estágios iniciais.

DR. WALLACE: Você pode dizer se o cancro é de natureza bacteriana, ou se é principalmente uma mudança que se verifica nos núcleos, e uma mudança no conteúdo da célula; Ou se será um processo fisiológico pervertido ou a diminuição da vitalidade nos elementos nervosos - em especial no sistema nervoso simpático ou se será uma combinação de causas?

DR. BARNETT: É uma complicação resultante de perturbações das secreções do sangue causadas por certos alimentos e infeções, pela inoculação.

DR. WALLACE: Quais são as causas da predisposição e da excitação do cancro nas suas várias situações?

DR. BARNETT: É causado por erupções cutâneas; Pode-se verificar a menor aflição da pele, e a seguir adotar uma feição cancerosa. Algumas pessoas desenvolvem uma predisposição para o cancro, e uma irritação que poderá ser passível de cura enquanto noutras poderá ser canceroso. Não é hereditário.

DR. O'DONNELL: De que modo o seu tratamento do cancro se compara com o tratamento pelo rádio?

DR. BARNETT: Não há comparação. O vosso rádio pode curar, mas não erradica a doença do sistema. A doença precisa ser conduzida pelos canais pela purificação do sangue.

DR. O'DONNELL: Como irá o seu tratamento chegar, digamos, ao fígado? Chaulmoogra e Antimônio serão suficientes?

DR. BARNETT: A aplicação do tratamento com antimônio e óleo de Chaulmoogra será suficiente, e atingirá o fígado.

SÍFILIS

DR. O'DONNELL: De que maneira o seu tratamento é uma melhoria em relação ao Jonathan Hutchinson de há quarenta ou cinquenta anos?

DR. BARNETT: Não há comparação. Estou apenas a prescrever uma dose moderada de mercúrio por dia. É o tratamento coletivo que terá o efeito, e não o mercúrio isoladamente.

DR. O'DONNELL: Como é que as espiroquetas serão destruídas, especialmente no líquido cérebroespinal?

DR. BARNETT: Eu desejo declarar que podem ser tratadas por um amaciamento dos ossos pelo emprego de fosfatos. Eu desejo recomendar aqui ao médico a penetração da coluna vertebral pelo Antimônio uma vez por dia, e com fosfato de cal e a estricnina você será capaz de penetrar a medula óssea.

DR. O'Donnell: O antimônio é o principal fator no tratamento?

DR. BARNETT: O Antimônio não representa uma parte muito substancial - os outros remédios que se seguem têm o maior efeito. O segredo está na combinação. Temos médicos aqui mais grandiosos do que no vosso plano físico. Durante milhares de anos temos tentado ajudar a humanidade, mas temos sido desconsiderados.

HDB: Você está, evidentemente familiarizado, Dr. Barnett, com o tratamento da sífilis pelo 606, que constitui uma descoberta dos últimos quinze anos. Pode dizer-nos o efeito final deste tratamento?

DR. BARNETT: Temos grandes médicos deste lado. Desejamos afirmar que estes tratamentos mais leves são mais eficientes do que os métodos modernos que vocês estão agora a empregar. Embora vocês tenham sido em certa medida capazes de ajudar os vossos pacientes, vocês não foram capazes de erradicar a doença.

Com relação ao 606, vocês têm sido capazes de ajudar os vossos pacientes, mas não têm sido capazes de erradicar a doença do sangue. Há uma possibilidade de recorrência posterior ao recurso ao 606, e pode ser grave para o paciente.

DR. WALLACE: Você pode dizer alguma coisa sobre as reações eletrônicas de Abrams? Você pode entrar em contato com ele?

DR. BARNETT: Sim, discutimos isso neste lado da vida, e é muito eficiente. Sim, conhecemos Abrams, e discutimos o assunto. . ..

Não posso exprimir qualquer opinião sobre se a fórmula que foi prescrita irá provar ser válida ou não. A tentativa vale a pena. Em qualquer caso, é estabelecido, sem dúvida, o fenómeno espantoso duma voz espiritual, que fala em tom elevado, que prescreve métodos de tratamento, muitos dos quais estão além de qualquer pensamento preconcebido daqueles que estão a ouvir. A teoria telepática não pode se aplicar a este fenómeno. É uma inteligência desencarnada, que transmite informações pela sua própria voz. Deve-se notar também que as respostas que foram dadas nos tons empregues pelo Dr. Barnett foram dadas de uma maneira inteligente, determinada e autoritária. A sua voz era maravilhosa em toda a sua extensão. Não apresentava pausas, nem a menor hesitação. Para mim, assim como para o Dr. O'Donnell, a fluência desta sessão foi extraordinariamente impressionante.

20h30 Sexta-feira, 17 de abril de 1925

Esta noite foi organizada para a última sessão com os médicos com respeito às fórmulas que tinham sido dadas pelo Dr. Barnett. Estiveram presentes Valiantine, a minha esposa, o Dr. T. Moore O'Donnell e a sua esposa, e o Dr. Abraham Wallace.

Nessa ocasião, Anthony tinha ido a Cambridge. Por conseguinte, eu assumi o seu lugar e sentei-me fora do quarto com uma mesa à minha frente - em que foi colocada uma lâmpada elétrica e um bloco de escrita, a fim de eu poder gravar o que ocorresse.

Dentro de cerca de um minuto ouvi o Dr. Barnett falar, e o que se segue são as breves anotações que fiz das conversas que se seguiram.

DR. BARNETT: Boa noite, almas. Estou muito feliz por os ver aqui esta noite.

DR. WALLACE: Lamento não ter podido vir antes, mas li e gostei das declarações que fez. Posso fazer-lhe algumas perguntas?

DR. BARNETT: Ficarei muito contente por lhe responder.

DR. WALLACE: Estou interessado na causa do cancro. Pode dizer-me quais as causas que assistem à predisposição, e se elas são modificados pela ingestão de carne?

DR. BARNETT: São, mas às vezes também são causadas pela ingestão de vegetais, devido às substâncias de decomposição da terra.

DR. WALLACE: Você quer dizer que as causas são absorvidas?

Dr. Barnett: Sim, pela infusão causada pela terra nos legumes.

DR. O'DONNELL: Você quer dizer as substâncias de decomposição que entram na matéria vegetal?

DR. BARNETT: Sim. Ambos misturam-se com os sucos gástricos e são absorvidos em conjunto. Você sabe que os animais também contraem cancro.

DR. WALLACE: Quer indicar a patologia? É mais ou menos uma doença do sangue? E diz-nos dizer também qual é a causa determinante do local?

DR. BARNETT: Como sabem, às vezes é sobre o coração, às vezes sobre o fígado, e às vezes sobre o peito.

DR. WALLACE: O que faz com que ele se localize no fígado?

DR. BARNETT: É causado pela transfusão do sangue através de vários locais orgânicos.

HDB (Eu interponho de fora da sala): Você quer dizer com isso, Dr. Barnett, que é provável que ataque os órgãos mais fracos?

DR. BARNETT: Sim, atacará a parte mais sensível da organização.

DR. WALLACE: Suponha que haja indícios locais de um ataque ao peito feminino? Como se deve tratar isso? Se o peito da mulher se apresentar inchaço e não tivermos a certeza, mas presumirmos que seja cancerígeno, de que modo deverá ser tratado?

DR. BARNETT: Disse-lhes isso. O tratamento deve ser feito através do ferro com aplicações locais, a fim de espalhar o sangue.

DR. WALLACE: Quando se deve aplicar o tratamento dos raios vermelhos?

DR. BARNETT: Os raios vermelhos devem ser usados desde o primeiro estágio até ao último. Vocês devem seguir as instruções que eu dei.

DR. WALLACE: Suponha que a doença esteja na fase de úlcera. Deverá o ferro ser usado?

DR. BARNETT: Deve. Enriquecerá os tecidos circunvizinhos, e protegerá as outras partes do corpo.

Depois destas poucas perguntas tinham sido respondidas o Dr. Barnett disse que os tratamentos que tinham sido prescritos para as várias doenças foram desenvolvidos a partir das inteligências combinadas dos doutores do seu lado. Ele disse que com ele, nessa noite, estavam o Dr. Gustave Geley e o Dr. Peebles, que haviam passado desta vida na Califórnia. Com essa observação, o Dr. Wallace pediu ao Dr. Barnett para remeter ao Dr. Peebles os seus cumprimentos.

Voltando aos vários tratamentos, o Dr. Wallace fez ao Dr. Barnett uma pergunta a respeito do uso do Antimônio e disse: "É injetado nos vasos sanguíneos?" Dr. Barnett respondeu: "Sim, a doença deve ser tratada como uma doença do sangue, e você deve chegar ao seu âmago."

Depois de várias outras perguntas terem sido tratadas, o Dr. Barnett chamou-me num tom de voz elevado: - "Sr. Bradley, agora pode entrar na sala." Posto isso, coloquei as minhas notas de lado e juntei-me ao círculo.

A sessão prosseguiu. O círculo foi realmente bom, e o poder revelou-se particularmente forte.

Kokum e Bert Everett chegaram e conversaram com a gente, e Pat O'Brien também falou durante um tempo com a maioria dos assistentes e, ao se dirigir a mim, foi bastante jocosa, dizendo: "Sr. Bradley, você disse que você só escreveria um livro sobre assuntos psíquicos, mas agora você quase

completou outro, e vai achar muito difícil escapar deste assunto uma vez que se sente atraído por ele. Você vai escrever mais do que estes dois livros. [1]

Bert Everett apresentou-se bem-humorado e fluente na conversa que entabulou, e a voz de Kokum troou pela a sala.

1 Confio sinceramente que não. O assunto é de tal modo inesgotável que deixa o escritor esgotado. Desejo refrescar-me com a fantasia satírica, como meio de me dissipar desta realidade cósmica.

Bobby Worrall falou de Pat, dizendo que viu Pat a brincar com os mais novos, e a andar de bicicleta, e assim por diante, e descreveu as ações de Pat durante o dia.

Dos espíritos pessoais, veio ao Dr. O'Donnell o espírito de sua irmã Mary, que falou com ele durante um bocado de tempo através da trompete luminosa, e depois, atravessando a sala, falou com a Sra. O'Donnell.

À Sra. O'Donnell também veio um espírito que dava pelo nome de "Ray," e falou com ela durante um bocado.

Ao Dr. Wallace veio o espírito da sua mãe, que falou com ele e, um pouco mais tarde, o espírito do Dr. Peebles - usando a trompete luminosa - falou em tons claros e distintos ao Dr. Wallace. Durante a conversa ele disse: "Lembra-se de um banquete que foi dado em minha honra, quando deixaram uma cadeira vazia em minha memória? Eu estive presente no banquete, e gostei muito, e eu apreciei o encontro."

Esta observação era seguramente de valor probatório, porque nenhum de nós, com exceção do Dr. Wallace, tinha conhecimento desse incidente. Um banquete tinha sido organizado para se realizar em honra do Dr. Peebles por altura do seu centésimo aniversário – creio bem - na Califórnia. O Dr. Peebles passou desta vida antes do banquete, mas o banquete foi realizado na mesma, e foi deixada uma cadeira vazia lá em agradecimento a ele. Isso foi-nos posteriormente dito pelo Dr. Abraham Wallace.

A Annie falou comigo e disse que gostaria de ter uma sessão privada para que ela pudesse falar com a minha esposa e comigo sobre a Gertrude.

A sessão foi encerrada.

Poder-se-á ver que cinco noites foram dedicadas em especial à prescrição dos tratamentos sugeridos para doenças pelo Dr. Barnett. Esses tratamentos foram todos dados na presença de médicos, e eu publiquei as comunicações como eles foram recebidas, sem emitir qualquer parecer sobre o seu valor. É necessário, no entanto, registar o fenómeno de uma voz espiritual que falou do espaço por um período de tempo considerável, e que conversou pelo menos de forma inteligente sobre questões médicas hora após hora durante cinco longas sessões.

Que os métodos prescritos venham a ser testados adequadamente é de questionar.

A profissão médica é, naturalmente, a organização mais conservadora do mundo. É improvável que aceite superstição psíquica, e pode descartar e até mesmo se esforçar por ridicularizar as fórmulas dadas. Isso não me preocupa. Mas antes deve provar o conhecimento que tem e submeter os seus remédios provados e eficazes para estes flagelos antes que sua crítica tenha efeito.

Se a profissão médica possui o conhecimento pelo qual o cancro possa ser curado, então um mundo sofredor irá aclamar isso. Se não, então não há motivo para condenar qualquer tratamento sugerido, venha ele de onde vier, até que o tratamento tenha sido escrupulosamente experimentado, e provado que é destituído de valor.

Se certas partes do tratamento parecem ser recomendadas com uma expressão simples de divulgação, isso não é motivo para a condenação total do todo, caso a combinação completa, na ordem particular e específica dada, nunca tiver sido experimentada. Se somente uma pista for fornecida nas fórmulas, que conduza a uma descoberta subsequente, isso por si só seria inestimável.

Há, no entanto, outro ponto de vista que preciso referir enquanto pesquisador psíquico experiente. Não aceite, nem por um momento, que toda a comunicação que surge deva ser encarada como

inspirada pela sabedoria omnipotente, por estar perfeitamente ciente de que o espírito do homem, ao passar desta vida, não se torna infalível.

O Dr. Barnett viveu na terra uns sessenta ou setenta anos atrás.

Os espíritos dizem-nos que ocupam o seu tempo a adquirir o conhecimento das vastas esferas espirituais do Universo.

Precisamos, pois, considerar se o Dr. Barnett terá progredido em inteligência médica em questões do foro da terra.

Como contra-argumento, entretanto, como tenho recebido, durante dois anos, comunicações diretas, na sua própria voz, da parte do Dr. Barnett, sou capaz de julgar se ele é um espírito inteligente na maioria das outras questões debatidas por ele. Isso ele certamente demonstrou ser, e deixou muitos homens de considerável intelecto confundidos. Mas mesmo esse fato não prova de forma conclusiva a inteligência médica que diz ter.

Afirmo estes aspetos para mostrar que desejo ser perfeitamente justo na análise que faço dessas experiências.

Considerando as notáveis comunicações e as surpreendentes evidências da sobrevivência da inteligência que foram estabelecidas, em nenhuma circunstância me sinto justificado a omitir publicar as opiniões do Dr. Barnett e os seus métodos de tratamento das doenças. Até que sejam experimentados, é impossível dizer se eles virão a provar-se eficazes ou não. E certamente este é apenas o método de aptidão.

Se os tratamentos prescritos provarem ou não ser eficazes, não afecta o maravilhoso fenómeno da voz ressonante, distinta e fluente do Dr. Barnett, a falar do espaço, em tons que ressoaram pela sala. A sua voz era claramente ouvida do lado de fora da porta fechada, onde estes registos foram feitos enquanto ele falava. Ele também era ouvido de vez em quando por vários empregados em Dorincourt, que por acaso passavam na altura pelo quarto.

Todos os presentes, incluindo o Dr. O'Donnell e o Dr. Abraham Wallace, podem atestar os fatos sobrenaturais conforme eles foram declarados. Ambos os médicos estavam lá para observar e agir como testemunhas, e como escrivães imparciais do que aconteceu. As opiniões que emitiram acerca das comunicações devem, é claro, ser reservadas. O Dr. O'Donnell, no entanto, afirmou que considerou o fenómeno da voz, da voz real materializada a voz de um espírito incontestavelmente inteligente, e que fora a experiência mais maravilhosa da sua vida.

Extraído do livro: "The Wisdom of the Gods," de Herbert Bradley

George Valiantine

~~

"Quando leio o Novo Testamento com o conhecimento que tenho do Espiritualismo, fico profundamente convencido de que os ensinamentos do Cristo são, sob diversos pontos de vista muito importantes (a Igreja primitiva os perdeu, de sorte que não chegaram até nós). Todas as alusões, que ele encerra, à possibilidade de se triunfar sobre a morte, nada significam, ao que me parece, na atual filosofia Cristã. Entretanto, para os que já viram alguma coisa, ainda que de forma obscura, através do véu que nos encobre o mundo invisível; para os que já tocaram, ainda que ligeiramente, as mãos que se nos estendem do Além, para esses a morte já foi vencida.

Quando ele nos fala de fenómenos que se nos tornaram familiares, tais como as levitações, as línguas de fogo, as ventanias, os dons espirituais – em suma, de milagres – reconhecemos que o fato capital entre todos, o da continuidade da vida e da comunicação com os "mortos," era plenamente conhecido naquela época. Lá se nos deparam ditos como: "Aqui ele não fez milagres porque o povo carecia de fé." Não estará isto em perfeito acordo com a lei psíquica que conhecemos? Noutro ponto lemos que o Cristo, tendo sido tocado pela hemorroíssa, (a mulher com sangue) exclamou: "Quem me

tocou? Sinto que de mim saiu uma virtude." Pudera ele ter dito mais claramente o que um médium curador diria hoje, apenas empregando a palavra "poder" em lugar do termo "virtude."

Mais ainda. Quando lemos: "Experimentai os espíritos, para saberdes se eles são de Deus", não encontramos aí o aviso que hoje daríamos ao neófito que quisesse tomar parte numa sessão?

Excessivamente vasta é toda a questão para que me seja possível mais do que aflorá-la. Creio, no entanto, que esse assunto, que as igrejas cristãs mais rigorosas presentemente atacam com tanto furor, constitui realmente o ensino básico do próprio Cristianismo. Aos que quiserem ir mais longe nesta ordem de ideias, recomendo muito a leitura do livro do doutor Abraham Wallace, Jesus de Nazaré, caso não esteja esgotada a edição dessa valiosa obra. Seu autor demonstra, de modo convincente, que os milagres do Cristo se enquadravam todos no campo de ação da lei psíquica, como a compreendemos hoje, e que se conformavam, ainda nas menores das particularidades, com os princípios precisos dessa lei.

Dois exemplos foram já citados. Muitos outros são apontados no opúsculo a que me refiro. O que me convenceu da veracidade da tese sustentada por ele foi que, se a apreciarmos em conformidade com essa lei, a história da materialização dos dois profetas, no monte, se nos patenteia extraordinariamente exata. Há que, antes de mais, notar que Jesus escolheu para o acompanharem Pedro, Tiago e João, os mesmos que formavam o círculo psíquico na ocasião em que o morto foi chamado de novo à vida e que, provavelmente, do grupo dos discípulos, eram os mais apropriados ao fenómeno. Houve depois a preferência pelo ar puro da montanha, a sonolência que atacou os três médiuns, a transfiguração, as vestes resplandecentes, a nuvem, as palavras: "Construamos três tabernáculos," em que também se poderá interpretar: "Construamos três tendas ou gabinetes," meio ideal de se produzirem as materializações pela concentração dos poderes psíquicos.

Tudo isso compõe uma teoria muito sólida da natureza dos processos. Quanto ao mais, os dons que S. Paulo indica como necessários que o discípulo cristão reúna em si, são idênticos aos que um médium poderoso deve possuir, que compreendem as faculdades de profetizar, de curar, de operar milagres (ou fenómenos físicos), de clarividência e outros. (I Epístola aos Coríntios, XII, 8, 11.)

A primitiva Igreja Cristã viveu saturada de Espiritualismo e não parece que tenha atendido às proibições do Velho Testamento, as quais faziam questão de reservar esses poderes ao uso e proveito do clero."

Arthur Connan Doyle
In "Nova Revelação"

~~

Cristo materializou-se em duas ocasiões, quando os discípulos se reuniram num quarto superior, passagem em que é particularmente mencionado que "as portas foram fechadas," e nessas ocasiões, tocou-os e falou-lhes. Então, os seus seguidores começaram a profetizar e a pregar em diversas línguas, e começaram a atirar os lenços dos seus corpos aos enfermos, e eles foram curados. "O que era essa mediunidade, senão cura, praticada da mesma maneira que hoje?" Recordam o "vento poderoso e impetuoso," que encheu toda a casa, no dia de Pentecostes, em que os apóstolos foram inspirados? Esse "vento" sempre foi o sinal inconfundível de uma sessão de sucesso, quer o Espírito Santo visite os presentes, ou não.

FLORENCE MARRYAT